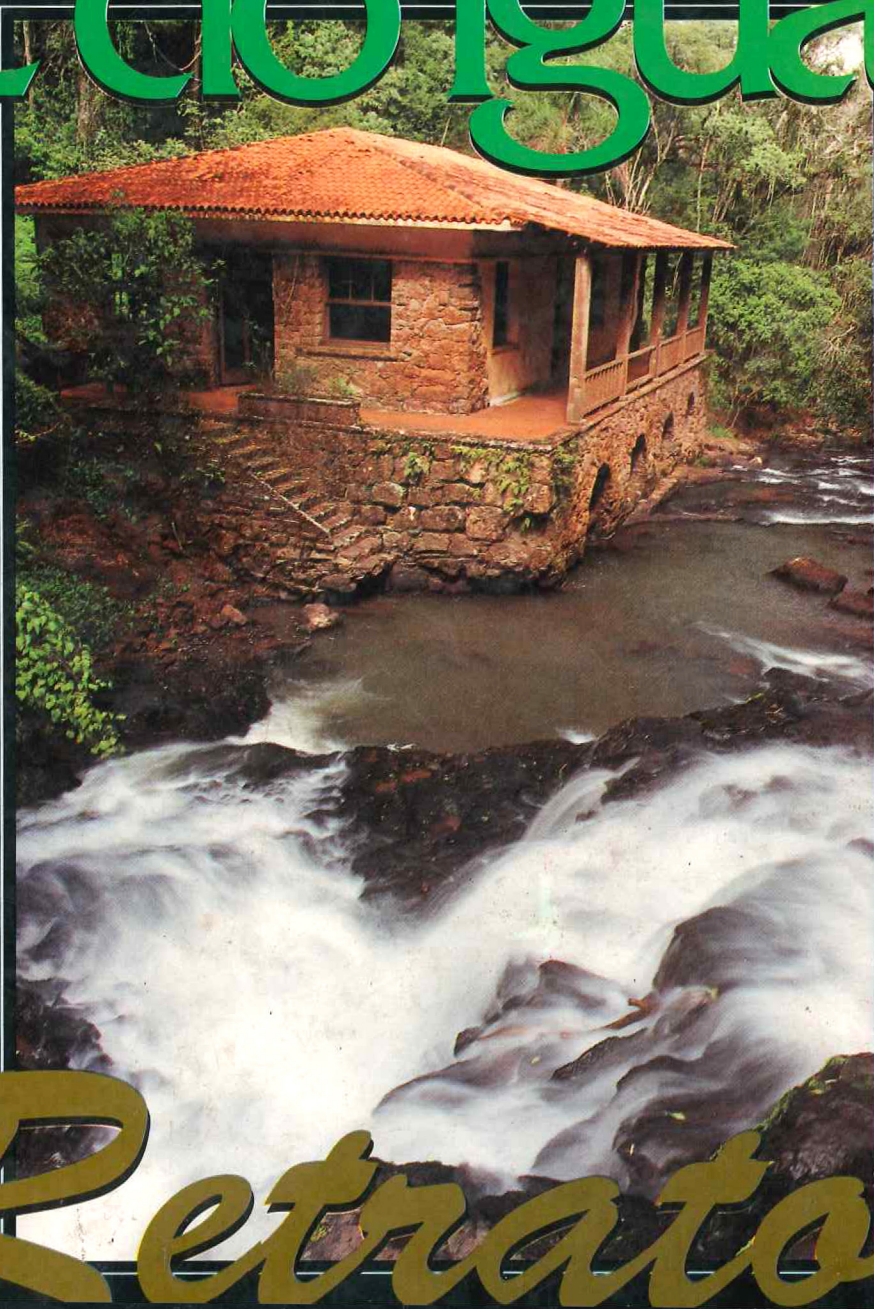


foz do iguaçu



Retratos

Dirigis Camyana,
Seu nome e seu nome vibraram
as visões das do seu nome
fidelidade e o caminho pela frente
do poder de for.

Dirigis
20 VI 92



Retratos

Foz do Iguaçu



Foto da capa:
Sede da antiga Usina Elétrica do Rio
São João, no Parque Nacional do
Iguaçu, fotografada por Áurea Cunha.
Fotos da contracapa:
Cataratas do Iguaçu (Ney de Souza),
vista aérea de Foz do Iguaçu (Áurea
Cunha), quati (Mara Oratz) e Avenida
Brasil (autoria ignorada, época
estimada de 1936).
Criação e arte:
Silvio Campana

Prefeitura de Foz do Iguaçu

Harry Daijó
Prefeito

Fundação Cultural de Foz do Iguaçu

Marco Aurélio de Matos Alexandre
Presidente

Nelly Stédile Praxedes de Oliveira
Diretora Cultural

Jair José Servo dos Santos
Diretor Administrativo Financeiro

Secretaria Municipal de Comunicação Social

João Adelino de Souza
Secretário

Mauri König
Diretor de Imprensa

Mário Ferreira
Diretor de RP e Cerimonial

Produção:

Editoração - Campana & Alencar Ltda

Silvio Campana & Chico de Alencar

Editores

Juvêncio Mazzarollo
Produção de Textos

Martinho Eduardo C. Nóbrega
Editoração Eletrônica

Áurea Cunha
Edição de Fotografia

Entrevistas:

Juvêncio Mazzarollo &
 Adelino de Souza
 Aluísio Palmar
 Chico de Alencar
 Mônica Venson
 Zé Beto Maciel

Projeto Gráfico:

Silvio Campana

Composição Eletrônica:

Andréa Santos
 Edson da Silva
 Eliana Coimbra
 Elisângela Lopes da Silva
 Martinho Eduardo C. Nóbrega
 Rogério Aparecido da Silva

Diagramação e Arte Final:

Martinho Eduardo C. Nóbrega
 Rogério Aparecido da Silva

Fotolitos:

Opta - Curitiba
 Gráfica Paraná

Tiragem desta edição:

2 mil exemplares

Apoio:

Adalberto Vera
 Alexandre Alencar
 Dionísio Campana

Este livro foi impresso entre maio
 e junho de 1997, nas oficinas
 da **Gráfica e Editora Paraná**,
 Av. Tiradentes, 3034.
 Fone: (044) 623-2838
 Umuarama - PR

Não se pode projetar o futuro de uma cidade sem conhecer suas raízes e sua identidade cultural, os sonhos e os exemplos de seus pioneiros. Quem faz a cidade é a sua gente, quem a constrói e a edifica. Valorizar os idosos, suas experiências e ensinamentos e transmiti-los às gerações presentes e futuras, tarefa inadiável de quem quer valorizar a cidadania. “Gente é mais importante”, reafirma sempre o prefeito Harry Daijó, reavivando a bandeira principal e a própria filosofia de sua campanha eleitoral.

E como ressaltar e exaltar a importância de nossa gente?

Uma missão gratificante: colher dos nossos adoráveis “velhinhos” seus depoimentos e suas histórias sobre os primeiros anos de nossa cidade, sobre as adversidades que eles enfrentaram para implantar aqui, no Extremo-Oeste do Paraná e nesta tríplice fronteira Brasil-Paraguai e Argentina, esta cidade única em todo o imenso território nacional. Foram eles, os nossos pioneiros, as legítimas sentinelas avançadas do Brasil, parafraseando o lema do 34º Batalhão de Infantaria Motorizado, sucessor da Colônia Militar e “berço” desta brava civilização fronteiriça.

Quando o município de Foz do Iguaçu completa 83 anos de emancipação política, é um orgulho podermos participar deste trabalho e desta realização da administração municipal, de procurar resgatar ao máximo a nossa memória e solidificar a nossa identidade iguaçuense. Esta missão não termina aqui e, juntos, todos nós, haveremos de continuar trilhando as pegadas de nossos antepassados e traçando os rumos para nossos filhos.

Um registro importante se faz necessário, ao concluirmos este trabalho. Os depoimentos dos nossos pioneiros foram editados e reproduzidos, na sua maioria, de entrevistas concedidas ao diário A Gazeta do Iguaçu, que dedicou inúmeras edições ao resgate da memória de nossa cidade e sua gente, além de outras publicações (jornais O Nosso Tempo, Hoje Foz, Correio de Notícias, Guia de Turismo de Foz do Iguaçu). Outras tantas não chegaram a ser publicadas e só agora vêm a público. Muitos dos entrevistados, infelizmente, já faleceram e seus testemunhos são identificados com as datas das entrevistas. Lamentavelmente também, alguns veneráveis pioneiros desta cidade deixaram de dar seus depoimentos, seja pelo estado de saúde ou pela dificuldade em localizá-los.

Para que chegássemos a este resultado contamos com a inestimável ajuda de amigos que intermediaram o contato com nossos entrevistados e nos assessoram com informações pertinentes. Aos amigos que nos cederam fotos de grande valor afetivo, à Secretaria de Comunicação Social da Prefeitura de Foz do Iguaçu e em especial ao seu titular, jornalista João Adelino de Souza - um entusiasta deste projeto desde há muitos anos; aos vários colegas jornalistas, fotógrafos, digitadores e diagramadores, que se juntaram num esforço formidável, para que vencêssemos este desafio e - num tempo exíguo e recorde - com muito trabalho, pudéssemos concluir este documento e entregá-lo à comunidade no mês do 83º aniversário de Foz do Iguaçu.

Obrigado,

Silvio Campana & Chico de Alencar.

Contribuição cultural e reconhecimento humano

Foz do Iguaçu sempre foi deficiente no registro sistemático e metódico de sua história, ficando as informações dispersas, superficiais e incompletas, por isso muitas vezes inaproveitáveis.

As conseqüências são o desconhecimento e até a deturpação da realidade do passado, o que dificulta o entendimento do presente e a visualização do futuro.

Numa tentativa de sanar essas deficiências foi produzido o material que compõe este volume. É, certamente, o trabalho de maior amplitude e profundidade já elaborado sobre a formação do Município ao longo do tempo, exposta na forma vivida a cada momento por muitas das pessoas que fizeram a história deste lugar e deste povo.

Junto à viagem ao passado acrescentou-se uma visão panorâmica do presente e tentou-se assentar projeções de bases para a continuidade da obra, a construção do futuro.

Por identificar a necessidade e a importância do trabalho, a Prefeitura Municipal apoiou sua realização e participou de sua publicação, na certeza de que aqui está uma valiosa contribuição cultural e um merecido reconhecimento humano.

E por saber que o tema é inesgotável e demanda mais investigação, quer o poder público fazer de sua participação o sinal de incentivo à busca incessante e exaustiva da reconstituição da história de Foz do Iguaçu e da região, bem como do resgate de valores humanos e materiais que não podem ser ignorados e muito menos perdidos.

Merecem cumprimentos os jornalistas autores e editores desta obra, e merecem gratidão os pioneiros e demais personalidades que, representando as comunidades que formaram Foz do Iguaçu nas diferentes épocas e nos diferentes setores, deixaram gravada a marca de sua contribuição para a grandeza desta terra.

Harry Daijó
Prefeito



Reprodução

Extração de madeira

foz do iguaçu

Retratos



Reprodução

"Sapeca" de erva-mate no início do século XX

A Lenda das Cataratas

Os índios que em remotos tempos habitaram a região de confluência dos rios Paraná e Iguaçu recorreram à fantasia para explicar a formação das Cataratas e produziram uma lenda transmitida pela tradição oral até ser registrada por historiadores que, com algumas variantes, tem o seguinte enredo:

“Há muitos e muitos anos, o rio Iguaçu não apresentava o abrupto e profundo precipício que forma as Cataratas. A região era habitada pela tribo de Mboy, o grande pajé, em cujo templo vivia o deus Serpente, que governava o mundo. Mboy tinha uma filha formosa, Naipi, que iria ser consagrada ao deus Serpente. Mas um jovem guerreiro, Tarobá, de outra tribo, se apaixonou por Naipi. No dia da consagração de Naipi ao deus, Tarobá invade a tribo de Mboy, rapta Naipi e foge com ela pelo rio, que os chama: “Tarobá! Naipi! Venham comigo!”

Desceram o rio de canoa fugindo da perseguição da tribo de Naipi. Só Mboy, chefe da tribo, permaneceu no templo da Serpente.

Enfurecido pela fuga da formosa Naipi, abriu com as próprias mãos um buraco na terra e nela se enterrou até o pescoço, em pé. Invocando o deus-Serpente, Mboy contraiu os músculos e estremeceu a terra ao seu redor, provocando desmoronamentos que foram caindo sobre o rio, numa espécie de terremoto que resultou nos abismos que formariam as Cataratas. Levada pela correnteza das águas, a canoa usada na fuga por Tarobá e Naipi caiu no abismo. Naipi despenca nas águas do abismo e lá permanece eternamente rolando em suas espumas, enquanto Tarobá se transforma em árvore para ficar eternamente contemplando platonicamente a bela e amada Naipi.”

Em outra versão da Lenda das Cataratas, Naipi foi convertida em uma rocha que o fogo subterrâneo esculpe sem cessar, como o amor por Tarobá esculpe seu coração. Desde então as águas das violentas corredeiras banham seu corpo para apagar os ardores de seu amor sacrílego.

Já quanto ao destino de Tarobá há concordância nas diferentes versões: foi convertido em árvore à beira do abismo e condenado a contemplar a imagem de sua amada, que vê com olhos de pedra sem poder beijá-la. E numa gruta o deus-Serpente, vingativo, espregueja incessantemente suas duas vítimas, impedindo que se libertem e possam voltar a se unir no amor.

Primórdios

Pesquisas arqueológicas realizadas pela Universidade Federal do Paraná no espaço brasileiro do reservatório de Itaipu, antes de sua formação, situaram em 6.000 a.C. os vestígios da mais remota presença humana na região. Vários grupos humanos sucederam-se ao longo dos séculos. Os últimos, que precederam os europeus (espanhóis e portugueses), foram os índios. Na simplificação que divide a História da América em antes e depois do seu “descobrimento” pela civilização “branca”, o depois começa para Foz do Iguaçu em 1542, ano da “descoberta” das Cataratas do Iguaçu pelo espanhol Álvar Nuñez “Cabeza de Vaca”.

Álvar Nuñez saiu da Espanha com uma expedição colonizadora rumo ao sul do Brasil. Saiu com 400 homens em busca de novas terras que havia requerido à Coroa da Espanha. Aportou na Ilha de Santa Catarina e de lá aventurou-se em direção à Bacia do Prata. Em 1542 chegou ao rio Iguaçu e por ele seguiu viagem guiado por índios. Atingiu as Cataratas sem ao menos ser alertado sobre sua existência por seus guias. Escapou de ser

por elas tragado pelo alerta que recebeu do estrondo das águas e das nuvens de neblina que avistou do fundo do precipício.

Batizou o fantástico fenômeno da natureza de cachoeira de Santa Maria e seguiu viagem pelo Paraguai, sem deixar rastro de qualquer forma de ocupação da área. De Alvar Nuñez Cabeza de Vaca na região ficou apenas o registro de que foi o “descobridor” das Cataratas.

Depois dele sucedem-se fatos ligados aos índios, missões jesuíticas e disputas entre espanhóis e portugueses pela posse do território, numa saga que se arrastaria até fins do século XIX, quando enfim teria início o processo de colonização.

Por desinteresse ou incapacidade, os portugueses permitiram que os espanhóis, valendo-se das missões jesuíticas, se apossassem da região situada entre os rios Paranapanema, Paraná e Iguaçu. Caberia aos bandeirantes a façanha de conseguir este território para o domínio português. Em 1619, uma bandeira paulista chefiada por Manoel Preto fez uma primeira “operação

limpeza”, de caça aos índios cristianizados e desmantelamento das missões jesuíticas na região. A operação foi completada pelo bandeirante Antonio Raposo Tavares, entre 1629 e 1632. Com um exército de 69 paulistas, 900 mamelucos e 2.000 indígenas, Raposo Tavares anulou as pretensões espanholas. Mas os portugueses limitaram-se à conquista e não ocuparam efetivamente o território, que assim permaneceu esvaziado de população e livre de qualquer exploração.

A garantia de que este território seria português e integrado ao mapa do Brasil se deu com o Tratado de Madri, celebrado entre Portugal e Espanha em 1750. Mas também não seria dessa vez que seria dado início à ocupação e colonização. Uma tentativa foi feita em 1765: foi sugerida a criação de um estabelecimento militar na fronteira do Brasil com o Paraguai e a Argentina para garantir o domínio português sobre a área. A proposta não se concretizou e a região continuou relegada e esquecida.

Só mais de um século depois, em 1876, um certo capitão Nestor Borga montou

uma espécie de expedição redescobridora com a pretensão de incorporar ao território nacional uma província considerada perdida. Foi apenas um ensaio de ocupação, que não se consumou. Fato novo, porém, ocorreu em 1881: Foz do Iguaçu recebeu seus dois primeiros habitantes vindos para ficar - o brasileiro Pedro Martins da Silva e o espanhol Manoel Gonzáles. Pouco depois chegaram os irmãos Goycochéa, que começaram a explorar a erva-mate. Enquanto isso, o Ministério da Guerra, no Rio de Janeiro, discutia a necessidade de fundar uma colônia militar e um destacamento da Marinha na foz do rio Iguaçu. Preocupava o Ministério da Guerra o crescimento da população argentina e paraguaia na região e a exploração predatória da erva-mate e da madeira. A velha luta para garantir a integridade do território brasileiro neste ponto do mapa não havia terminado. Era chegado o momento de dar um impulso definitivo à ocupação por brasileiros do estratégico ponto geográfico da fronteira com o Paraguai e a Argentina.

Colônia Militar

A idéia de criar a Colônia Militar na foz do rio Iguaçu mofava no Ministério da Guerra (Exército). Mas em 1888, o ministro da Guerra, ao invés da simples Colônia, optou por algo mais ambicioso. Criou a Comissão Estratégica do Paraná com o objetivo de desbravar e ocupar o Oeste do Estado, particularmente a fronteira, mediante a abertura de estradas, instalações de linha telegráfica e da Colônia Militar. A Comissão não foi muito longe com seus projetos, mas fundou a Colônia Militar na fronteira - marco do início da ocupação efetiva do lugar por brasileiros e do que viria a ser o município de Foz do Iguaçu.

Chefiada pelo Capitão Belarmino de

Mendonça, a Comissão Estratégica do Paraná se instalou em Guarapuava. Para a missão de chegar à fronteira e dar início à instalação militar, o capitão Belarmino designou como chefe o engenheiro e tenente José Joaquim Firmino, que faria a viagem do “descobrimento” de Foz do Iguaçu. Com um grupo de soldados e operários, enfrentando toda sorte de peripécias, a expedição de Joaquim Firmino chegou a Foz do Iguaçu em julho de 1889. Fez um levantamento da população do lugar e identificou 324 pessoas, em sua maioria paraguaios e argentinos. Mas havia também espanhóis e ingleses, já presentes na região e dedicados à extração da erva-mate e da madeira, exportadas via rio Paraná.

Joaquim Firmino deixou ordens e instruções aos moradores do local e voltou com a expedição para Guarapuava um mês depois de haver chegado. A Comissão Estratégica formou então outra expedição, que voltaria a Foz do Iguaçu para estabelecer definitivamente a Colônia. Para a chefia da nova missão foram nomeados o tenente Antônio Batista da Costa Junior e o sargento José Maria de Brito. A caravana, formada por 34 soldados, 12 operários civis, 3 mulheres casadas com soldados e 4 tropeiros encarregados de conduzir a tropa de 34 cargueiros, partiu de Guarapuava no dia 13 de setembro de 1889 e chegou ao destino, Foz do Iguaçu, 69 dias depois, em 22 de novembro.

Já no dia seguinte à chegada, o tenente Batista editou a “Ordem do Dia nº 01”, dando conhecimento à população local e aos vizinhos argentinos e paraguaios que “na Foz do Iguaçu havia autoridade constituída para todos os efeitos legais”. Afixou editais informando que estava sendo iniciada a fundação da Colônia Militar e que tinha competência para distribuir terrenos a colonos interessados.

Percorrendo a região, os soldados encontraram diversos portos às margens do rio Paraná, usados clandestinamente por argentinos e paraguaios para embarque de erva-mate e madeira. Também encontraram três portos ingleses (Britânia, Sol de Maio e

Santa Helena).

O tenente Batista recebera instruções para fundar a Colônia a quatro quilômetros do ponto de encontro dos rios Iguaçu e Paraná e lá erguer um mirante que possibilitasse observações a grandes distâncias. Se as instruções tivessem sido seguidas, a cidade de Foz do Iguaçu teria surgido na área onde hoje se encontra o Colégio Agrícola. Como era época de estiagem e obter água no local indicado era difícil, o acampamento foi montado às margens do rio Monjolo, justamente onde hoje está o centro da cidade, no ponto mais baixo da avenida Brasil.

Em 20 de outubro de 1892, o Ministério da Guerra desmembrou a Colônia Militar da Comissão Estratégica do Paraná, mas, esta continuava com a responsabilidade de abrir a estrada de Guarapuava até Foz do Iguaçu. Tudo ia bem, mas em 1893 uma horda de derrotados na Revolução Federalista deflagrada no Rio Grande do Sul passou pelo incipiente povoado saqueando, espalhando o terror e forçando a uma debandada geral.

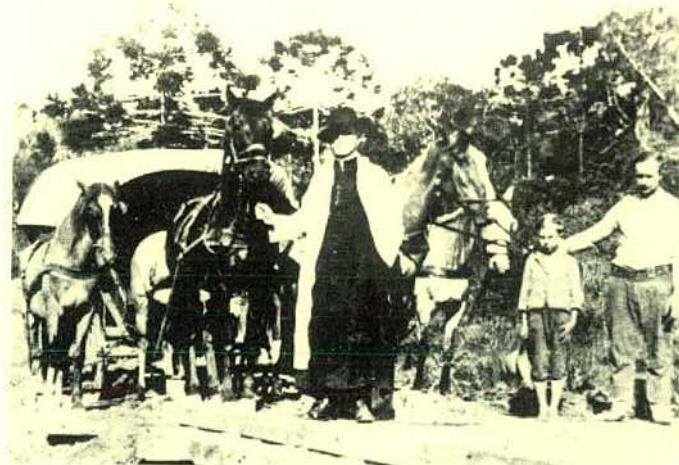
Nem a Comissão Estratégica, também chamada de Comissão de Estradas, nem a Colônia Militar foram fatores de progresso duradouro para a região.

O governo federal não aplicou os recursos necessários e passou a Colônia à jurisdição do governo do Estado. De qualquer forma, a presença militar na área teve os méritos de garantir a posse do território pelo Brasil, disciplinar a atividade econômica e dar segurança à população. Além de plantar essa base inicial, a presença do Exército na fronteira seria permanente, chegando a constituir-se numa das principais bases militares no Paraná - o atual 34º Batalhão de Infantaria Motorizado.

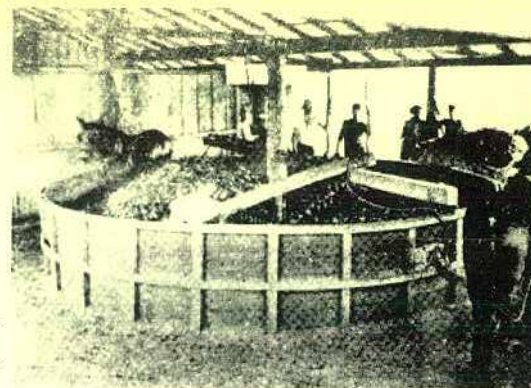
Retratos Foz do Iguaçu



Mantimentos: 90 dias de Guarapuava até Foz, em carroças



Religião: visita de padre itinerante



Moinho de Milho



Acampamento de caçadores



Anos 30: presença gaúcha é intensificada

Formação do Município

Em meio dos percalços da Colônia Militar, em 1897 foi criada em Foz do Iguaçu uma agência fiscal chefiada pelo capitão Lindolfo Siqueira Bastos, que encontrou a região abandonada, ou mais precisamente entregue à exploração predatória por estrangeiros. Ele registrou a existência de apenas 13 casas cobertas de tabuinhas e alguns ranchos de palha. A agência fiscal foi o embrião da Mesa de Rendas Federais que seria instalada em 1905.

Nos primeiros anos deste século a população de Foz do Iguaçu era de cerca de 2.000 pessoas e o vilarejo dispunha de uma hospedaria, quatro mercearias, um rústico quartel militar, mesa de rendas e estação telegráfica, engenhos de açúcar e cachaça e uma agricultura de subsistência.

Em 1910 a Colônia Militar passou à condição de "Vila Iguassu", distrito do Município de Guarapuava, e em 1912 o Ministério da Guerra emancipou a Colônia tornando-a um povoamento civil entregue aos cuidados do governo do Paraná, que criou então a Coletoria Estadual da Vila. As

condições estavam postas para que a Vila fosse elevada a Município, o que aconteceria dois anos depois. Em 14 de março de 1914, pela Lei 1383, foi criado o Município de Vila Iguaçu, instalado efetivamente no dia 10 de junho do mesmo ano, com a posse do primeiro prefeito, Jorge Schimmelpfeng, e da primeira Câmara de Vereadores, formada por Jorge de Oliveira Silveira, Fidélis Alves, Fulgêncio Pedroso de Almeida, Jorge Samways, João Martins Boska e Ignácio de Sá Sottomaior. O município passou a denominar-se "Foz do Iguaçu", em 1918.

Jorge Schimmelpfeng, de origem alemã, saiu de Curitiba rumo a Foz do Iguaçu integrando uma comissão designada pelo governo Estadual para fazer estudos e planos de povoamento e desenvolvimento do extremo Oeste do Paraná. Apesar do ambiente inóspito, da pobreza, decidiu plantar raízes em Foz do Iguaçu, onde se tornaria um líder de muito prestígio. Como prefeito, governou o município de 1914 a 1924. Quando faleceu em 1929, aos 53 anos de idade, a revista "O Itiberê", de Paranaguá,

dizia em artigo assinado por Zenon Leite: "Quando se fizer um perfeito relato dos primórdios civilizadores desse jovem município (Foz do Iguaçu), virão ao lume os nomes daqueles que mais contribuíram pela sua grandeza, e, então, esculpido em letras de ouro, aparecerá o nome de Jorge Schimmelpfeng".

Entre muitos méritos, Jorge Schimmelpfeng tem o de ter conseguido liderar a luta pela elevação da Vila a Município. Otília Schimmelpfeng, filha de Jorge, em memórias escritas cita este trecho de uma crônica do jornalista Coelho Júnior. "Esta crônica é escrita para lembrar um dos paranaenses que mais se bateram para que os poderes públicos não se esquecessem de Foz do Iguaçu. Foi ele o infalível Jorge Schimmelpfeng, curitibano que lá deixou ilustre descendência. Ele mesmo, quando lá o encontramos em 1920, construiu um hotel para melhor hospedar os turistas. Foi um precursor, um entusiasta, um paranaense que se destacou como pioneiro e divulgador dos aspectos monumentais do Oeste. A região é,

por todos os títulos, merecedora de dedicações como a do saudoso curitibano Jorge Schimmelpfeng".

Conta Otília que quando Jorge deixou a Prefeitura em 1924 estava em situação financeira ruim e com os primeiros sinais da doença que o levaria à morte em 1929. Passou seus últimos anos de vida em Curitiba, onde tinha familiares e tratamento médico que em Foz do Iguaçu inexistia. Faleceu e está sepultado em Curitiba. Nas suas memórias, porém, Otília diz: "Os restos mortais de meu Pai jazem ainda em Curitiba, apesar de uma lei municipal determinar que sejam removidos e encerrados em mausoléu erigido às expensas do município, para que repouse para sempre na terra que tanto amou".

Nas primeiras décadas de existência os avanços do novo município foram penosos, lentos e pequenos. A região era pouco habitada. Por toda a área ribeirinha do rio Iguaçu não havia núcleos de brasileiros. No rio Paraná não havia navegação nacional. A cidade de Foz do Iguaçu era servida por um

porto que não passava de uma simples rampa em local de difícil atracação. No lado paraguaio existia um porto aberto por uma companhia de extração de madeira. O único núcleo de desenvolvimento digno de menção à época era Porto Mendes, perto de Guaíra, no rio Paraná. Seu desenvolvimento era consequência de ser porto de escoamento de erva-mate da companhia Mate Laranjeira.

Faltavam estradas e comunicação. A antiga estrada ligando Foz do Iguaçu a Ponta Grossa através de Catanduvas e Guarapuava era de trânsito difícil em época de estiagem e simplesmente impraticável em época de chuva. O transporte de passageiros era feito quase exclusivamente por barcos estrangeiros que trabalhavam com frete de erva-mate e madeira.

Para complicar ainda mais, em 1924, a cidade foi invadida pelos revolucionários da Coluna Prestes. Por quase um ano uma parte considerável da população de Foz do Iguaçu viveu refugiada na Argentina e no

Paraguai, num drama que dispensa detalhes aqui, porque está fartamente narrado nas entrevistas que compõem esta publicação.

Além de tudo isso, o município e a região eram tratados com total descaso pelo governo estadual. Surge então a idéia separatista, ou simples redivisão do país de modo a fazer da região um território federal. A idéia, porém, não prospera.

A situação de Foz do Iguaçu experimentou alguma melhora a partir da Revolução de 1930, no sentido de sua maior inserção econômica, política e social no Paraná. Foi nomeado interventor federal no Estado o general Mário Tourinho, que tomou medidas enérgicas para a nacionalização da fronteira, num movimento de "marcha para o oeste" incentivado pelo governo federal também em outras regiões do país. Tourinho tornou obrigatório o uso da língua portuguesa e da moeda nacional no comércio e nos serviços públicos, e nacionalizou latifúndios. Para desenvolver a região, propôs medidas

como criar em Foz do Iguaçu uma Prefeitura Especial por dez anos, com direito a ficar com toda a arrecadação de impostos estaduais e federais. Pretendia, com empréstimo do Banco do Brasil, construir um centro turístico que seria também uma nova cidade. Queria sanear a região, nacionalizar a população e implantar o ensino público. Anulou concessões de terras já efetuadas a companhias colonizadoras do Rio Grande do Sul, passando a posse ao governo do Estado. As colonizadoras, porém, fizeram um "lobby" junto ao governo federal, pressionando para continuarem com carta-branca para colonizar o Oeste do Paraná com gaúchos e catarinenses. Isso valeu ao general Tourinho a exoneração do cargo de interventor federal no Estado.

Já por outros motivos, o Território Federal do Iguaçu seria criado em 1943, em decorrência da Constituição de 1937, que estabeleceu que a faixa de terras de 150 quilômetros ao longo da fronteira não poderia

ser comercializada nem receber estradas ou colonização sem autorização do Conselho Superior de Segurança Nacional. Mas o decreto de criação do Território não definiu sua sede, ou capital. Nos primeiros oito meses, a sede foi Foz do Iguaçu, mas o governador do Território resolveu mudá-la para Laranjeiras do Sul, sob o argumento de que ficaria "mais próximo da civilização".

A transferência da capital para Laranjeiras do Sul fez a população de Foz do Iguaçu perder a esperança no desenvolvimento da cidade e da região. Não seria por isso que o município iria empacar, pois o território do Iguaçu seria extinto três anos depois de criado. Graças a emenda apresentada por Bento Munhoz da Rocha Neto na elaboração da Constituição de 1946, o Território do Iguaçu foi reintegrado ao mapa do Paraná. Bento Munhoz qualificou de "absurdo monstruoso" a criação do Território e afirmou que sua extinção não prejudicou, e sim favoreceu o crescimento da região Oeste.

Galeria dos prefeitos de Foz do Iguaçu

1914	Cel. Jorge Schimmelpfeng	1941	Capitão Melquíades do Valle	1973	Tercio A. Albuquerque (Pdte da Câmara)
1924	Jorge Samways	1942	Major Artur Borges Maciel	1973	Cel. Caetano Pinto Rocha
1928	Dr. Heleno Schimmelpfeng	1943	Tenente Nelson Nascimento Ribeiro	1974	Tercio A. Albuquerque (Pdte da Câmara)
1930	Jorge Samways	1943	Ayrton Ramos	1974	Cel. Caetano Pinto Rocha
1930	Júlio Pasa	1944	Emílio Correia de Oliveira	1974	Osmar de Oliveria (Pdte da Câmara)
1930	Dr. Othon Maeder	1945	Ayrton Ramos	1974	Engº Clóvis Cunha Viana
1931	José Werner	1947	Julio Pasa	1981	João Küster (Pdte da Câmara)
1932	Capitão Dr. Felipe de Souza Miranda	1951	Francisco Guaraná de Menezes	1981	Engº Clóvis Cunha Viana
1933	Dr. Antonio de Souza Mello Junior	1955	Dr. Dirceu Lopes	1984	Bel. Wádis Vitério Benvenuti
1933	Jorge Samways	1959	Emílio Henrique Gomes	1985	Perci Lima (Pdte da Câmara)
1938	Tenente Manoel Diniz	1963	Ozires Santos	1986	Dobrandino Gustavo da Silva
1939	Capitão Melquíades do Valle	1969	Cel. Julio Werner Hackadt	1989	Álvaro Apolloni Neumann
1940	Tenente Abílio Rodrigues	1970	Silvino Dal'Bó (Pdte da Câmara)	1993	Dobrandino Gustavo da Silva
1940	Capitão Miguel Balsi	1972	Cel. Sabino Neves Vieira	1997	Harry Daijó



Reprodução

Jorge Schimmelpfeng, primeiro prefeito.

Colonização

No livro “Repensando o Oeste do Paraná”, publicado em Cascavel em 1984 pela Assoeste (Associação Educacional do Oeste), o historiador paranaense Ruy Christovam Wachowics resume o processo de colonização do Paraná, identificando “três frentes”. A primeira, iniciada na segunda metade do século XIX, ocupou a região de Curitiba e avançou para Ponta Grossa, Guarapuava e Laranjeiras do Sul. É a “fase sul paranaense”, protagonizada por imigrantes europeus (poloneses, ucranianos, alemães, italianos, etc.). A partir do fim do século XIX, começa a ocupação do Norte do Paraná por produtores de café procedentes de São Paulo, seguidos por trabalhadores nordestinos em busca de emprego nos cafezais, que empregavam muita mão-de-obra. É a “frente nordestina”. “A partir de 1940, gaúchos e catarinenses, sobretudo os primeiros, penetram e se instalam no Oeste do Paraná”, situa Wachowics. É a “frente sulista”. Mas as outras duas frentes também avançaram rumo ao Oeste, de maneira que, como diz o historiador, “o Oeste é, sem dúvida, a região síntese do Paraná, isto é, foi

aqui que se encontraram migrantes das mais diversas regiões, não só paranaenses, mas de todo o território nacional” - e também migrantes estrangeiros, acrescente-se.

Como se verá nos depoimentos dos entrevistados nesta publicação, migrantes de várias origens e procedências foram chegando a Foz do Iguaçu já nas primeiras décadas deste século, num processo que tomaria corpo por volta da década de 30, através da atração de colonos sulistas para a região por empresas colonizadoras. O processo se intensificou nos anos 50 e 60, período em que, ao lado da intensificação da extração da madeira, se instalou uma agricultura familiar de subsistência em pequenas propriedades, com utilização de baixa tecnologia. Já na década de 70 se assistiria à implantação de uma agricultura e uma pecuária intensivas e extensivas, com a devastação final da floresta, a introdução das chamadas “grandes culturas” de cereais, da mecanização e de modernas tecnologias.

Até a década de 70, Foz do Iguaçu era uma cidade pequena. Em 1950 tinha pouco mais de 3.000 habitantes. Em 1960 tinha

perto de 10 mil habitantes. E em 1970 chegou aos 20.000 habitantes. Esse ritmo de crescimento estava dentro da média dos diversos municípios da região. Todos eles, nos anos seguintes, experimentaram um surto de progresso que faria a região entrar nos anos 80 com modernas cidades, padrões de vida urbana e rural radicalmente diferentes dos vividos em décadas anteriores.

Nesse contexto de progresso, em que pese um sem-número de vícios e deformações, coube a Foz do Iguaçu registrar o mais espetacular crescimento, à raiz de marcos históricos que arrancaram o município da rusticidade que o caracterizou até então: construção da Ponte da Amizade, asfaltamento da BR-277, desenvolvimento da aviação e construção da hidrelétrica Itaipu Binacional.

É na década de 60 que começam a ser superados os problemas estruturais da falta de comunicação e transporte, pouco ou nenhum apoio ao turista, isolamento econômico e cultural em relação ao resto do Estado, situação que mantinha Foz do Iguaçu mais

voltada para a Argentina e o Paraguai do que para o Brasil.

A fase extrativista predatória da erva-mate e da madeira se esgotaram, a colonização tomou todos os espaços e o processo produtivo se modernizou. Começava para o Oeste e muito especialmente Foz do Iguaçu uma nova era.

Em 1903, bem ao estilo militar, como quem diz “esta terra tem dono”, foi erguido um obelisco de frente para a Argentina e o Paraguai no ponto brasileiro do encontro das três fronteiras na foz do rio Iguaçu, e os argentinos, no seu lado fizeram o mesmo, e pouco depois, o Paraguai também. Os três obeliscos, com as cores da bandeira de cada país, são chamados de Marcos das Três Fronteiras, símbolos da propriedade do território e do início de sua ocupação pelos respectivos nacionais. Os marcos seguintes da história de Foz do Iguaçu não seriam apenas simbólico, mas real início da marcha para o progresso: a criação do Parque Nacional do Iguaçu, no final da década de 30 e a construção da Ponte da Amizade.



Reprodução

Marco Brasileiro: "Esta terra tem dono."

Retratos

Foz do Iguaçu

Arquivo Sérgio Lobato



Ponte da Amizade em construção

Reprodução



Arco da Ponte com vão livre de 290 m.



Reprodução

Juscelino Kubstchek e Alfredo Stroessner assinam acordo para construir a Ponte

Reprodução



Visita às obras da Ponte da Amizade

Arquivo Família Maciel



Castelo Branco desembarca no antigo Aeroporto em Foz para a inauguração da Ponte

Parque Nacional do Iguaçu



Arquivo Família Vera

Agricultores ocupavam área do Parque



Reprodução

Anos 30: Passeio às Cataratas



Reprodução

Anos 40, grupo de visitantes posam com as Cataratas ao fundo

Criado em 1939, por Decreto do Presidente Getúlio Vargas, o Parque Nacional do Iguaçu - “berço” das Cataratas do Iguaçu - tem uma área de 156.235,77 hectares. Seus limites situam-se desde o rio Gonçalves Dias, com nascente em Santa Tereza até o rio São João, além das Cataratas. É administrado pelo Ibama - Instituto Brasileiro dos Recursos Naturais Renováveis e do Meio Ambiente.

Sua história, no entanto, começa no ano de 1916 e se constitui numa das páginas mais lindas da história de Foz do Iguaçu: a passagem por aqui, de Alberto Santos Dumont, o “Pai da Aviação”, - na verdade, o

grande e legítimo “fundador” ou “criador” do Parque Nacional do Iguaçu. Aquela imensa área, só separada da Argentina pelo rio Iguaçu, pertencia ao uruguaio Jesus Val, na época radicado naquele vizinho país.

No ano de 1916, o pioneiro Frederico Engel Rios, o primeiro hoteleiro de Foz do Iguaçu, soube da estadia de Santos Dumont em território argentino, segundo relato de sua filha, a saudosa Elfrida Engel Rios, já falecida, concedido ao repórter Chico de Alencar, em 1980 quando o histórico e singular episódio começou a ganhar repercussão nacional, culminando com a instalação de uma estátua do

ilustre brasileiro bem em frente do ponto de melhor observação das Cataratas, graças ao apoio da Itaipu Binacional, Vasp e ao reconhecimento do Ministério da Aeronáutica.

Convidado a conhecer aquele espetáculo deslumbrante da natureza pelo primeiro prefeito de Foz do Iguaçu, Jorge Schimmelpfeng, Santos Dumont veio a Foz (na época Vila Iguassú), hospedando-se no Hotel Brasil, de propriedade de Frederico e Carolina Engel, pais de Elfrida. Dali ele foi convidado a visitar as Cataratas e, ao se deparar com a exuberância e a beleza do lugar, comprometeu-se a reivindicar, junto ao Presidente

do Estado do Paraná, Affonso Alves de Camargo, para que aquela imensa e privilegiada área fosse desapropriada e tornada patrimônio público. No dia 27 de abril de 1916 Santos Dumont partiu de Foz rumo à Curitiba e, três meses depois surgia o Decreto nº 653, de 28/7/1916, declarando de utilidade pública uma área de 1.008 hectares. O decreto foi assinado por Affonso Alves de Camargo e Caetano Munhoz da Rocha.

Somente em 1939 (19/1), por decreto do Presidente Getúlio Vargas, era criado o Parque Nacional do Iguaçu, com a área atual de 156.235,77 hectares.

Ponte da Amizade

Como se lê em depoimentos desta publicação, fornecidos por pessoas que testemunharam a obra e suas conseqüências, a Ponte da Amizade foi o primeiro grande passo da região das três fronteiras no sentido de romper limitações que a mantinham no atraso.

Em 29 de maio de 1956, os governos do Brasil e do Paraguai assinaram acordo para a construção de uma ponte sobre o rio Paraná, que seria batizada de Ponte da Amizade, e em 14 de novembro do mesmo ano foi formada a Comissão Especial encarregada da execução da obra, sob a chefia do engenheiro Almyr França. Sua localização foi definida a partir da seleção de cinco pontos.

Definido o local, iniciaram-se os estudos e sondagens no fundo do rio, e já nessa tarefa aconteceria uma tragédia. Em fevereiro de 1957, o barco em que uma equipe fazia sondagens no centro do leito do rio afundou e o engenheiro Tasso Costa Rodrigues morreu afogado, enquanto os outros componentes se salvaram milagrosamente.

Para não prejudicar a navegação, a ponte teria que ter vão livre de no mínimo 18 metros acima do nível da água em momentos de maior cheia. Informações colhidas em registros históricos e testemunhos vivos chegaram à notícia de que a maior cheia havia acontecido em 1905, quando as águas subiram 30 metros acima do nível normal. Desse dado resultou que a ponte deveria ter 77 metros de altura a partir do fundo do rio e 32 metros acima do nível da água quando das maiores cheias. Para isso, foi projetada uma ponte com 553 metros de comprimento, sustentada sobre arco com vão livre de 290 metros.

No pico das obras, a construção empregou mil homens, em sua maioria instalados em casas especialmente construídas no local. A obra consumiu 43.000 m³ de concreto, 14.000 toneladas de cimento, 2.900 toneladas de aço, madeira para 120.000 m² de formas, escoras e andaimes, num total de 6.000 m³, 50 toneladas de pregos, 12.000 toneladas de parafusos, 33 toneladas de arame e 1.300 toneladas de aço em laminados, cabos,

rebites e parafusos de alta tensão para a peça metálica do cimbre (armação que serve de molde e suporte a arcos e abóbadas durante sua construção, e que após é retirada).

Para abastecimento com água potável foi perfurado poço artesiano de 117 metros de profundidade. E a água para a concretagem era captada num córrego. Foi necessário desmatar área de 14 hectares e realizar 139.000 metros de terraplenagem.

Para a britagem foi instalada britadeira com capacidade de produzir 100m³ de cascalho por dia no próprio local da obra. A areia era retirada do próprio leito do rio e a madeira era obtida em serrarias da região. O cimento era buscado em Curitiba e São Paulo. Estruturas e materiais metálicos eram buscados em São Paulo, Volta Redonda e Rio de Janeiro.

O canteiro de obras estava equipado, ainda, com compressores, oficina mecânica, posto de combustível, gerador de eletricidade movido a óleo diesel, laboratório de análise e controle de materiais, escritórios, depósitos, serraria e ônibus para transporte de operários

e seus filhos para as escolas da cidade.

O grande desafio era a edificação do imenso arco de sustentação da ponte, e ele foi entregue à Companhia Siderúrgica Nacional, de Volta Redonda. A empresa montou um cimbre metálico de 157,3 metros de comprimento com 1.200 toneladas de aço. A estrutura saiu aos pedaços de Volta Redonda, distante 1.700 quilômetros do seu destino, o que apresentou outro grande desafio - o seu transporte, feito por dez carretas numa autêntica façanha do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem.

Inaugurada em 1965 pelos presidentes Castelo Branco, do Brasil e Alfredo Stroessner, do Paraguai, a Ponte da Amizade foi fator decisivo de atração de investimentos e negócios entre os dois países. Foi, por exemplo, fator decisivo para o surgimento de um fortíssimo comércio exportador de Foz do Iguaçu. E para o Paraguai teve a importância que significou simplesmente o nascimento da cidade de Puerto Stroessner, hoje Ciudad del Este, o segundo maior centro urbano daquele país.

BR 277

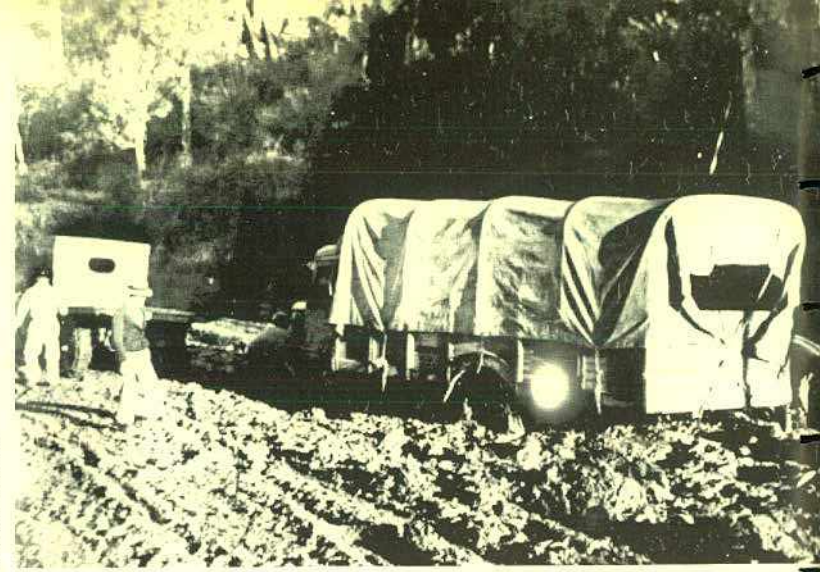
A leitura das entrevistas desta publicação dá a medida das dificuldades enfrentadas por Foz do Iguaçu e toda a região em função da falta de comunicação (estrada) com o resto do Estado e do país. O propósito de superar o problema verifica-se ainda no final do século XIX, quando da formação da Comissão Estratégica do Paraná e da Colônia Militar de Foz do Iguaçu. A tarefa, porém, se revelou acima da capacidade e dos recursos necessários, e a Comissão Estratégica não foi além da abertura de alguns trechos que não passavam de picadas. A tão sonhada e reivindicada Estrada Estratégica para ligar Foz do Iguaçu à Capital do Estado só tomou alguma forma, ainda muito precária, em 1920, graças ao empenho do então “presidente” do Paraná, Affonso Alves de Camargo. Mais que uma obra planejada e executada por máquinas, a estrada foi resultado de mutirões da própria população ao longo do trajeto e da ação dos viajantes que, para transpor obstáculos, foram, ao longo do tempo, abrindo e melhorando trechos do caminho.

Entre o final da década de 30 e o início da de 40, no governo Getúlio Vargas, o primeiro mandatário que mostrou consciência da importância da região, a Estrada Estratégica recebeu significativas melhorias e novo traçado, mas tudo continuou precário e exposto à deterioração por falta de conservação. A população de fronteira chega à década de 50 ainda se sentindo num “fim de mundo” intransponível por terra. Em 1954, o jornal iguaçuense “A Notícia” encetou uma campanha que bem dava o tom do drama vivido pela população diante das dificuldades de comunicação e transporte. “Sem a Estrada Estratégica, o

Oeste do Paraná não pode respirar”, verberava o jornal. Artigo escrito por Antônio Damiano Ferreira Neto, falecido em 1993, clamava pela Estrada Estratégica observando que Foz do Iguaçu chegou a ficar 90 dias sem que um caminhão pudesse trazer mercadorias à cidade desde Guarapuava ou Ponta Grossa. Até sem fósforo e cigarro a cidade ficou, além de combustível, alimentos e sal.

Quem voltou a se interessar pela fronteira do Brasil com o Paraguai e a Argentina foi o presidente Juscelino Kubitschek, na segunda metade da década de 50, com a construção da Ponte da Amizade, seguindo passos dados anteriormente por Getúlio Vargas com a criação do Parque Nacional do Iguaçu e outros investimentos. Iniciou-se o asfaltamento da estrada que cortaria o Paraná de Leste a Oeste, ligando Foz do Iguaçu a Paranaguá. Mas a obra partiu do Leste para o Oeste e se arrastou por duas décadas. Estava a cargo do Exército. Atingiu Ponta Grossa e empacou. Continuou até Guarapuava e novamente empacou. Mas as Forças Armadas tomaram o poder no país em 1964 e resolveram concluir a obra, o que conseguiram em 1969, quando os presidentes Costa e Silva e Alfredo Stroessner inauguraram a BR 277. Ao mesmo tempo, o Paraguai completava a ligação asfáltica de Assunção com o Brasil numa obra feita por brasileiros, e recebeu carta branca para transitar com seus produtos até o Porto de Paranaguá. Para Foz do Iguaçu e o Oeste do Paraná terminava o drama da “falta de respiração” de que falava “A Notícia” em 1954, e para o Paraguai terminava a asfixia que mantinha o país sem saída para o mar.

Arquivo Différence



Foz a Guarapuava: estrada intransitável até o asfaltamento na década de 60

Retratos Foz do Iguaçu

Panorâmica do centro de Foz nos anos 30: a Igreja ao fundo, a Casa Paroquial e o Grupo Escolar.

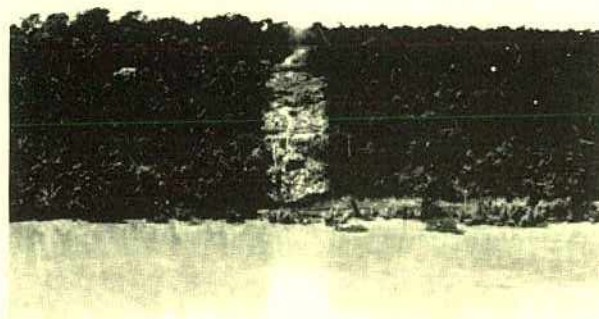
Reprodução



Ponte da Fraternidade

O significado que teve a Ponte da Amizade para a comunicação entre o Brasil e o Paraguai despertou a idéia de uma ponte sobre o rio Iguaçu, ligando Brasil e Argentina. Em 1972, os presidentes Emilio Médici, do Brasil, e Alejandro Lanusse, da Argentina, assinaram "Tratado de Intenção" de construir a ponte. Ficou mesmo na intenção, retomada em 1979 por lideranças de Foz do Iguaçu e Puerto Iguazú mediante a formação de Comissão Mista, presidida pelo iguaçuense Sérgio Lobato da Motta Machado, Brasil-Argentina com esse objetivo. Em 1980, a Comissão Mista, conseguiu dos presidentes João Figueiredo e Reynaldo Bignone, em Buenos Aires, a decisão de construir a obra. A pedra fundamental foi lançada pelos dois presidentes em 13 de janeiro de 1982 e, em 29 de novembro de 1985, os presidentes José Sarney e Raúl Alfonsín inauguraram a obra, com 489 metros de comprimento, um vão livre de 220 metros, 16.50 metros de largura e 72 de altura.

Inicialmente foi batizada de Ponte da Fraternidade, no mesmo espírito que deu à ponte sobre o rio Paraná o nome de Ponte da Amizade, mas o Brasil quis homenagear o presidente que morreu sem assumir o cargo, em abril do ano da inauguração da obra, e ela passou a se chamar Ponte Tancredo Neves.



Joel Petroski



Início das obras de terraplenagem na área escolhida para a construção



Lançamento da "Pedra Fundamental da ponte, em 1983.



Etapa final da construção.

Aviação

Por volta de 1930, 15 anos depois de terem recebido a visita do “pai da aviação”, Santos Dumont, os moradores do “fim-de-mundo” chamado Foz do Iguaçu tiveram a idéia de recorrer ao avião na luta contra as limitações impostas pela distância e falta de comunicação. Lideranças da pequena comunidade de então tomaram a iniciativa de pedir a inclusão de Foz do Iguaçu e Guaíra nas rotas de voo do Correio Aéreo Militar. A resposta foi positiva, mas caberia à comunidade local oferecer área adequada à instalação do aeroporto. As lideranças elegeram como local apropriado uma área pertencente a Fulgêncio Pereira nos fundos do quartel do Exército. Puseram mãos à obra e, em março de 1935, começava a história da aviação em Foz do Iguaçu.

Naquele tempo foi inaugurada a linha Curitiba-Foz por um rudimentar aparelho Lindenberg, do Correio Aéreo Militar, que, com a criação do Ministério da Aeronáutica em 1941, passaria a se chamar Correio Aéreo Nacional. “Aconteceu no dia 23 de março de 1935, quando, num momento inesperado,

ouviu-se um estranho ruído no ar, despertando a atenção de todos que, saindo à rua, viam extasiados um aviãozinho militar evolucionando no céu qual ave desconhecida num voo de reconhecimento migratório”, relata em suas memórias Otília Schimmelpfeng. “Quanta gente correndo para ver o tal avião! Era preciso tocar, certificar-se de que era algo real, palpável, descobrir o mistério daquele objeto pesado que voava tão leve como um pássaro”.

Começando com vôos semanais, foi tão importante aquela vitória sobre a distância que, já no ano seguinte, Foz do Iguaçu resolveu prestar uma homenagem aos aviadores com a Festa da Asa, prestigiada por uma esquadrilha de aviões vindos de Curitiba e Rio de Janeiro. Precursora da Esquadrilha da Fumaça, aquela formação brindou o povo com acrobacias que deixaram todos estupefatos.

“Aos poucos foi se alargando a via aérea”, conta Otília. Em 1938, a Panamerican Airways (Panair) obteve concessão para



Aterrissagem do Correio Aéreo em Foz, em 1936.

estabelecer vôos regulares na rota Rio-Assunção-Buenos Aires, com pouso semanal em Foz do Iguaçu. Nesses vôos passaram por Foz do Iguaçu personalidades famosas, sempre assediadas por catadores de autógrafos. Entre elas, Otília registra a passagem de Henry Fonda, Grace Moore, Mogica e Walt Disney, que ilustrava os autógrafos com rabiscos que lembravam seu mais famoso personagem, o Mickey.

O interesse turístico por Foz do Iguaçu começou a crescer no Brasil e no exterior. A criação do Parque Nacional do Iguaçu em 1939 e os investimentos que nele se seguiram (construção do Hotel das Cataratas e do Museu, calçamento da Estrada das Cataratas) logo apontou para a necessidade de ampliação e melhoria no assim

chamado Campo de Aviação. Conta Otília Schimmelpfeng: “Quando o governo federal começou a lançar os olhos para esta região, achando que era tempo de pôr a descoberto o que o Brasil possuía de belo e rico neste recanto longínquo e quase inacessível, a primeira providência foi construir uma estrada, uma estação aeroviária e um parque nacional. Apesar da morosidade das outras grandes obras, o aeroporto se estabeleceu na ordem prioritária e, em 1942, inaugurava-se com toda a majestade de uma obra ímpar. Ninguém pode negar quão bela se apresentava a Estação Aeroviária de Foz do Iguaçu...”

O Aeroporto do Parque Nacional do Iguaçu, assim batizado, com sua pista de terra e o terminal de passageiros construído pelo

Ministério da Agricultura em terreno do Ministério do Exército, serviu até 1967, já sem condições de expansão para receber aviões de maior porte. Naquele ano foi inaugurada a pista asfaltada do que viria a ser o moderno Aeroporto Internacional de Foz do Iguaçu de hoje, e o antigo aeroporto foi transformado em clube social e recreativo, o Gresfi. Só entre 1968 e 1972 é que foi concluído o terminal de passageiros, com 5.000m² de área coberta, inaugurado em 1972, já com o nome de Aeroporto Internacional de Foz do Iguaçu.

Em 1975, com o início da construção de Itaipu e do incremento ao turismo, a estrutura do Aeroporto começou a ficar pequena para atender a demanda, chegando à década de 80 em condições de saturação. A Empresa

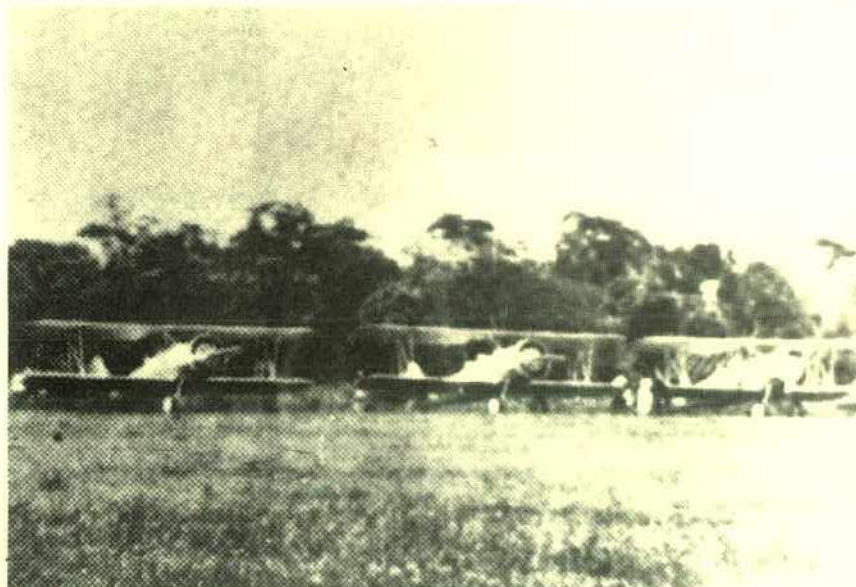
Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (Infraero), administradora do Aeroporto desde 1974, fez um plano de ampliação que iniciou em 1986 e concluiu em 1989 dentro dos mais modernos padrões de operação e funcionalidade.

Com 2.200 metros de comprimento e 45 de largura, a pista de pouso e decolagem permite que o Aeroporto Internacional de Foz do Iguaçu opere com qualquer aparelho hoje em circulação no mundo. Do pouso do rústico Lindemberg em 1935 ao pouso da "águia mecânica" Concorde, em 1978, e dos imponentes Boeing da atualidade, a aviação de Foz do Iguaçu deu um salto espetacular no sentido de tirar a fronteira do Brasil com o Paraguai e a Argentina do subdesenvolvimento.



Reprodução

O primeiro aeroporto de Foz do Iguaçu, hoje Clube Gresfi, foi inaugurado em 1942



Reprodução

Aviões alinhados no campo de pouso do antigo Aeroporto de Foz do Iguaçu.



Reprodução

Pilotos e militares posam na frente de biplano.

Capitania dos Portos do Rio Paraná

A Marinha do Brasil se fez presente no Oeste do Paraná instalando uma (assim chamada) Agência em Guaíra, em 1930, ponto de intenso tráfego fluvial pelo rio Paraná, acima dos saltos de Sete Quedas. E três anos depois (1933) foi instalada em Foz do Iguaçu a Delegacia da Capitania dos Portos do Estado do Paraná, que havia sido criada ainda em 1924 por lei federal. Em 1940 passou a se chamar Capitania Fluvial dos Portos do Rio Paraná, e em 1978 perdeu o “Fluvial” e ficou sendo, ainda hoje, Capitania dos Portos do Rio Paraná, cuja sede ocupa uma área de 4.237,89m², ou 95,50m² x 44.375m², perto da barranca do rio Paraná, entre a rua Rio Branco, praça Almirante Tamandaré, e ruas José Bonifácio e 14 de Março.

Enquanto Delegacia, tinha como comandante um delegado, e o primeiro a ocupar o cargo foi o tenente da Marinha Nereu Chalhreu Correa. Certamente muitos notáveis oficiais da Marinha passaram por Foz do Iguaçu no comando da Delegacia, depois da Capitania dos Portos, mas vale ressaltar a figura de Júlio de Sá Bierrenbach, que chefiou

a unidade nos anos de 1956 e 1957, alcançando depois a patente de almirante, a mais alta da Arma, e o posto de ministro de Superior Tribunal Militar, onde, nos últimos anos do regime militar que governou o Brasil de 1964 a 1985, se notabilizou pela liberalidade, senso de justiça, espírito democrático e de respeito aos direitos humanos no julgamento de cidadãos processados com base na autoritária Lei de Segurança Nacional.

Portaria da Marinha baixada em 1978 conferiu à Capitania dos Portos do Rio Paraná jurisdição sobre área do Estado do Paraná compreendida entre o alinhamento estabelecido pelas cidades de Ribeira, Curitiba, Rio Negrinho e o rio Paraná.

A presença da Marinha do Brasil no trecho do rio Paraná que faz divisa com o Paraguai, de Foz do Iguaçu a Guaíra, teve o significado de afirmação da soberania nacional. Se a missão do Exército era mostrar que “esta terra tem dono”, a missão da Marinha era afirmar que “esta água também tem dono”. Não significa, porém, que tenha tido característica belicista. Ao contrário, salvo

um ou outro episódio de intriga fronteiriça, a Capitania dos Portos foi fator de harmonia e cooperação entre brasileiros e paraguaios.

Escaramuça com o Paraguai

Houve, entretanto, pelo menos um incidente de certa gravidade, uma provocação feita por guardas costeiros paraguaios. Em meados de 1950, um marujo brasileiro ainda hoje lembrado apenas pelo apelido de Alemão patrulhava o rio Paraná e, sem mais aquelas, talvez por estar perto da margem paraguaia do rio, foi detido por guardas paraguaios. O comandante da Capitania, um certo capitão Pimentel, foi ao Paraguai negociar a liberação do marujo e do barco, mas nada conseguiu. Restou-lhe pedir reforço ao Ministério da Marinha, que prontamente enviou a Foz do Iguaçu o Corpo de Fuzileiros Navais formado por 20 homens. Saltaram de pára-quedas e puseram-se de prontidão dentro do rio. O Paraguai respondeu enviando reforço desde Encarnación. Finalmente, a negociação conduziu ao bom senso e o Paraguai devolveu

ao Brasil o marujo “Alemão” e seu barco. Não muito tempo depois, Alemão foi assassinado por paraguaios durante um jogo de cartas.

O Corpo de Fuzileiros Navais foi mantido em Foz do Iguaçu por vários anos, sendo extinto por não ter razão de existir, dada a inexistência de tensões fronteiriças, e a Capitania passou a contar, até hoje, só com marinheiros que pouco tem a ver com força militar.

O incidente com o Paraguai teve o efeito positivo de fazer com que o governo brasileiro reforçasse a Capitania dos Portos do rio Paraná - antes mero ente burocráticos instalado miseravelmente numa palhoça e composto de meia dúzia de homens mais ou menos sem rumo.

Em 31 de julho de 1951, a Capitania festejou outro marco: recebeu a lancha-patrolha “Iguaçu”, enviada do Rio de Janeiro via Montevidéu, Uruguai, onde chegou transportada em navio mercante, e de onde seguiu para Foz do Iguaçu navegando pelo rio da Prata, depois rio Paraná. E em 1952, outro reforço: as lanchas-patrolha “Paraguai”

e “Argentina”, que estavam em ação no rio Uruguai, para chegar a Foz do Iguaçu, viajaram por água até Porto Alegre. De lá, por trem, foram até Uruguaiana e Montevidéu, para pegar o rio da Prata e rumar para Foz do Iguaçu.

As lanchas dispunham de equipamento de rádio movido a baterias carregadas por motor a diesel. No serviço de patrulha levavam no mínimo quatro tripulantes, mas dispunham de beliche para oito pessoas.

Em 1960, um forte temporal afundou a lancha-patrulha Iguaçu, cuja estrutura de madeira já se encontrava em péssimo estado. Os motores puderam ser recuperados.

“Estrada” abandonada

No início da década de 60, a Capitania contava com cerca de 70 homens, sendo 40 fuzileiros navais e os restantes, os assim chamados “práticos da Marinha” (pessoas que conhecem determinada rota fluvial ou marítima e acompanham uma embarcação. Faziam a “praticagem” da navegação do rio Paraná até Porto Mendes, próximo a Guaira, e até Posadas, Argentina, às vezes até Buenos Aires.

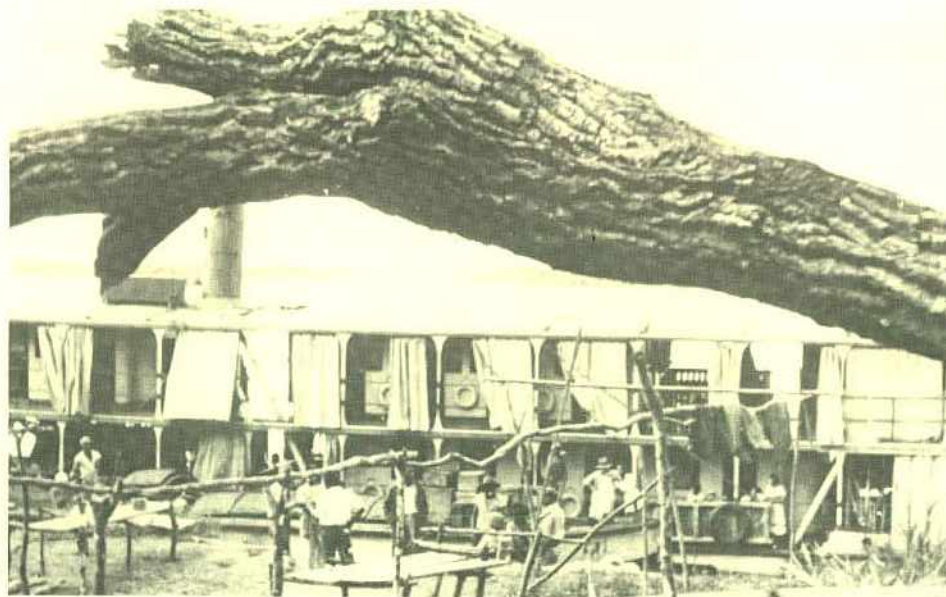
Era uma época em que a navegação no rio Paraná era intensa, na ausência de ligações rodoviárias de Foz do Iguaçu com outros centros urbanos. A Capitania registrava o trânsito de nada menos que 130 barcos por mês, com transporte de madeira principalmente, cereais, erva-mate e passageiros. Depois, a abertura de estradas, instalação de aeroportos e criação de linhas aéreas fez com que essa grande, primeira e importante “estrada” praticamente fechasse,

e hoje não só representa um enorme desperdício, como faz a Capitania dos Portos se ocupar de outras coisas, como a manutenção da Escola de Fluviários, que forma marinheiros para a Marinha Mercante, estatal, e mesmo para empresas privadas de navegação. Não amolece, porém, no desempenho de suas principais funções: de polícia naval, de fiscalização da segurança da navegação e defesa dos interesses nacionais, mediante aplicação do regulamento do tráfego fluvial e marítimo, aqui como em todo o Brasil.



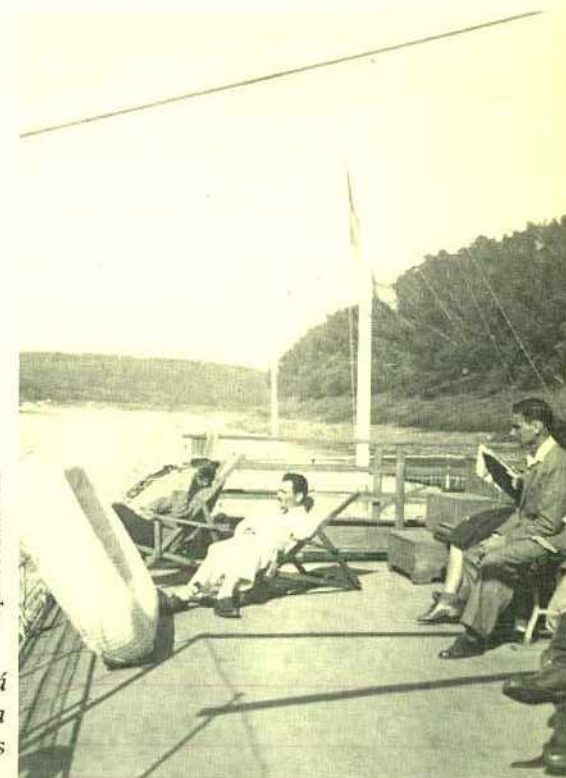
Arquivo Família Vera

Barco madeireiro dos anos 60



Arquivo Família Vera

Vapor Tibiriçá, que navegava no Rio Paraná



Arquivo Família Vera

Os vapores do rio Paraná ofereciam bastante conforto a seus passageiros



Reprodução

Batalhão do Exército

Foi assim, *manu militari*, pela mão militar, que no final do século XIX o Brasil iniciou a ocupação efetiva e a colonização do Oeste do Paraná, a partir de Foz do Iguaçu. Essa marca militar acompanharia os passos da região em toda a sequência de sua história.

Aquele primeiro destacamento da Colônia Militar marcou presença durante 24 anos (1889-1913). Em 1913, decreto do presidente da República “emancipou”, na verdade extinguiu a Colônia Militar do Iguaçu, e o incipiente povoado passou à jurisdição do governo do Paraná, como parte do município de Guarapuava. “Emancipando-se do Ministério da Guerra, Foz do Iguaçu transformou-se de praça de guerra que era, em povoação civil, entregue aos cuidados de seus próprios cidadãos”, diz um boletim de registros históricos do Batalhão.

Só em 1932 o governo brasileiro voltou a ocupar-se da integridade territorial e da soberania nacional sobre o extremo Oeste do Paraná. Dizem os registros do Batalhão: “Em 1932 cogitou-se, de novo, sediar tropa do Exército nesta localidade, pois, com a extinção da Colônia Militar, e colonização desta região, que já era realizada por elementos alienígenas, não contou com elemento aglutinante, como soe ser o Exército Nacional, chegando ao ponto de a moeda corrente ser o peso argentino. Assim foi criada a 1ª Companhia Independente de Fronteira, em 13 de maio de 1932”.

A missão da Companhia Independente de Fronteira era a mesma da Colônia Militar: ocupar fisicamente a fronteira Oeste do Paraná. Para isso, distribuiu vários destacamentos ao longo do rio Paraná, até perto de Guaíra,

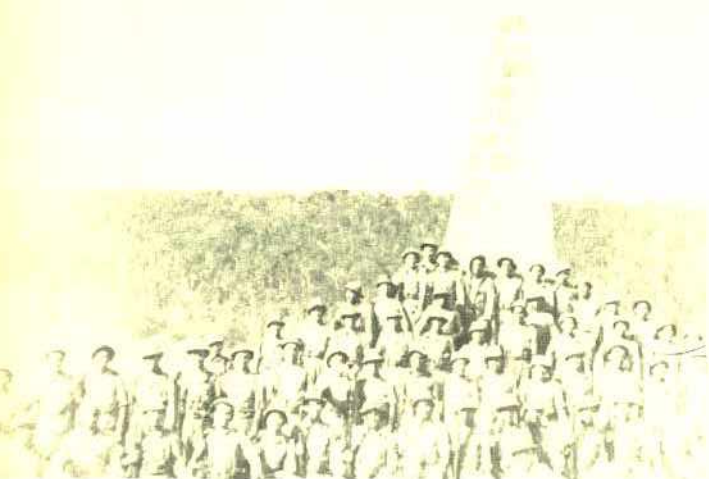
onde outro Batalhão fora instalado.

(A unidade militar chamava-se Companhia Independente porque, na estrutura do Exército, uma companhia é normalmente subordinada a um batalhão, mas esse não era o caso de Foz do Iguaçu, que não integrava qualquer batalhão, e sim era subordinado diretamente à 5ª Divisão de Infantaria da época, hoje 5ª Região Militar)

Foz do Iguaçu em particular e a região em geral têm uma fisionomia militar. Nasceu e cresceu à sua sombra. Até a construção da usina de Itaipu e a explosão de progresso e povoamento que provocou, o quartel do Exército sempre foi a referência maior, a realidade mais poderosa de Foz do Iguaçu. Essa condição se diluiu na complexidade do progresso das últimas décadas, mas ainda assim, o Batalhão do Exército, hoje com o nome de 34º Batalhão de Infantaria Motorizado (34º BIMtz), continua imponente, com sua tropa de aproximadamente 700 homens e uma privilegiada área de aproximadamente 118 hectares no coração da cidade.

Em toda sua história, passaram pelo Quartel de Foz aproximadamente 25.000 homens, aprendendo a ser “sentinelas avançadas do Brasil”, como diz um antigo e vistoso letreiro posto sobre um barranco de onde é legível à distância.

O serviço militar foi durante muito tempo, para os jovens da região, quase a única oportunidade de passar por algo parecido com uma escola complementar às primeiras séries do ensino elementar. E para um número seletivo desses jovens, o quartel era alternativa profissional: a carreira militar.



Reprodução

A Companhia Independente no Marco das Três Fronteiras, desfilando onde hoje é a Avenida Jorge Schimmelpfeng, e à beira do rio Paraná (abaixo).



Reprodução

De Batalhão de Fronteira a Batalhão de Infantaria

Além de ocupar e defender fisicamente a fronteira e dar instrução militar, o Batalhão de Fronteira tinha outras incumbências, do gênero específico da atividade policial. Combatia, reprimia o contrabando, especialmente de café, controlava o trânsito de pessoas e carros na Ponte da Amizade e patrulhava a cidade à noite, com soldados armados circulando em Jeep. Foi assim até meados da década de 70, e o banditismo na cidade era quase nulo.

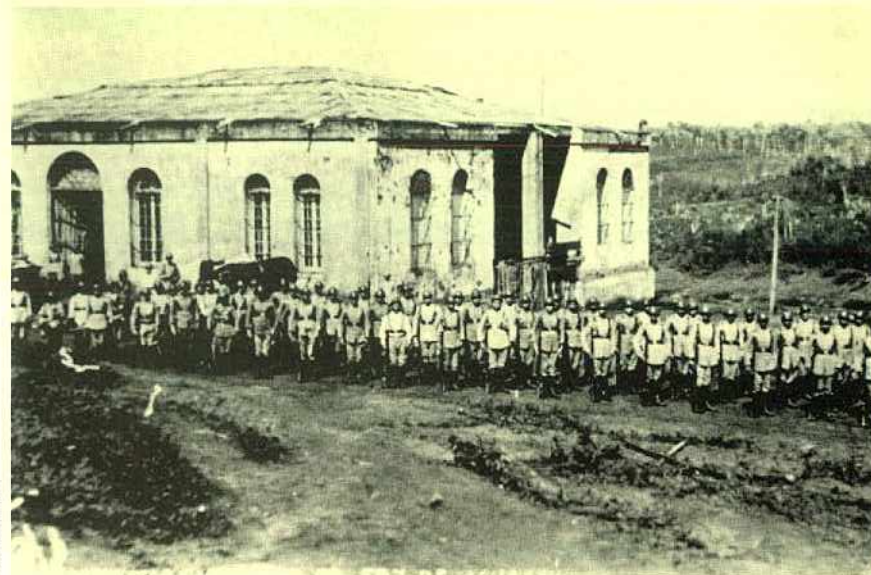
O efetivo da Companhia Independente era de cerca de 250 homens. Mas em 1943 trocou de nome e características e passou a chamar-se 1º Batalhão de Fronteira (1ºB Fron.) Teve suas instalações ampliadas para comportar efetivo de aproximadamente 700 homens.

Nova mudança ocorreu em dezembro de 1980. Trocou o nome para 34º Batalhão de Infantaria Motorizado (34º BIMtz). É 34º de uma série de mais de 70 batalhões do gênero em todo o país. Não foi só uma mudança de nome, mas também de estrutura operacional, com duas companhias de

fuzileiros, uma de apoio e outras de serviços. Cerca de 40% do efetivo é variável, formado por recrutas para o serviço militar. Os outros 60% constituem-se de oficiais e aspirantes engajados que seguem a carreira militar.

Além das instalações do quartel, o 34º BIMtz dispõe de 19 residências para oficiais e 40 para suboficiais, hotel de trânsito e terrenos em diferentes pontos do município, inclusive apreciável área de mata às margens da Estrada das Cataratas.

Da área de 118 hectares onde o quartel está instalado, cerca de dois terços constituem reserva ecológica de preservação permanente. É um velho sonho da população de Foz do Iguaçu conseguir a transferência do quartel para outro local, passando para a cidade as edificações e a reserva ecológica. Tratativas, que se desenvolvem há muito tempo, propõem permuta entre o município e o Exército. Não é conveniente para o Batalhão continuar encravado no centro da cidade. E para a cidade, dispor dessa área abriria enormes possibilidades urbanísticas, ambientais, culturais e turísticas.



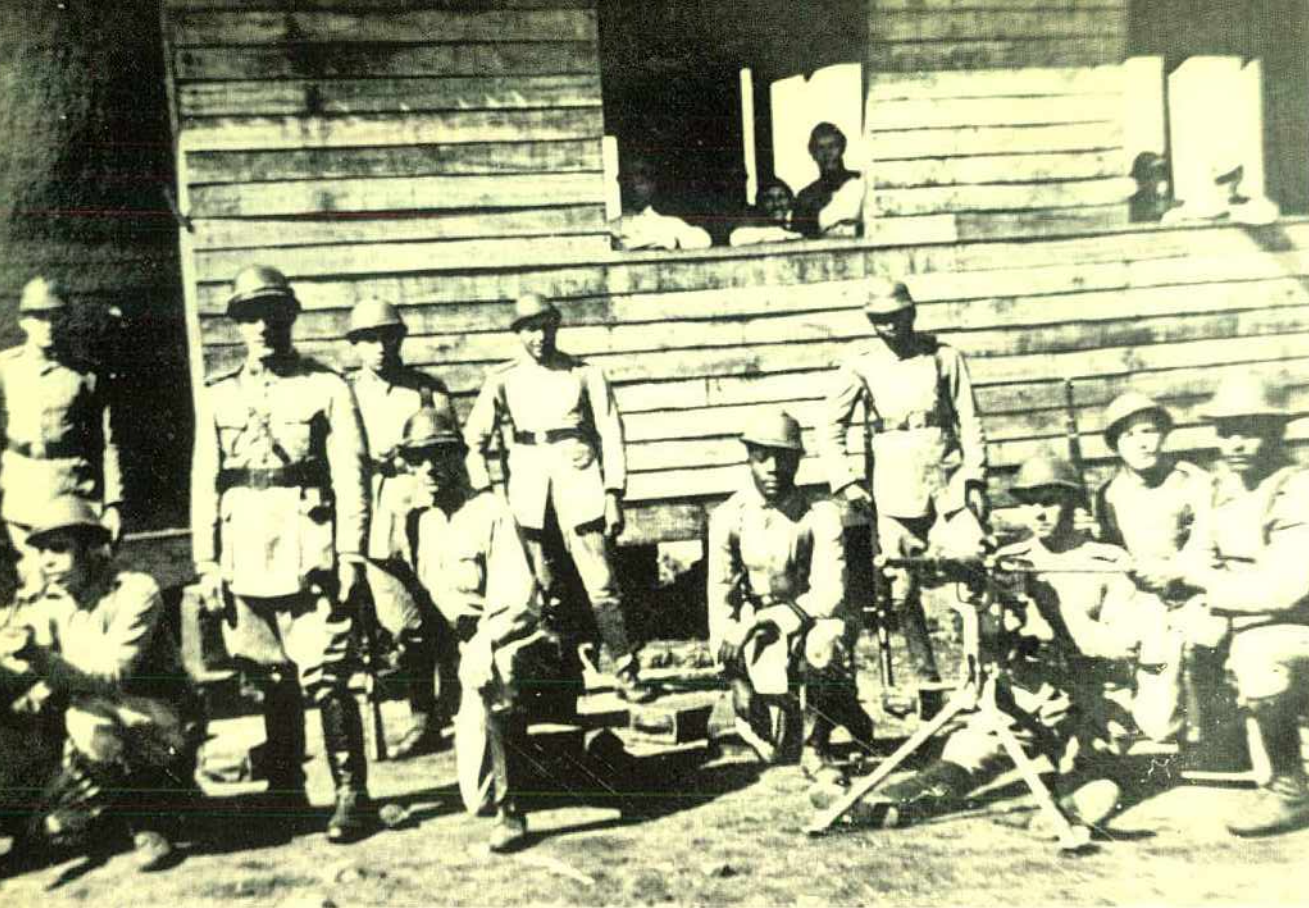
Reprodução

Companhia isolada de Foz do Iguaçu



Reprodução

Pelotão do Exército participando de desfile na subida Botafogo - atual avenida Brasil

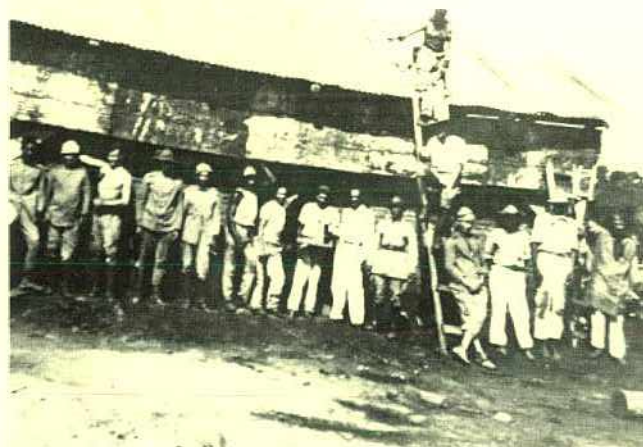


*Acampamento (casarão)
em que se instalou a
Companhia Independente
de Fronteira
em 1932*

Retratos

Foz do Iguaçu

Reprodução



*Construção do
Barracão
onde se instalou a
Companhia
Independente de
Fronteira
em 1932*

Reprodução

*O desembarque
(apreciado por populares) da
Companhia Independente da Fronteira
em 1932*



Reprodução

Reprodução



Soldados e comando da Companhia Independente posam em frente do primeiro pavilhão da Companhia Independente de Fronteira (atual 34º BIMtz) concluído no final dos anos 30

Reprodução



Operários carregam numa carroça a madeirama para escoramento na construção das instalações da Companhia Independente em Foz

Reprodução



O mestre de obra Erico Pruner na frente do pavilhão da Companhia Independente (ao fundo operários cortam pedra e rebocam paredes)

Retratos Foz do Iguaçu

Comando da
Companhia
Independente
inspeciona
andamento
da obra
do Exército
em Foz do
Iguaçu

Reprodução



Retratos Foz do Iguaçu

Itaipu

Uma divisão simplificada da história de Foz do Iguaçu tem dois períodos: antes e depois de Itaipu. Terminou a era da evolução lenta e penosa, com surtos de progresso esparsos, e deu-se ingresso numa era de abrupta e profunda transformação.

Ainda no governo JK foram feitos os primeiros estudos para o aproveitamento do potencial hidrelétrico das Sete Quedas de Guaíra, no rio Paraná, mas só em 1961, no governo Jânio Quadros, apareceu um primeiro esboço de projeto, elaborado pelo engenheiro militar Pedro Henrique Rupp. Rupp sugeriu que o rio Paraná fosse desviado para dentro do território brasileiro antes de atingir a fronteira do Paraguai, logo acima dos Saltos de Guaíra, imaginando que o Paraguai ficaria quieto e o Brasil tiraria da usina 25 milhões de quilowatts.

No governo João Goulart, em 1962, o Ministério das Minas e Energia encarregou o engenheiro Otávio Marcondes Ferraz - ministro da Viação e Obras Públicas no governo Café Filho e diretor da construção da usina de Paulo Afonso, inaugurada em 1955 - de retomar e aprofundar os estudos para a construção da "Usina de Sete Quedas". Ferraz encampou a idéia de Rupp. Propôs a construção de uma usina exclusivamente brasileira mediante a abertura de um canal de 60 quilômetros, tomando as águas acima de Sete Quedas e devolvendo-o ao leito natural logo abaixo delas, o que renderia, segundo ele, 10 milhões de quilowatts.

O Paraguai se insurgiu contra a pretensão brasileira. Com razão, porque, conforme o Tratado de Limites assinado pelos dois governos em 1872, quando no ar ainda havia cheiro de pólvora da Guerra da Tríplice Aliança, o rio Paraná pertence "em condomínio" aos dois países, no trecho em que divide as duas fronteiras. Qualquer utilização do rio, portanto, também teria que ser feita em condomínio ou, no mínimo, com a aprovação das duas partes.

O presidente Goulart não queria atritos internacionais e convidou Stroessner para um encontro no Estado de Mato Grosso. Lá os dois presidentes assinaram compromisso segundo o qual qualquer utilização das águas fronteiriças só se daria mediante consentimento e cooperação mútua entre os dois países. O governo Goulart avançou no projeto da usina no

rio Paraná ao ponto de encontrar na Rússia disposição de construir a obra empregando sua tecnologia e em condições privilegiadas de pagamento.

Não deu certo porque Stroessner não concordou em trazer para tão perto "o vírus vermelho do comunismo". E não deu certo também porque João Goulart foi deposto em março de 1964.

Em 1965, um contingente militar brasileiro penetrou no Paraguai por Guaíra, numa área cujos limites geográficos não estavam claramente delimitados de acordo com o Tratado de 1872. O Paraguai tomou a atitude como provocação e enviou tropas militares à fronteira. Houve protestos em Assunção, inclusive com a juventude do Partido Colorado invadindo e depredando a sede da Missão Cultural e Comercial do Brasil, além de queimar bandeiras brasileiras em praça pública. O Departamento de Estado do governo americano colocou o dedo nessa ferida e pediu uma solução negociada para a crise.

Foi a oportunidade para os dois países deixarem de encrencas e partir para o aproveitamento do fantástico potencial energético do rio Paraná. Em 22 de junho de 1966 reuniram-se no Hotel das Cataratas, em Foz do Iguaçu, os chanceleres do Brasil e do Paraguai. Assinaram a "Ata do Iguaçu", comprometendo-se a promover a correta demarcação da fronteira em Guaíra e proclamando "a disposição de proceder, de comum acordo, ao estudo e levantamento das possibilidades econômicas, em particular os recursos hidráulicos pertencentes em condomínios aos dois países, do Salto de Sete Quedas". Também estabeleceram que "a energia eventualmente produzida pelos desníveis do rio Paraná, desde e inclusive o Salto de Sete Quedas até a foz do rio Iguaçu, seria dividida em partes iguais pelos dois países".

Já em 12 de fevereiro de 1967, os dois governos criaram a Comissão Técnica Brasileiro-Paraguaia para a implementação do disposto na Ata do Iguaçu. O trabalho da Comissão se arrastou até abril de 1970, quando o processo evoluiu para a celebração de "Convênio de Cooperação" entre a Comissão Técnica, Centrais Elétricas Brasileiras S.A. (Eletrobrás) e a Administração Nacional de Eletricidade (Ande), do Paraguai. Em 30 de maio foi aberta

Retratos

Foz do Iguaçu

concorrência internacional com prazo até 7 de agosto para que empresas de consultoria e engenharia apresentassem propostas para a realização dos estudos conclusivos sobre o aproveitamento energético do rio Paraná.

Da concorrência nasceu o consórcio italo-americano formado pela "Internacional Engineering Company Inc.", de São Francisco, Califórnia, e a "Electroconsult SpA (ELC)", de Milão, Itália. O consórcio foi a campo e identificou dez locais viáveis para a instalação da usina, além de perto de 50 alternativas ou concepções diferentes para o aproveitamento do potencial. Postas na peneira, as alternativas se reduziram a duas: a construção de duas usinas, uma no local denominado Itaipu, e outra na localidade de Santa Maria, 150 quilômetros acima; e a construção de uma única usina. Os técnicos e os governos acabaram adotando a segunda alternativa.

O passo seguinte foi dado em 26 de abril de 1973, com a assinatura do "Tratado de Itaipu" pelos presidentes Emilio Médici e Alfredo Stroessner comprometendo-se, pois, a construir a usina. Criaram, para esse fim, a entidade "Itaipu Binacional", com diretoria empossada em maio de 1974. A entidade Itaipu Binacional partiu para a contratação das empresas de construção da barragem e do complexo eletromecânico.

Em 1975 as obras foram iniciadas. Em novembro de 1982 a barragem estava erguida. Fecharam-se as comportas e o lago foi formado, tomando o lugar de perto de 50 mil pessoas que habitavam a área de 1.800 quilômetros quadrados no Brasil e no Paraguai. Em 6 de maio de 1991, com a entrada em funcionamento do 18º gerador, a usina foi inaugurada pelos presidentes Fernando Collor, do Brasil, e Andrés Rodríguez, do Paraguai. Estava concluída a maior hidrelétrica do mundo. Seus números, referentes a dimensões e volumes, são superlativos de um gigantismo descomunal. Para dar uma idéia do impacto que teve Itaipu sobre Foz do Iguaçu, basta considerar que quando a obra foi iniciada o Município contava com pouco mais de 30 mil habitantes e que, quando de sua conclusão, contava perto de 200 mil.

Assessoria de Imprensa/Itaipu



Os presidentes ,
Ernesto Geisel
(Brasil) e Alfredo
Stroessner
(Paraguai) se
encontram na
Ponte da Amizade
para celebrar em
outubro de 1978 a
abertura do canal
de desvio do rio
Paraná.

Técnicos da
Itaipu observam
o início das
obras de
terraplanagem
na Usina de
Itaipu em 1976





*Técnico da Itaipu
acompanha o
transporte de um
rotor já dentro da
usina.*

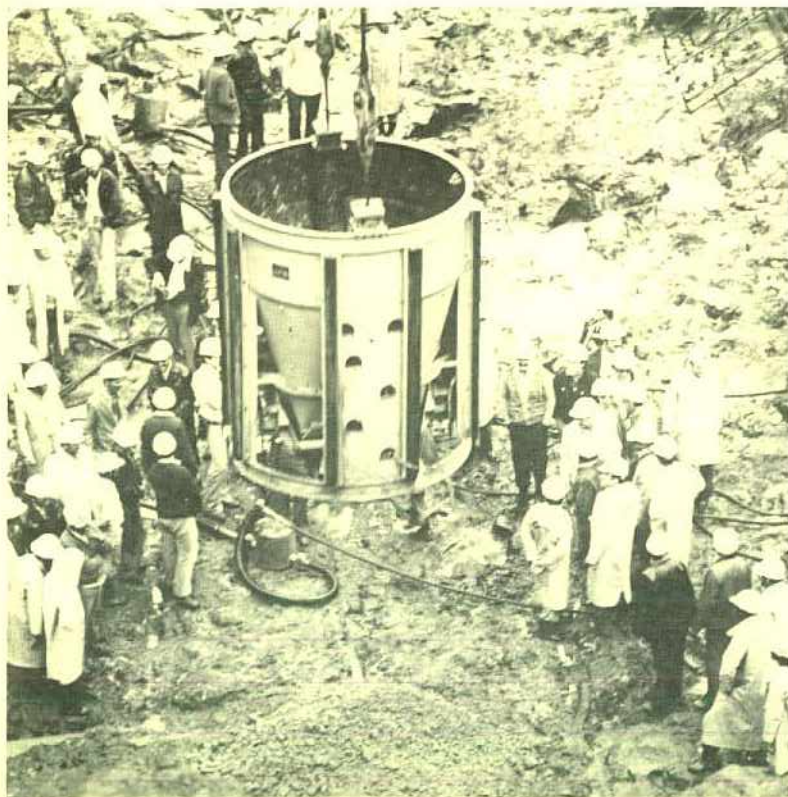
Assessoria de Imprensa/Itaipu

Assessoria de Imprensa/Itaipu



*Usinas de britagem, instaladas dentro da
usina de Itaipu que forneceram pedra britada
para a concretagem.*

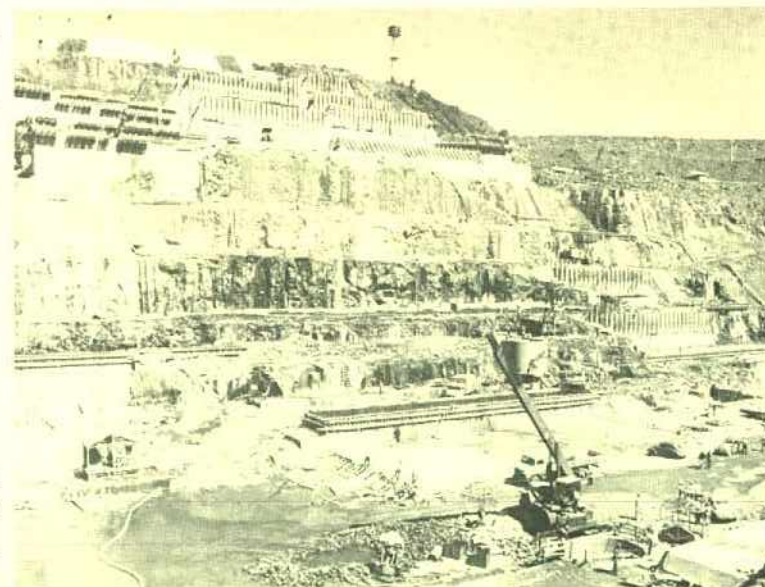
Retratos Foz do Iguaçu



*Descida da
primeira
caçamba de
concreto na
usina de
Itaipu, em
setembro de
1977.*

Assessoria de Imprensa/Itaipu

Assessoria de Imprensa/Itaipu



*Início da
concretagem da
usina de Itaipu.*



O transporte da primeira turbina interrompia o tráfego nas principais vias de ligação no Paraná

Assessoria de Imprensa/Itaipu

Retratos

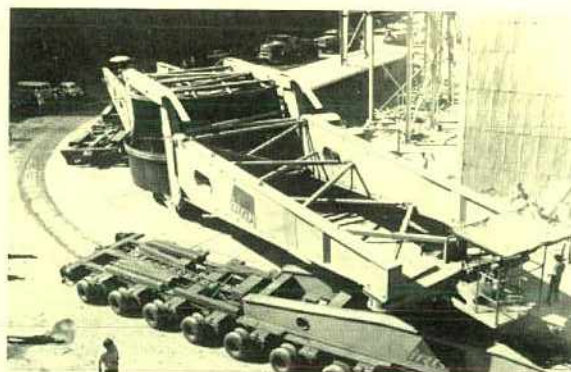
Foz do Iguaçu

Os presidentes João Batista Figueiredo (do Brasil) e Alfredo Stroessner (Paraguai), e os diretores da Itaipu Binacional, Enzo Debernadi e Costa Cavalcanti (encoberto) acionam a abertura das comportas do vertedouro em novembro de 1982



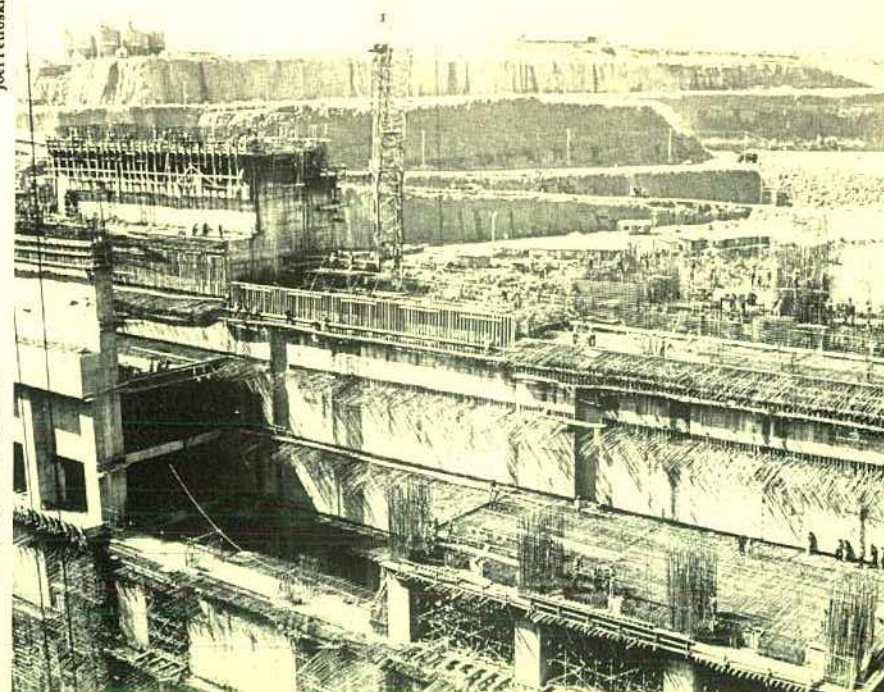
Assessoria de Imprensa/Itaipu

Assessoria de Imprensa/Itaipu

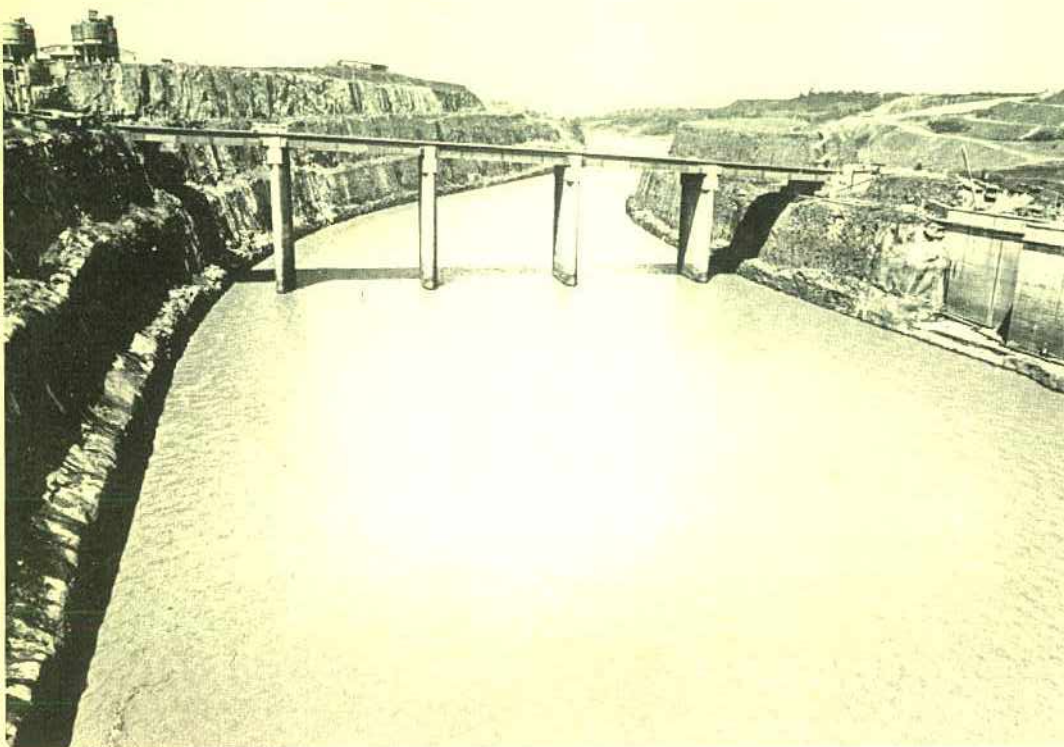


Um dos 18 rotores sendo descarregado na margem esquerda da usina.

Joel Petroski



A concretagem da usina se desenvolvia a ritmo acelerado em 1982.

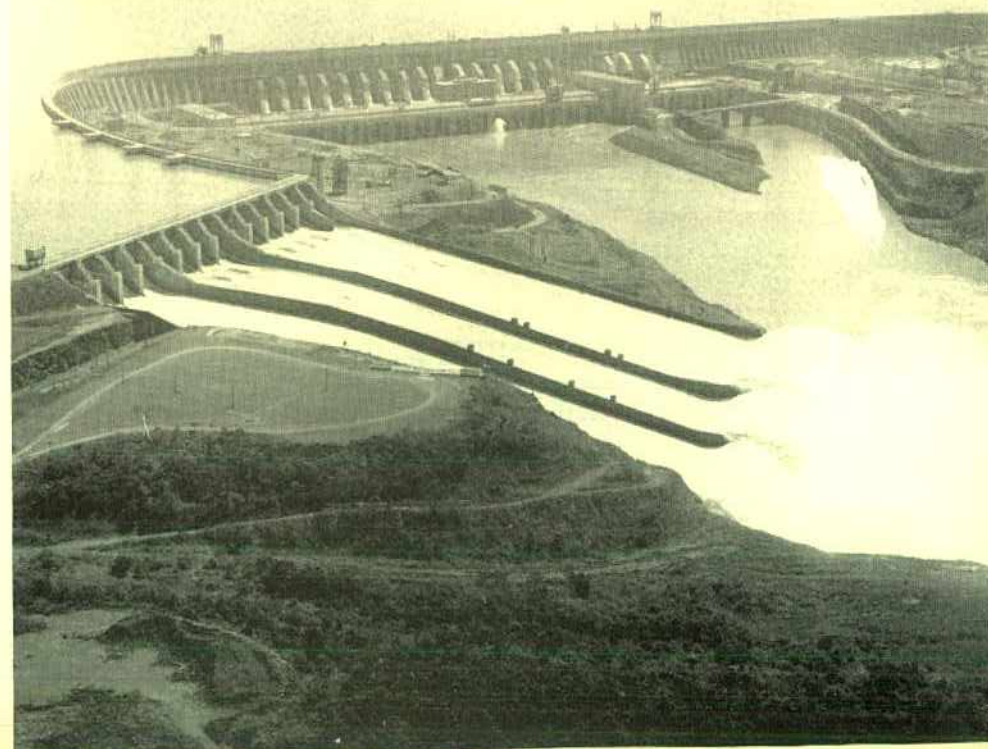


O canal de desvio do rio Paraná que possibilitou a construção da usina.

Retratos

Foz do Iguaçu

Assessoria de Imprensa/Itaipu



Vista geral da usina. A barragem tem cerca de 8 quilômetros de extensão e altura máxima de 196 metros, a Casa de Força 900 metros.

As entrevistas:

Abdul Said Rahal e Mohamed Barakat
Afonso Sauer
Agnese Betio Giovenardi
Argemiro "Marujo" dos Santos
Alfredo Brol
Alfredo Mertig
Amanda Fritzen Holler
Aníbal Abbate Soley
Antenor Carneiro de Mello
Antônio Bernardi
Antônio Bordin
Antônio José Machado
Antônio Motta
Antônio Savaris
Antônio Urnau
Capitão Cyriaco
Carlos Luiz Samways
Casemiro Domareski
Casemiro Kalichevski
Conceição Ferreira Araújo
Crecencia e Afra Roth
Dionisio Campana
Dom Olívio Aurélio Fazza
Egeu Timótheo de Brito
Elbecia (Elma) Wandscheer
Elfrida Engel Nunes Rios

Érica Welter
Ermínio Mezomo
Estanislau Zambrzycki
Etelvino Salvatti
Eugênio Venson
Eugenio Victor Villordo
Fausto "Toto" Palma
Florentino e Djanira Correia e Rosália Dias
Filomena Rafagnin
Francisco Ferreira Mota
Francisco Scherloski
Franz Kohlenberger
Galdino Moro
Genésio Rorato
Helena Lacki
Herberth Barthel
Hermenegildo Aquino
Idalino Favassa
Ilka Agripina Vera
Irena Kosievitch
Irineu Basso
Januário Machado Portinho
João Elígio Simon "Kerosene"
João Samek
José Werner
Júlio Bruczenitski

Kid Chocolate
Letícia Pasa Leopoldino
Madalena Aquino Martins
Manêncio Martins
Maria Inês Mazzacato Maran
Maria Odete Rolon
Marieta Schinke
Miguel Marques
Nina Moreira Andrion
Odilon Galeano
Osvaldo Ferraz Damião
Osvaldo Pilatti
Ottília Ignez Werner Friedrich
Ottília Schimmelpfeng
Otto Hermann Friedrich
Ozires Santos
Paulo Alberto Borne de Mello
Pedro Paulo Saucedo
Porfírio Gonçalves Araújo
Ramon Rios
Roberto Ariel Grignet
Roberto Holler
Rosa Cirilo de Castro
Sady Vidal
Tadeu Gardolinski



Aurea Cunha

Abdul Said Rahal Mohamed Barakat

"Os migrantes iam a São Paulo, enchiam algumas malas de roupas e saíam Brasil afora, de cidade em cidade, a mascatear. Assim chegaram a Foz do Iguaçu."

Um segmento importante na formação de Foz do Iguaçu é representado por uma forte colônia árabe, iniciada em 1950 e hoje integrada por cerca de 12.000 pessoas, aí incluídas também as que residem em Ciudad del Este, Paraguai. É uma história aqui contada por pioneiros dessa migração: Mohamed Barakat, 57, e Abdul Magib Said Rahal, 60. Comerciantes por natureza, os árabes formaram o grupo precursor do comércio exportador. (Juvêncio Mazzarollo)

- Como começou a migração árabe para o Brasil, e especificamente para Foz do Iguaçu?

Barakat - A migração libanesa para a América começou logo após a II Guerra Mundial, que praticamente destruiu o Líbano, a Síria e Jordânia. E o conflito árabe-israelense na qual surgiu o Estado de Israel, em 1948, arrasou o que faltava, inclusive a Palestina. As oportunidades de trabalho foram drasticamente reduzidas em toda aquela região do Oriente Médio. Como a migração para o Brasil era fácil na época, os árabes começaram a migrar para cá. Já migrar para a América do Norte, por exemplo, era difícil. O Brasil aceitava os migrantes árabes, mas queria que viessem para se dedicar à agricultura. Como os migrantes não tinham terra nem dinheiro para comprá-la, partiram para o comércio, começando como mascates.

- E como descobriram a rota para Foz do Iguaçu? Quem primeiro veio até aqui?

Rahal - Os migrantes chegavam no Brasil pelo Porto de Santos e iam para São Paulo, onde começavam a mascatear. Enchiam algumas malas de roupas e saíam Brasil afora, em várias direções, de cidade em cidade. Assim chegaram até Foz do Iguaçu.

Barakat - Os primeiros a vir para cá foram meu pai Mohamed Ibrahim Barakat, em 1950, Yusef El Nisser e Ahmad Hamad Rahal, em 1951.

Rahal - Quando se chega num lugar que começa a dar dinheiro, a tendência é permanecer ali, abrir um comércio... Assim os árabes começaram a se estabelecer em Foz, depois em Ciudad del Este e

Assunção. Eu fui o primeiro comerciante a ir até Assunção vender mercadorias brasileiras, em 1962.

- Como o senhor começou a atividade comercial em Foz do Iguaçu?

Rahal - Comecei com três dólares, mascateando daqui até Assunção, em viagens que levavam até cinco ou seis dias, porque o Brasil estava asfaltando a estrada Foz-Assunção e, quando chovia, muitos trechos ficavam intransitáveis. Ficávamos, às vezes, dias e noites no mato, sem cobertores, sem comida, até poder prosseguir viagem.

- Mas com o tempo abriu loja em Foz e deixou de viajar?

Rahal - Sim. Abri loja na avenida Brasil, e em 1968 abri loja de exportação também no centro da cidade. Mais tarde montei a Exportadora Líder perto da Ponte da Amizade e depois construí o Hotel Líder, na av. JK.

- Quais foram os seus empreendimentos mais rentáveis e que momentos melhores e piores passou?

Rahal - Sempre fui bem com todos os empreendimentos até 1994, quando entrou em vigor o Mercosul. O Mercosul prejudicou enormemente Foz do Iguaçu. O Plano Real também prejudicou, na medida em que sobrevalorizou a moeda brasileira face ao dólar e assim impôs grandes dificuldades à exportação. Nos últimos anos mais de 500 lojas fecharam em Foz do Iguaçu.

- Em que época mais se intensificou a vinda de árabes para Foz do Iguaçu? Vieram muitos ainda na década de 50, quando a migração começou?

Rahal - No fim da década de 50 havia em Foz 15 famílias árabes. Nos anos seguintes sempre foram chegando mais, atraídos uns pelos outros, por parentes e amigos. A migração se intensificou muito a partir de 1975, devido à guerra no Líbano entre árabes e judeus.

- Os migrantes árabes têm sido solidários entre si, ou era cada um por si e Alá por todos?

Rahal - Têm sido muito solidários, como, aliás, é característica do povo árabe.

- Por que os brasileiros geralmente chamam os árabes de "turcos"?

Barakat - Porque até o fim da I Guerra Mundial (1919) os povos árabes estavam sob domínio da Turquia, do Império Otomano. Então os árabes eram chamados de turcos, e os migrantes daquela época tinham passaporte da Turquia, por isso a denominação "turco" foi levada pelo mundo. Hoje é tão impróprio chamar um árabe de turco como chamar um brasileiro de português. O que há em comum entre árabes e turcos é a predominância da religião islâmica nos dois povos.

- Hoje ainda vêm migrantes árabes para cá?

Rahal - Não, desde o fim da guerra no Líbano, há uns seis anos, a migração parou. Agora só vêm árabes a passeio.

- Até em função da crise em que mergulhou Foz do Iguaçu, não está

havendo saída de árabes para outros lugares do Brasil ou do mundo, inclusive de volta aos seus países de origem?

Rahal - Não, isso não está ocorrendo. Como vamos voltar para o Líbano se nossos filhos são brasileiros? Em geral, os árabes têm suas famílias constituídas aqui, têm seu patrimônio aqui, a maioria se nacionalizou e todos estão integrados, acostumados com o Brasil e os brasileiros. O Brasil é o melhor país do mundo para viver.

Minha cunhada veio nos visitar. Jantou no Líbano, tomou café em São Paulo e almoçou em Foz do Iguaçu. Mas em 1962 eu levei 86 horas para ir de Assunção a São Paulo.

Barakat - Gostaria de fazer uma observação sobre a nossa colônia, que começou a se formar aqui há 47 anos por mascates que vieram praticamente sem dinheiro, sem conhecer a língua portuguesa nem os costumes brasileiros, que tinham como seu quartel-general o Hotel Lamarque, destruído por incêndio há uns 20 anos. Meu pai, o primeiro migrante árabe a vir a Foz, faleceu em 91 e aqui está enterrado. Nós e os que vieram depois formamos famílias grandes, trabalhamos muito, construímos Foz do Iguaçu, temos filhos formados nas mais diversas profissões, atuamos na política. E um dos nossos patrícios, Fouad Fakih inaugurou nestes dias em Foz do Iguaçu a loja mais moderna do Brasil e do Planeta. De qualquer parte do mundo, com um computador portátil, uma pessoa entra na loja Fouad Center e pode saber tudo o que ela oferece. E ele pode entrar em contato com fornecedores em qualquer parte do globo terrestre. É uma loja sem fronteiras, com produtos do mundo inteiro. Então, aquele mascate que buscava mercadorias na Rua 25

de Março, que vendia cortes por metro, teve um filho que agora inaugura em Foz a loja mais moderna do Brasil.

Rahal - É bom lembrar também que, em geral, o que os migrantes árabes ganharam aqui investiram aqui. Ao contrário de muitos brasileiros que ganharam dinheiro aqui e foram embora com ele...

Barakat - Se o governo federal quisesse ser justo com Abdul Rahal, deveria oferecer a ele milhões de reais de incentivo que não deu quando ele e tantos outros exportavam em grande quantidade produtos brasileiros.

Rahal - E é importante destacar também a participação nossa na vida da comunidade. Atuamos na ACIFI (Associação Comercial e Industrial de Foz do Iguaçu), no Conselho Comunitário de Segurança. Mohamed Barakat é vereador pela segunda legislatura, além de ter sido secretário municipal da Indústria e do Comércio. Fizemos a maior e melhor mesquita fora do mundo árabe. Temos o Clube União Árabe e mantemos duas escolas de língua árabe, uma do Centro Cultural Beneficente Islâmico, de linha sunita, junto à mesquita e outra da Sociedade Beneficente Islâmica, dos xiitas.

- Há uma estimativa de quanto por cento da atividade econômica de Foz do Iguaçu corre por conta da colônia árabe?

Barakat - Sim. É de aproximadamente 30%. E a colônia árabe vive em crise econômica, como a cidade toda está em crise.

(Entrevista inédita, maio 97)

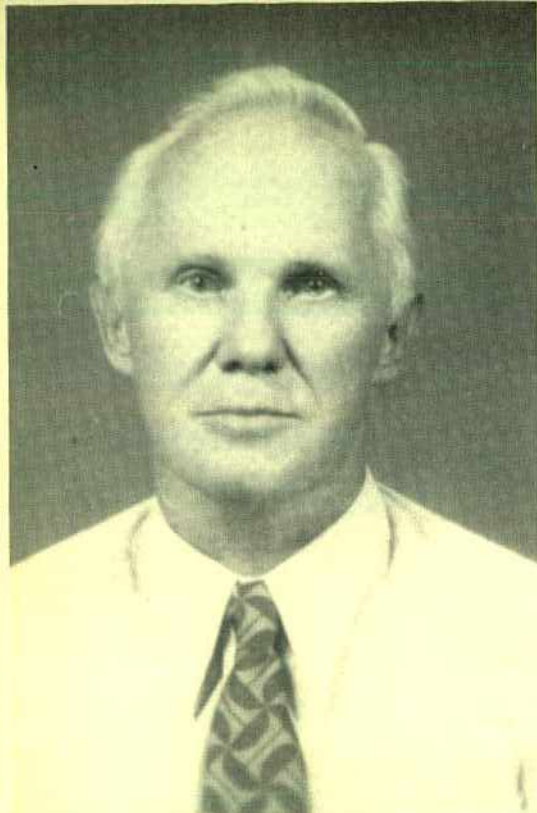


Foz do Iguaçu conheceu seu segundo ciclo econômico na extração de madeira.

Retratos Foz do Iguaçu

Vista aérea de Foz do Iguaçu de um ângulo inédito.





Arquivo da Família Sauer

Afonso Sauer

"Em 62 ou 63, vieram fazer um filme nas Cataratas e eu levei todo o pessoal. Até aquela atriz, a "Catherine Deneuve"

Afonso Sauer, nasceu dia 22 de outubro de 1923 em Mafra, Santa Catarina. Casado com Gentilina Pasa Sauer, chegou em Foz do Iguaçu em 1941, para trabalhar com o irmão Osvaldo Sauer que estava aqui desde 1938 e tinha aberto a primeira sapataria da cidade. Sauer não ficou muito tempo, em 1943 foi para São Paulo, onde se casou e voltou em 1951.

(Mônica Venson)

- O Senhor veio para trabalhar com seu irmão. Como era o trabalho na sapataria?

- Osvaldo fazia conserto mais de botas e arreio para cavalos. Eu vim para aprender o ofício, mas não aprendi nada. Aprendi apenas a fazer pequenos consertos, como sola por exemplo, mas não gostava muito.

- Por que foi embora de Foz?

- Meu irmão foi convocado para servir o Exército em Ponta Grossa, fechou a sapataria. Então em 43 fui trabalhar de motorista em São Paulo. Em 48 vim buscar a noiva para casar e voltei para São Paulo. Lá trabalhei como motorista particular. Voltei para Foz do Iguaçu em 51, como motorista de táxi.

- Por que voltou?

- Eu voltei porque me associei com meu irmão na sapataria. Ela ficava onde hoje é a Arapuã. Eu trabalhava, assim: deixava o carro em frente à sapataria e quando aparecia serviço eu pegava o carro e fazia a corrida. Isso até eu fundar o ponto um. Sapato mesmo eu consertava muito pouco.

- O primeiro ponto de táxi foi o senhor que conseguiu?

- É, primeiro eu consegui, com o Jorge Schimmelpfeng, que era prefeito na época. Consegui também o telefone número 333.

- Onde ficava o ponto um?

- Fica até hoje onde é o hotel do Pedro Basso, só que na época os carros ficavam na av. Brasil. Na época tinha pouca corrida para o pessoal da cidade.

- Quem pegava táxi, nessa época?

- O pessoal da cidade a gente pegava pouco. Eles só pegavam táxi quanto estavam doentes, para ir no médico, ou levar o médico na casa deles. Quem eu sempre levava era o padre Bernardo, que ia muito rezar missa nas chácaras e fazendas que ficavam mais longe. O grosso das corridas eram os turistas. Mesmo assim, tinha vezes que nem dava para o conserto do carro.

- Tinha muito turista?

- Não muito. Naquela época só tinha o Hotel Cassino, e quando você pegava o passageiro, se ele ia para o hotel a gente tinha que recusar o turista, porque senão ele não dava lugar para o passageiro no hotel.

- Ele, quem?

- Era o Major Acylino de Castro, ele era arrendatário do Hotel Cassino. A gente só podia carregar quando contratava com ele. Ele tinha um carro, e quando tinha passageiro sobrando para levar para as Cataratas ele chamava a gente, mas a gente recebia dele, não do passageiro. Ele era ruim nesse ponto.

- O senhor também fundou a associação dos motoristas, é isso?

- É. Eu, o Francisco Siuk, o Silvério Smah e o "Motinha" fundamos a associação. Eu fiquei como presidente durante dois anos, depois o Motinha assumiu e transformou em sindicato, ele tocou durante uns dez anos. Isso foi por volta de 53, 54.

- Quantos taxistas existiam nessa época?

- Ah! Não lembro bem. No começo mesmo era só nós três. Depois apareceu uns 10 ou 12, mas isso já em 62.

- O senhor sempre trabalhou como motorista de praça?

- Não, em 56 eu fui trabalhar no DNER (Departamento Nacional de Estradas e Rodagens) como motorista na construção da Ponte da Amizade. Não fiquei muito tempo, pedi para sair por causa de política, sabe. Eu era presidente da UDN e o pessoal lá era tudo do partido do Juscelino (Juscelino Kubistchek, presidente da República pelo PSD). Aí eu pedi para sair, achei que estava sendo perseguido.

- Então voltou a ser taxista e sempre trabalhou com um só carro?

- É, em 62 eu tinha um Aero Willys no ponto dois e depois tive um jeep no ponto três, onde moram os Favassa. Até hoje o ponto três é ali. Tive também uma kombi de seis portas. Com essa eu ganhei dinheiro. Nesse tempo já tinha o aeroporto e o Hotel das Cataratas. Quando o avião passava a noite

aqui por causa do mau tempo, ou qualquer coisa, a companhia Real S/A (hoje VARIG) pagava a gente para levar o pessoal para ficar hospedado no hotel. Levava vantagem porque na minha kombi cabiam oito pessoas e nos outros taxis só entravam cinco. Ganhava mais já que cabia mais gente na kombi.

- Como era cobrado o preço da corrida?

- Logo no começo a gente cobrava por corrida ou dependendo do carro por pessoa. Não tinha taxímetro na época.

- Chegou a transportar pessoas famosas?

- Em 62 ou 63, na época em que vieram fazer um filme nas Cataratas. Fui eu que levei todo o pessoal do filme. Trabalhava por dia para o pessoal do Hotel das Cataratas. Veio para cá aquela atriz, Catherine Deneuve.

- Tinha muita corrida para o Paraguai?

- A gente levava até a Ponte, só. Isso depois de 65. Teve até uma briga com os taxistas paraguaios. Os paraguaios vinham fazer compras no centro da cidade e a gente levava de volta até a ponte. Uma vez fui chamado no Fórum para defender a Associação. Eu disse que nós (os taxistas) tínhamos o direito de levar os passageiros até a Aduana (na Ponte da Amizade) depois de lá, aí então o passageiro era deles. Nós conseguimos ganhar a briga.

- E para a Argentina?

- Era outro trecho que a gente fazia muito, levar e trazer o pessoal que ia fazer compras em Porto Iguazú. A gente levava até o porto, eles atravessavam de bote, na volta a gente trazia as compras. Era bem mais barato para o pessoal da cidade comprar em Porto Iguazú, quase um terço do que custava aqui em Foz.

- O senhor também foi suplente de delegado, como era isso?

- Em 60 fui nomeado como 3º suplente de Delegado. O trabalho era de substituir o delegado titular da 6ª SDP quando ele viajava. Eu assumia muito pouco porque o primeiro suplente era o Mário Boff, o segundo o Vanor Moreira e só se nenhum deles pudesse assumir é que eu assumia. Então eu assumia muito pouco. Por isso fiquei mais tempo, até 62.

- Chegou a ir atrás de algum bandido?

- Eu não, quem foi atrás de bandido uma vez foi o Vanor, que foi com a camionete dele até o Mato Grosso buscar dois bandidos. Eu só assinava certificado de residência, nada mais.

- Tinha muito ladrão nesta época?

- Que nada, a gente podia deixar o carro aberto, não tinha ladrão nem bandido.

Retratos Foz do Iguaçu



Autoridades de Foz perfiladas em 1943. Entre elas, o coletor estadual, o tenente Fortes, o major Higino, o vereador Airton Ramos, tenente Aníbal, capitão Otávio e tenente Euclides.



A frota de transporte do Hotel Cassino Iguaçu em foto no final dos anos 40

(Entrevista inédita, maio 97)



Arquivo da família Giovenardi

Agnese Betio Giovenardi

*“Às dez horas desligavam a luz
e eu costurava à luz de lampião”*

A 9 de junho, véspera do aniversário de Foz do Iguaçu, Agnese Betio Giovenardi comemora o seu. Nasceu em 1910 na cidade gaúcha de Nova Bassano. Casou com Antônio Giovenardi, de Caxias do Sul, com quem teve 9 filhos (dois já falecidos) 15 netos e 6 bisnetos. Juntos viveram muitas aventuras, como a que em 1949 os trouxe a Foz do Iguaçu, onde plantaram uma árvore que não pára de se expandir. (Juvêncio Mazzarollo)

- Betio e Giovenardi são evidentemente de origem italiana. Quem veio da Itália? Seus pais?

- Meu pai veio da Itália com dois anos, lá por 1884, de Vicenza, norte da Itália, região de Vêneto. Foram direto para Veranópolis, RS, que na época se chamava “La Prima dei Gobi” (A Primeira das Corcundas”).

- Puseram-se a fazer o que no Brasil, em Veranópolis? Ou seria mesmo La Prima dei Gobi?

- Eles eram açougueiros na Itália e começaram com açougue no Brasil.

- O que seus pais contavam da Itália, da vinda para o Brasil?

- Meus pais vieram crianças, então não tinham lembranças.

- Certamente os avós não contaram a eles?

- É, é uma pena. Mas eu nasci, na verdade, em Nova Bassano, distrito de Alfredo Chaves (Veranópolis). Depois Nova Bassano passou a se chamar Silva Paes.

- Mas hoje ainda se chama Nova Bassano, e é município, mas está igual há 20 anos. E seu marido, Antônio Giovenardi, de onde era?

- Ele era de Caxias do Sul. Casamos e fomos morar em São Luiz, município de Casca. Em Marau ficamos mais seis anos, e fomos para Caçador, SC, onde montamos açougue.

- Deu certo?

- Deu certo por algum tempo, até que a aftosa atacou o gado e perdemos muitas cabeças. Comprávamos gado, colocávamos na engorda para o abate em nosso açougue. Mas a aftosa atacou e perdemos tudo. Ficamos na miséria.

- E com família grande - 9 filhos - para criar... Como saíram dessa?

- Ah, trabalhando, sempre dando um jeito. Passamos grandes dificuldades mesmo, no começo. Depois viemos aventurando. Meu marido armou uma barraquinha, comprava produtos em São Paulo e vendia na cidade de Caçador. Era o que hoje se chama camelô.

- E ao Paraná, quando, como e por que vieram?

- Inicialmente fomos para Irati. Lá ficamos menos de dois anos, e viemos a Foz do Iguaçu, em 1949.

- Como viajaram de Irati a Foz do Iguaçu, na mudança?

- De caminhão, em carona. Casualmente, um conhecido nosso de Curitiba vinha trazer mercadorias a Foz. Ele ofereceu lugar no caminhão, e nós embarcamos. A família todo viajou em cima do caminhão. A mudança era composta dos pertences de casa e algumas camas. E vieram na mudança sete dos dez filhos. Os outros estavam no seminário dos Capuchinhos da Província de Rio Grande do Sul. Um deles chegou a ser padre por dez anos. Depois saiu e casou.

- Mas vieram para Foz do Iguaçu sem sequer uma idéia do que fariam aqui?

- Não, não. Só chegando aqui é que meu marido resolveu: "vou fazer o que sei".

- E voltou ao açougue.

- Sim. Montou um açougue, mas ainda continuou vendendo roupa, tipo camelô. Montou uma barraquinha em frente a um velho cinema de madeira, "perto dos Palma", como se dizia. Houve época em que nós tínhamos três açougues em Foz do Iguaçu. Ficamos nessa atividade até que ele morreu, em 1964. Eu ajudava nos açougues e também costurava. Quem fez as instalações da Frimesa (Frigorífico de Medianeira S/A) foi meu marido, "seu" Giovenardi.

- Quando se instalaram em Foz com açougue, em 1949/50, havia geladeira para as carnes?

- Lembro bem que a primeira geladeira para o açougue compramos em 1954. Lembro porque quando morreu Getúlio Vargas (25 de agosto de 1954), nós já tínhamos instalado geladeira. Antes só podíamos abater os animais cuja carne fosse vendida no mesmo dia, ou então para fazer lingüiça, salame...

- Como era a cidade quando aqui chegaram há 46 anos?

- Não sei nem dizer como era a cidade. Nesta rua (Marechal Deodoro) e na Santos Dumont havia só algumas casinhas. O centro da cidade era uma buraqueira e mato por toda parte. Eram poucas as casas boas na cidade. A maioria eram simples, simples, quase todas de madeira. Era difícil encontrar em Foz casa com forro. Três

anos depois que estávamos aqui cons-truímos nossa casa. Meu pai realizou, então, seu grande sonho de ter seu cantinho, seu lote e sua casa.

- Seu marido, a senhora ou sua família se envolviam na política da cidade?

- Não, nunca ligamos, nunca fomos políticos. Bem, também não havia muita política aqui. Mas a paixão política do "seu" Antônio Giovenardi era o getulismo. Ele chorou amargamente o dia inteiro quando Getúlio Vargas morreu. Dizia que "suicidaram ele". Meu marido só sabia as partes boas do Getúlio. As ruins, ele nem tomava conhecimento.

- E quanto à religião?

- Ah, sempre fui muito católica. Meus filhos dizem que foram criados debaixo da batina de padre e freira.

- Nas décadas de 50 e 60, como se ganhava dinheiro em Foz do Iguaçu, além do açougue, claro?

- Com madeira, principalmente...

- Contrabando de café... E o turismo? Alguém se dedicava ao turismo para ganhar a vida, fazer dinheiro?

- Bem pouco. Era só o pessoal do Hotel Cassino Iguaçu.

- Quando a senhora foi ver as Cataratas pela primeira vez?

- Logo que chegamos aqui. Uma das primeiras coisas que fizemos foi ir às Cataratas. Fomos em caminhão de madeira, a família toda, num domingo. Era costume naquela época o pessoal da cidade ir fazer

piquenique nas Cataratas. Iam de manhã, almoçavam lá e voltava à tardinha. Aos domingos as Cataratas ficavam lotadas de gente da cidade que ia passear.

- Era o ano de 1949. A trilha de concreto que conduz até o rio já existia?

- Já. Mas o elevador, ainda não. O elevador foi feito na década de 60.

- Em 1968 a família, ao menos em parte, inclusive a senhora, saiu de Foz do Iguaçu...

- Meu marido havia falecido em 1968. As coisas não iam muito bem em Foz do Iguaçu, então fomos para Curitiba, onde estava um filho meu. Mas não deu certo em Curitiba, e fomos para São Paulo. Um filho meu que havia trabalhado na construção da Ponte da Amizade, na construtora Sotegge, terminada a obra a empresa voltou para São Paulo e ele foi junto. Em São Paulo ficamos 15 anos.

- Como terminaram indo para Vitória, no Espírito Santo?

- Meu filho foi trabalhar na ESCELSA (Espírito Santo Centrais Elétricas S/A) e eu mais minha filha fomos para lá também. Estamos em Vitória há 13 anos, mas eu venho a Foz do Iguaçu sempre que posso.

- Mas vamos lembrar mais dos tempos antigos de Foz do Iguaçu. Por exemplo, como era ficar sem energia elétrica todas as noites, a partir das 10 horas?

- Como eu ajudava muito no açougue, costurava à noite. Quando cortavam a luz eu costurava à luz de vela ou lampião. Mais tarde consegui o lampião a gás, o famoso "liquinho". Certa vez, meu marido andava de

bicicleta e um cachorro atravessou na frente, derrubando bicicleta e tudo. Meu marido quebrou a clavícula e ficou 40 dias engessado. Tive que tomar conta do açougue - não o deixei fechado um dia sequer.

- "Seu" Antônio Giovenardi morreu de quê?

- Morreu de câncer no pâncreas, em Curitiba, em 1964. Dois anos antes, também em Curitiba, faleceu meu filho, aos 16 anos, e eu vim de avião de lá até Foz com o corpo dele. Depois, novamente, acompanhei o corpo do marido no avião que o transportou de Curitiba a Foz do Iguaçu. Quando chegamos no aeroporto fiquei impressionada com o número de pessoas que aguardavam. O enterro dele foi muito emocionante, foi acompanhado pela maioria do povo da cidade. Ele era uma pessoa muito boa. No fim da vida, era um São Francisco.

- Um santo...

- Era bom e trabalhador. Com os filhos era exigente, queria tudo certinho, mas era muito bom. Ajudava muito os pobres. No aeroporto, para receber o corpo, e no enterro, o que tinha de gente pobre para despedir-se dele...

- A senhora gostaria de voltar a morar em Foz do Iguaçu?

- Gostaria, mas se não fosse tão quente no verão. Para minha saúde, o clima de Vitória é melhor.

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu", 94)



Argemiro “Marujo” dos Santos

*“Chegamos em Foz do Iguaçu e o capitão Mendes disse: “É aqui Foz do Iguaçu”.
E eu: “Mas como? Não estou vendo nada!”*

Seu nome é Argemiro dos Santos, mas de todos é conhecido por “Marujo”, notável no mar e no rio Paraná, notável também no esporte e na música. Nasceu no Rio de Janeiro em 1926, aqui casou com dona Guilhermina, com quem teve os filhos Darley, Vanderley e Fátima, aqui vive continuando a história de aventuras e feitos que conta nesta entrevista. (Juvêncio Mazzarollo)

- Como começou a vida do “Marujo”, ou Argemiro dos Santos?

- Tive uma infância pobre no Rio, de menor abandonado, como se diria hoje. Nem mesmo conheci meus pais. Trabalhei como engraxate e me abriguei na Casa dos Esportes. Quando tinha uns 15 anos, foi lá um fazendeiro de São Paulo buscar gente para trabalhar na fazenda dele e eu fui. Aos 18 anos voltei ao Rio novamente como engraxate. Foi quando fiquei sabendo que a Marinha convocava voluntários para a Segunda Guerra Mundial. Eu me apresentei, fui admitido e enviado à Escola de Marinheiros.

- E foi à Guerra?

- Não propriamente à Guerra, mas buscar uma tropa da FEB na Itália. Era para embarcar no navio Camaquã, mas este afundou, então fomos no navio Duque de Caxias. Do Rio fomos direto até o Estreito de Gibraltar. Passamos por Portugal, França e Itália, onde estava a tropa da FEB.

- Como foi a viagem?

- Boa. Tínhamos que catar minas no mar. Junto viajava uma tropa de militares italianos cujo navio afundou, por isso estavam retidos no Porto de Santos. O governo brasileiro aproveitou nossa viagem para mandá-los de volta à Itália.

- Cumprida essa missão, o que o senhor passou a fazer?

- Voltei à Escola Naval. Em 1949 vi na parede da Escola uma convo-

cação: “Quem quer ir para Foz do Iguaçu?” De Foz do Iguaçu eu sabia das Cataratas porque na Cinelândia havia um desenho delas, ruim por sinal. Resolvi topar o desafio. Viemos eu e um certo capitão Mendes.

- A viagem deve ter sido uma epopéia? Como vieram do Rio até Foz do Iguaçu?

- Fomos até São Paulo de trem maria-fumaça. Ficamos lá duas semanas esperando o trem que nos levaria até Ourinhos e de lá até Porto Epitácio. Aí disseram que iríamos até Guaíra de barco. Eu nunca tinha ouvido falar de Guaíra, nem das Sete Quedas. De Guaíra fomos até Porto Mendes naquele trenzinho que hoje está exposto em Guaíra. E de Porto Mendes até Foz viemos no navio Cruz de Malta, que transportava erva-mate para a Argentina.

- Enfim, chegaram em Foz do Iguaçu. Que impressão teve do lugar?

- Chegamos ao Porto Iguaçu e o capitão Mendes disse “é aqui Foz do Iguaçu”. E eu: “Mas como? Não estou vendo nada!” Na barranca do rio Paraná estavam o batalhão do Exército e a Marinha numa velha casinha de madeira. Na Marinha éramos eu, o comandante Pimentel, o capitão Mendes e um artilheiro. No dia seguinte, o comandante me mandou buscar leite a cavalo na propriedade de um tal de Samek. Então vi o que era Foz do Iguaçu: uma casinha aqui, outra ali, mato por todo lado. A vida foi indo, foi indo, eu fui ficando, casei, tive três filhos que criei na base do feijão com arroz.

- Mas que história é essa de que a Marinha era composta de apenas quatro pessoas?

- É verdade. Aumentou o contingente depois com a vinda do Corpo de Fuzileiros Navais por causa de uma provocação dos paraguaios, que seqüestraram um companheiro nosso, que chamávamos de Alemão.

- Os paraguaios seqüestraram um marinheiro brasileiro? Como foi isso?

- O Alemão estava fazendo guarda no rio Paraná. Veio um barco paraguaio e seqüestrou o Alemão com seu barco. O comandante Pimentel foi ao Paraguai negociar a devolução, mas nada conseguiu, então pediu reforço. No dia 7 de setembro de 1950 chegou o Corpo de Fuzileiros. Saltaram de pára-quedas e tomaram conta do rio Paraná. Foi uma provocação do Paraguai, que inclusive mandou um pelotão de reforço de Encarnación.

- Os paraguaios se renderam? Devolveram o Alemão e o barco brasileiro?

- Sim. Mais tarde, porém, num jogo de baralho, o Alemão foi morto por paraguaios.

- Que outras histórias tem para contar de sua vida de marinheiro, da Capitania dos Portos do rio Paraná?

- Havia naquela época muito contrabando entre Brasil e Paraguai. O que hoje é Receita Federal era Mesa de Rendas, que pedia ajuda à Marinha para reprimir e prender contrabando de farinha, café, cachaça... Certa vez fomos prender um contrabando de cachaça paraguaia Aristocrata, no Porto Britânia, perto de Toledo. Prendemos o contrabando e carregamos num caminhão. Na viagem para Foz do Iguaçu, naquela

estrada estreita e poeirenta, nosso caminhão se chocou com outro que levava uma mulher doente para Céu Azul. No acidente eu quebrei uma costela.

- O senhor ficou na Marinha até quando?

- Até 1978, quando me aposentei. Para efeito de aposentadoria, quem trabalhava na fronteira contava dois anos para cada ano de trabalho. E nós que participamos da repartição da FEB ainda estamos lutando por uma promoção nos quadros da Marinha para melhorar a aposentadoria. Eu tenho Diploma da Medalha de Serviços de Guerra dado pela Marinha em 1958, e diploma deve valer alguma coisa, não?

- Outro campo em que o senhor se destacou foi como músico...

- Sim. Comecei a aprender música na fazenda em que trabalhei em São Paulo. Quando veio a Foz do Iguaçu o Corpo de Fuzileiros Navais havia entre eles um tal de Alípio que tocava pistão. Eu tocava bombardino, então procuramos outros músicos e formamos um conjunto. O que tocamos em carnaval e outras festas não está escrito. Toquei com muita gente boa. Nosso conjunto tocava em todas as cidades da região, principalmente em Cascavel. Íamos até Pato Branco, inclusive. Toquei com o Nico, com o Chapéu de Palha, Zé Américo, Os Senhores do Samba. E não dá de esquecer do conjunto Os Pitungas Boys, formado por mim, Roberto Simões, o falecido Toto Palma, Darci Werner.

- E o Marujo esportista também tem suas glórias como jogador de futebol. Quais são seus grandes feitos futebolísticos?

- Ainda no Rio de Janeiro, havia um time de Niterói, o Biro da Fonseca, nome de um bairro de lá, que tinha o famoso atacante Zizinho, com quem dizia-se que ninguém podia. Foi craque do Botafogo, jogador rebelde, criador de caso dentro e fora do campo. Quando algum time jogava contra o time dele em Niterói vinham me buscar de barco para que eu fosse jogar e marcar o Zizinho. Comigo ele não tinha moleza, não. Também joguei em São Paulo, quando lá trabalhei por volta de 1939/40. Joguei em várias cidades de São Paulo, sem ganhar nada, só por esporte e amor à camisa. Ganhava comida e passagem de trem. Se o jogo era no domingo tinha que embarcar na sexta-feira para São Paulo. Viajava tomando conhaque...

- Jogava na Palestra Itália mas, pelas fotos na parede de sua casa, é santista.

- Sim, sou torcedor do Santos.

- Mas aqui em Foz do Iguaçu o craque Marujo deixou que marcas nos gramados?

- Quando cheguei, em 1949, dona Elisa Vera foi me receber com flores no porto, porque eu vinha com fama de ser bom jogador de futebol. O futebol aqui mexia com a cidade inteira e todos os clubes me queriam em seus times. O Capitão Cyriaco, da Marinha, me fez jogar no Iguaçu, time fundado por ele. Depois saí e joguei muito no ABC Esporte Clube. Joguei muito também em Cascavel. Fui inclusive um dos fundadores do Tuiuti Esporte Clube. Em Foz fui tricampeão pelo ABC.

- Quais eram mesmo os times de futebol

de Foz do Iguaçu nas décadas de 50, 60?

- Havia o ABC, o Guairacá (dos militares do Exército), Iguaçu, Industrial Madeireira.

- Jogavam também contra times do Paraguai e da Argentina, não?

- Muito. No dia 7 de setembro era tradição virem times do Paraguai e da Argentina para um torneio. E nas datas nacionais deles nós íamos jogar lá. O Brasil sempre ganhava. Nunca perdemos nesses jogos. O povo todo ia ao estádio, até porque a entrada era franca. Infelizmente hoje não se fazem mais aqueles jogos no Dia da Pátria. Aquele torneio deveria voltar. Eu também fui muitas vezes jogar em Assunção. Jogava pelo Desportivo Desayuno. Vinham me buscar de carro quando havia jogos. Também joguei muito em Posadas, Argentina. Vinham me buscar de Jeep. Chovia muito. Viajamos com correntes nas quatro rodas, com pás e picaretas para tirar o Jeep dos atoleiros. Saímos de Foz na sexta-feira e chegamos a Posadas no domingo, na hora do jogo, e eu tive que entrar em campo assim mesmo.

- Que fim levou os "Pitungas"?

- Os Pitungas Boys acabou. Agora só temos um trio: eu no pistão, o professor Gil na guitarra e órgão, e o Toninho no órgão eletrônico. Nossa música é universal.

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - Edição de 19/03/94)



Ney de Souza

Alfredo Brol

*"Dei um tiro mas o tigre não morreu e vinha para me comer vivo.
O Mezzomo jogou sua arma e matei o bicho com um tiro na testa".*

Nascido em 1918, em Lajeado-RS, Alfredo Brol migrou para Foz do Iguaçu em 1936, numa aventura que era apenas o começo de uma história repleta de bravuras, valentias e desafios ao perigo e à própria morte. Ele venceu todas as batalhas sempre encarando a vida como se tivesse ainda muitos tigres para derrotar, numa luta sempre temperada pela alegria e a coragem.
(Juvêncio Mazzarollo)

- O que fazia a família Brol no Rio Grande do Sul e por que resolveu migrar para Foz do Iguaçu?

- Meu pai tinha um bar, em Lajeado, e eu era tropeiro. Transportava produtos agrícolas com uma tropa de mais de 40 burros. Encalhava a tropa como encalha caminhão em estrada de barro. Ia até Porto Estrela, em Lajeado, em viagens que duravam um dia e meio ou dois. As mercadorias eram então passadas a barcos no rio Taquari. Nossa vinda para Foz do Iguaçu? Foi assim: Meu pai era louco por uma caçada. Ouvia muitas histórias sobre o Oeste do Paraná, veio ver, gostou e resolveu se mudar para cá. Mandou os filhos na frente. Viemos com tropa de cavalos e mulas. Levamos mais de 40 dias percorrendo os piores caminhos possíveis no meio do mato. Houve uma grande enchente que fechou passagem por rios, derrubou árvores no meio das estradas e picadas. Tivemos que fazer pontes com troncos de árvores para a tropa poder passar. Quando chegamos a Barracão fazia dias que não comíamos.

- O motivo principal pelo qual seu pai decidiu mudar para Foz foi a caça?

- Acho que foi o principal motivo, sim. No Rio Grande do Sul já não havia caça. Bem, então nós viemos na frente para desbravar, achar um canto para montar acampamento. Foi difícil. Não tínhamos o que comer senão a caça e nem havia como ganhar algum dinheiro. Pensamos em voltar logo para o Rio Grande do Sul, mas não havia como. Meu pai só veio de mudança um ano depois, em 1937.

- Foi nessa caravana que veio a família de Ermínio Mezomo?

- Sim. Veio uma porção de gente. Eu e o Ermínio viemos solteiros. Aqui eu casei com a irmã dele e ele casou com uma irmã minha.

- O que fazia nos primeiros tempos de vida nova, terra nova?

- Pela experiência que tinha como tropeiro, comecei a trabalhar com carroça.

- Fazia frete com carroça?

- Isso mesmo. Depois fiz uma criação de porco, mas os tigres comeram todos os porcos que eu tinha.

- Onde estava instalado o chiqueiro?

- Praticamente dentro do Parque Nacional do Iguaçu, que ainda não havia sido criado pelo governo - foi criado em 1939. Quando chegamos do Rio Grande do Sul atravessamos o rio Iguaçu acima das Cataratas. Viemos como bugres. E aí ficamos lutando, pererecando... A cidade era uma quicença, com umas ruazinhas cheias de mato, umas casinhas de madeira, na maioria habitadas por paraguaios. Fomos aguentando. Dos que vieram naquela época poucos estão vivos, entre eles eu, que estive às portas da morte três ou quatro vezes.

- Mas que história é aquela de que os tigres devoraram sua criação de porcos?

- Eu deixava os porcos soltos no meio do mato. Mas, soltos ou no

chiqueiro, vinham os tigres, matavam e devoravam os animais.

- E o senhor, com sua valentia, não se arriscava a enfrentar os tigres?

- Enfrentei e matei vários tigres. A história do primeiro tigre que matei foi assim: um cachorrinho nosso começou a latir no meio do mato, em sinal de que havia encontrado algum bicho bravo. Fui ver. Lá estava o tigre trepado numa árvore. Dei um tiro, porque não tenho medo de nada, sou louco mesmo, meio fora da bola. Era um tigre enorme, que dois homens não carregavam. Quando dei o tiro, ele tonteou, caiu no chão e veio contra mim. Eu, sem tempo de recarregar a espingarda, tive que me defender a coronhadas na cabeça da fera. E o cachorro fazia sua parte, mordendo e rasgando o tigre com os dentes. Um pouco à distância estava o Ermínio Mezomo. Vinha com um pau para me ajudar. Eu gritava: Ermínio, corre, que o tigre vai me comer! Minha espingarda quebrou. Ermínio me jogou a dele, dei um tiro na testa do tigre, que caiu morto. Na luta abriu-se uma clareira de uns dez metros no mato.

- Conta mais uma de suas caçadas.

- Um segundo tigre matamos quando ele estava trepado numa árvore. E outro quando fomos pescar no rio Iguaçu, de barco. Encontramos uma capivara morta por um tigre. Armamos uma trampa e no dia seguinte lá estava a fera presa pelas patas, urrando. Disparamos o único tiro de bala que tínhamos e erramos. Então disparamos seis tiros de chumbeira. O animal só ficou tonto e mais furioso. Eu disse ao meu irmão: você fica aqui com a canoa, que eu jogo a corrente da trampa no rio, o animal vai junto e vamos

afofá-lo. O tigre caminhava dentro do rio. Eu, segurando a trampa, ia junto rio abaixo, até que o tigre morreu.

- Matavam tigres para quê?

- Só para tirar o couro e vender aos turistas. Os turistas vinham a Foz do Iguaçu de avião e iam até às Cataratas de carro pé-de-bode, e nós ganhávamos algum dinheiro vendendo couro curtido por nós mesmos de animais caçados no Parque. Também vendíamos muito couro de cobras na Argentina. Certa época vivíamos também de um contrabandozinho de gasolina.

- Mas os animais se vingavam comendo suas porcadas...

- É. Inventei de fazer roça e criar porco. Quando eu tinha umas 80 porcas de cria, aconteceu uma seca braba. Para completar a desgraça, certa noite vieram os tigres e me deixaram com meia dúzia de porcas. Fechei as que restaram no paiol, mas o tigre foi lá e acabou com tudo.

- Os tigres matavam e comiam ou só estraçalhavam os animais?

- Comiam tudo ou arrastavam para o mato para comer depois. Matavam porcos de 80, 90 quilos e levavam para o mato. Muitas vezes fui acompanhado por tigre no meio do mato. É difícil um tigre atacar uma pessoa se não se sente ameaçado ou agredido. Só acompanha a gente, mas dá um arrepio...

- Quando o governo criou o Parque Nacional vocês ainda estavam lá dentro?

- Sim, mas tivemos que sair, sem pressa. Ainda assim sobrou um pedaço de terra que tinha fora do Parque. Aí me pus a trabalhar com

carroça, puxada por sete ou oito burros. Tinha mais de uma carroça. Puxava pedras para o calçamento da Estrada das Cataratas, lá por 1940. Levaram dois anos para calçar toda a Estrada. Era uma picada por baixo da mata. Nas Cataratas só havia um hotelzinho de madeira velha.

- Depois disso...

- Abri uma mercearia ali onde hoje está a Distribuidora Mezomo. Depois eu vendi ao Ermínio Mezomo aquela mercearia e comprei um caminhão para buscar mercadorias em Laranjeiras do Sul, Guarapuava e Ponta Grossa. Era um Ford ano 36. Levava 40 dias ou mais de viagem. Às vezes atolava o caminhão e tinha que descarregá-lo para sair do atoleiro e depois carregar de novo. Chegava em casa sujo como um porco, mas na maior festa. Acabei formando uma empresa de transporte - a "Pontagrossense" - com um sócio que acabou me logrando e tomando tudo de mim.

- Mas não se entregou...

- De maneira nenhuma. Fui a Ponta Grossa montar restaurante. Fui bem. Então montei hotel em Guarapuava. Aí dei de comprar caminhão novamente. Mas esse caminhão só quebrava, e perdi tudo outra vez. O pouco que tenho agora consegui me virando por aqui há uns 20 anos. O pior de minha vida, porém, foram as doenças.

- Doenças? Que doenças?

- Doenças e acidentes. Tive câncer na garganta e na nuca, problemas graves na coluna. E quem sempre me curou disso e outros problemas foi uma curandeira, de nome Inês, que mora no bairro São Francisco. Cura com

novenas a Nossa Senhora de Lourdes e operações invisíveis. Ela teve aparições de Nossa Senhora pedindo que se pusesse a fazer curas, senão iria morrer. Ela diz que conversa todas as noites com Nossa Senhora.

- O senhor não se tratou com médicos?

- Tentei com médicos, mas eles me chutaram. Disseram que não havia remédio para meu câncer nem para a dor na coluna. Em Curitiba, os médicos me deram 30 ou 40 dias de vida. Eu ouvi quando eles disseram isso às minhas filhas.

- E levou o maior susto?

- Que susto, que nada. Nem dei bola. Disse comigo: vou lograr esses médicos e não vou morrer. Fui a vários curandeiros sem conseguir resultado. Finalmente, com dona Inês fiquei bom. Eu nunca tive medo de nada. Certa vez, quebrei a cara. Recebi duas facadas na barriga. Fui levado à Santa Casa, que não tinha anestesia. Amarraram meus braços e pernas na mesa de operação e os médicos me cortaram e costuraram a frio - eu dando gritos a quadras de distância.

- O que há mais no seu estoque de bravuras?

- Valentia fiz no Paraguai, onde trabalhei como administrador de fazenda. Enfrentei paraguaio de tudo quanto foi jeito. Tenho histórias que não posso contar.

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - Edição de 20/03/96)



Reprodução

O tamanho da jibóia (por volta de 10 metros) nas mãos de 4 homens e 1 mulher em foto de 30.

Harry Schinke



Uma das famosas fotos de seu "Harry" Schinke (o provável primeiro flagrante de fotojornalismo em Foz. Em 1925, a coluna Prestes havia abandonado a cidade. Teve comemorações com foguetes e um deles atingiu a igreja que incendiou-se.

Retratos Foz do Iguaçu

O primeiro carrinho de sorvete na década de 50

Reprodução



Harry Schinke

A primeira instalação da Santa Casa Momssenhor Guilherme (criada em 1938) com seu corpo de enfermagem e pacientes num dia de sol



Reprodução

A avenida Brasil (na época subida Bota Fogo), em 1938, aos fundos o prédio do grupo escolar, hoje ocupado pela Coletoria Estadual.

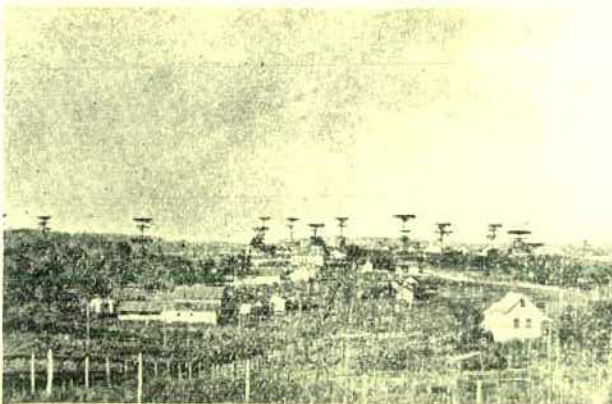


Arquivo da família Vera

Destacamento do Exército Brasileiro (chamado de amarelos) posa com populares no Marco das Três Fronteiras depois da partida da Coluna Prestes em 1927

Retratos

Foz do Iguaçu



Reprodução

Foto identificada como da década de 30. Foz ainda exibia seus pinheirais

Reprodução



A pesca era abundante na década de 20 nas águas do rio Paraná. O peixe (Mangaraju ou Surubi) era do tamanho de um homem.

Colonos na década de 30 cortavam a mata e ocupavam o solo, algumas árvores tinham dois metros de diâmetro.

Reprodução





Reprodução Gazeta do Iguaçu

Alfredo Mertig

*"Peguei peixe de 70 quilos no rio Paraná,
mas vi pegarem jaú de 105 quilos"*

Numa chácara próxima ao Cemitério Parque Iguaçu, à época desta entrevista residia uma dessas raras pessoas nascidas em Foz do Iguaçu no início do século. Trata-se Alfredo Mertig, nascido em 1914 - ano de criação do Município. Os avós de Alfredo migraram da Alemanha para Foz do Iguaçu, em 1908. Mertig, um testemunho de vida com a mesma idade da sua cidade natal. (Juvêncio Mazzarollo)

- Soube por que seus avós vieram da Alemanha para o Brasil?
- Meu avô sempre teve vontade de ter um moinho de fubá. Ele montou o moinho de fubá aí onde está o Hotel Lanville, no bairro Boicy. Era um moinho de mó de pedra, movido a água do rio Boicy.

- E havia milho para ele moer em Foz do Iguaçu naqueles tempos?
- Havia muito. Chegava a apodrecer porque não tinha a quem vender. Depois, por inveja, botaram fogo no moinho dele. Queimaram tudo, mas ele reconstruiu.

- Quando criança, o senhor teve oportunidade de estudar?
- Não, nunca fui à escola. Meu pai me ensinou alguma coisa, mas nem cheguei a aprender a ler e escrever direito. Sofri bastante por isso, principalmente por não saber fazer contas. Eu trabalhava em construção. Quando me pediam orçamento era um problema para mim.

- Que lembra de quando era criança? Alguma coisa o marcou muito?
- Lembro de quando vieram os revolucionários, em 1924, quando todo mundo fugiu para a Argentina. O pai nos levou para lá, depois voltou para cuidar das nossas coisas. Eu nem sabia direito o que estava acontecendo. Alguns conhecidos nossos que foram para lá arrumaram uma casa e nós fomos morar com eles. Éramos cinco irmãos e ficamos

lá com a mãe. Fizemos um barulho grande. Todo mundo ficou com medo, pensando que os revolucionários iam matar a todos. Mas quando chegaram e viram aquilo disseram que quem tinha fugido devia voltar, porque não ia acontecer nada de mal a ninguém.

- Quando o senhor era criança e jovem, a família chegou a passar necessidade? Ou ao menos comida e festa não faltava?
- Era uma vida bastante pobre, mas o essencial não faltava. Meu pai trabalhava na cidade de marceneiro. Trabalhou na marcenaria dos pais. Inclusive foi ele quem fez os bancos da Igreja São João Batista. Eu era ainda criança quando papai comprou esta terra onde moramos hoje. Naquele tempo comprava-se terra a preço de banana. Meu pai comprou 30 hectares aqui, mas depois, quando foi feita a medição, verificou-se que era bem menos. Eu, quando casei, fui morar na cidade.

- Quem era sua esposa? Fazia o que ela?
- Era Júlia Silva, também nascida em Foz do Iguaçu. Tive três filhos com ela. O mais velho, Carlos, está aqui comigo, outro vive em Ponta Grossa e o terceiro, o caçula, é falecido. Morreu aos doze anos.

- Bem, mas o senhor teve sua família, seus filhos, sua patroa...
- É, mas depois de viver junto durante 34 anos com a Júlia, nos desentendemos.

- E se separaram?

- É, mas depois de viver junto durante 34 anos com a Júlia, nos desentendemos.

- E se separaram?

- Sim. Ela trabalhava de lavadeira em casa. Uma filha que ela tinha de um primeiro casamento morava em Curitiba e certo dia foi visitá-la. Enquanto esteve em Curitiba, eu, para melhorar a casa, facilitar o trabalho dela, puxei água da rua, porque para lavar roupa ela tinha que tirar água de um poço de quinze metros de fundura. Mas ela, quando voltou de Curitiba, disse que não lavaria mais roupa e que iria trabalhar de diarista. Fez isso e depois foi trabalhar de zeladora na Escola Bartolomeu Mitre. Eu, para facilitar as coisas para ela em casa, fiz um fogão de tijolo que era uma maravilha, mas ela não quis e o demoliu. Depois fiz um tanque de tijolo e também ela demoliu a marretadas.

- De que pessoas importantes de Foz do Iguaçu lembra?

- Do Jorge Schimmelpfeng, o primeiro prefeito.

- Que fama tinha ele? O senhor tinha que conceito de Jorge Schimmelpfeng?

- Eu sei que o pessoal gostava dele. Eu o conheci quando eu era muito novo. Sei que ele era muito respeitado.

- E de religião, o que o senhor tem para dizer?

- Eu era de religião evangélica. Minha religião se chamava Nova Testamentária, que tinha sede em Buenos Aires. Em Foz do Iguaçu essa igreja foi fundada por um pastor inglês. Naquela época não havia nenhuma religião evangélica aqui. A Nova

Testamentária foi a primeira. Meus pais eram ateus. Para eles, tudo era só natureza. Nós nos criamos assim. Mas eu depois me converti.

- Essa Nova Testamentária chegou a ter templo em Foz do Iguaçu?

- Sim, ficava no Boicy. Quando o pastor viajava eu tinha que tomar conta, dirigir os cultos, fazia visitas aos crentes. Os seguidores eram um grupo pequeno. Hoje não existe mais. Nosso guia de doutrina era a Bíblia. Eu ia muito às comunidades e famílias do interior do município dirigir reuniões onde se lia a Bíblia, se falava de Deus.

- Hoje o senhor ainda tem ligação religiosa ou virou ateu de novo?

- Nada de ateu. Eu creio em meu Deus firmemente. Senti e sinto a presença dele em mim. Não digo que ele me apareceu, mas já senti muito a presença dele.

- Como sente a presença de Deus?

- Sinto a presença dele na minha saúde, na minha tranquilidade, em conversas com pessoas crentes. Apesar de ser analfabeto, eu gosto de falar de Deus e de ouvir. Gosto de falar de minha experiência com Deus e das bênçãos que tenho recebido.

- Poderia dar um exemplo?

- Na noite em que minha esposa faleceu, em Curitiba, sonhei com ela.

- O senhor nem mesmo sabia que ela estava doente?

- Não, ela não estava doente. Na noite em que faleceu, ela foi à Igreja Batista, que

freqüentava em Curitiba. Rezou e cantou. Estava bem. Foi para casa e se fechou no quarto para dormir. No dia seguinte, como não levantava, a filha dela foi verificar e a encontrou morta na cama. Deve ter sofrido ataque do coração ou do cérebro.

- Mas que sonho o senhor teve com ela naquela noite?

- Sonhei que nós estávamos juntos num terreno novo e muito bonito que havíamos comprado. No sonho, passeávamos juntos entre duas fileiras de pés de bananeira, eu dizendo para ela que precisávamos capinar aquele terreno. Olhei para cima e vi um cacho de banana cortado bem rente ao tronco, num corte preciso como se tivesse sido feito por uma navalha bem afiada.

- O senhor não tem histórias de pescarias ou caçadas dos seus tempos de juventude?

- Eu ia muito pescar no rio Paraná, com amigos ou sozinho. Voltava no clarear do dia. Cheguei a pegar peixe de 70 quilos, mas vi gente pescar já de 105 quilos. Quando peguei o peixe de 70 quilos eu ainda era solteiro. Eu e um amigo trouxemos o peixe pendurado às costas por uma estaca para mostrar ao pessoal.

- O que diz do mundo de hoje, da vida de hoje, do comportamento das pessoas?

- Bem, eu creio na Bíblia Sagrada, e o Senhor Jesus disse que o mundo em pecado ficou, e o homem, de mal vai a pior. É o que está acontecendo. O que está escrito está se cumprindo. Eu creio na palavra de Deus.

- Acredita que depois da morte teremos o

quê?

- Jesus Cristo prometeu aos seus fiéis que eles vão estar com ele. E eu espero que vou estar com ele porque sinto a presença dele em mim. Sempre procuro fazer como ensina a Bíblia Sagrada. Quando alguém erra ou me pisa no pé, eu deixo. Quando eu já estava separado da mulher, um pregador da minha igreja disse: "Homem sem mulher não vale nada". Aí eu me afastei da igreja, porque antes que me joguem fora eu saio. E fui. Saí da igreja. Enquanto voltava para casa, naquele dia, perguntei: "Senhor, e agora?" Lembrei da passagem do Evangelho em que Jesus, depois de ressuscitado, encontrou o apóstolo Pedro e lhe perguntou três vezes: "Pedro, tu me amas?" Perguntou três vezes porque Pedro tinha negado a Jesus três vezes. Pedro respondeu que sim, que amava Jesus. Então Jesus lhe disse: "Apascenta minhas ovelhas e siga-me". É isso que eu tenho que fazer.

- E sua saúde, às vésperas de completar 80 anos, como vai?

- Estou bem, mas tenho a visão fraca, e a respiração também está enfraquecendo...

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - Edição de 10/09/1994)



Aurea Cunha

Imagem viva do heroísmo vivido pelos pioneiros da construção de Foz do Iguaçu, Amanda Fritzen Holler nasceu em Montenegro, RS, em 1917. Migrou com a família para Foz do Iguaçu quando tinha 12 anos. A vida dela pessoalmente e da família foi de desafios, dificuldades e até foi visitada pela tragédia, mas foi em frente sempre, vencendo, como conta aqui. (Juvêncio Mazzarollo)

Amanda Fritzen Holler

"Casei de novo com Bernardino Etelvino Velho, sargento do exército que depois envolveu-se com subversão e guerrilha no MR-8."

- Como se deu a migração da família Holler do Rio Grande do Sul para o Paraná?

- Em 1923, Miguel Mate, um colonizador do Oeste do Paraná, andou por Montenegro oferecendo terras e incentivando agricultores a virem para cá, com mil promessas de um grande futuro. Meu pai e outros agricultores vieram ver. Meu pai gostou e comprou 200 hectares na área onde hoje está o Aeroporto Internacional de Foz do Iguaçu. Era para fazer a mudança em 1924, mas Foz do Iguaçu foi invadida pelos revolucionários da Coluna Prestes, então só viemos em 1926, quando eles já haviam ido embora. A viagem de mudança durou doze dias. Fomos de caminhão até Posadas e de lá viemos de barco até o Porto Meira. Viemos numa caravana de quinze pessoas (pai, mãe e doze filhos, mais um cunhado casado com minha irmã mais velha). Eu tinha doze anos.

- Como começaram a vida aqui?

- Ao chegar nos hospedamos na casa de João Schlogel. Meu pai tinha dinheiro porque vendeu a terra no Rio Grande do Sul. Só que aqui não havia o que comprar. As mercadorias vinham de carroça de Guarapuava. Quem trazia vendia racionado. Nós comprávamos um saco de arroz e outro de feijão, mas isso, para uma família grande como a nossa, todos mortos de fome, dava só para alguns dias.

- A família se instalou na terra que seu pai havia comprado na área do atual aeroporto?

- Não. Lá era tudo matagal e meu pai achou que não dava para colocar a família. Comprou então um terreno onde hoje está o Centro Pastoral Shalom, onde havia um bananal que nos ajudou contra a fome. Ninguém de nós falava português, por isso vivíamos isolados e desinformados. Não sabíamos, por exemplo, que o pessoal ia comprar na Argentina e que nós podíamos fazer o mesmo.

- A barreira da língua, então, foi um problema sério para vocês?

- Meu pai morreu sem aprender português. Quando tínhamos algum problema a resolver, alguma providência a tomar, tínhamos que ir à procura de alguém que entendesse alemão e português.

- Mas aos poucos começaram a se organizar e produzir?

- Sim. Derrubamos mato e fizemos roça, mas produzíamos quase só para comer. Vender qualquer coisa era difícil. Eu vinha à cidade vender frutas e verduras e aí percebi que devia aprender português. Minha mãe gostou da idéia, porque assim haveria pelo menos uma pessoa na família sabendo português.

- Conseguiu aprender português?

- Não, porque eu tinha que ficar em casa cuidando dos irmãos pequenos enquanto meus pais trabalhavam na roça. Quando eu estava com 14 anos tinha nada menos que oito irmãos crianças.

- Mas acabou aprendendo português. Como conseguiu?

- Fui aprendendo uma palavra aqui, outra ali, com o tempo e no contato com as pessoas. Por não saber português passei por uma situação engraçada. Minha irmã ia fazer a primeira comunhão e precisava de uma fita branca para enfeitar o vestidinho. Saí para vender algumas coisas e consegui o dinheiro. Fui à lojinha do Cândido Ferreira e pedi: "Quero fica pranca", ao invés de "fita branca". Ele não entendia e passou a me mostrar tudo o que tinha na loja. Aí chegou Augusto Werner, que sabia alemão e português, e resolveu o problema.

- Na sua juventude havia como se divertir, em festas ou bailes?

- Não havia clubes até 1928, quando fundaram o Oeste Paraná Clube. Antes as festas e bailes eram feitos em casas de família. Mas eu era muito ligada à Igreja, era filha de Maria, participava de tudo, ajudava nas festas. As festas de São João Batista eram sempre muito bonitas. As procissões também eram concorridas.

- Casou com que idade? E como começou a vida da nova família?

- Casei com João Holler aos 22 anos de idade e continuamos trabalhando na roça. Depois, meu cunhado Roberto Holler instalou um armazém à beira da estrada das Cataratas, perto do rio Tamanduá. Depois o Roberto montou mercearia na cidade, no bairro Boicy, e nós compramos a mercearia dele na Estrada das Cataratas. E foi lá, em 1949, que aconteceu uma tremenda tragédia.

- Tragédia?

- Sim, tragédia, uma desgraça. Meu marido João foi assassinado por assaltantes

paraguaios. Foi no dia 4 de agosto de 1949. Ao entardecer estávamos tomando chimarrão e os filhos pequenos se jogavam no colo do pai. Eu os repreendi, mas ele disse: "Deixe que brinquem, são meus filhos". Naquele momento ele mostrou um carinho incomum com as crianças. Pelo que aconteceria em seguida, parecia que ele estava se despedindo. Jantamos. Chegou um bêbado e meu marido abriu o bar na parte da frente da casa. Logo chegaram dois paraguaios pedindo cachaça. Percebi que estavam nervosos. Não fazia calor, mas eles suavam. Desconfiada, eu pedia em alemão ao meu marido que os mandasse embora e fechasse o bar. Ele não deu importância. De repente entrou outro paraguaio e começaram a atirar contra meu marido, que correu para fora mas morreu em seguida. Eu corri com as crianças para o mata. Os bandidos entraram na casa, reviraram tudo e roubaram o que puderam carregar. O crime chocou a cidade.

- Os bandidos foram presos?

- Desde então, sempre que a polícia prendia algum criminoso ou suspeito, eu era chamada à Delegacia para reconhecimento. Foi assim que, nove meses depois, a polícia prendeu um bandido paraguaio, fui lá e reconheci nele um dos assassinos do meu marido. Ficou preso só dois anos.

- Com três crianças e sem marido, a senhora teve um tremendo desafio pela frente, não?

- Ficamos traumatizados. As crianças então... Eu trabalhava dia e noite. Mudei a mercearia do rio Tamanduá para o bairro Boicy, com ajuda do sogro. Os viajantes também me ajudaram - ofereciam mercadoria para eu

pagar quando pudesse. Eu fazia o prazo de pagamento. E eu mesma fazia a escrita fiscal. Uma vez veio o fiscal e me multou. Eu recorri, no Rio de Janeiro, e ganhei a questão. Não precisei pagar. Chegou um fiscal na loja e eu disse: "Fiscal só quero ver de costas". Mas ele havia vindo me trazer a notícia de que eu ganhara a questão.

- Sabe-se que a senhora é uma grande costureira também....

- Sim. Hoje não costuro, mas costurei muito, para a família, os vizinhos, fazia vestidos de noiva, bombacha (artigo que não se encontrava aqui e quem quisesse tinha que mandar vir do Rio Grande do Sul). A máquina de costura ficava atrás do balcão da loja. Quando não havia freguês para atender, eu costurava. Costurava à noite. Muitas vezes, costurando, vi o dia amanhecer.

- Viu o desafio, encarou e venceu.

- Graças a Deus! Quando perdi o marido, uma amiga me disse que eu não conseguiria criar os filhos e sugeriu que os entregasse a alguma família. Outras aconselhavam-me a voltar à casa dos pais. Eles aceitariam, mas moravam no sítio. Se eu fosse para lá, os filhos não poderiam estudar - e eu queria que eles estudassem.

- Mais tarde se casou de novo?

- Casei com Bernardino Etelvino Velho, com quem tive o filho Domingos Jorge Velho, advogado.

- Bernardino Velho é uma figura lendária, não?

- É. Foi sargento do exército, depois envolveu-se com subversão e guerrilha no

MR-8. Era um homem muito caprichoso. Tinha uma horta e queria plantar tudo alinhadinho, bonitinho. Usava um barbante para fazer retinhas as filas de tomate, cenoura, alface. Perdia muito tempo nisso. Ele com a horta, e eu com a loja. E eu tinha sempre que ajudá-lo. Depois ele teve roça em Santa Terezinha e eu fui à falência com a loja. Ele queria que eu vendesse tudo, inclusive os filhos do meu primeiro casamento, e fosse morar no sítio com o nosso filho Domingos Jorge. Não aceitei, e aí não deu mais certo.

- Ele seguiu seu caminho e a senhora o seu?

- Sim.

- Onde anda Bernardino Velho?

- Não sei.

- A senhora se virou como, então?

- Mesmo falida, mantive as portas da loja abertas até pagar todas as contas. Paguei todo mundo e então fechei a loja.

- E a máquina de costura não teve mais folga...

- Não teve mais folga. Passei a costurar e cuidar da Casa de Hóspedes do governo do Estado. Fiz isso durante 29 anos.

- E seus filhos, onde estão?

- O Írio é diretor do Departamento de Urbanismo do Município; Guido, o mais velho, é aposentado pelo Banco do Brasil e mora em Porto Alegre; a Ilca mora aqui e o Domingos é advogado em Foz do Iguaçu.

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - Edição de 18/07/93)



Ney de Souza

Aníbal Abbate Soley

*"Nasci e cresci na região de Encarnación.
Meu pai, filho de italianos, era fabricante de cachaça".*

Nascido no interior do Paraguai em 1931, Aníbal Abbate Soley transferiu-se ainda jovem para Assunção.

Estudava e fazia política dentro do Partido Colorado.

Chocou-se com o ditador Stroessner se exilando em Foz do Iguaçu de onde não mais sairia. Aqui colocou-se entre os que inauguraram o comércio exportador, a segunda maior força econômica do município.

(Juvêncio Mazzarollo)

- Como começa, ainda na infância e na juventude, a história de Aníbal Abbate Soley?

- Nasci e cresci na região de Encarnación. Meu pai, filho de italiano, era fabricante de cachaça. Faleceu quando eu era criança. Na juventude fui a Assunção estudar, e já me envolvi em política, no movimento estudantil do Partido Colorado. Fui presidente do Grêmio Estudantil da Escola de Comércio e membro da direção do Centro Acadêmico da Faculdade de Ciências Econômicas, onde estudei dois anos. Veio a revolução de 1947, e eu, com 17 anos, fui à revolução.

- Que revolução? De quem contra quem?

- Foi uma insurreição dos partidos Liberal, Febrerista e Comunista contra o governo do general Higinio Morinigo, do Partido Colorado. Como colorado, eu apoiava Morinigo, que venceu. Em seguida Morinigo caiu, assumindo Natalício González, depois o general Rolón, Frederico Chávez e, finalmente, Alfredo Stroessner.

- Em 47, Stroessner também, como colorado, lutou ao lado do presidente Morinigo. E o senhor, então, lutou ao lado de Stroessner?

- Sim. Ele era meu chefe na revolução de 47, quando nós, do movimento estudantil colorado, fomos à revolução como tenentes, mesmo não sendo militares. Quem quisesse lutar a favor do governo entrava no Exército como tenente. Stroessner era nosso comandante militar. Conhecia minha família e tinha um trato especial

com ela. Terminada a revolução, fui ao regimento pedir a Stroessner que abrisse alguma oportunidade aos ex-combatentes. Não fui atendido, então briguei feio com ele.

- Nos contatos que teve com Stroessner ele lhe dava alguma indicação da figura sinistra que viria a ser no governo do Paraguai?

- Não. Creio que ele disfarçava bem sua índole. Jamais imaginei que ele poderia vir a ser o carrasco que foi. Não demonstrava essa tendência à barbárie. Ao contrário, era pessoa aberta, compreensiva, com bom senso. Certa ocasião me disse que não queria chegar às mais altas posições. Invocava a máxima "quanto mais alto maior o tombo". Dizia: "O importante é sustentar quem está por cima".

- Em que posição o senhor estava quando Stroessner tomou o poder em 1954?

- Era vice-presidente da Seccional 17 do Partido Colorado, em Assunção, e presidente do Setor Jovem. Trabalhava como inspetor geral do IPS (Instituto de Previdência Social). Eu era contra Stroessner assumir o poder. Em nossas reuniões dizíamos que Stroessner era "a fruta podre do coloradismo". Mas ele assumiu o governo e nós, mesmo contrariados, apoiamos até 1959. Stroessner revelou-se um traidor. Exemplo clássico foi a traição a Epifanio Méndez. Méndez era presidente do Banco Central no governo Frederico Chávez e deixou o cargo para ajudar Stroessner na conspiração para

derrubar o presidente. Stroessner era um jovem militar de quem se esperava muito.

- O primeiro rompimento de colorados com Stroessner ocorreu em 1959. O senhor esteve entre os dissidentes. O que houve em 1959, afinal?

- Numa reunião da cúpula do Partido Colorado, chamada Junta de Governo, um grupo de 17 membros assinaram um documento defendendo a necessidade de uma abertura política. A partir daí começou a perseguição. Nós, os dissidentes, passamos a viver nos escondendo, até o ponto em que não foi mais possível viver no Paraguai.

- Nos primeiros cinco anos o regime de Stroessner não foi tão violento e repressivo como viria a ser depois?

- Não, não foi. No começo todos apoiavam o presidente, na esperança de que conseguisse a união do Partido Colorado e governasse democraticamente. Nada disso aconteceu. Começaram as rupturas e com elas as perseguições, violências, torturas, mortes e exílios.

- A parte que tocou a Aníbal Abate Soley foi o exílio no Brasil, em Foz do Iguaçu. Como veio parar aqui?

- Fui à Embaixada da Argentina em Assunção e consegui asilo. Fiquei alguns meses na Argentina e vim para Foz do Iguaçu, em novembro de 1959. Nessa leva, mais de uma centena de paraguaios fugiram do país.

- Por que preferiu o Brasil, Foz do Iguaçu, à Argentina?

- Havia viajado muito pelo Brasil.

Conhecia São Paulo. Tinha as melhores impressões sobre o Brasil. E não gostava da Argentina, nem sei por quê. Um amigo, Alejandro Barudi, vivia em Foz do Iguaçu e me convidou a vir pra cá. Junto comigo veio Alejandro Stumpf. Pouco depois foi feita uma reunião de exilados paraguaios em Corrientes, Argentina, e lá fundamos o Movimento Popular Colorado (Mopoco). Alguns exilados voltaram ao Paraguai e foram presos, torturados, mortos. Eu só pisei de novo no Paraguai em 1984, quando o Mopoco organizou um ensaio de volta de exilados. Fomos até Assunção, mas logo tivemos que sair.

- No exílio em Foz do Iguaçu, começou fazendo o que para sobreviver?

- Instalei comércio de secos e molhados - a loja Califórnia. Depois tive posto de combustíveis e mais tarde me estabeleci com comércio de exportação, na loja que mantenho até hoje, a Extel - Exportadora de Tecidos, a primeira do ramo de exportação criada na cidade.

- Como era a vida de exilado paraguaio em Foz do Iguaçu?

- Todos se conheciam e viviam na maior alegria e amizade. Havia dificuldades por falta de infraestrutura. Não havia telefone, o fornecimento de energia elétrica era muito precário, mas a vida era mui linda, sem miséria, com segurança... e muitos paraguaios. Creio que a metade da população era paraguaia.

- O senhor veio do Paraguai exilado em 1959, e já em 1964 houve o golpe militar no Brasil. O regime militar brasileiro,

aliado de Stroessner, criou algum problema aos exilados paraguaios?

- Passamos a ser mais controlados. Sempre que Stroessner vinha à fronteira, fosse em viagem oficial ou para pescarias, nós éramos recolhidos ao quartel do Exército em Foz do Iguaçu. Temiam algum atentado contra o ditador. Nossos passos eram permanentemente seguidos pelos órgãos de informação e repressão dos dois países. À medida que foram se firmando os regimes militares na América do Sul, criaram um intercâmbio de informações e ações repressivas que teria sua expressão mais evidente a partir do início da década de 70, com a famosa Operação Condor.

- A propósito, foi como vítimas desse esquema que o senhor e outros exilados paraguaios em Foz do Iguaçu foram seqüestrados em 1974 por elementos da repressão política brasileira, a serviço também de Stroessner?

Os exilados paraguaios sempre conspiraram contra Stroessner. Em fins de 1974 chegou ao conhecimento do governo paraguaio que os exilados teriam um plano de assassinar Stroessner numa parada cívico-militar em Assunção. Preventivamente, foi desencadeada brutal repressão, em que companheiros nossos foram presos, torturados e mortos.

- E vocês, em Foz do Iguaçu, seqüestrados?

No final de novembro de 74 fomos seqüestrados em nossas casas por agentes da repressão brasileira e levados até o interior de Goiás. Só fomos libertados depois do Natal daquele ano. Foi uma estupidez. Fomos

interrogados, e só. Acho que nos levaram sem saber por que e para quê. Deve ter sido para dar uma demonstração de simpatia e solidariedade a Stroessner.

- O senhor casou em Foz do Iguaçu?

- Quando saí do Paraguai já namorava a Cristina, que continuou morando lá. Casamos em 1961 - no civil, em Assunção, por procuração, e no religioso em Foz do Iguaçu. Tivemos quatro filhos, todos nascidos e registrados no Brasil.

- Como entender que o Paraguai tenha aturado a ditadura de Stroessner por tanto tempo, quase 35 anos?

- Outros regimes militares na América do Sul aboliram os partidos políticos, mas Stroessner foi mais esperto - ficou com o poderoso Partido Colorado para ter sustentação política, à qual acrescentou a militar, mediante efetivo e autoritário controle das Forças Armadas e da Polícia. Com essas forças mais a repressão violenta contra os opositores e o apoio externo, Stroessner se perpetuou no poder.

- Até que enfim foi derrubado por um cúmplice. Que explicação tem para o golpe desferido contra Stroessner pelo general Andrés Rodríguez em 1989?

- Rodríguez deu o golpe por auto-defesa. Se deixasse a situação correr como estava cairia na mesma desgraça em que caíram outros que ameaçaram fazer sombra ao ditador. Naquele momento, ou rolava a cabeça de Rodríguez ou a de Stroessner. Rolou a de Stroessner, felizmente.

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - Edição de 05/10/93)



Ney de Souza

Antenor Carneiro de Mello

"O Aeroporto era o que hoje é o Clube Gresfi. A pista, de chão batido, ficava impraticável quando chovia"

Na história da aviação em Foz do Iguaçu, Antenor Carneiro de Mello é um dos principais protagonistas. Aos 14 anos ingressou na carreira da aeronáutica que coroaría em Foz do Iguaçu em 25 anos na gerência local da Varig. Em Foz casou com Lídia Aurora Penaio de Melo, com quem teve os filhos Marcelo, Carlos Ricardo e Juliana.

(Juvêncio Mazzarollo)

- Como começou sua carreira na aviação civil?

- Aos 14 anos de idade comecei a trabalhar na Real Transportes Aéreos, no Rio de Janeiro, como office-boy. Logo passei para o setor de reservas, onde fiquei até 1960, quando fui mandado a Brasília para ficar três meses, mas acabei ficando seis anos. Retornei ao Rio e, em 1967, a Varig, que havia comprado a Real e me manteve na empresa, pediu que viesse a Foz do Iguaçu gerenciar a agência local.

- A Real Transportes Aéreos foi a primeira empresa de aviação a operar em Foz do Iguaçu. Qual é o histórico dessa empresa?

- Foi fundada em 1946 pelo comandante Lineu Gomes. Ele adorava um jogo de azar. Mas para ele era jogo de sorte, porque, segundo contam, com o que ganhou em jogo comprou os dois primeiros DC-3 da empresa. Aliás, o distintivo que escolheu para seus aviões era o desenho de um curinga de baralho. A empresa se expandiu rapidamente porque, terminada a Segunda Guerra, havia muitos aviões no mercado americano e a Real comprou vários. No Brasil, a Real chegou a dominar a aviação comercial, mas, talvez por deficiências na administração, começou a ir mal e acabou vendida à Varig, que até então operava só no Rio Grande do Sul. Inicialmente, a Varig comprou as linhas internacionais da Real, que voava para o Japão e Estados Unidos.

- Foz do Iguaçu o senhor conheceu quando veio para trabalhar,

em 1967, ou já tinha vindo antes?

- Visitei Foz do Iguaçu pela primeira vez em 1958. Vim visitar um amigo que trabalhava no Banco do Brasil. Vim com autorização para me hospedar no Hotel das Cataratas, que acabava de ser inaugurado. Ao desembarcar, o gerente local da Real me aconselhou a não ir ao Hotel das Cataratas porque faltava combustível na cidade e poderia ficar confinado lá nas Cataratas. Então me hospedei no Hotel Basso.

- E nove anos depois viria para ficar em definitivo....

- Sim. Fui convidado por um diretor da Varig para vir gerenciar a agência de Foz do Iguaçu. Era solteiro, não tinha grandes compromissos e aceitei. Assumi o cargo em setembro de 1967 e só sai quando me aposentei, em 1991.

- Como foi o começo de suas atividades em Foz do Iguaçu?

- O Aeroporto era o que hoje é o Clube Gresfi. A pista, de chão batido, ficava impraticável quando chovia, e isso prejudicava muito a regularidade dos vôos. O sistema de comunicação era precário. Mas a pista do novo aeroporto (o atual Aeroporto Internacional de Foz do Iguaçu) ficou pronta pouco tempo depois que eu havia chegado, mas o Departamento de Aviação Civil (DAC), do Ministério de Aeronáutica, não liberava seu uso. Aliei-me então a Adolfo Lopes, gerente de Agência de Viagens de Egeu Timótheo de Brito, que representava a empresa área Sadia (hoje Transbrasil),

e fomos à luta para conseguir do DAC autorização para utilizar a pista do novo aeroporto. Conseguimos.

- E como se deu a mudança para a nova pista de pouso e decolagem?

- Nós, da Varig, fizemos a mudança a toque-de-caixa. Erguemos um barracão lá para guardar material e contratamos vigia. Era tudo muito precário. Nem telefone havia. Tivemos que instalar um sistema VHF para nos comunicar com a cidade, onde ficava o controle meteorológico da FAB. Os primeiros meses foram difíceis, mas logo a Varig operou com aviões maiores - Convair 240 e DC-6 - em Foz do Iguaçu. A FAB também se transferiu para o Aeroporto Internacional, mas a rádio-farol, que orienta a aproximação das aeronaves, continua na cidade, por uma questão estratégica dos três países da fronteira, no sentido de evitar interferências.

- Que evolução apresentou a aviação em Foz do Iguaçu a partir daí, em matéria de porte dos aviões e movimento de passageiros?

- Em 1969, a Varig começou a operar aqui com os Electra 2, com capacidade para 22 passageiros. Inicialmente fazia dois vôos semanais para Assunção, depois passou a fazer cinco vôos. Logo a empresa introduziu aviões com capacidade para 89 passageiros, o que representou grande impulso ao movimento turístico da cidade, que estava crescendo muito após a inauguração da BR-277.

- A Varig incrementava o turismo

aeroviário...

- Perfeitamente. Hotéis começaram a surgir na cidade em função do crescente movimento turístico trazido pela BR-277. E a aviação tinha que ser outro fator desse incremento turístico. Além de aumentar o número de vôos e o porte dos aviões que aqui operavam, a Varig tratou de modernizar os equipamentos de segurança de vôo. Instalou no eixo da pista de pouso e decolagem um rádio marcador movido a eletricidade, mas com dispositivo automático que ligava um sistema movido a gasolina em caso de corte de energia elétrica. Só dez anos depois a FAB instalou um sofisticado rádio marcador.

- Em suas viagens, já esteve dentro de avião em pane?

- Certa ocasião, eu voava para São Paulo e o piloto recebeu o alarme falso de que o trem de pouso estava emperrado no compartimento. O piloto tomou todas as providências. Ao invés de pousar em Congonhas, foi a Campinas, onde a pista de pouso era maior. Mas tudo saiu bem porque o trem de pouso funcionou. Outras duas vezes estive em vôos de quadrimotor em que um dos motores pifou, mas deu tudo certo.

- O senhor teve que enfrentar dificuldades e lutas para conseguir linhas ou rotas de vôo que atendessem ao crescente movimento de Foz do Iguaçu?

- Essa foi realmente uma de nossas grandes lutas. Em 1972, tive que usar um artifício para conseguir do DAC autorização para vôo diário Foz-Curitiba-São Paulo. A Varig pediu, mas o DC não liberava. Certo dia veio

a Foz do Iguaçu o chefe do DAC que guardava o pedido. O coronel Emídio explicou a dificuldade que era viajar de Foz a Curitiba em ônibus, e uma semana depois a licença foi concedida.

- Qual foi outro passo importante na ampliação do movimento do tráfego aéreo para Foz do Iguaçu?

- Graças à ampliação da pista do Aeroporto em 1974, pudemos começar a operar com aviões a jato puro, sem hélices. Em janeiro de 1975 pousou pela primeira vez em Foz um Boeing 737. Mas o movimento crescia rapidamente, então tivemos uma luta muito grande para convencer o superintendente da Infraero a autorizar o pouso do Airbus. Conseguimos, e assim abrimos caminho para a vinda de aviões "wide body".

- Com a Varig o senhor também teve "brigas", no bom sentido, para convencê-la a investir na rota para Foz do Iguaçu?

- Tive, sim. Uma delas foi para conseguir vôo diário Foz-Assunção com DC-10. A direção da Varig achava que haveria poucos passageiros e os vôos seriam deficitários. Nós garantimos que lotariamos não um só, mas até dois DC-10 para Assunção. O vôo foi introduzido e deu certo em todos os sentidos.

- Nunca errou em projeções sobre demanda de transporte aéreo para Foz do Iguaçu?

- Não, porque a própria empresa acredita e investe no desenvolvimento turístico de Foz do Iguaçu desde que começou a operar aqui. A Varig traz turistas de todo mundo para cá.

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - Edição de 14/08/93)

Retratos Foz do Iguaçu



Reprodução
Construção do Grupo Escolar
Bartolomeu Mitre no final dos anos 40



Reprodução
Vista aérea da avenida Jorge
Schimmelpfeng.
Em primeiro plano a construção
do Grupo Escolar Bartolomeu Mitre.



Aurea Cunha

Antônio Bernardi

"As coisas em Foz começaram a melhorar um pouco quando veio o Exército"

Um dos pioneiros do comércio de Foz do Iguaçu, Antônio Bernardi, nasceu em 1915, em Campo Largo, PR, morou em Irati e Laranjeiras do Sul até que, em 1928, veio para cá com os pais e cinco irmãos, dos quais só uma irmã continua viva e mora em Brasília. Casado com Elizabeth Farembach, dois filhos, um já falecido e outro que leciona em faculdade em Santo André, SP. (Juvêncio Mazzarollo)

- Que motivos trouxeram a família Bernardi a Foz do Iguaçu? Seu pai veio para cá fazer o quê?

- Meu pai gostava muito desta região por causa das exportações para a Argentina. Exportava-se madeira, erva-mate, de tudo, e meu pai veio para cá fazer isso. Além disso, ele trabalhava na agricultura. Tinha plantação em São João, dentro do Parque Nacional do Iguaçu, que naquele tempo era tudo área devoluta, do governo.

- São João de que o senhor fala é a área próxima ao rio São João, que corre dentro do Parque e que moveu a primeira hidrelétrica de Foz do Iguaçu?

- Isso mesmo. O rio fica na entrada do Parque, mas as plantações iam até perto das Cataratas.

- E o senhor começou a vida fazendo o quê?

- Comecei ajudando meu pai na roça, mas em 1940 entrei para o comércio. Abri uma loja aqui mesmo onde estou morando até hoje (rua Edmundo de Barros, entre as ruas Marechal Floriano e Santos Dumont).

Eu vendia de tudo: tecidos, calçados, roupa feita, alimentos, até remédios... Então achei melhor liquidar as mercadorias, fechei a loja e mudei para Curitiba. Fiquei lá dez anos, vivendo das economias que tinha feito aqui. Meu filho se formou em economia e administração de empresas. Hoje é professor na Faculdade de Santo André, São Paulo.

- O que o senhor gostaria de abordar a respeito de Foz do Iguaçu das décadas de 30, 40, 50?

- Todo o comércio daqui era voltado para a Argentina. Tanto se comprava como se vendia para a Argentina. Para ir a Curitiba era preciso ir por São Paulo ou pelo Rio Grande do Sul, via Uruguaiana. As coisas começaram a melhorar um pouco com a vinda do batalhão do Exército, em 1932. Fizeram campo de aviação e toda semana vinha um aviãozinho do Correio Aéreo Militar, que depois passou a se chamar Correio Aéreo Nacional.

- Que lembrança tem da chegada do Exército? Foi um grande acontecimento para a cidade?

- Foi. O Exército foi recebido como um grande presente para a cidade. Isto aqui era um reduto esquecido do Brasil. Com a presença militar começou a haver autoridade. A transação comercial era feita só em moeda argentina e paraguaia...

- O Exército enviou para cá quantos homens?

- Parece que eram 130. Instalaram-se num quartel que ficava para baixo da Capitania dos Portos.

- Teria para citar algum ou alguns prefeitos que foram bons?

- Sei lá. Prefeito aqui... parece que nenhum fez nada. Também, nem tinha o que fazer. Não tinha verba, não tinha renda. Foz do Iguaçu começou a sair do chão com a construção de Itaipu. Mas o primeiro

grande passo, a primeira fase de progresso veio com a construção da Ponte da Amizade. Com a construção da Ponte da Amizade a cidade ganhou mais movimento porque começou a circular mais dinheiro.

- O senhor era o maior comerciante da cidade? Quem eram os maiores comerciantes da cidade? O senhor, o Zambrzycki...

- Eu não. O Zambrzycki veio bem depois de mim. Os primeiros comerciantes daqui foram Marcelino Ridsen, Cândido Ferreira, Acácio Pedrosa...

- Holler, Mezomo...

- Sim, mas esses vieram bem depois.

- Que nome tinha sua loja?

- "Casa Arlos".

- E da vida social daqueles idos tempos, o que lembra, até como vizinho do Oeste Paraná Clube?

- Fui fundador do Oeste Paraná Clube. Mas o primeiro clube ficava na esquina da Avenida Brasil com a Jorge Schimmelpfeng. Daquele clube eu não fui sócio. Só me associei quando construíram o Oeste Paraná Clube aqui perto de casa.

- Quais eram as datas de grandes festas, grandes bailes?

- Sete de Setembro, Festa de São João Batista, dias de inauguração de alguma escola ou outra coisa, formatura...

- Baile de debutantes...

- É, embora naquele tempo havia pouca gente e poucas eram as debutantes, ou até nem existiam.

- Que fato mais importante o senhor destacaria na história de Foz do Iguaçu em décadas passadas?

- Eu destacaria a navegação pelo rio Paraná. Naquele tempo havia muito movimento no rio. Toda semana havia ali oito ou dez barcos que iam até Porto Mentes carregar erva-mate, vinda inclusive do Mato Grosso. Era trazida de lá pela Companhia Mate Laranjeira e ia para a Argentina.

- E a religião em Foz do Iguaçu, como era? O senhor foi muito ligado à religião?

- Bastante. Sou católico. Na juventude fui inclusive "filho de Maria". Havia as "filhas" e os "filhos" de Maria. Eram como grupos de jovens que ajudavam na Igreja, se reuniam, rezavam...

- Quanto a personalidade da história de Foz do Iguaçu, quem destacaria? Por exemplo, o primeiro prefeito, Jorge Schimmelpfeng?

- Ele mandava em tudo - era prefeito, delegado de polícia... Era um homem muito capaz, culto, com liderança e iniciativa, grande trabalhador. Ele tinha até uma olaria ali na Estrada Velha, onde hoje está o Lemos. Meu sogro trabalhou lá muitos anos. Ele era também exportador de madeira. Naquele tempo, a exportação era um negócio feito diretamente entre o exportador e o comprador, de Buenos Aires. Não havia intermediação de banco nem garantia alguma de cumprimento de contratos. Então houve um período, na década de 20, em que os compradores argentinos deram calote em meio mundo. Os madeireiros que havia aqui se arrebutaram todos, se afundaram em dívidas inclusive e

tiveram que fechar. Conheci madeireiro que ficou até sem ter o que comer. Quando vieram os revolucionários da Coluna Prestes, acabou o que restava na cidade.

- Qual outra personalidade destacaria?

- Monsenhor Guilherme, apóstolo dedica-do e também homem empreendedor. Foi um verdadeiro pioneiro na religião, na educação e na saúde, por isso a Santa Casa e um colégio levam o nome dele.

- O senhor acompanhou a criação do Parque Nacional, a abertura da estrada até as Cataratas do Iguaçu?

- Tudo, acompanhei tudo, pois não havia nada aí...

- Quando e como o senhor foi pela primeira vez até as Cataratas?

- Logo depois que chegamos aqui, em 1928, de carroça. Outras vezes fui também a cavalo.

- Qual teria sido o primeiro governante estadual ou federal que por primeiro se interessou em fazer algo por Foz do Iguaçu?

- Os governos não faziam nada por isto aqui.

- Mal sabiam que Foz do Iguaçu existia?

- É... Se alguém daqui quisesse alguma coisa tinha que viajar durante semanas para ir até Curitiba falar com alguém do governo.

- E ainda o cidadão chegava lá e ninguém dava bola?

- Sim. Isto aqui era esquecido pelo resto do Brasil.

- Getúlio Vargas criou o Parque Nacional

em 1939, depois, em 1955/56, JK deu início à Ponte da Amizade, que foi um grande marco de progresso...

- Quem deu duro nisto aqui foi o presidente Castelo Branco. Ele é quem foi definir as divisas do Brasil com o Paraguai, de Guaíra para cima, no Mato Grosso.

- Até porque, lá por 1965, Brasil e Paraguai tiveram intrigas devido a problemas de demarcação da fronteira em Guaíra.

- Exato. Houve até ameaças de enfrentamento armado. Acontece que Guaíra, para se ter uma idéia, foi criada, fundada pelos ingleses que vieram explorar erva-mate e madeira. Aliás, é preciso dizer também que se não fosse pelo Brasil, o Paraguai aqui na fronteira não seria nada.

- Que acha do progresso que houve desde a implantação da usina de Itaipu? A vida em Foz do Iguaçu ficou melhor ou pior?

- Ficou melhor, é claro, apesar dos problemas que vieram junto com o progresso. Com Itaipu, isto aqui nasceu de novo. Antes, se precisasse de alguma coisa, era preciso pedir socorro no Paraguai...

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - 1994)



Áurea Cunha

Antônio Bordin

"No Rio Grande do Sul corria a fama de que o Oeste do Paraná era lugar de futuro"

Na verdade, a história de Antônio Bordin precisaria de um livro para ser contada, mas em suas linhas básicas ela pode ser traçada como está na entrevista que segue. Ela começa no Norte da Itália, de onde seus pais migraram para o Brasil. Os Bordin vieram da Itália, mas sua origem tem muito de francês, a começar pelo nome. Antônio explica que são originários da fronteira da Itália com a França. (Juvêncio Mazzarollo)

- Foi seu pai quem veio da Itália plantar a família Bordin no Brasil?

- Foi. Veio de Treviso em 1885, quando ele tinha cinco anos de idade. A família dele vivia da agricultura na Itália, principalmente frutas.

- Por que migraram para o Brasil? Não iam bem na Itália?

- Não iam mal, não. Meu avô veio ao Brasil porque se abriu aqui a migração a partir de 1875. Meu avô veio aventurar. Trouxe dois filhos pequenos. Um deles, o meu pai Davide Bordin. Inicialmente ficaram em Novo Hamburgo, RS, depois foram a Caxias do Sul.

- Começaram fazendo o que no Brasil?

- Em Caxias plantaram parreiral e instalaram serraria porque havia muitos pinheirais por lá. Quando meu pai casou mudou-se para o município de Casca. Foi a cavalo e levou cinco dias para chegar ao destino. Lá eu nasci, na Linha 17, ou Capela Santo Antônio. Junto à capelinha havia também uma escolinha.

- O senhor estudou nessa escolinha?

- Só comecei, mas logo parei. Eu tinha dez anos. Um dia, nos primeiros dias de aula, cheguei atrasado e a professora me colocou de castigo, ajoelhado sobre grãos de milho durante dez minutos. Então não voltei mais à escola. Comecei a aprender a ler e escrever com meu pai em casa. Depois, aos 17 anos, fui fazer o serviço militar em Uruguaiana, como voluntário, e lá aprendi mais um pouco. Então, escola

propriamente dita eu não frequentei.

- Só falavam italiano, não? Como aprendeu português?

- Em casa e na sociedade local só se falava o dialeto *vêneto*. Eu aprendi português no Exército. Quando entrei no quartel subi um pouquinho só de português.

- Bem, mas o senhor casou e formou sua família, com muitos filhos...

- Casei aos 19 anos, com Pierina Sabadin. Com ela tive sete filhos (seis homens e uma mulher). A Pierina faleceu em 1947, de hemorragia provocada por uma gravidez. O médico havia diagnosticado que ela não poderia mais ter filho porque a gravidez seria muito perigosa. Mas o padre não permitia que se evitasse gravidez. Então ela engravidou, teve problema e faleceu aos seis para sete meses de gravidez, de hemorragia. Fiquei 18 anos viúvo, antes de casar novamente. Viúvo, saí da roça e fui para a cidade, com fábrica de bebida. Fabricava cerveja preta, marca "Gáuça", guaraná, marca "Saudável", e gasosa. Depois vendi a fábrica, comprei um casarão e instalei estação rodoviária. Foi a primeira rodoviária do Rio Grande do Sul instalada em vila. Foi concessão do DNER. Também me pus no negócio de compra e venda de máquinas (serrarias, trilhadeiras, moedeiras). Mas então faleceu minha esposa. Coloquei quatro filhos mais velhos num internato, a filha ficou na casa de minha irmã e os dois filhos pequenos ficaram com meu pai. E eu vim ao Paraná.

- **Veio movido pela desventura e atraído pela aventura?**

- É, foi uma aventura. Um amigo meu tinha serraria em Barracão e eu embarquei com ele num caminhão novo. Choveu muito e quando chegamos ao rio Iguaçu não dava para atravessá-lo. Entramos então na Argentina e lá também ficamos trancados por 12 dias porque o rio não dava passo. Enfim cheguei a Foz do Iguaçu, em março de 1950.

- **Que plano tinha? Ou não tinha plano algum?**

- Queria montar uma estação rodoviária, mas não deu certo. Fiquei só 12 dias em Foz do Iguaçu. Nessa ocasião visitei as Cataratas. Fui a cavalo até lá.

- **O que movia pessoas como o senhor a vir ao Paraná, já que foi nessa época (anos 50) que começou a se intensificar a migração de gaúchos e catarinenses rumo ao Oeste do Paraná?**

- No Rio Grande do Sul corria a fama de que aqui o lugar era bom, as terras eram boas, planas e férteis, o mato era forte, havia muita madeira boa. Eu vi que era assim mesmo. Gostei muito. Voltei ao Rio Grande e no fim do mesmo ano (1950) voltei com a intenção de colocar rodoviária em Foz do Iguaçu. Mas não deu certo porque havia duas empresas de ônibus que operavam aqui e os próprios donos faziam os serviços de estação rodoviária.

- **Que alternativa o senhor buscou então?**

- Fui a Campo Mourão. Estava afim de comprar um terreno, mas na noite em que cheguei mataram duas pessoas, então fui a Maringá, onde tinha um parente. De lá fui a

Curitiba falar com o governador Bento Munhoz para formar uma companhia colonizadora.

- **Seu projeto de colonização não deu certo. E aí, qual foi a saída?**

- Fui para Cascavel, sempre buscando uma saída, até que, em 1952, assinei um contrato com o Ruaro, da colonizadora Pinho e Terra, e fui trabalhar em Toledo, depois em Palotina, como corretor, ou vendedor de terras.

- **Afinal, que terras eram essas que a Pinho e Terra vendia? De quem eram as terras? A Pinho e Terra comprou e revendeu? Que rolo foi esse?**

- Eram terras do governo federal. O governo do Paraná pagou com terras a construção de estrada de ferro, feita pelo governo federal. Mas o governador Moisés Lupion colocou outro título, outra escritura sobre essas terras, gerando muita confusão.

- **Como assim? Lupion retomou as terras da União?**

- Sim. Escriturou como se fossem do Estado do Paraná. E, no caso da Pinho e Terra, a empresa comprou do governo federal 25 mil alqueires e passou a formar colonizações. Praticamente todos os municípios do extremo Oeste foram colonizados assim. Acontece, porém, que o governo do Estado colocou um título sobre essas terras, e aí se formou a confusão que nos causou muitos problemas. Sofremos muito...

- **Estabeleceu-se um conflito entre quem ocupava as terras em nome do governo do Estado e os assentados pela colonizadora Pinho e Terra. É isso?**

- É. Felizmente, morreu só uma pessoa nesse conflito.

- **O senhor ganhava bem para fazer isso?**

- Ganhava bastante bem, dependendo das vendas que conseguisse. Ganhava 10% pelas vendas feitas no Paraná e 15% a 20% nas vendas feitas em São Paulo e Minas Gerais.

- **Mas a família Bordin se estabeleceria em Foz do Iguaçu e aqui formaria o mais poderoso grupo econômico do município. Como se deu a vinda a Foz do Iguaçu?**

- Meu filho Sadi tinha uma venda de madeira em Foz do Iguaçu e o Hélio tinha uma oficina em Palotina. Nós éramos muito amigos do Ernesto Dal-Oglio, que tinha a concessionária Volkswagen em Toledo e Cascavel. Ele tinha também a concessão para Foz do Iguaçu, mas não explorava, por isso ofereceu para nós comprarmos. Compramos e começamos revender carros da Volkswagen em 1964. Aí surgiu a Paraguaçu de Automóveis.

- **Começaram vendendo um Fusca, com o dinheiro compravam outro, revendiam e assim por diante...**

- Ou trocávamos por um carro usado, depois vendíamos o usado... Na inauguração veio o diretor da Volkswagen acompanhado do fundador da Varig, Rubem Berta. Vieram ver para montar um frigorífico em Marechal Cândido Rondon, mas não deu certo. Desceram em Foz porque lá para cima não havia lugar nenhum para avião pousar. Para ir até Rondon alugaram um carro nosso.

- **Voltando à questão da família, o senhor**

casou novamente quando e com quem? Teve mais filhos?

- Casei novamente, dezoito anos depois de perder minha primeira mulher, com Esther Biazus, de Caxias do Sul. Nossa primeira filha morreu poucas horas após o nascimento, devido à diabete transmitida pela mãe. Depois tivemos um filho, o Vicente. Quando nasceu ficou oito dias na incubadora e teve todo o sangue trocado, por isso sobreviveu.

- **A Esther é a que morreu no acidente de carro em que o senhor também quase morreu?**

- Sim. Isso aconteceu em 1988, perto de Medianeira. Eu sobrevivi por milagre, embora todo quebrado, com duas fraturas no crânio, fraturas na perna, que me causa dores ainda hoje.

Mas, sempre resistindo, o senhor casou outra vez...

- Sim, casei novamente há um ano (completado neste dia 10 de agosto), com Ivone Turm, que conheceu em Céu Azul em 1963. Ela está com 57 anos. Ela era solteira, eu era viúvo, nos reencontramos depois de tanto tempo e casamos.

- **Casaram com papel passado e tudo, diante do padre...**

- É claro que sim. Casamos no civil e no religioso.

- **Nunca é tarde para ser feliz...**

- Verdade. Ela tem um filho de criação com 26 anos, que trabalha em São Miguel. E eu tenho meu filho Vicente, que vive conosco.

(Entrevista publicada na "Gazeta do Iguaçu" - de 12/8/1994)



Aurora Cunha

Antônio José Machado

“Disse ao coronel que se fosse crime ser getulista, janguista ou brizolista, então eu era criminoso.”

Catarinense de Tubarão, nascido em 1919, Antônio José Machado, o “Machadinho”, vive no Paraná desde 1951, em Foz do Iguaçu desde 1957. Até os 22 anos de idade foi agricultor, e desde então é alfaiate. Ainda hoje, aos 76 anos, trabalha em sua alfaiataria nos fundos de sua residência, na rua Rui Barbosa, quadra entre a Av. JK e Av. Brasil. Aqui um pouco de sua história. (Juvêncio Mazzarollo)

- Fazia o que a família Machado em Tubarão, onde o senhor nasceu?

- Eu sou caboclo, filho de caboclo. Caboclo é o homem da roça, não o negro, como muitos pensam. Então, até os 22 anos, me criei no cabo da enxada. Nossa terra era muito quebrada (montanhosa), por isso não podia ser mecanizada. Meu pai era o maior produtor de açúcar grosso mascavado. Trabalhei nisso até os 22 anos de idade.

- Teve oportunidade de estudar ali?

- Só até o terceiro ano primário, mas aprendi o básico, principalmente matemática. Lá não havia escola além do terceiro ano primário, e dinheiro para ir estudar na cidade não tínhamos. A partir daí, minha escola foi o mundo.

- Aos 22 anos começou nova fase na sua vida. O que mudou?

- Fui para Urussanga, também em Santa Catarina. Urussanga é a terra de origem do engenheiro Paulo Mac Donald Ghisi. Eu era músico e toquei muito baile para os pais dele dançar. Eu tocava banjo. A família Ghisi tinha cantina de vinho.

- E o senhor, além de tocar banjo, o que fazia?

- Aprendi a profissão de alfaiate, em 1940.

- Bem, mas como terminou vindo ao Paraná?

- Ah, essa aí é uma história meio triste. Tive ambição demais, e ambição demais não presta. Comprei alfaiataria, comprei caminhão, vendi caminhão e comprei armazém, que me botou no mato, perdi tudo e mais um pouco por vender fiado. E vender fiado dá nisso: perde-se o amigo, o cliente e o dinheiro. Vendi o que tinha a preço de banana para pagar dívidas e vim ao Paraná, em 1951.

- Já era casado?

- Casado e com cinco filhos. Minha mulher é dona Dilma Garbelotti Machado. Aqui no Paraná tivemos mais um filho. Tivemos três filhos homens e três mulheres - e todos estão bem, graças a Deus.

- Veio ao Paraná, como se diz, com uma mão na frente e outra atrás?

- Vim com 2.800 cruzeiros. Era um dinheiro que deu para começar a fazer alguma coisa. Fui inicialmente a Toledo.

Em Medianeira eu comprei duas casas, uma coberta de telha, outra de lona. Fiquei cinco anos em Toledo. Mas a história triste continuou em Toledo.

- Como era Toledo em 1951?

- Era uma pequena vila, pertencente ao município de Foz do Iguaçu. Depois se emancipou e seu primeiro prefeito foi Ernesto Dal'Oglio, do PTB, também meu partido.

- Sua família chegou a passar necessidade?

- Não. O essencial nunca faltou. Quando vim a Foz do Iguaçu, depois da falência em Toledo, meu filho mais velho tinha 10 anos. Aqui me instalei onde hoje está a loja Barakat Free Shop, na Av. JK, que na época era uma rua simples. Instalei a alfaiataria na casa de um coletor que foi transferido para Toledo. Ele me cedeu a casa por um ano, de graça, para cuidá-la. Isso foi em fevereiro de 1957. Ao fim de um ano, ele estabeleceu um preço de aluguel que eu não podia pagar. Comprei então madeira e construí minha casa aqui onde estou até hoje (Rua Rui Barbosa, entre Av. JK e Av. Brasil). Isto aqui era banhado que ia até o quartel.

- Como era a cidade quando o senhor veio para cá?

- Aqui onde estou, por exemplo, era tudo mato e banhado. Instalei a alfaiataria no meio do mato. Daqui até o Batalhão era tudo mato, com aqueles "macegões"... Cânsei de ver caminhão ter que voltar de ré por não poder subir a Av. Brasil, que se chamava Av. Botafogo. O asfalto só veio lá pelo final da década de 60. Aliás, o primeiro asfalto, lá na Rua Rio Branco, me deu grande prejuízo.

- Por quê?

- A firma que fez o asfalto logrou meio mundo. Eu cedi minha casa para hospedar o pessoal que trabalhava na obra, e a firma não me pagou o aluguel. Era uma firma de Curitiba cujo nome nem lembro.

- Quer dizer que é desde o primeiro trecho que o asfalto em Foz do Iguaçu

vem acompanhado de corrupções...

- É. Mas a cidade, embora ruim de infraestrutura, era boa para ganhar dinheiro.

- Que diz ou lembra da vida social de Foz do Iguaçu nos idos tempos? O senhor participava?

- Havia o Oeste Paraná Clube, mais freqüentado pela elite da cidade, se é que se pode falar em elite. E havia também o Grêmio, um clube dos militares, mas que aceitava civis. Eu participava, era sócio do Grêmio. Inclusive, eu era instrutor de quadrilha de dança para as festas juninas.

- E à religião o senhor era ligado?

- Como católico que sou, ia à missa aos domingos, mas nunca me liguei a diretorias, à parte administrativa.

- Em Foz do Iguaçu a Igreja tinha muita influência na sociedade?

- Tinha, tinha uma influência bastante forte e positiva. Mas perdeu o respeito, em parte, em 1964, porque havia um padre, de nome João, que defendia o militarismo nas pregações, e por isso eu vi muita gente sair da igreja.

- Politicamente, qual é sua história?

- Sempre fui getulista. Getúlio Vargas foi o melhor presidente que o Brasil já teve. Meu pai também era getulista. Sempre fui do PTB, e agora, como brizolista, sou do PDT. Em 1964 fui preso no Batalhão do Exército.

- Foi preso? Por quê? Como foi isso? Era "subversivo"?

- Fui preso por causa dos "Grupos dos

Onze" organizados por Leonel Brizola para resistir à intervenção militar no Brasil. Eu morava em Foz do Iguaçu e quis saber o que eram, como funcionavam os Grupos dos Onze, então pedi informações ao Rio Grande do Sul. Eu até tinha feito uma lista com o nome dos que formariam o primeiro Grupo dos Onze de Foz do Iguaçu, mas quando estourou o golpe militar de 64 um deles me denunciou. Era o sogro de um sargento. Ficou com medo e falou ao genro. Foi então que me denunciaram.

- E o prenderam. Como foi a prisão?

- Vieram uns militares aqui em casa e me levaram ao Batalhão. Veio a patrulha e disse: "o coronel mandou te buscar". Eu disse: "não tem problema". Fui lá, o coronel me interrogou. Disse ao coronel que era do PTB, como meu pai, e que só havia pedido informações sobre como funcionaria o Grupo dos Onze. O coronel quis saber quem eram meus companheiros. Respondi que não tinha companheiros. Eu só conversava muito com o Írio Manganelli e com o chefe do IBC (Instituto Brasileiro do Café), Alirio Ximenez, que eram do PTB. Disse ao coronel: "Olha, se ser getulista, janguista e brizolista é crime, eu sou criminoso". Ele disse: "Ah, não, esse é um direito seu".

- Mas o senhor ficou detido no quartel?

- Na primeira vez que me levaram para lá, não, mas depois, numa segunda vez, fiquei preso sete dias, incomunicável, cercado por soldados armados de baionetas, como se eu fosse o maior bandido da história. Todo dia eu passava por um interrogatório. Meu filho mais velho era soldado e queria fazer

alguma coisa, mas eu disse a ele que cuidasse de sua vida, que eu cuidaria da minha.

- Além do senhor, mais gente da cidade foi levada ao Batalhão depois que os militares tomaram o poder?

- Muita gente. Fechavam uma rua, botavam todo mundo num caminhão e levavam lá para dentro do quartel. Quem eu sei que ficou preso de fato foi o chamado "Bigode Branco", que era comunista mesmo.

- Quem era esse tal de Bigode Branco?

- Um catarinense de Araranguá - o pai desse que hoje é advogado, irmão do Írio Holter...

- Domingos Jorge Velho?

- Ele mesmo.

- O pai dele é Bernardino Velho. Ele era o comunista?

- Era e assumia como tal. Por isso ficou muito tempo preso. É um ex-sargento. Além dessas prisões, muitas pessoas de Foz foram chamadas à atenção pelos militares.

- Bem, esse é um passado que longe vai... Que diz hoje de Foz do Iguaçu?

- Só tenho que falar bem de Foz do Iguaçu, porque aqui fiz minha vida. Não sou rico, mas sou uma pessoa independente. Bem ou mal administrada, a cidade só foi para a frente, progrediu muito. Eu só posso cantar vitória porque aqui terminei de criar meus filhos.

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - Edição de 9/11/1994)



Aurea Cunha

Antônio Motta

"O futebol mexia com a cidade toda"

No esporte, Foz do Iguaçu viveu períodos de tremenda excitação, como o do futebol da cidade nos anos 50 e 60. E, entre tantas figuras que se destacaram no setor, Antônio Motta, hoje com 72 anos e trabalhando no Zoológico do Bosque Guarani, teve papel muito importante. Ele nasceu em Lajes, SC, serviu o Exército durante quatro anos, foi motorista profissional.
(Juvêncio Mazzarollo)

- Sua figura está intimamente ligada ao esporte na história de Foz do Iguaçu. Como isso começou?

- Desde criança sempre me interessei muito por todo o tipo de esporte e jogo, mas foi depois que saí do quartel que praticamente passei a viver do esporte. Jogava bem futebol e era bom atleta. Só que naquela época o futebol não rendia nada economicamente, só servia para conquistar amizades, emprego.

- Chegou a jogar em clubes de futebol importantes?

- O time mais importante em que joguei foi o Renner, de Porto Alegre. Fui fundador do time Perdigão, quando eu trabalhava naquela empresa do ramo de frigorífico e carnes. Joguei no Aliado de Lajes, no Comercial de Joaçaba, Gaúcho de Passo Fundo, União de União da Vitória, sem contar os times do Exército.

- Em que posição jogava?

- No meio de campo, sempre com a camisa número cinco. Minha especialidade era a armação e distribuição de jogo, mas também marcava muitos gols.

- E sua trajetória em Foz do Iguaçu, por onde começa?

- Vim para cá pela primeira vez em 52, mas só vim para ficar em 57. Em 52 morava em Pato Branco e jogava no time do Palmeiras de lá. Apareceu um mascate italiano vendendo casemira contrabandeada por todo o interior de Santa Catarina e Paraná. Ele quis vir a Foz

conhecer as Cataratas e me convidou para vir junto como motorista. Foi quando conheci Guaíra, Rondon, onde só havia uma casa, Cascavel, que não tinha nada, e Foz do Iguaçu, que era bem pequenininha. Onde havia um pouco de cidade digna do nome era Toledo.

- Mais tarde, voltaria para cá para ficar. Como isso se deu?

- Em 1957 fui convidado para jogar e treinar o time do Tuiuti, de Cascavel, e aceitei. Lá apareceu um parque de diversões e me dei bem com o dono. Sempre gostei de jogos, então me liguei ao parque de diversões. O dono resolveu vir com o parque a Foz do Iguaçu e me convidou para vir junto. Topei. Foi o primeiro parque de diversões a entrar em Foz. Foi instalado perto do Oeste Paraná Clube, onde à noite o carteadado corria solto, e eu freqüentava. Certo dia vi um pessoal andando pela rua batendo bola. Iam jogar no estádio do ABC, onde hoje está o Hotel Rafain Centro. Fui para lá e me ofereci para bater bola, mas não me deram atenção. No dia seguinte voltei. Havia outro pessoal batendo bola e fui convidado a entrar na roda. Gostaram do meu estilo de jogo. O Carlinhos Samways perguntou o que eu queria para ficar no time do ABC.

- Que proposta o senhor fez?

- Como tinha visto que o pessoal aqui gostava muito de um jogo de baralho, propus o seguinte: "Vocês me arrumam uma casa para eu manter um clube de carteadado, que aí eu me sustento, sem precisar nada mais além do apoio e da oportunidade de treinar e jogar futebol."

Deu certo. Montei a casa de cartado e entrei no time do ABC. Logo me escalaram como jogador e treinador. Quando peguei o ABC, em 57, era lanterninha do campeonato da cidade. Não tinha jogadores de categoria e técnica para ganhar o campeonato. Reuni jogadores e dirigentes e falei: Só há um jeito de vencer, que é através do preparo físico, para ganhar na resistência. A proposta foi aceita e eu, que entendia de preparo físico porque aprendera no quartel, apliquei o método. Resultado: o ABC decolou de posição de lanterninha para ser campeão já naquele campeonato de 57, e em 58 fomos bicampeões - eu como jogador e treinador. Depois passei a diretor do Clube, passando a função de treinador para Roberto Simões.

- Os times eram formados por jogadores da cidade ou buscavam fora, como se faz muito hoje?

- Eram todos daqui. Os únicos de fora que apareciam por aqui eram algum paraguaio ou argentino da fronteira. Inclusive tivemos o Agapito, que daqui foi para o Atlético de Curitiba e de lá para Caracas, Venezuela. Um craque. Tivemos no ABC o goleiro reserva da Seleção do Paraguai, o Casco, depois também o goleiro titular, Roja, que hoje vive em Ciudad del Este. Um grande goleiro.

- Que nomes o senhor destacaria entre os que na época (décadas de 50 e 60) muito se empenhavam no esporte da cidade?

- Merecem destaque os Basso, o Vitório, o Pai dele, Pedro, o Carlinhos Sanways, o patrão dele, o Antônio Aguirre, dono do Cartório, o falecido João Lemírio, fiscal da Prefeitura por muito tempo, o dr. Saulo Ferreira,

que era promotor de Justiça e presidente de honra do ABC Futebol Clube. Na época, a amizade era outra. Todo mundo era amigo e se dava bem como todo mundo. Os jogadores e dirigentes esportivos suavam a camisa, tinham amor à camisa do Clube. O esporte era amador, e foi muito melhor do que é hoje, como profissional. O futebol mexia com a cidade toda. A torcida era formidável. Havia muita rivalidade.

- Quais eram os grandes clubes da cidade?

- O ABC, o Guairacá (do Exército), Flamengo, Vasco (da Ponte), o Iguaçu (do Capitão Cyriaco) e o Industrial (da Industrial Madeireira).

- Como era disputado o campeonato?

- Era bem organizado pelo presidente da Liga, Côco Grínet, muito dedicado. Minha casa era a sede da Liga de Futebol. A forma de disputa era a de jogar todos contra todos, e quem no final somasse mais pontos era campeão. Estádios havia dois: o do ABC, que hoje não existe mais, e o Guairacá, que ainda existe. Bem mais tarde nos anos 70, o Flamengo construiu seu estádio.

- Até que idade o senhor esteve envolvido com futebol?

- Até os 48 anos. Mas minha vida sempre esteve envolvida com jogos. Na sede do ABC, que foi minha por muitos anos, eu explorava jogo do baralho. Depois explorei jogo no Oeste Paraná Clube durante cinco anos. Tive parque de diversões, circo de tourada. Fazia bingos em festas de igrejas e escolas. Tinha a chamada roda catarina, ou roda de bicho.

(Entrevista inédita, maio 1997)

Retratos Foz do Iguaçu



Arquivo Família Maciel

Festa no campo do ABC no início dos anos 50



Reprodução

Já nos 50 o ABC com Kid Chocolate (o primeiro em pé à esquerda) e Vitório Basso (o primeiro agachado à direita)



Arquivo Família Maciel

O time do ABC na década de 40 - o então promotor Saulo Ferreira era o presidente de honra



Arquivo Família Maciel

O time bi-campeão do ABC em 1957 - entre os jogadores Argemiro Marujo, Carlos Sanways, Vitório Basso e Manoel Pereira



Aurea Cunha

Antônio Savaris

“Eu me estabeleci em Foz do Iguaçu porque aqui havia gente com dinheiro. Em Toledo, a colonizadora Maripá só pagava com vales para comprar no mercado dela”

Descendente de imigrantes italianos, Antônio Savaris nasceu em 1923 no então município de Alfredo Chaves, hoje Veranópolis, na serra gaúcha. Nasceu, mais precisamente, no distrito de Fagundes Varela, hoje município. Lá mesmo casou com Alice Belmira Pietsch Savaris, com quem teve quatro filhos (Antoninha, Inelsi, Inaldi e Vera Alice), que lhe deram nove netos e bisnetos.

(Juvêncio Mazzarollo)

- De que vivia a família Savaris nos vales, montes e pedreiras de Veranópolis, na serra gaúcha?

- Vivía da roça, produzindo uva, vinho, vaca, leite, queijo, manteiga, porco, salame, galinha, ovo...

- Ainda há remanescentes da família Savaris em Veranópolis?

- Não. Saímos todos. Meu pai vendeu tudo lá e se mudou para Xaxim, SC. Eu saí antes, em 1945, quando casei, e fui para Concórdia, SC, onde morei cinco anos trabalhando com relojoaria e ourivesaria.

- Como entrou nessa profissão de relojoeiro e ourives?

- Em 1942 fui a Guaporé, RS, aprender a profissão de relojoeiro e ourives. Aprendi a consertar relógios de todos os tipos - alguns complicados que hoje não existem mais - e aprendi a fazer artefatos de ouro e prata, como alianças, anéis. Em janeiro de 1945 comprei uma oficina e instalei na casa de meu pai, mas naquele mesmo ano casei e mudei para Concórdia. Lá instalei a primeira relojoaria e ourivesaria da cidade. Fiquei lá cinco anos só. Tive que sair porque não achei lugar para me estabelecer. Eu estava numa casa alugada. O dono pediu a casa e tive que mudar para outra, num lugar ruim. Aí fui mal, cada vez pior, mas assim mesmo aguentei dois anos, fazendo dívidas. Para piorar tudo, roubaram a relojoaria e fiquei sem nada, com dívida, e já com duas filhas. Tive que procurar uma saída.

- Qual foi a saída encontrada?

- Vim ao Paraná e fui morar em Toledo. Juntei minhas tralhas e...

- Como descobriu a alternativa de ir a Toledo?

- Em Concórdia havia um representante da Maripá, colonizadora de Toledo, vendendo terras, e ele me incentivou a vir para cá. Peguei o ônibus e vim. Achei Toledo uma cidadezinha bonitinha, então fui morar em Toledo. Embarquei a família e minhas tralhas num caminhão e me mandei para Toledo.

- Com o propósito de continuar com relojoaria e ourivesaria?

- Sim. Levei para lá minha oficina...

- Não veio ao Paraná comprar terra e virar colono, então?

- Não, mesmo porque não tinha dinheiro. Aliás, estava com dívidas.

- Era negócio montar relojoaria e ourivesaria em Toledo numa época daquelas? Alguém lá tinha relógio para dar trabalho a um relojoeiro?

- Deu para fazer uma economizadinha. Eu não trabalhava só com conserto. Eu também fazia alianças, anéis e outras coisinhas. Comprei dois terrenos. Mas logo percebi que em Toledo meu negócio não dava certo. Uns amigos vieram a Foz do Iguaçu fazer cadastramento dos comerciantes de Toledo na Prefeitura, porque Toledo, Cascavel, Guaíra, Guaraniaçu, tudo pertencia a Foz do Iguaçu, Cascavel era distrito e Toledo era vila de Cascavel. Meu filho Inaldi nasceu lá, e no registro

dele está: "nascido em Toledo, Vila de Cascavel".

- Esses amigos que vieram a Foz voltaram sugerindo ao senhor que mudasse para cá?

Exatamente. Vendi o que tinha (casa, dois lotes e uma caminhonete) e vim a Foz, no dia 3 de outubro de 1953. Vim porque achei que Foz do Iguaçu era cidade de futuro.

- O que lhe indicou que Foz era mais promissora do que Toledo?

- Aqui havia Exército, Marinha, Aeronáutica e outros órgãos públicos. Eu sabia que só com esses funcionários públicos eu sobreviveria com meu negócio de relojoeiro e ourives. Em Toledo havia só colonos, que não tinham dinheiro. Quem se dedica a esse ramo tem que se estabelecer onde há gente com dinheiro. Era o caso de Foz do Iguaçu, devido aos funcionários públicos. Em Toledo, os colonos viviam com vales da Colonizadora Maripá. A Maripá não dava dinheiro, mas só vales para comprar no mercado dela.

- Como começou a vida nova em Foz do Iguaçu?

- Me instalei em casa alugada, mas logo comprei dois lotes na Avenida Brasil, neste mesmo lugar onde estou hoje com a loja Savaris Joalheiros e o Savaris Apart Hotel. Em 1954 já pude morar aqui na minha propriedade.

- Como em Concórdia e Toledo, foi o primeiro relojoeiro de Foz do Iguaçu?

- Sim. Depois de mim veio o Omar Tosi com o patrão dele, o Maximiliano Schn. Posso dizer que fui bem. Sempre tive boa freguesia.

Sempre tive mercadoria de primeira qualidade.

- Mas além desse ramo, o senhor se meteu em loteamento - o Parque Presidente...

- Sim. Em 1958 fui convidado a entrar de sócio na Urbanizadora Iguaçu Ltda. Comprei a parte (30%) de um sócio, mas o empreendimento imobiliário, o loteamento do Parque Presidente, ficou parado durante quase vinte anos, porque ninguém queria nada com aquela área. Em 1973 comecei a vender os primeiros lotes. Eram 48 alqueires de terra, que foram divididos em 1200 lotes. A BR-277 cortou o loteamento ao meio, e nós doamos ao DNER a área da estrada que foi aberta quando da construção da Ponte da Amizade. Éramos quatro sócios no loteamento. Hoje está praticamente tudo vendido.

- Outro empreendimento seu foi a instalação da Rádio Itaipu FM. Qual é a história da Rádio Itaipu FM?

- Meu irmão, o finado Santo Savaris, tinha rádio AM em Xaxim, SC. Lá havia um técnico entendido em processos de obtenção de concessões de rádios do governo e ele sugeriu ao meu irmão a instalação de uma emissora em Foz do Iguaçu. Meu irmão veio com esse cidadão para cá e os dois me convenceram de fazer o pedido de uma rádio. Eu fiz. Pedi uma rádio AM e encaminhei ao Dentel, em Curitiba, mas o pedido ficou engavetado dez anos. Então fizemos outro pedido, de uma FM, quando o ministro das Comunicações era o Quandt de Oliveira. Certa ocasião, o ministro veio a Foz do Iguaçu com o então governador Jaime Canet Jr. Fui falar com eles sobre os pedidos. Mas Antônio Cirilo, dono

da Rádio Cultura, também tinha feito pedido de rádio FM, direta e pessoalmente ao ministro, em Brasília. E o ministro nem mesmo sabia do meu pedido, porque estava engavetado no Dentel em Curitiba. O governador Canet me deu força junto ao ministro e o pedido saiu da gaveta. Sendo, porém, que havia também o pedido do Cirilo, para não desagradar nem a mim nem a ele, o ministro Quandt de Oliveira autorizou a instalação das duas emissoras - a Cultura FM e a Itaipu FM, que está no ar desde o dia 27 de novembro de 1979. Tem potência de 5 kilowatts, mas já temos autorização para, a partir de novembro, operar com 10 kilowatts.

- Em que outras empreitadas o senhor se meteu? Em política, que envolvimento teve?

- Fui vereador em 1964, quando Ozires Santos era prefeito. Assumi no lugar do Írio Holler, como suplente que era, eleito pelo PDC, o partido do governador Ney Braga. Depois fui presidente da Arena e do PP. Mas quando o PP se fundiu com o PMDB, caí fora e nunca mais quis saber de política, nem pretendo voltar a me envolver nisso.

- Atuou em algum clube social de Foz do Iguaçu?

- Fui presidente do Lions Clube Cataratas. Fui leão durante 30 anos. Hoje estou fora. Fizemos muitos trabalhos no Lions Clube, como campanha das bandeiras do Brasil nas escolas, da arborização da cidade, de ajuda à Santa Casa.

- O que mais poderíamos destacar de sua participação na vida de Foz do Iguaçu?

- Eu, há uns 15 anos, larguei a política e tudo

o mais, e passei a cuidar de minhas coisas particulares. Para ser político, teria que fazer da política profissão, e isso não combina comigo. Bem, mas poderia anotar ainda minha participação no Centro Espírita Paz, Amor e Caridade, do qual fui presidente em 1964. Agora sou presidente de novo. Fui presidente umas dez vezes já. Fico fora por dois anos, e logo me colocam de novo. Guardo uma fotografia em que apareço no desfile que coordenei em 1964, com os alunos da Escola do Centro Espírita, no ano do cinquentenário de Foz do Iguaçu. O desfile era feito na Avenida Jorge Schimmelpfeng.

- O espiritismo é sua religião desde criança?

- Não. Eu me criei dentro da religião Católica. Inclusive estudei no colégio dos Irmãos Maristas em Veranópolis. Mas aqui no Paraná me tornei espírita e assim continuo.

(Extraído de "Gazeta do Iguaçu" - Edição de 8/9/1994)



Ney de Souza

Antônio Urnau

"O presidente Juscelino Kubitschek deixou os seguranças de lado e foi lá em casa chupar laranja e conversar comigo"

Entre as raras pessoas antigas nascidas em Foz do Iguaçu encontra-se Antônio Urnau, nascido em 1929, casado com Esther Vogler Urnau, com quem teve os filhos Antônio Carlos, Lenir e Lúcia. Nas suas lembranças e vivências estão as características mais marcantes de vida em Foz do Iguaçu desde a década de 30 até os dias de hoje, como se lê nesta entrevista.
(Juvêncio Mazzarollo)

- Onde e quando o senhor nasceu?

- Nasci aqui mesmo em Foz do Iguaçu, em 1929. Mas meus pais vieram de Carazinho, RS, em 1921. Vieram pela Argentina, navegando no rio Paraná numa chata. Na época, Foz do Iguaçu não passava de uma pequena vila.

- Quais são suas lembranças mais antigas de Foz do Iguaçu?

- São do tempo em que tinha cinco ou seis anos, lá por 1935. Morávamos onde hoje é o bairro Carimã e vínhamos estudar no Grupo Escolar Bartolomeu Mitre, localizado ao lado de onde hoje está a coletoria. Minha irmã mais velha vinha junto comigo. Andávamos seis quilômetros a pé para chegar à escola. Mais tarde, quando minha irmã deixou de estudar, eu fui morar com os padres e trabalhar como coroinha e sacristão.

- Quem eram, como eram e o que faziam os padres da época?

- Lembro dos padres Vicente e Germano Hornig. O padre Vicente era o vigário e o padre Germano, o coadjutor, que viajavam pelas capelas do interior. Faziam o trajeto de Foz do Iguaçu a Laranjeiras do Sul rezando missas pela caminho. Levavam até três meses em cada peregrinação. Havia também o padre Ricardo Munch, que vinha do Paraguai, onde quando morreu, foi declarado herói. Era um missionário que vinha de Encarnación num barquinho a motor. Permanecia um pouco em Foz e subia até Santa Helena.

- O senhor foi sacristão da Igreja São João Batista?

- Sim, comecei como sacristão em 1938, já na igreja que estava em construção depois do incêndio que devorou a igreja de madeira em 1925.

- Conheceu monsenhor Guilherme Thiletzek?

- Conheci, mas não lembro da fisionomia dele. Foi ele que me crismou, inclusive. Apreendi muita coisa convivendo e trabalhando com os padres. Eles eram muito enérgicos. Fui sacristão durante seis anos. Os padres tinham também uma marcenaria muito boa mesmo. O padre Vicente era um excelente marceneiro. Naquela marcenaria foi feita a madeira do Hotel Cassino Iguaçu, da Prefeitura, da antiga Delegacia de Polícia e muitas outras obras. Todas as aberturas eram feitas na marcenaria da Igreja. Eu ajudava o padre Vicente e transportava a madeira até as obras com um carrinho de mão. Trabalhava e estudava muito, porque os padres eram muito exigentes.

- Quem eram seus companheiros de folia?

- Os padres tinham um grande bananal e me mandavam colher bananas. Eu precisava de dinheiro. Então, quando ia colher, passava na casa dos Friederich e combinava com os filhos deles: de cada três carrinhos de banana, dois iam para os padres e um para nós. O porão da Igreja estava cheio de bananas, que inclusive apodreciam, e eu sem dinheiro. Quando queria cortar o cabelo, o próprio padre cortava, mas muito curto, e eu, já crescidinho, queria cortar na barbearia.

Havia duas barbearias na cidade, a do Elias Kuster e do Pedro Benitez. Certo dia, resolvi vender um pouco de banana. Avisei os alunos da escola e eles vieram para perto da Igreja. Comecei a vender bananas para eles escondido dos padres, mas o padre Vicente estava vendo tudo pela janela. Depois que tinha o dinheiro de que precisava voltei para a igreja feliz da vida, batendo com a mão no bolso. Nisso aparece o padre Vicente de braços cruzados me encarando com seriedade e disse: "Devolve o dinheiro". Todo encabulado, tive que devolver até o último centavo e ainda ouvi um sermão e recebi um castigo. Nunca mais vendi banana alheia.

- Depois que deixou a igreja foi fazer o quê?

- Voltei à chácara do meu pai, mas era tudo muito difícil. Quem plantava colhia bastante porque a terra era muito boa, mas não havia a quem vender. E nós, jovens, precisávamos de um dinheirinho para comprar alguma roupa, ir aos bailes. Então plantávamos o necessário para o sustento em casa e saíamos a trabalhar em olarias, movidas por juntas de bois e burros. Fabricavam só tijolos maciços. Lá pelo fim dos anos 50 é que começaram a fazer tijolos com furos. No inverno não dava para fabricar tijolos, então eu ia trabalhar no alambique de cachaça de Carlos Welter, perto de onde hoje está a Centro Pastoral Shalom. Era uma pinga muito boa. Os Welter ganharam muito dinheiro com o alambique, por isso conseguiram mandar seus filhos estudar para padre ou freira.

- O senhor serviu o Exército?

- Sim. Era até muito divertida a vida no

quartel, embora a comida fosse ruim. Muitas vezes eu fugia do quartel só para comer em casa. A roupa e o calçado também eram ruins. Em dois meses, o meu borzeguim furava a sola de tanto caminhar. Os borzeguins, ou coturnos, eram fabricados na sapataria do próprio quartel.

- Naquele tempo era o quartel do Exército que patrulhava a cidade. O senhor também fez isso?

- Certa vez eu estava escalado para fazer patrulha montada. Era um domingo e fui à chácara do Pedro Rodinski buscar erva-mate para o chimarrão do comandante do batalhão. Aí caiu uma violenta chuva de pedra e eu não voltei ao quartel naquele dia. Só voltei no dia seguinte, às seis horas da manhã. Levei a maior bronca e um castigo que durou um tempão, quando tiver que trabalhar feito doido.

- Nessa época o senhor trabalhava ainda na agricultura?

- Não. Eu tinha um armazém no Carimã, mas me arruinei vendendo fiado. Mais tarde comprei um caminhão, depois fui taxista...

- Acompanhou a construção de prédios antigos da cidade?

- Vários. Lembro bem da construção do Hotel das Cataratas. Trabalhei nele de 1954 a 1958. Ia de bicicleta da cidade até lá todos os dias. Saía às 4 horas da manhã e chegava às seis. Houve um tempo em que morei numa casa próxima ao Hotel.

- O Hotel das Cataratas recebia muitos hóspedes ilustres?

- Sim. Entre eles destaco o presidente Juscelino Kubitschek, que inclusive foi à minha casa. Deixou os seguranças de lado e foi lá em casa chupar laranja e conversar comigo. Aquilo sim é que era presidente...

- Acompanhou a construção da antiga Estrada das Cataratas?

- Acompanhei toda a construção da estrada com pedras. No começo ia só até o rio Tamanduã. As pedras foram puxadas por um burro. Carregavam as pedras em cestos que o burro levava no lombo. Era um animal formidável.

- E a Ponte da Amizade, o que significou para a cidade?

- Significou muito. Essa ponte transformou Foz do Iguaçu. Quando iniciaram as obras eu tinha táxi, um Ford 36, muito bom. Meu ponto ficava perto da Prefeitura. Com a construção da ponte melhorou muito o movimento de passageiros. Eu levava ao aeroporto, a outras cidades. Uma vez fui levar Rui Joner a Toledo e a estrada era tão ruim que levei seis horas para ir até lá.

- Veio muita gente de fora para as obras da Ponte da Amizade?

- A maioria veio de fora. Tratava-se de uma grande obra, até comparável à Itaipu. Uma empresa do Rio de Janeiro foi encarregada da construção, mas vieram engenheiros até do exterior para acompanhar a obra.

- Que prefeitos daqueles tempos o senhor destacaria como os melhores?

- O Francisco Guaraná de Menezes foi bom. Também foram muito bons os prefeitos Emílio Gomes e Júlio Pasa. Eles

sempre deixavam a Prefeitura com dinheiro em caixa. Não gastavam mais do que arrecadavam

- E as festas e bailes da época como eram? O senhor, inclusive, era músico, não?

- Eu tocava gaita muito bem. Animei muitos bailes e festas, que eram muito animados.

- Dava muita briga em bailes?

- Sempre acontecia algum entrevero, principalmente no interior. Às vezes chegavam os valentões e mandavam parar a gaita. O falecido Zacarias, quando enchia a cara, era terrível. Os Tavares e os Dias também eram terríveis...

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - Edição de 16/05/91)



Ney de Souza

Capitão Cyríaco

*"Na rádio criei os programas "A Marinha Através dos Tempos",
"Noites de Seresta" e "Rainha do Rádio"*

Ele é de todos conhecido por Capitão Cyríaco, mas é João Cyríaco de Souza Filho, nascido no Estado do Pará, em 1915. Passou pelo Rio de Janeiro, navegou pelos mares e, em 1938, literalmente aportou em Foz do Iguaçu. Aqui se enraizou e casou com Nacir Kuster, com quem teve quatro filhos, e aqui fez sua história de marinheiro, esportista e principalmente de espírita fervoroso e ativo.
(Juvêncio Mazzarollo)

- Onde e como começou sua carreira de marinheiro?

- Depois de fazer o curso primário em Mirassol, no Estado do Pará, fui cursar o ginásio em Belém, e lá mesmo, aos 13 anos de idade, ingressei na Escola de Aprendiz de Marinheiro, em 1929. No ano seguinte fui transferido à Escola Naval de Angra dos Reis, RJ, onde concluí os cursos de aprendiz de marinheiro e grumete. Na Base de Defesa Minada fiz curso de torpedos e bombas. E em 1932 embarquei no destróier Paraíba, onde servi durante a Revolução Constitucionalista.³

- Teve participação direta na Revolução?

- Direta não. Nós só patrulhávamos a costa marítima do Rio de São Paulo.

- E sua vinda a Foz do Iguaçu como se deu?

- Vim para cá em 1938, a convite do comandante "Goiano", da Capitania dos Portos do Rio Paraná. Aceitei o convite. Mas trocar o Rio por Foz do Iguaçu daquele tempo foi uma mudança muito brusca. Foi como sair da cidade e ir para o mato, porque isto aqui era quase só mato, floresta nativa. Mas também gosto de mato. Aqui havia rios, e o que eu fazia no mar podia fazer nos rios daqui.

- Fazia o que na Marinha em Foz do Iguaçu?

- Fui instrutor da Escola Provisória de Marítimos de 1939 a 1945. A Marinha participava de tudo, ajudava em tudo na cidade. Não ficava

só inspecionando embarcações no rio Paraná, que patrulhávamos de Foz a Guaíra. Em 1940 prestei concurso para o quadro de práticos da Armada dos rios Paraná, Paraguai e Costa Nordeste. E em 1941 fui designado para fazer curso de bordo no navio José Bonifácio, no Rio de Janeiro. Ali fui promovido a primeiro sargento do quadro de práticos da Marinha, retornando a Foz seis meses depois.

- Que patentes conseguiu em sua carreira na Marinha?

- Em 1945 fui promovido a sub-oficial de 2ª classe e em 1949, a sub-oficial de 1ª classe. Em 1955 fui promovido a tenente prático-mor da Armada do rio Paraná. E em 1964 fui promovido a 1º tenente, em seguida a capitão-tenente - daí ser hoje conhecido por Capitão Cyríaco. Permaneci na ativa até 1975, quando me aposentei pela Marinha e logo fui trabalhar na coordenação do serviço de segurança física de Itaipu, onde fiquei durante quinze anos. Na Marinha servi durante 46 anos.

- Recebeu condecorações, medalhas e diplomas de mérito?

- Recebi da Marinha do Brasil as medalhas de bronze, prata e ouro, medalha de guerra sem estrelas, passador de platina e de honra ao mérito Tamandaré.

- O senhor teve e ainda tem grande envolvimento com o Espiritismo. É figura de destaque no Espiritismo em Foz do Iguaçu. Como entrou no Espiritismo?

- Eu era católico. Nunca reneguei a Igreja Católica, que sempre respeitei. Sou inclusive muito amigo do bispo dom Olívio Fazza. Bem, logo que cheguei a Foz do Iguaçu comecei a viver fenômenos estranhos dentro de mim. Certo dia, como que em sonho, uma amiga que havia deixado em Belém do Pará me fez ouvir sua voz claramente. Dizia-me ela que tinha deixado seu corpo, saído do seu corpo. Fiquei intrigado, muito intrigado com aquilo, porque pareceu-me que a moça estava realmente falando comigo, como se estive ali presente. Dias depois recebi de Belém a notícia de que ela havia falecido.

- Naturalmente, foi em busca de explicação para o fenômeno.

- Conversei com um argentino e ele me levou a um centro espírita que funcionava meio clandestinamente porque o Espiritismo era mal-visto e até condenado aqui naquela época.

- O que aconteceu no centro espírita?

- Um espírito se manifestou através de um médium que estava de costas para mim. Essa entidade, esse espírito me chamou e disse: "Meu filho, quem trouxe você aqui fui eu. Aqui está o início de sua missão espiritual nesta região. Este é o seu caminho. Siga dando exemplos do bem, dos ensinamentos de Jesus, que eu estarei sempre com você".

- Entrou no Espiritismo de corpo e a alma?

- Sim. Seis meses depois já era vice-presidente do centro espírita, mais tarde presidente. Participei, junto com José Vicente, da fundação do Centro Espírita Paz, Amor e Caridade. E em 1942 idealizei e construí a

Escola Jorge Schimmelpfeng para crianças carentes.

- O senhor difundia o Espiritismo através de um serviço de alto-falantes?

- É verdade, fiz isso durante anos. Apareceu na cidade uma rede de alto-falantes e eu passei a usá-la na difusão de mensagens espíritas. O programa chamava-se "Carrossel Melodioso", que depois passei para a Rádio Cultura logo que foi instalada. Na Rádio o programa passou a chamar-se Hora Espírita, na época transmitido ao vivo, aos domingos de manhã, diretamente do Hotel Cassino Iguaçu na presença de muita gente. Mantenho até hoje a Hora Espírita na Rádio Cultura. Vai ao ar aos sábados, das 19 às 20 horas.

- Na Rádio Cultura o senhor fez também outros tipos de programas.

- Durante 32 anos apresentei o programa "A Marinha Através dos Tempos". Com isso a Rádio ganhou da Marinha a Comenda do Mérito Naval quando o programa completou 21 anos de existência. Na Rádio criei também os programas "Noite da Seresta" e "Rainha do Rádio" um concurso muito disputado. Além do mais, eu fui quem primeiro introduziu o samba em Foz do Iguaçu.

- Como assim?

- Quando aqui cheguei quase só se tocava música paraguaia (polcas e guarânias) e argentina (tangos).

- Nada nem de música gaúcha?

- Não, essa viria mais tarde, na década de 60. Quem trouxe o samba fomos nós da Marinha, vindos do Rio de Janeiro nos anos 40 e 50.

Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - Edição de 04/03/94



Harry Schinke

O Museu do Parque Nacional do Iguaçu, construído pela empresa Dolabela



Harry Schinke

Prédio do Grupo Escolar Bartolomeu Mitre recém inaugurado.

Retratos Foz do Iguaçu



Gusabarte

Hotel das Cataratas, também construído pela companhia mineira Dolabela.

Carlos Luiz Samways

"Getúlio Vargas mandou um sobrinho se esconder em Foz do Iguaçu. Recomendando-o ao meu avô prefeito. O rapaz morou em nossa casa muitos anos"

Para muitos, Jorge Samways talvez seja apenas nome de rua central de Foz, sem que saibam o porquê de um nome inglês numa via da cidade. Pois, Jorge Samways, de origem inglesa, foi o segundo prefeito de Foz do Iguaçu e aqui deixou uma herança preciosa. A história, já que Jorge não está, é contada a seguir por seu neto Carlos Luiz Samways, aqui nascido em 1936. (Juvêncio Mazzarollo)

- Onde começa a história da família Sanways radicada em Foz do Iguaçu? Qual sua origem? Quem veio de onde?

- Meus avós saíram da Inglaterra em 1875. Nosso bisavô casou com uma baronesa judia, mas a família dela era contra judeus, então o casal ficou deserdado e, por desencanto, migrou para os Estados Unidos, onde permaneceu por quatro anos. Vieram então ao Brasil e se estabeleceram em Curitiba com olaria.

- E de Curitiba, seu avô Jorge migrou para Foz do Iguaçu. Como isso se deu?

- Ele veio a convite de Jorge Schimmelpfeng. Inicialmente trabalhou na extração de madeira. De 1914 a 1924 integrou a primeira Câmara de Vereadores do Município. Era presidente da Câmara quando, em 1924, por indicação do primeiro prefeito de Foz do Iguaçu, Jorge Schimmelpfeng, assumiu a Prefeitura.

- Antes, porém, na questão genealógica, o que temos na família Sanways?

- Jorge teve sete filhos, cinco mulheres e dois homens, entre eles meu pai, Wisland. E eu, casado com Ivany Rocha Neto, tenho quatro filhos.

- O senhor conheceu seu avô Jorge? Como era ele?

- Conheci. Era um grande músico e ensinou música aos filhos. Juntos formavam uma banda. Jorge tocava flauta, meu pai tocava

violino. Jorge era muito culto. Falava inglês, francês, polonês. Português aprendeu tão bem a ponto de perder o sotaque. E falava espanhol também. Na cidade era conhecido por Jorge Inglês.

- E Jorge Sanways cidadão e político como foi?

- Sua grande marca foi a honestidade, tanto que morreu pobre. Se fosse desonesto poderia ter ficado super-rico. Não permitia, por exemplo, que seus filhos tivessem mais de um terreno cada um na cidade. Ele sendo prefeito achava que ficaria feio se tivessem muitas propriedades. Ele mesmo só tinha um terreno com sua casa. Quando morreu nem inventário fez. Meu pai também não fez inventário porque não havia o que inventariar. Jorge foi casado com Januária Silveira, viveu em Foz do Iguaçu de 1911 a 1945 e morreu em Curitiba aos 89 anos.

- O que Jorge Sanways fez como prefeito, cargo que ocupou várias vezes?

- Foi prefeito de Foz do Iguaçu três vezes: de 1924 a 1928, em 1930 e de 1933 a 1938. Eu nasci em 1936, era criança quando ele foi prefeito, então pouco sei do que ele fez, mas não havia muito o que fazer. A cidade era pequenina, os recursos eram escassos. Não havia máquinas ou veículos. Estradas e ruas eram abertas a machado e picareta. A madeira para fazer bueiros e pontes era serrada a mão e puxada por animais. A cidade de Foz do Iguaçu era minúscula, mas o município era enorme - se estendia até Cascavel, e meu avô,

como prefeito, percorria toda a região a cavalo.

- Ele assumiu a Prefeitura justamente no ano (1924) em que a cidade foi invadida pelos revolucionários da Coluna Prestes. O que fez o prefeito? Fugiu para a Argentina como todo mundo?

- O prefeito, outras autoridades e a maioria da população da cidade se refugiou na Argentina. A ocupação se deu em 21 de setembro de 1924 e eles só puderam voltar em abril do ano seguinte. Foram sete meses de angústia. No dia 6 de maio, Jorge Sanways foi reempossado na Prefeitura pelo coronel João Batista Pires de Almeida, comandante do destacamento Almada, que em 19 de abril retomou o controle da cidade das mãos dos revolucionários.

- Os prefeitos eram eleitos ou nomeados?

- O primeiro e o segundo, Jorge Schimmelpfeng e Jorge Sanways, foram eleitos. A partir de 1928, por força do ato constitucional, os prefeitos passaram a ser nomeados pelo presidente do Estado do Paraná. Nos anos seguintes houve muita troca de prefeitos. Jorge Sanways voltou a ser prefeito em 1933, nomeado, ficando no cargo até 1938.

- Na sequência dos fatos, o que se encontra ainda na história dos Sanways?

- As cinco filhas de Jorge casaram e foram morar em Curitiba, onde viviam seus tios. Os dois homens, Wisland e Joel, ficaram em Foz do Iguaçu. Meu tio Joel montou a primeira empresa de ônibus de Foz. Fazia o trajeto cidade Porto Meira com um furgão Chevrolet de oito lugares. Isso no

começo da década de 60, quando a população comprava quase tudo na Argentina.

- E seu pai Wisland Sanways, o que fazia?

- Era o que se chamava de guarda estadual, na verdade um fiscal ou coletor estadual. Aposentou-se nesse serviço em 1962. A herança material que me deixou foi uma espingarda calibre 16... Deixou-me, porém, a herança que mais importa: o exemplo de uma vida honesta, correta, por todos reconhecida. Calmo, alegre e esportista. A propósito, foram meu avô Jorge Sanways e meu pai Wiland e outros que fundaram o ABC Esporte Clube, em 1915, e o Oeste Paraná Clube, em 1928. Meu pai era um craque de futebol. A convite, chegou a ir a Buenos Aires para se profissionalizar como jogador, mas o pai dele não deixou. É que naquele tempo havia preconceito contra jogador de futebol, tocador de música... E a família Sanways se notabilizava pela música.

- E pelo futebol - afinal, vinham da Inglaterra, o berço do futebol...

- É, de fato meu pai jogava muito bem. Era do tipo acomodado, sem ambições de riqueza. Jogava, ia a bailes, tocava em bailes e fazia festa. Toda semana o grupo de amigos ia a uma casa para uma festa-surpresa. Cada um levava alguma coisa para comer e beber. A música rolava e rolava a dança.

- Que outro episódio marcante da história de Foz do Iguaçu tem na lembrança e ninguém conta?

- Em 1932, após ser sufocada a Revolução

Constitucionalista, um grupo de revolucionários derrotados no Rio Grande do Sul veio foragido para Foz do Iguaçu. Famintos e maltrapilhos, puseram-se a saquear e fazer baderna. Mas tinham uma disciplina interna rígida. Um tenente abusou de uma moça de família, e o coronel que comandava a tropa fugitiva o condenou à morte. Minha avó, a primeira-dama do Município, mandou o prefeito Jorge pedir clemência. Graças a isso o tenente foi poupado. Ele ficou tão agradecido que procurou a primeira-dama, ajoelhou-se diante dela e lhe ofereceu sua espada. Essa espada está em poder da família Sanways até hoje.

- Alguma outra história?

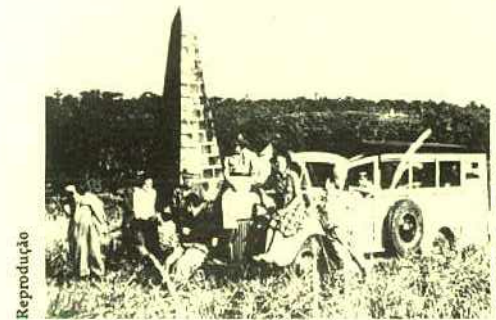
- Um sobrinho do ex-presidente Getúlio Vargas, Virgílio Dorneles Vargas, no Rio Grande do Sul, teve uma desavença e matou uma pessoa. Getúlio Vargas, então, mandou esse seu sobrinho se esconder em Foz do Iguaçu, recomendando-o ao meu avô prefeito. O rapaz veio e morou na nossa casa muitos anos. Trouxe junto muitos livros, lia muito e nos incentivou na leitura. Ele era uma ótima pessoa. Era difícil para nós admitirmos que uma pessoa tão boa pudesse ter matado alguém.

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - Edição de 23/02/94)

Retratos Foz do Iguaçu



Antiga igreja da Industrial Madeireira



Grupo de turistas visitam o Marco das Três Fronteiras na década de 40.



Aurea Cunha

Casemiro Domareski

"Houve churrascaria em Foz que ao meio-dia colocava a placa "fechada para almoço"

A economia de Foz do Iguaçu está alicerçada sobre o turismo e o comércio, e os dois setores caminham intimamente interligados. No comércio, a história do Município tem, entre outros precursores, a figura de Casemiro Domareski, ainda hoje trabalhando e prosperando junto com os filhos, mas também dando muito de si em prol de causas comunitárias.

(Juvêncio Mazzarollo)

- Domareski soa como nome eslavo. Qual a origem da família Domareski?

- Minha mãe veio da Polônia e meu pai, da Tchecoslováquia, hoje dividida em dois países. Vieram para o Brasil em 1907. Eu nasci no Brasil em 1928. Meus pais vieram da Europa por causa das guerras, porque lá, naquele tempo, quando a rapaziada crescia e estava apta para lutar, logo era convocada para a guerra. Quando chegou, meu pai tinha 12 anos e minha mãe, 8.

- Onde eles se estabeleceram?

- Em Ivaí, Paraná, perto de Ponta Grossa, trabalhando na lavoura. Lá eu nasci. Saí de casa com 13 anos de idade para aprender um ofício. Trabalhei de ajudante de ferreiro em Prudentópolis durante dois anos. Depois mudei para Monte Alegre para trabalhar na indústria de papel Klabin, quando começou, em 1944. Trabalhei na fundação daquela indústria. Trabalhei na abertura do canal de desvio do rio para a construção da usina.

- Que usina?

- Uma usina hidrelétrica para mover a indústria, em Mauá, no rio Tibagi. Fiquei lá quatro anos e mudei para Ponta Grossa, onde trabalhei numa oficina mecânica de empresa de ônibus. Em 1950 mudei para Laranjeiras do Sul. Em 1951 trabalhei como ajudante de caminhoneiro. Depois trabalhei com caminhão puxando porco de Laranjeiras do Sul para Ponta Grossa. Levava dois dias para ir de Laranjeiras a Ponta

Grossa - um dia só para ir até Guarapuava.

- Caminhão ruim, estrada péssima...

- O caminhão, um Ford 46, até que era bom, mas a estrada era péssima. Aquilo nem estrada era. Depois, em 1951, comprei um boteco de amendoim na frente da estação rodoviária de Laranjeiras do Sul. Meu movimento começou a crescer e eu expandi meus negócios no comércio. Uma loja de tecidos fechou e passou o estoque para mim. Aí fui progredindo de vento em popa. Foi quando casei. Depois me deu uma besteira na cabeça de comprar um hotel lá mesmo. Era o Hotel Monte Castelo.

- Casou com quem? Teve quantos filhos?

- Casei com Geni Mufato, nascida em Urussanga, SC. Era órfã e veio a Laranjeiras aos sete anos de idade com os tios. Tivemos quatro filhos homens e uma mulher, mais outra que faleceu ao nascer. E temos já 18 netos.

- Depois do hotel em Laranjeiras, o que se pôs a fazer?

- Vendi o hotel e mudei para Cascavel, em 1954, quando Cascavel começou a crescer. Fiquei em Cascavel mais quatro anos. Construí a primeira casa de material de Cascavel. Havia muita madeira, então só se construía casas de madeira.

- Trabalhou em que em Cascavel?

- Instalei churrascaria, fiz picaretagem (no bom sentido) na compra e venda de terreno.

- Era o melhor lugar para comer em Foz do Iguaçu?

- Era, porque houve churrascaria em Foz do Iguaçu que ao meio-dia colocava uma placa com os dizeres “fechada para almoço”. Eu levantava às cinco da manhã e trabalhava até as duas da madrugada. Ia buscar carne em Laranjeiras do Sul. Trazia em ônibus. A carne da Argentina não prestava, a do Paraguai nem se fala, e aqui não havia.

- Veio a Foz do Iguaçu, então, em que ano?

- Em 1956, portanto há 38 anos.

- E depois da churrascaria, o que o senhor fez?

- Aluguei uma casa velha em frente à rodoviária velha. Quando chovia no Paraguai já estava chovendo também dentro de minha casa. Tinha experiência em comércio, e instalei aí um armazém. Vendia muito para o batalhão do Exército, e faturava para 30, 60 e até 90 dias de prazo. Eu fui representante da fábrica de palmito de Santa Terezinha. Trazia farinha de trigo de Francisco Beltrão, azeite de São Paulo. Comprei duas caminhonetes e passei a abastecer Foz do Iguaçu, Itacorá, Alvorada do Iguaçu e Santa Terezinha. Não havia comerciante que não me devesse. Mas não havia isso de promissória. Meu freguês de Alvorada era o Justino Bianco. Ele me dizia: “faz a praça, e o que sobrar é meu, descarrega aqui”. Eu descarregava e ele nem ia conferir a mercadoria. Ele me entregava tambores de banha, quilos e quilos de salame

e queijo, e eu também não conferia. Tudo era feito na confiança. Ninguém lograva ninguém, nem negava contas. Depois os filhos cresceram, então abrimos loja de exportação, a Expodoma, administrada pelo Nelson. Consegui a representação da Ultragás. Cheguei a vender vinte mil botijões de gás por mês. Mais tarde instalamos posto de combustíveis, o Hotel Sol. E resolvi fazer cada um dos filhos assumir sua responsabilidade, seu negócio. Disse: “até agora trabalhamos juntos, mas de agora em diante é cada um por si e Deus por todos”.

- O senhor administra o Hotel Sol. Como está o movimento e o rendimento?

- É um hotel categoria três estrelas. O preço de tabela de 52 reais para apartamento de casal, mas estamos cobrando 10 reais por pessoa. A concorrência é tão grande que o Hotel Estoril, quatro estrelas, cobra 13 dólares por pessoa, sendo que o preço de tabela para hotel quatro estrelas seria de 160 dólares.

- De todos os muitos negócios em que se meteu, qual teve maior sucesso, rendeu mais?

- O comércio, sem dúvida.

- E qual considera sua maior realização?

- Foi colocar bem todos os meus filhos.

- Mas além de cuidar dos seus negócios, o senhor se envolveu em ações e empreendimentos comunitários. O que destacaria nesse campo?

- Em 1971 fui procurado pelo Sérgio Lobato, que pediu meu apoio para promovermos o primeiro campeonato de pesca ao dourado,

que foi feito com largada na Ponte da Amizade. Eu sempre gostei de uma pescaria e de uma caçada. Desde 1971, todos os anos se realiza com muito sucesso o campeonato de pesca ao dourado, embora nos últimos anos o peixe esteja escasseando no rio Paraná. Fundamos o Cataratas Iate Clube. Eu, sendo comodoro, construí a sede do Clube, idealizado por mim e pelo Lobato. Então pensei que era hora de cuidar um pouco dos meus negócios. Mas logo dona Luíza Aguirre veio à minha procura pedindo ajuda para a construção do asilo Lar dos Velhinhos

- E o senhor encarou a idéia?

- Sim. Dona Luíza Aguirre me convidou para fazermos a obra. Eu aceitei ser presidente da comissão que dirigiu o empreendimento. Éramos doze pessoas. Com apoio do prefeito Clóvis Cunha Vianna conseguimos do Estado o terreno, da área do Colégio Agrícola. Conseguimos 20 mil metros quadrados. Armino Wandescheer foi nosso engenheiro e fizemos a obra. Das outras pessoas, um adoeceu, outros foram embora, outros caíram fora e acabou sobrando tudo para mim. Como rotariano, consegui muitas coisas com o Rotary. Consegui ajuda da Itaipu, que nos deu material. Com doações, promoções, feiras e bazares fomos conseguindo os recursos e fizemos a obra. Levamos quatro anos para concluir a obra, que tem 2.250 metros quadrados e abriga 76 velhinhos.

- Gastou dinheiro de seu bolso também?

- Dinheiro, não. Dediquei meu tempo e usei muito meus carros e caminhões na obra. O padre Germano Lauk conseguiu uma verba da Alemanha. E sempre consegui doações de amigos, tanto para construir a obra como para

manter o Lar dos Velhinhos em funcionamento.

- O senhor mantém ligação com o Lar dos Velhinhos ainda hoje?

- Aquilo ficou no meu coração e não vai sair nunca. Vou lá todas as semanas. Aquele empreendimento foi abençoado desde o primeiro dia de construção. Nunca desisti dele. Deixei de pescar, deixei de caçar, mas não abandonei a construção do Lar dos Velhinhos, que funciona há 10 anos. Eu fui presidente durante cinco anos. Celestino Rorato foi presidente por mais dois anos. E agora o presidente é o advogado Ademar Montoro, que está meio cansado e querendo sair.

- Qual é a fonte de recursos para a manutenção do asilo?

- Doações de pessoas da sociedade. E a Prefeitura dá uma verba mensal.

- Está com algum outro empreendimento empresarial em cogitação ou em construção?

- Estamos construindo um restaurante, que será especializado em comida típica italiana, com capacidade para atender a mil pessoas por vez. A obra está parada há três anos por falta de dinheiro. Mas um dia vai ficar pronta. Fica em frente ao Ginásio de Esportes Costa Cavalcanti.

(Extraído da “Gazeta do Iguaçu” - Edição de 20/8/1994)



Ney de Souza

Casemiro Kalichevski

*"A avenida Brasil era a avenida Botafogo.
Quando chovia, virava um atoleiro só"*

A família Kalichevski tem a ver com um passado que se inclui nos primórdios de Foz do Iguaçu, como mostra aqui Casemiro Kalichevski, cujos pais migraram de Ponta Grossa em 1927, quando ele tinha 12 anos de idade. A família se estabeleceu inicialmente em Criciúma, hoje Santa Terezinha de Itaipu, que depois Casemiro trocou por Foz do Iguaçu.
(Juvêncio Mazzarollo)

- Por que seus pais decidiram sair de Ponta Grossa e se embrenhar em Foz do Iguaçu?

- Acho que foi porque as coisas não estavam bem por lá, mas não sei bem, porque eu era ainda criança.

- Lembra de como foi a viagem de mudança?

- Lembro. Viemos de carroça puxada por três cavalos. Partimos de Ponta Grossa no dia 6 de abril de 1939 e chegamos no dia 6 de maio. Em alguns trechos de serra, um cavalo era colocado atrás da carroça para impedir que despencasse precipício abaixo. Os trechos mais difíceis foram os da Serra da Esperança, entre Ponta Grossa e Guarapuava, e da Picada Benjamim, entre Céu Azul e Matelândia. Cascavel, na época, era chamada de Encruzilhada. Na viagem tivemos a sorte de encontrar tempo bom em todo o percurso.

- Onde dormiam e o que comiam na viagem?

- Dormíamos na carroça e embaixo dela, ou embaixo de árvores. Comíamos o que havíamos trazido de Ponta Grossa e também comprávamos alguma coisa pelo caminho. Acendíamos fogo, assávamos uma carne, os cavalos descansavam e a viagem prosseguia.

- Seu pai tinha em Foz do Iguaçu alguma propriedade ou negócio definido para tocar quando se mudou para cá? Ou

veio arriscar qualquer coisa?

- Não tinha nada. Só tinha um conhecido aqui, o Adão Kutz, que o incentivou a vir. Meu pai veio sem saber o que iria fazer. Logo que chegamos fez requerimento de terra do governo do Estado lá em Criciúma, hoje Santa Terezinha de Itaipu. Mas só conseguimos a terra 15 anos depois, quando meu pai já havia morrido. Eram 19 alqueires. Depois compramos mais cinco.

- O governo dava a terra de graça?

- Não. Tinha que pagar, mas o preço era bem baixo, com prazo de cinco anos para quitar e ter direito a escritura. Demos muito duro na roça, até que em 1965 eu me mudei para Foz do Iguaçu. Aqui casei e tive quatro filhos, mas um faleceu.

- Veio fazer o que em Foz do Iguaçu?

- Comecei com um bar no bairro Boicy. Meus filhos estudaram e agora têm escritório de contabilidade na Vila Yolanda. Ao lado do escritório, eu cuido de um bar. Não dá lucro, mas é divertido. Como se diz: "pobrete mas alegrete".

- Ao menos comiam e bebiam bem...

- É verdade. Comia-se bem, muito bem. Mas bebida, não. O pessoal bebia bem menos do que bebe hoje.

- Lembra de algum episódio importante ou simplesmente

engraçado daqueles tempos idos?

- Não sei... não lembro. Ou, se quiser, lembro que em 1963 conheci em Criciúma, o Dobrandino Gustavo da Silva, que hoje é prefeito de Foz do Iguaçu. Era vizinho nosso lá. O pai dele tinha um canavial e um alambique de cachaça. Gente boa! Sou amigo de Dobrandino desde aquela época. Ele sempre foi muito trabalhador. Simples como eu, só que a família dele tinha mais dinheiro do que nós.

- Dobrandino já se metia, ou ao menos se interessava, em política?

- Não, em 1965 ele abriu um depósito de bebidas em Criciúma (Santa Terezinha). Eu comprava dele. E ele revendia também em Foz do Iguaçu.

- Certamente, o senhor sempre votou em Dobrandino?

- Sim, e sempre votarei nele para o cargo que disputar.

- Mas voltando aos tempos em que a família Kalichevski chegou à região, que impressões o senhor teve e guarda na lembrança?

- Lembro que em 1939, quando chegamos, havia em Foz do Iguaçu quatro casas de alvenaria. O resto era tudo de madeira. A avenida Brasil de hoje chamava-se avenida Botafogo. Quando chovia era um atoleiro só. Havia a Prefeitura, a Casa Paroquial, uma igreja e um grupo escolar onde estudei, mas só durante seis meses, porque era muito longe e difícil vir todos os dias de Criciúma a Foz do Iguaçu.

- Era o tempo da Segunda Guerra

Mundial. Houve por aqui algum problema em função disso?

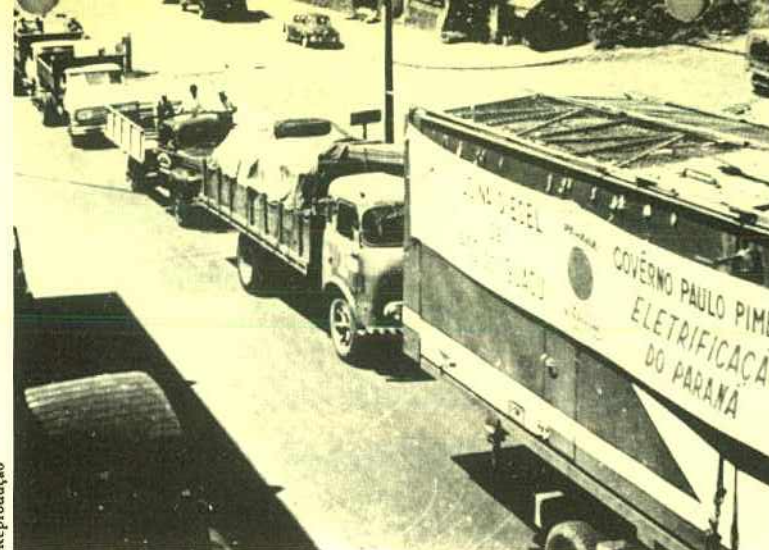
- Foi um período duro, difícil, porque não havia mantimentos. Não se encontrava açúcar, sal, querosene... Tudo era fornecido em pequenas quantidades. Era tudo racionado. As mercadorias vinham de carroça de Ponta Grossa. Depois, porém, começamos a comprar na Argentina, e então melhorou.

- Que fato marcante de sua vida poderia relatar?

- Certa vez fui ajudar um amigo meu a pegar um boi. O boi avançou contra ele, ele se afobou, sacou o revólver e deu uns tiros contra o animal. Um tiro me atingiu. Quebrou uma costela e furou meu pulmão. Fui atendido na Santa Casa Monsenhor Guilherme pelos médicos Silvio Cury e Osmar Esculápio. Doze dias depois, me encaminharam a Curitiba. Lá me operaram e em recuperei, mas corri risco de vida. Voltei de avião, mas quando chegamos a Goioerê o piloto foi informado de que o mau tempo não permitia pouso em Foz do Iguaçu. O avião foi embora e nós ficamos em Goioerê. Só dias depois pudemos embarcar em ônibus para Cascavel, porque o rio Piquiri estava muito alto e tivemos que esperar que baixasse. De Cascavel viemos até Foz de táxi - um Jeep.

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - Edição de 10/06/93)

Reprodução



Desfile na avenida Brasil dos equipamentos da usina a diesel que a Copel instalou em Foz, durante o governo Paulo Pimentel

Retratos

Foz do Iguaçu

Vista parcial do comércio na avenida Brasil nos anos 60

Reprodução





Ney de Souza

Conceição Ferreira Araújo

*"Meu marido sempre dizia a mim e nossos filhos:
"Temos que ser por Foz"*

Numa cidade de migrantes, Conceição Ferreira Araújo pode se orgulhar de ser "filha da terrinha". Nasceu em Foz do Iguaçu, filha de pai gaúcho (um viajante que vinha ao Oeste do Paraná) e de mãe que casou aos 14 anos. Dona Conceição, ou Dona Nita, como é mais conhecida, e seu marido, o engenheiro Augusto Araújo, falecido em 1980, têm seus traços marcados na formação de Foz do Iguaçu, conforme ela revela a seguir.
(Juvêncio Mazzarollo)

- A senhora nasceu em Foz do Iguaçu, mas seu marido, Augusto Araújo, falecido, não. De onde ele veio, como e por quê?

- Ele veio em 1940, de Minas Gerais, comandando 80 homens da empresa Dolabela que vieram para construir o antigo Aeroporto, hoje transformado no Clube Gresfi, o Hotel das Cataratas, a Usina São João, dentro do Parque Nacional, e outras obras. Meu marido veio a cavalo. Era engenheiro e administrador de obras. Foi também delegado e administrador do Parque Nacional. Foi ele também que comandou o calçamento da estrada velha das Cataratas. Na estrada das Cataratas ainda há postes de concreto que ele fez. E outra obra dirigida por ele é o Museu do Parque.

- Construções como o Hotel das Cataratas, o Antigo Aeroporto, Museu do Parque Nacional e outras apresentam um estilo arquitetônico peculiar e comum a todas elas, com arcadas, sacadas, pedras pretas à vista. De que origem ou inspiração é esse estilo?

- É um estilo espanhol. A família do meu marido era espanhola e ele deve ter aprendido ali esse e outros estilos que tinham suas construções.

- Em Puerto Iguazú, Argentina, também há edificações nesse sentido encontrado em Foz do Iguaçu. Quem influenciou quem, no caso?

- Meu marido não trabalhou nessas edificações argentinas, até

porque quando ele veio para cá elas já estavam construídas. Os traços comuns nas edificações de lá e cá confirmam se trata de estilo com influência espanhola.

- Como era Foz do Iguaçu nos idos da década de 40, quando seu marido veio para cá e vocês se casaram?

- Gostaria que ele estivesse aqui para contar, mas alguma coisa posso lembrar. Por exemplo, não havia na cidade uma casa com um banheiro dentro. Só se conhecia a latrina no fundo do quintal. Meu marido construiu nossa casa atrás de onde hoje está o Fórum e instalou o primeiro banheiro interno de Foz do Iguaçu, com sistema de vaso sanitário e descarga. Era uma curiosidade que atraía gente para ver como era, como funcionava a grande novidade.

- É, sem dúvida, um bom indicativo de como era a vida aqui. Mas o que mais o engenheiro Araújo fez? Lembra de algo mais notável ocorrido nas construções que ele dirigiu?

- Não houve nada de excepcional. Gostaria só de registrar que quando o presidente Getúlio Vargas veio para cá eu fui destacada especialmente para servir a ele o café da manhã no Museu do Parque Nacional, que foi construído antes do Hotel das Cataratas. O que mais o dr. Araújo fez? Merece nota o fato de que ele mais quatro amigos instalaram o primeiro serviço telefônico de Foz do Iguaçu. As primeiras cinco pessoas que tiveram telefone aqui foram meu marido, o médico Silvio Cury, a família Schimmelpfeng, o dr. Ferreira

Damião e outro cujo nome não me lembro.

- Como funcionava aquele sistema telefônico? Que alcance tinha?

- Inicialmente só permitia comunicação entre os cinco proprietários de uma linha. Discava-se três números apenas. Eu ainda guardo o aparelho telefônico. A estação telefônica foi instalada no prédio onde hoje está instalada a Fundação Cultural.

- A família Araújo foi pioneira em alguma outra coisa?

- Também foi "seu" Araújo quem instalou em Foz do Iguaçu o primeiro posto de combustível - o Posto Esso Avenida, na parte mais baixa da Avenida Brasil. Os tanques de combustíveis estão ainda hoje enterrados lá. Não foram arrancados quando o posto foi desativado. Ele participou ainda da fundação do Foz do Iguaçu Country Clube e teve a primeira agência de revenda de automóveis da cidade - a Covema (Comércio de Veículos e Máquinas Ltda), concessionária da Chevrolet, instalada onde hoje está a boate Whiskadão. Depois a empresa passou para outros donos com o nome de Divisa, atual revendedora da Chevrolet em Foz do Iguaçu. Por fim, Augusto Araújo também participou da fundação da Associação Comercial e Industrial em Foz do Iguaçu (ACIFI), junto com Pedro Basso e outros empresários.

- Augusto Araújo foi político também?

- Foi inclusive vereador. Ele era getulista. Naquele tempo o vereador não recebia salário, e mesmo assim, quem faltasse pagava multa de 50 mil réis. Hoje, além de ganharem salário absurdo de alto, os vereadores podem faltar às sessões à vontade,

sem punição alguma. Ah, mais um dado: meu marido foi ainda presidente do Oeste Paraná Clube. Ele era muito ligado à vida social da cidade.

- Mas, se seu marido fez tanta história, a senhora fez a sua. Como era ser mulher nesta terra nos anos 40, 50?

- A mulher era dona-de-casa, e só.

- Algo como um utensílio doméstico... Teve dificuldades com as crianças, a gravidez? Os bebês nasciam em casa, com assistência de parteira...

- Era assim mesmo. Eu, graças a Deus, nunca tive problemas. Tinha saúde, era bem casada e achava a vida maravilhosa. Até hoje sou assim. Havia hospital, a Santa Casa Monsenhor Guilherme, mas ninguém ia lá para fazer parto. Minhas quatro filhas nasceram em casa, com assistência de parteira, sempre sem problema algum. Havia na cidade duas parteiras muito competentes, inclusive recomendadas pelos médicos às mães.

- Seu marido ganhava bem como engenheiro de obras públicas?

- Ganhava bem, ou seja, o dinheiro naquele tempo tinha valor.

- Como era viver dentro do Parque Nacional? Não havia o perigo das feras? Os mosquitos não eram um inferno?

- Os mosquitos infernizavam mesmo. Feras? Perigo? Era tão perigoso quanto hoje, porque ainda há tigres no Parque. Claro que naquele tempo havia mais. Nós morávamos perto do canal adutor da Usina São João. A casa era bem cercada. Altas horas

da noite frequentemente ouvia-se o barulho das onças que rondavam a casa. Às vezes eu levantava e ia à janela ver os animais ferozes.

- Sabe de alguém que tenha sido vítima das feras no Parque Nacional?

- Não. Se houve algum caso ninguém contou. Mas naqueles tempos encontrava-se bichos também na cidade. Uma vez apareceu um enorme jacaré no rio Monjolo, que agora está coberto, canalizado na baixada do centro da cidade. Eu estava lá com outras mulheres lavando roupa quando apareceu o jacaré. Levei um tremendo susto. Meu pai amarrou o jacaré e o levou para casa.

- Por falar em seu pai, o que fazia ele?

- Era comandante do navio Cruz e Malta, que transportava passageiros e carga (ervamate) pelo rio Paraná até a Argentina. Esse navio acabou afundando. Sendo meu pai comandante do navio, nós viajamos muito com ele a Posadas, Argentina e Guaíra. Às vezes ficávamos semanas hospedados num hotel de Posadas e adorávamos. O navio Cruz e Malta era grande e bonito. Depois de deixar o navio, meu pai trabalhou na Mesa de Rendas ou Coletoria.

- Posadas era maior que Foz do Iguaçu?

- Era um pouco maior e uma cidade bem bonitinha.

- Como era a vida social em Foz do Iguaçu? Vocês participavam dela, iam aos bailes e festas?

- Sim, íamos muito a bailes no Oeste Paraná Clube, depois no Country Clube. A cidade tinha muita festa. Mas eu não participava só de festas. Trabalhei muito também na APMI

(Associação de Proteção à Maternidade e Infância), fundada em 1951 com o nome de Casa da Infância, da qual fui uma das fundadoras. Sou sócia da APMI desde que foi assentado o primeiro tijolo. Mais recentemente fui diretora do berçário da entidade, e minha filha Glória foi diretora por quatro anos. E durante dez anos trabalhei nos programas de assistência social da ex-primeira dama do município Lea Vianna, esposa do ex-prefeito Clóvis Cunha Vianna, principalmente na Guarda Mirim. Na Fartal (Feira de Artesanato e Alimentos), nas comemorações de aniversário do município, eu costumava trabalhar de manhã à noite para ajudar a APMI, Guarda Mirim, Lar dos Velhinhos, etc. E hoje ainda sempre ajudo nesse tipo de promoção.

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - Edição de 07/07/93)



Arquivo família Roth

Crecencia e Afra Roth

"Nossas terras foram loteadas, mas ganhamos pouco porque tinham pouco valor. O terreno onde está a Creche Mamãe Carolina, da Diocese, nós doamos."

Vindas da Alemanha com a família em 1927, as irmãs Afra e Crecencia Roth, à época desta entrevista, em 94, viviam sószinhas numa rústica casa de madeira no bairro Maracanã.

Com o auxílio do professor Cláudio Dier, foi possível fazer o registro sobre essas duas figuras lendárias na história de Foz. Atualmente, Afra, com 85 anos, vive num asilo em Medianeira. Crecencia (foto) faleceu em 96, aos 88 anos.

(Juvêncio Mazzarollo)

- Como se deu a vinda da família Roth da Alemanha para o Brasil?

- **Afra:** Veio a família toda em 1927, mas nosso irmão Franz veio um ano antes. Viemos de navio. Fomos até Montevideu, Uruguai, e de lá até Buenos Aires, depois seguimos até Foz do Iguaçu, de navio pelo rio Paraná. Fizemos essa volta toda porque assim era mais fácil o transporte da bagagem.

- Por que decidiram sair da Alemanha?

- **Afra:** Porque a vida para nós estava difícil lá, devido aos problemas do pós-guerra, e o Franz já havia comprado terras em Foz do Iguaçu, então viemos para ocupá-las. Nós trabalhávamos na agricultura na Alemanha e viemos para cá trabalhar também como agricultores.

- Como ficaram sabendo das possibilidades oferecidas pelo Brasil, e justamente Foz do Iguaçu?

- **Afra:** Através de notícias de revistas e jornais que falavam do Brasil e dos alemães que para cá tinham vindo. Faziam propaganda do Brasil na Alemanha.

- Como foi a viagem da Alemanha para o Brasil?

- **Crecencia:** O navio era confortável, mas o problema era o enjôo provocado pela maresia.

- De quem compraram a terra em Foz do Iguaçu?

- **Afra:** De Ignacio Rokembach. Meu irmão Franz, que havia vindo um ano antes, só fez um trato, uma reserva da terra. Quando viemos todos, então compramos a terra. Eram 12 hectares, depois compramos mais dez hectares na área onde hoje está instalado o Corpo de Bombeiros. Quem nos ajudou e até serviu de intermediário para nós quando nos instalamos aqui foi Monsenhor Guilherme Thiletzek.

- O que hoje é o bairro Maracanã era praticamente tudo da família Roth. Quanto lhes resta hoje dessa área?

- **Afra:** Temos este terreno de 40 por 40 metros, onde temos nossa casa. O terreno pertence à Congregação do Verbo Divino, porque temos uma irmã nossa que é freira dessa Congregação. Ela mora na Argentina, em Posadas. Nossas terras foram loteadas por loteadores como o Dalcanalle, e nós ganhamos pouco porque as terras tinham pouco valor. O terreno onde está a Creche Mamãe Carolina, da Diocese, nós doamos.

- Como começaram a vida em Foz do Iguaçu quando vieram da Alemanha?

- **Crecencia:** Começamos a derrubar mato e fazer plantações. Mas depois, durante a II Guerra Mundial, tivemos que sair de Foz do Iguaçu por causa da lei que proibia estrangeiros, principalmente alemães e italianos, de viverem na fronteira. Nós fomos a Presidente Epitácio, São Paulo. Ficamos lá um ano e voltamos. Quando voltamos encontramos todas as nossas propriedades intactas em Foz do Iguaçu.

Ninguém saqueou nem destruiu o que havíamos deixado aqui.

- Quais foram as grandes dificuldades, os grandes problemas que passaram para fazer a vida em Foz do Iguaçu?

- **Afra:** Não passamos grandes dificuldades, nem tivemos grandes problemas. Começamos a trabalhar, produzir, e tudo foi se ajustando.

- Difícil devia ser a venda da produção da roça e ganhar algum dinheiro para comprar roupa, café, sal...

- **Afra:** Não era fácil, mas sempre se conseguia algum dinheiro. Vendíamos para o pessoal da cidade, para os militares do Exército.

- Que destino tiveram os outros membros da família? Os pais morreram quando?

- **Afra:** O pai morreu em 1946 e a mãe em 1951, aqui mesmo. Eles morreram sem voltar para a Alemanha. Só o irmão Franz voltou várias vezes. E nós duas fomos à Alemanha em 1982. Encontramos parentes, mas não reconhecíamos quase mais ninguém. O Franz morreu aqui em 1986. O irmão que era padre também morreu, morreu jovem, com 54 anos. O pai morreu porque caiu de uma árvore de uva japonesa. Subiu para desgalhar a árvore, caiu e machucou a bexiga. Caiu de pé. Ainda viveu 11 meses. Outra irmã nossa vive no Sul da Argentina e outra em Foz do Iguaçu, casada. Outra irmã nossa é freira e mora perto de Posadas, Argentina. Desde que o Franz morreu, em 1986, nós duas moramos sozinhas.

- Por que não casaram, não constituíram família?

- **Crecencia:** Não nos interessamos e não arrumamos casamento.

- De que as senhoras vivem? Tem dinheiro? São aposentadas?

- **Afra:** Não somos aposentadas. Vivemos com dinheiro que restou da venda de terrenos, que é administrado por nossa irmã que mora em Foz.

- Como estão de saúde?

- **Afra:** Estamos bem. Não estamos doentes. Mas as forças estão se acabando. A Crecencia consegue caminhar sem apoiar em alguma coisa. Mas eu só consigo caminhar apoiada numa cadeira, arrastando a cadeira pela casa. Não consigo caminhar lá fora.

- Enxerga bem? Ouve bem?

- **Afra:** Sim, enxergamos bastante bem, mas escutar já é mais difícil. O ouvido está fraco.

- Alimenta-se bem?

- **Afra:** Comemos bem, sim. Não passamos fome.

- E cozinham em fogão a lenha. Por que não tem fogão a gás?

- **Afra:** Não temos fogão a gás. O fogão a lenha é melhor porque tem aquela proteção do redor onde dá para a gente se segurar e não cair.

- As duas se entendem bem? Não brigam às vezes?

- **Afra:** Às vezes acontece alguma discussão. Mas vivemos juntas e temos que nos entender e nos ajudar.

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - 1994)

Retratos

Foz do Iguaçu



Arquivo Família Vera

O lazer em Foz sempre incluiu as belezas naturais da região.



Reprodução

De carroça, rumo a um piquenique.

Até meados de 70, quando foi proibido, o banho nas Cataratas era uma das alternativas de lazer para as famílias iguaçuenses



Arquivo Família Vera



Áurea Cunha

Dionisio Campana

“O Exército veio para nacionalizar a fronteira. Aqui falava-se mais castelhano e guarani do que português”

Nascido em Ribeirão Claro, Norte do Paraná, em 1917, Dionisio Campana veio a Foz do Iguaçu em 1939 para prestar o serviço militar e aqui ficou. Casou com Irene Vera, com quem teve os filhos Fábio, Carmem, Roberto e Silvio. A vida de Dionisio Campana tem em Foz do Iguaçu três momentos: 25 anos de quartel, alguns nas obras de BR 277 e outros 20 na administração da Santa Casa Monsenhor Guilherme, conforme o relato dele próprio.

(Juvêncio Mazzarollo)

- Em 1939, havia o quartel do Exército mais o quê?

- A região toda era uma mata só. O quartel era cercado de mata. Havia também a Capitania dos Portos da Marinha, a Polícia e um Departamento de Aeronáutica com dois ou três homens. O Exército tinha um efetivo de cerca de 200 homens na então denominada Companhia de Fronteira, criada em 1932 e subordinada a Curitiba.

- Com que finalidade o governo brasileiro instalou em Foz do Iguaçu a Colônia Militar, no século passado, e desde então sempre manteve um batalhão forte aqui?

- O Exército veio para nacionalizar a fronteira, garantir o território brasileiro, porque aqui falava-se mais castelhano e guarani do que português. A Companhia de Fronteira tinha sede próxima à Capitania dos Portos. Depois, já na sede nova e definitiva, passou a Companhia Independente de Fronteira, desligada do comando de Curitiba. Passou ainda pelo nome de 1º Batalhão Independente de Fronteira, hoje 34º Batalhão de Infantaria Motorizado.

- Ficou no quartel quantos anos?

- 25 anos, dos quais dois em Curitiba, onde me aposentei como subtenente em 1964. Na passagem para a reserva obtive duas promoções, chegando a 1º tenente, devido à Lei de Guerra - porque esta região foi incluída na chamada Zona de Guerra.

- Zona de Guerra? Que guerra?

- Na Segunda Guerra Mundial foi afundado um navio alemão na costa argentina. Correu notícia de que os sobreviventes do naufrágio se embrenharam na Argentina a caminho do Brasil. Por precaução, o governo brasileiro declarou esta região Zona de Guerra. Mais tarde se confirmou que cinco marinheiros alemães escaparam do naufrágio e entraram na Argentina. Pelo menos um deles veio a Foz do Iguaçu e aqui viveu, como pescador no rio Iguaçu. Eu mesmo comprei muito peixe dele para o quartel, e ele me contava essa história.

- O senhor saiu do quartel no ano em que os militares tomaram o poder. Qual era sua posição no caso?

- Nós estávamos alheios ao que estava acontecendo. Tínhamos pouca informação. Eu fiquei alheio, esperando as coisas acontecerem. Nós entramos em prontidão, mas não participamos de nenhuma operação militar.

- Teria algum episódio curioso ocorrido em Foz do Iguaçu nos idos tempos?

- Quando vim para cá havia três carros na cidade - o do Exército, do Hotel Cassino e do “seu” Schinke. E havia um cabo do quartel com uma bicicleta, que gostava de pedalar pela cidade. Certo dia, o cabo descia com sua bicicleta pela Rua Edmundo de Barros, em direção à Avenida Brasil e ficou sem freio. Ia se chocar contra uns botecos que havia onde hoje está o Bradesco, mas quando cruzou a Avenida Brasil, naquele exato local e momento passava o carro do “seu” Schinke,

e foi aquela trombada. No choque, o cabo caiu desmaiado dentro do carro do Schinke e desmaiado foi levado ao quartel.

- Deve ter sido o primeiro acidente de carro em Foz do Iguaçu?

- Acredito que sim.

- Nunca houve crises fronteiriças, encrencas entre brasileiros e paraguaios ou argentinos?

- Não, nunca houve. Foz do Iguaçu e o próprio Batalhão se abasteciam na Argentina. O Ministério do Exército autorizava o Batalhão a se abastecer na Argentina, porque era mais barato e os produtos, melhores. Sempre houve uma convivência muito amistosa aqui na fronteira.

- Saindo do Exército, passou a fazer o quê?

- Eu tinha 48 anos e não iria ficar vivendo da aposentadoria. A Comissão de Estradas, do Exército, que administrava o asfaltamento da BR 277, admitia oficiais da reserva para funções administrativas. Eu me apresentei e fui admitido, em 1965, quando faltava completar apenas alguns trechos da BR, de Laranjeiras a Foz do Iguaçu. Nossa companhia era responsável pelo trecho de Céu Azul a Foz do Iguaçu. A construção da BR 277 foi muito lenta, levou quase vinte anos. Faziam um trecho e paravam por falta de recursos. Nisso se desperdiçou muito.

- Na construção da BR 277 houve algum incidente?

- Houve, por exemplo, um impasse em Céu Azul. O traçado da BR passava alguns metros dentro do Parque Nacional do Iguaçu,

para evitar uma enorme volta pelo lado oposto da cidade. Mas o Ministério da Agricultura não permitia que o Parque fosse tocado. Faltava asfaltar só aquele trecho e havia pressa, porque a data de inauguração da estrada estava marcada, com a presença do presidente Costa e Silva.

- Como foi resolvido o impasse?

- A certa altura veio de Ponta Grossa o coronel comandante que aproveitou um sábado e um domingo para colocar os tratores no mato e abrir a estrada. O Ministério da Agricultura chiou, mas o fato estava consumado.

- A BR 277 foi inaugurada em 1969, e o senhor ficou desempregado?

- Sim, mas então o comandante do Batalhão, coronel Emídio de Paula, me convidou para trabalhar na Santa Casa Monsenhor Guilherme. Eu não queria aceitar porque não entendia de administração de hospital, mas fui para ficar um mês ou dois. Acabei ficando quase 20 anos, entre 1969 e 1989.

- Que momentos destacaria nesse vinte anos em que administrou a Santa Casa?

- Quando entrei, era acanhada, com 40 leitos e uma enfermaria coletiva com camas caindo aos pedaços. Faltavam roupas e instrumentos. Recuperamos tudo, de modo que a Santa Casa atendia às necessidades da época, quando a cidade tinha 20 ou 30 mil habitantes. O Exército sempre ajudou muito a Santa Casa. Entre outras formas, mantinha equipe permanente de enfermeiros que trabalhavam de graça. Quando a cidade começou a crescer violentamente, por causa de Itaipu, fizemos as obras de ampliação do hospital. Assumimos um compromisso financeiro alto com a Caixa

Econômica Federal e, não podendo pagar, quase perdemos tudo. Felizmente, com a ajuda de muitos, conseguimos saldar todos os compromissos.

- Qual foi a maior dificuldade, o maior entrave para o progresso de Foz?

- Creio que era a dificuldade de transporte e comunicação. Nos anos 40 só vinha de Curitiba um teco-teco por semana trazer correspondência. Para ir a Curitiba estava disponível este roteiro: de barco até Porto Mendes; de trem até Guaíra; de barco até Porto Epitácio, SP; de trem até Ponta Grossa e Curitiba. Uma viagem de oito dias.

- Ir por estrada nem pensar?

- Era possível ir de carroça até Guarapuava e Ponta Grossa. Certa vez fui encarregado de conduzir a Curitiba um soldado desertor para ele receber sua punição. Havia a empresa de ônibus "Oeste do Paraná" que fazia a linha, mas só quando não chovia. Por isso tive que esperar 20 dias para embarcar. Enfim, embarcamos. Chegando ao rio das Cobras, em Laranjeiras, tivemos que esperar oito dias para a água baixar, comendo só frango.

- E a história do desmatamento desta região como começou?

- Começou com a extração do pinho e sua exportação para a Europa via Argentina. Nas décadas de 50 e 60 foi feita verdadeira devastação da madeira nobre desta região. E na década de 70 se cortou o resto da mata. Naquela época, às margens do rio Paraná havia uma fileira de serrarias e portos de carregamento de madeira para a Argentina.

- Todo esse extrativismo, da erva-mate à

madeira e sabe lá mais o quê, trouxeram algum benefício para Foz do Iguaçu, ou foi mesmo tudo na base da depredação?

- Foz do Iguaçu nunca ganhou nada com isso. Ervateiros e madeireiros não investiam aqui o que aqui ganhavam.

- Que lembranças tem da vida social e esportiva de Foz do Iguaçu em décadas passadas?

- Havia o Oeste Paraná Clube, criado em 1928, local de festas, bailes. Depois os sargentos criaram o Clube Gresfi... O esporte praticamente se reduzia ao futebol, levado muito a sério, com bons times e campeonatos disputadíssimos, que mexiam com a cidade toda. Quando Stroessner começou a exilar paraguaios vieram para cá craques de primeira.

- Aos domingos era futebol à tarde e cinema à noite, no Cine Star?

- Era isso mesmo. Mas o primeiro cinema foi do Batalhão, que exibia filmes para os militares e seus familiares. Quando surgiu o Cine Star os militares passaram a ter sessões especiais para eles, em horários que convinhassem ao regime do quartel.

- Na eleição para presidente da República, em 1960, o senhor votou em Jânio Quadros ou Teixeira Lott?

- Votei no Lott. Achava Jânio Quadros meio maluco desde que ele fora prefeito de São Paulo. Quando se elegeu presidente eu disse: "Não vai durar seis meses no governo". Durou sete.

(Extraído da Gazeta do Iguaçu - Edição de 18/02/94)



Aurea Cunha

Dom Olívio Aurélio Fazza

“O Paraná formava uma só diocese, dependente de São Paulo. Em 1926 foram criadas as dioceses de Ponta Grossa e Jacarezinho e a Prelazia de Foz do Iguaçu”.

O bispo de Foz do Iguaçu, Dom Olívio Aurélio Fazza, não é tão antigo quanto sua Igreja em Foz do Iguaçu, esta autêntica pioneira na cidade. Hoje ele dirige uma Diocese com vários municípios, 18 paróquias, 40 padres, dezenas de freiras e milhares de fiéis, num trabalho que começou em lombo de burro no início do século. Dessa história fala dom Olívio a seguir.
(Juvêncio Mazzarollo)

- Como começa a história da presença da Igreja Católica em Foz do Iguaçu?

- Até 1918, Foz do Iguaçu foi visitada duas ou três vezes por um padre de Posadas, Argentina, mas a população local pedia um padre brasileiro que desse assistência religiosa mais constante. A ajuda veio de Guarapuava, com a visita do padre Guilherme Munster, em 1918, que conquistou a simpatia do povo mas ficou pouco tempo. Nos anos seguintes outros padres vinham de Guarapuava uma vez por ano, para a festa do padroeiro da cidade, São João Batista, em junho. Esses padres vinham a cavalo, em longas e penosas viagens pelo mato. Diz um livrinho publicado em 1974, na comemoração do cinquentenário da Paróquia São João Batista, sobre aqueles missionários: “Pernoitaram onde acharam casa hospitaleira, comeram bem ou mal, dormiram com roupas molhadas, pousaram sobre camas cheias de pulgas e baratas, sempre rodeados por aquela gente, índios ou lavradores. Rezaram missa em rancho de bambu, batizaram crianças, legitimaram matrimônios e continuaram dia por dia naquela marcha vagarosa - eram verdadeiros missionários da igreja”.

- Quando e como Foz do Iguaçu passou a ter uma presença mais efetiva e permanente de padres?

- Em 1922, por ordem do bispo de Curitiba, Dom João Francisco Braga, o padre Guilherme Maria Thiletzek, vindo da Alemanha em 1907, fez uma viagem de inspeção à região de Foz do Iguaçu. Ficou entusiasmado com o que viu. Voltou a Curitiba relatou tudo ao bispo

e às autoridades estaduais. O governador Caetano da Rocha ofereceu aos padres uma subvenção do Estado se assumissem o compromisso de construir e dirigir um grupo escolar em Foz do Iguaçu.

- A proposta foi aceita?

- Sim, e foi cumprida até 1930. Em 1923, vieram para cá o padre Guilherme, padre João Progzeba e o irmão Bianchi, os três de Guarapuava. Foram recebidos com festa e se instalaram numa modesta casinha atrás de uma capela, em terreno doado pela Prefeitura onde hoje está a Catedral. Em 1924 foi criada a Paróquia São João Batista. Chamava-se Curato, espécie de capelanía subordinada a Guarapuava.

- E em 1925, a igreja de madeira foi destruída por um incêndio.

- Sim. O povo festejava a saída da cidade da Coluna Prestes. Soltaram muitos rojões e um deles se alojou no telhado de tabuinhas, causando o incêndio. Isso aconteceu em maio, dia 3. E no dia 6 de junho, dia do Padroeiro da cidade, foi benta a pedra fundamental da nova igreja, inaugurada só em 1942.

- Depois, Foz do Iguaçu foi elevada a Prelazia. Como se deu esse passo?

- Até 1926 o Paraná formava uma só diocese, dependente de São Paulo. Naquele ano o Paraná saiu da jurisdição de São Paulo e foram criadas

mais duas dioceses no Estado (Ponta Grossa e Jacarezinho), mais a Prelazia de Foz do Iguaçu. Prelazia é um bispado em formação, com pouca autonomia. O primeiro prelado foi monsenhor Guilherme Maria Thiletzek, que dá o nome ao Colégio Monsenhor Guilherme e à Santa Casa. A área da Prelazia era muito vasta. Abrangia até Guarapuava. Campo Mourão e Guaíra. A sede era Foz do Iguaçu.

- Em 1936, a sede da Prelazia passou para Laranjeiras do Sul. Por quê?

- Monsenhor Guilherme transferiu a sede porque Laranjeiras era lugar central. Foz ficava no extremo da Prelazia, o que dificultava a administração. Mudou de sede, mas não de nome - ficou sendo Prelazia de Foz do Iguaçu até 1959.

- Nesse meio tempo, a Prelazia foi comandada por Monsenhor Guilherme. Dom Manoel Konner passaria pelo vexame de ser preso num lamentável equívoco, não?

- De fato, ele passou por isso. Em 1937/38, hospedava-se na casa dos padres um membro da família real da Áustria, um arquiduque de Haubsburgo que tinha uma grande fazenda no Paraguai. Em 38 viajou à Áustria prometendo voltar logo. Mas as tropas de Hitler invadiram a Áustria e ele foi preso. Deixou aos cuidados dos padres alguns caixotes com artigos de uso pessoal, instrumentos de trabalho, alguns fuzis e um ou dois quilos de dinamite. Nesse tempo, dom Konner trabalhou em Minas Gerais.

- Voltou a Foz do Iguaçu e a “bomba”

explodiu na mão dele.

- Um conhecido do arquiduque sabia do conteúdo daqueles caixotes e foi à Delegacia de Polícia denunciar dom Konner de ocultar material bélico em casa algo proibidíssimo para estrangeiros residentes na fronteira e no litoral. Já era 1943. Segundo se sabe, dom Manoel Konner não tinha conhecimento da existência das armas. O quarto onde estavam era mantido chaveado pelos padres.

- De qualquer forma, dom Manoel Konner foi detido.

- Foi preso em casa pelo delegado, levado ao Rio de Janeiro, onde foi condenado a três anos de prisão, sendo porém absolvido em fevereiro de 1944. O processo foi arquivado por absoluta falta de provas contra dom Manoel Konner. Ele voltou a Foz do Iguaçu e foi recebido com grande festa.

- Bem, o status de Prelazia durou, segundo disse, até 1959. Qual foi o passo seguinte dado então?

- Naquele ano foi criada a Diocese de Toledo, que abarcou grande área da Prelazia de Foz do Iguaçu. Nisso a Prelazia deixou de existir, e Foz do Iguaçu passou a ser simples paróquia da Diocese de Toledo. Essa situação durou até 1978, quando então bispo de Toledo dom Armando Sírio, atual arcebispo de Cascavel, conseguiu do Vaticano a criação das Dioceses de Cascavel e Foz do Iguaçu.

- E o padre Olívio Aurélio Fazza, da Congregação do Verbo Divino, foi elevado a bispo de Foz do Iguaçu. Como

se deu sua promoção na hierarquia eclesial?

- Eu estava em São Paulo, no cargo de superior da Província Brasil - Centro da Congregação do Verbo Divino, que abrange todo o Estado de São Paulo. Nunca havia me passado pela cabeça a idéia de ser bispo. Mas alguns meses antes de ser elevado a bispo, estive em Roma participando do Congresso da Congregação e ouviu de padres insinuações de que eu seria nomeado bispo. A Diocese de Foz do Iguaçu foi criada e eu nomeado bispo pela bula “De Christiani Populi”, do papa Paulo VI, em 5 de maio de 1978.

- Por onde havia passado, o que havia feito antes de ser superior provincial e bispo?

- De 1958 a 1962 trabalhei em Toledo no Seminário Menor do Verbo Divino. Lecionava português, matemática... Eram tempos difíceis, em que nem energia elétrica havia.

- Pela histórica presença da Congregação do Verbo Divino na região, era quase um imperativo que o bispo de Foz do Iguaçu fosse do Verbo Divino?

- Realmente, a Congregação do Verbo Divino tem uma longa história nesta região e também no Paraguai e na Argentina. Desde o início da evangelização na fronteira, o Verbo Divino esteve presente. Começou e leva adiante até hoje sua missão evangelizadora.

- Ao assumir a Diocese, que linha de ação pastoral traçou?

- Procurei imprimir um estilo, digamos assim,

atualizado de pastoral, conforme aprendi na Arquidiocese de São Paulo, onde trabalhei como padre até ser nomeado bispo. Desde o começo procurei incentivar os grupos de reflexão nas paróquias. Ainda em 1978, logo que assumi, realizamos assembleia diocesana para definir o modo de caminhar da Diocese. Definiu-se que devia se pautar por uma linha de participação comunitária, com ênfase na atuação do leigo. Também desde o começo enfatizamos a formação de novos padres. Já no primeiro ano tínhamos um bom número de seminaristas. Sem o clero, a igreja não anda.

- Neste seu tempo de bispado, quais foram as situações mais problemáticas, dramáticas talvez, que teve de enfrentar?

- Um mês depois que assumi a Diocese fui procurado pelo movimento dos desapropriados por Itaipu pedindo apoio. Estavam começando o Movimento Justiça e Terra, que teve uma longa e penosa luta para conseguir uma indenização justa, ou menos injusta, de Itaipu. Eu dei todo o apoio, sempre. Depois tivemos a grave questão das Notas Promissórias Rurais em Medianeira, ocupações de terras em Medianeira e Matelândia, quando demos apoio àqueles agricultores. A igreja nunca incentivou invasões de terras, mas nunca deixou de compreender a situação desse povo, que não é um povo que não quer trabalhar, como dizem muitos, e sim é vítima de uma estrutura social injusta.

(Extraído da “Gazeta do Iguaçu” - Edição de 27/08/93)



Áurea Cunha

Egeu Timótheo de Brito

"Os policiais federais mandados a Foz eram os mata-bandidos de Carlos Lacerda no Rio de Janeiro"

- O que trouxe a família Brito a Foz do Iguaçu?

- Meus irmãos extraíam madeira no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Iam de um lado para outro com serraria e assim chegaram no Oeste do Paraná. Montaram em Foz do Iguaçu a Madeireira Farro e exportavam para a Argentina.

- E o senhor o que fazia enquanto isso?

- Estudava em Porto Alegre. Me formei farmacêutico químico pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1957. Passei a percorrer o Estado à procura de uma cidade para montar laboratório ou farmácia. Escolhi Lajeado e lá montei o laboratório com dinheiro emprestado por meus irmãos madeireiros, que diziam ser loucura eu fazer aquilo. Diziam que devia vir ao Oeste do Paraná ou Santa Catarina.

- Ficou tentado e veio ver?

- Vim ver. Vim de Jeep com meu irmão. A primeira parada foi em São Miguel do Oeste, onde meus irmãos tinham madeireira. Lá em quis comprar uma farmácia mas não deu certo, então segui para Barracão. Fiquei horrorizado com o lugar e segui viagem até Foz do Iguaçu, de Jeep, com chuva, estrada horrível no mato fechado, caminhões carregados de madeira atolados por todo lado. Na Serra do Mico, entre Medianeira e São Miguel do Iguaçu, lugar na época conhecido por "Tomba Jeep", voamos ladeira abaixo. Felizmente nada de grave aconteceu.

- Já havia farmácias em Foz?

- Havia duas - uma do Schimmelpfeng e outra do Evandro Teixeira. Fui pedir a opinião dos médicos Silvio Cury e Dirceu Lopes sobre meu projeto de montar farmácia. Eles reagiram com indiferença, como quem não acredita que dê certo. Comecei a ficar preocupado e querendo voltar ao Rio Grande do Sul, onde minha mulher, grávida, havia ficado. Certo dia estava eu deitado numa rede no escritório da madeireira dos meus irmãos e chegou a polícia à minha procura. Levei um susto quando perguntaram por mim. Mas o policial vinha me trazer um telegrama em que minha mulher, preocupada, pedia informações sobre meu paradeiro.

- Montou a farmácia, afinal?

- Não. Montei laboratório. Comprei um terreno de Antônio Ferreira Damião na Avenida Brasil, construí uma casinha e fui buscar a mulher, que já dera à luz há um mês, e trouxe o laboratório de análises clínicas que havia deixado em Lajeado.

- Certamente seu laboratório foi o primeiro instalado em Foz do Iguaçu.

- Não só em Foz do Iguaçu, mas em toda a região. Fui também o primeiro farmacêutico formado proprietário de farmácia aqui. E, ainda, fui quem primeiro abriu uma agência de turismo na cidade, a Turismo e Câmbio Iguaçu, em 1961. Abri a agência por sugestão de um amigo que trabalhava no ramo em Uruguaiana, RS. Para

A família Brito marca presença em Foz do Iguaçu desde a década de 50, movida pela corrida à madeira abundante na região. A mesma esteira trouxe Egeu Timótheo de Brito, mas para outros ramos de atividade. Formado farmacêutico químico em Porto Alegre, migrou para o Paraná em 1959 para estreitar uma série de atividades ainda desconhecidas de Foz do Iguaçu. (Juvêncio Mazzarollo)

saber o câmbio do dia sintonizava uma rádio de Montevideu. Certa vez fui a São Paulo e a mala com o dinheiro foi parar em Curitiba. Fiquei apavorado, mas no dia seguinte recebi a mala intocada em São Paulo. Os dólares que tinha davam uma montanha de cruzeiros, por isso fui a um banco comprar um cheque para não viajar com aquilo. O cheque, porém, esqueci no hotel de São Paulo. Outra vez tive sorte: no dia seguinte, o hotel me mandou a mala com o cheque, via Varig.

- Mas o senhor montou farmácia depois?

- Sim, a Farmácia São José, que ainda mantenho. Fui, ainda, sócio da Coverna (revendedora de automóveis) e gerente da Sadia Transportes Aéreos.

- Até quando se dedicou a esses negócios?

- Até 1973, quando resolvi largar tudo isso e trabalhar na lavoura. Arrendei terras de João Samek para plantar hortelã. Instalei dois alambiques e contratei duas dezenas de peões. A hortelã foi um grande negócio na região na década de 70. O que estragava era o monopólio da compra do óleo. Era controlado por dois ou três estrangeiros (japoneses) que fixavam preços muito altos quando havia pouco óleo, incentivando assim a ampliação da produção e baixavam violentamente o preço quando havia óleo em abundância.

- Por isso o senhor desistiu?

- Desisti depois de três anos. Voltei para a cidade e montei o Laboratório de Análises Clínicas Paraná, hoje talvez o mais moderno de Foz do Iguaçu.

- Mudando completamente de assunto:

Ninguém abordou aqui um fato político-militar que marcou Foz do Iguaçu após o golpe militar de 1964. O coronel do Exército Jefferson Cardim ensaiou uma insurreição contra o regime militar no Sudoeste e Oeste de Santa Catarina e Paraná. O coronel e sua tropa foram presos e trazidos ao quartel de Foz do Iguaçu. O senhor acompanhou aqueles acontecimentos?

- Sim, lembro muito bem. O coronel Jefferson e seus comandados, cerca de vinte homens, foram presos e trazidos a Foz do Iguaçu. O comandante do Batalhão, coronel Ademar Marques Curvo, convidou autoridades, lideranças e pessoas de destaque na sociedade para exibir-lhes, triunfante, os prisioneiros, como para mostrar o destino de quem ousasse se insurgir contra o governo.

- O senhor foi convidado e foi ver os “troféus”?

- Fui. Os prisioneiros estavam alojados sob uma lona, imundos, esfarrapados, sob um sol inclemente. O coronel Curvo fez um discurso de apresentação dos presos. Chamou-os de traidores da pátria, comunistas, subversivos. O coronel Jefferson estava isolado, preso numa cela, e para lá fomos levados, como quem visita uma jaula onde está em exposição uma fera. Ele estava algemado às grades da cela num estado lamentável.

- Esse coronel Curvo não acabaria sendo assassinado depois, em outra circunstância?

- É verdade. Ele, inclusive fora combatente da FEB na Itália, na Segunda Guerra

Mundial. Mas o coronel Curvo tinha aqui fama de mulherengo. Um cabo do quartel foi levado a suspeitar que o coronel estava “saindo” com sua mulher e, um belo dia, foi ao gabinete do comando e o matou. Sem entrar no mérito dessa questão, para mim o coronel Curvo era uma excelente pessoa, um companheiraço.

- Sobre a vida social de Foz do Iguaçu de anos passados e de sua participação nela, o que o senhor poderia observar e contar?

- Nos anos 60, eu, como sócio-fundador do Foz do Iguaçu Country Club, assumi o compromisso de viabilizar a construção de sua sede social. Era sócio da revendedora Ford (Covema) e consegui um carro Gordini quase de graça para ser rifado e assim conseguir o dinheiro para a obra do Clube. Obtive licença verbal do juiz e da Polícia Federal, ou seja, um compromisso de que fariam vistas grossas. No dia marcado para o sorteio, eu me instalei na Avenida Brasil com um alto-falante e convocava o povo a comprar as últimas cartelas, quando então chegou um policial federal e me deu ordem de prisão. Fui levado preso, acusado de promover uma contravenção. A Polícia Federal me entregou à Polícia Civil, que me liberou. O próprio delegado me sugeriu que escondesse o Gordini para que posteriormente fosse feito o sorteio, como de fato aconteceu.

- A truculência caracterizava a Polícia Federal na época, não?

- Era arrogante, o terror da cidade. Os policiais federais mandados a Foz do

Iguaçu eram os mata-bandidos de Carlos Lacerda no Rio de Janeiro, que aqui faziam e desfaziam arbitrariamente.

- Nessa linha algum outro fato merece atenção?

- Outro exemplo de como eram as coisas por aqui sob o regime militar aconteceu comigo em 1975, quando era diretor social do Country Clube. Naquele ano, o Country promoveu seu primeiro Carnaval. Para promover festas e espetáculos públicos era necessário ter autorização da censura e permitir que agentes de órgãos de informação, da Polícia Federal ou do Exército, entrassem sem pagar.

- E os agentes informantes se valiam disso para ir a festas e espetáculos sem pagar.

- Oficializaram a figura do penetra. O que aconteceu no Carnaval do Country foi uma tentativa de verdadeira invasão de penetras, em nome da censura federal. O Clube estava lotado, a festa animadíssima. Altas hora da noite aparece lá uma leva de policiais e militares querendo entrar. O bate-boca foi duríssimo de ambas as partes, mas nós da diretoria não afrouxamos e não permitimos que entrassem. Eu fui enérgico com eles e fiquei preocupado, com a certeza de que não deixariam por isso mesmo. No dia seguinte, por medo de ser preso, fui me esconder na casa de um sub-oficial do Exército, Luiz Pereira de Lima, hoje diretor administrativo do jornal “A Gazeta do Iguaçu”.

(Extraído da “Gazeta do Iguaçu” - Edição de 27/07/93)



Áurea Cunha

Elbecia (Elma) Wandscheer

"Tinha arroz, milho. Feijão dava bem também. Nós trazíamos na cidade. Nas lojas que tinham, tinha uma porção."

Dona Elma Wandscheer veio para Foz do Iguaçu com seis anos de idade em 1932. Acompanhando uma tia, ela se fixou em Foz e casou com Balduino Wandscheer. O casal passou a trabalhar na roça na região conhecida como Tamanduazinho - à beira da Estrada Velha de Guarapuava. Dona Elma e seu Balduino tiveram seis filhos (Lídio, Pedro, João, Carlos Neli e Clarice).
(Zé Beto Maciel)

- A senhora veio com toda sua família para cá?

- Da minha parte, não. Tenho primos. Meus parentes estão tudo lá a Argentina. Tenho um irmão, tenho uma irmã.

- E como a senhora veio para Foz?

- Eu vim com minha tia em 1932. Quando eles vieram aqui para Foz do Iguaçu, não tinha ninguém, pouca gente. Aí ela casou e veio morar aqui e como não tinha ninguém, pediu para minha mãe para eu ficar um tempo aqui. Aí eu fiquei um ano, um ano e meio.

- A senhora estudou em Foz?

- Só estudei aqui. Estudei particular na casa da dona Celeste (Azambuja Sotto Maior), eles moravam na chácara. O pai dela, o Carlito, tinha um alambique. Então ela dava aula e nós vínhamos na casa dela. Estudei uns dois anos com ela, depois paramos.

- E moravam aonde?

Nós morávamos no Segundo Distrito (região Norte de Foz, Porto Belo). Onde hoje é a igreja São José, lá era o terreno dos meus tios. Aí me criei com eles e tudo, me casei, e nunca mais...

- Em que ano a senhora casou?

- Em 1945.

- O Wandscheer (Balduino Wandscheer - marido de dona Elma

foi vereador e prefeito em Foz) a senhora conheceu aqui?

- Ele é nascido aqui em Foz do Iguaçu.

- E como era o começo, antes dele se dedicar à política, muito trabalho?

- Não, nós trabalhamos, casamos e viemos aqui (Estrada Velha de Guarapuava), morar aqui. Aí saímos de lá, paramos um tempo, uns quatro meses com meu sogro.

- Sempre na roça?

- Sempre na roça. Tinha moinho e descascador de arroz.

- Qual era a maior produção?

- Arroz. Mais era arroz e milho. Plantava muito arroz.

- Por causa do descascador?

- Não é isso. É que dava mais, o pessoal plantava mais. Tinha arroz, milho. Feijão dava bem também.

Nós trazíamos na cidade, nas lojas que tinham, tinha uma porção. Levava na venda, na mercearia. Pesava um sacode 50 kg para um, 50 kg para outro.

- Era venda de muito trabalho?

- Deus me livre. Antigamente era muito trabalho. Não tinha estrada, não tinha nada.

- Qual era o tamanho da propriedade?

- Aqui, era 50 alqueires. A maior parte era de potreiro, daí ele mandou arar e ficou para plantação.

- Quando que seu marido começou a se interessar por política? A senhora falou que ele foi eleito vereador ...a senhora lembra do partido?

- É PSD. Foi em 69, 71.

- O seu Balduino era conhecido?

- Sim, Deus o livre. Ele era conhecido de todo mundo. Toda parte ele era conhecido. Não é que eu vou 'gavar' ele, mas ele era uma pessoa muito querida em Foz do Iguaçu.

- Que tipo de trabalho ele fazia, além desses?

- Ele participava da igreja para ajudar, de esporte, a maior parte, ele gostava de esporte, qualquer coisa que acontecia com doença, porque antigamente ninguém tinha condução. Aí conseguimos comprar um carro e ele puxava leite, ia buscar aquele pessoal lá no Apepu, doente de tudo, sempre levava um ou outro. Ele sempre estava pronto para ajudar as pessoas.

- Ele foi três meses prefeito de Foz a partir de 1969?

- Ele ficou três ou quatro meses. Ele ficou como é que fala, interino. Depois que aquele prefeito tinha ido embora (coronel José Carlos Toledo).

- Ele era presidente da Câmara e ficou como prefeito? A senhora não lembra de alguma coisa que ele chegou a fazer?

O pessoal ficou mais animado, ele sendo prefeito ?

- Sim, o pessoal queria. Sempre dizia tomara que o sr. Balduino fique no lugar, que assim nós vamos ter alguma coisa a mais. Mas..

- A senhora estava falando da estrada Velha de Guarapuava, mesmo quando a estrada era usada não era muito bem cuidada?

- Não. Não era cuidada.

- Era uma picada?

- Essa estrada (atual Avenida Guarapuava) foi a primeira de Foz do Iguaçu. Aqui se juntavam colonos para limpar as beiradas, manter limpo, mas era sacrificado antigamente. Depois nós saímos de lá do Tamanduá, não deu mais certo, o meu sogro queria mudar para cidade, aí ele pediu para o meu marido vir morar na chácara dele. Aí começamos a vender, comprar uma vaquinha. Nós já tínhamos duas ou três vaquinhas, começamos a criar, e vai e vai. Lutando sempre lutando, aí conseguimos um dia, vender leite. Vendíamos 400 e poucos litros de leite. Ia pegar os colonos, fornecia ao Batalhão, aos oficiais, lutando sempre.

- Passava muita gente?

- Sim, a maior parte todo mundo passava aqui. Carroças e tudo, quem tinha condução. Era feio aqui, descer o Tamanduazinho era feio a estrada, tinha que por pau na estrada, era muito feia nossa estrada..

- Emperrava muita gente, a maior parte era carroça?

- A maior parte era carroça.

- Então a senhora deve ter recebido todo esse pessoal ...

- Sim, eles vinham, o pessoal que vinha trazer mantimento para Foz do Iguaçu, naquele tempo não tinha condição, então eles iam buscar mantimento para trazer para os comerciantes aqui na ponte, eles pararam aqui em casa. Que nós tínhamos o potreiro e morava de um lado e de outro lado, então eles vinham ali, paravam os carroceiros. Soltavam a criação no pasto, eu fazia, eu sabia mais ou menos a época que eles vinham, eles pediam por favor para preparar ...

- A senhora fazia comida?

- Comida não, só pão. Sempre carneava porco, então fazia linguiça, já aprontava, sabia mais ou menos quando eles vinham para pousar. Porque eles sempre pousavam. Já vinha a maior parte sempre de tardezinha, pousavam, no outro dia eles iam embora, iam para Foz.

- Tudo de carroça, quanto tempo durava?

- Uma hora. Vai ligeiro. O cavalo já estava descansado.

- Quantas vezes eles vinham? Quantas vezes por mês? Uma vez por mês?

- Ah! Uma vez por mês! Passava de mês, porque eles demoravam muito de vir lá de Guarapuava pra cá.

- E esse pessoal que vinha de Santa Catarina e do Rio Grande, eles passavam por aqui?

- Sim, porque a única estrada era essa. Eles não tinham como vir por outra estrada.

- Como é que pessoal na sua época se

divertia, tinha baile?

- Baile tinha. Mas isso era mais para juntar assim, o meu sogro fez um barracão, um paiol muito grande para nós colocarmos arroz. E o pessoal sabia que o meu sogro tocava muito bandoneon, sabe, então todo dia era ali, vamos, vamos. Aí todo sábado saía baile. Que meu sogro sempre tocava na Foz, ele era músico que tocava bandoneon.

- Como era o nome de seu sogro?

- Felipe Wandscheer. Ele tocava, tinha um clube que era dos Weirich. Onde fica, como eu vou dizer ... a Casa Dama (JK com Jorge Sanways). Ali tinha um salão muito grande, fábrica que faziam cerveja. Então volta e meia eles chamavam meu sogro para tocar.

- E além disso, nessa época não se tinha acesso à saúde, a médico, como era criar as filhadas nessa época?

- Graças a Deus, eu criei meus filhos,

- Não tinha tanta doença também?

- Só uma filha minha menor, pegou paralisia com nove meses. Lutamos, ela tinha 10 anos, o médico falou que tinha que levar para Curitiba para fazer umas aplicações. Ficou boa, o médico disse que ela ia melhorar. Quando era para trazer para casa, meu marido disse que não adiantava, que era melhor que ficasse lá, em tratamento, porque nós não tínhamos condições para ir todo dia até a cidade, dar uma injeção. Aí, veio uma comadre e disse que ela estava meio abandonada. Meu marido decidiu que ia buscar. Chegou a notícia que a menina estava passando mal. Meu marido foi lá mas não deu mais, a menina não aguentou, faleceu.

(Entrevista inédita, maio 1997)



Arquivo da Família Rios

Elfrida Engel Nunes Rios

*"Não se preocupem, as alturas não me intimidam".
(Alberto Santos Dumont, abril de 1916, em Foz do Iguaçu).*

Elfrida é gaúcha de Porto Alegre, assim como seu pai Frederico Engel Rios, e sua mãe Carolina Engel Becker. O pai transferiu-se de Posadas, Argentina, para Vila Iguaçu, em 1915, a convite e sugestão de Jorge Schimmelpfeng, então o primeiro prefeito da localidade.

No dia 15 de novembro do mesmo ano, junto com sua família, o patriarca conseguia inaugurar o Hotel Brasil, tornando-se o primeiro gerente hoteleiro da cidade. O prédio do estabelecimento era um casarão de madeira que permitia o alojamento de apenas 14 pessoas. Localizava-se na Av. Brasil, onde hoje se encontra o prédio do Banco Bamerindus.

Logo que chegou à Vila, tomou conhecimento de que as terras do atual Parque Nacional do Iguaçu pertenciam a um particular, o uruguaio Jesus Val, radicado na Argentina.

Frederico Engel entrou em contato com o proprietário, conseguindo sua autorização para cuidar da área e explorá-la por tempo indeterminado. Imediatamente pensou em melhorar o aspecto de um velho e abandonado casarão nas proximidades das Cataratas. Reformado, tornou-se o primeiro Hotel das Cataratas.

Em seguida, abriu uma picada de 18 km na mata virgem, até alcançar as Cataratas. Trabalho árduo, feito a machado foice e traçador. Tudo para facilitar o acesso dos visitantes até aquela atração turística.

No ano seguinte, 1916, soube que Santos Dumont, o Pai da Aviação, encontrava-se bem próximo de Foz do Iguaçu, hospedado em território argentino. Frederico então procurou o prefeito Jorge Schimmelpfeng propondo-lhe que fosse feito um convite para que tão ilustre personagem visitasse a Vila Iguaçu. Com a concordância do prefeito Schimmelpfeng, foi organizada uma comissão municipal que receberia o inventor como hóspede oficial da prefeitura.

Elfrida, aos 16 anos, lembra-se muito bem da sua chegada: "Ele assinou o livro registro de hóspedes por volta do meio-dia, instalando-se no quarto número 2 do nosso Hotel Brasil. Depois de saborear uma churrascada que lhe foi oferecida, seguiu para as Cataratas a cavalo, junto com meu pai e outros guias."

Segundo ela, a viagem podia ser feita a cavalo ou com uma espécie de charrete puxada por quatro ou seis animais e comandada por seu irmão Alfredo. Em dias secos demorava aproximadamente quatro horas e nos chuvosos, não menos que seis horas. Portanto, Santos Dumont transitou em meio aos encantos de admirável floresta. Chegou ao hotelzinho que podia abrigar seis pessoas e que jamais lotou enquanto pertenceu a Frederico Engel.

Dotado de grande sensibilidade, Santos Dumont procurou imediatamente aproximar-se das Cataratas, onde protagonizaria um surpreendente e perigoso espetáculo. Elfrida conta que seu pai quase

Dona Elfrida faleceu dia 9 de setembro de 1991 mas sua presença neste documento histórico é indispensável, pela importância de sua família no início da história política deste município. Quando ela tinha 79 anos, em 1984, dirigindo sua famosa e saudosa Casa Jacy, ela foi o personagem central de uma publicação local, o Guia de Turismo de Foz do Iguaçu.
(Chico de Alencar)

se arrependera amargamente por ter imaginado fazer aquele convite: "no princípio de 1916 aconteceu uma grande enchente e as águas do Rio Iguaçu arrastaram várias toras de uma serraria existente margem acima. Um destes troncos enroscou-se por cima do precipício, entre as pedras do Salto Floriano - aquele maior que vemos de frente - deixando cerca de cinco metros suspensos, sem muita segurança".

Para desespero de meu pai - continua Elfrida - o grande inventor caminhou em direção da tora e, lentamente equilibrou-se entre o céu e o abismo sem medir as conseqüências nem se preocupar com o tempo. Cruzou os braços e permaneceu de pé contemplando a Garganta do Diabo. Ficou ali até saborear a beleza imensa".

"Meu pai - acrescenta a pioneira - calou-se espantado. Os guias imitaram-no. Não ousavam dizer uma só palavra temendo que ele se distraísse e escorregasse da madeira umedecida pela neblina continuada.

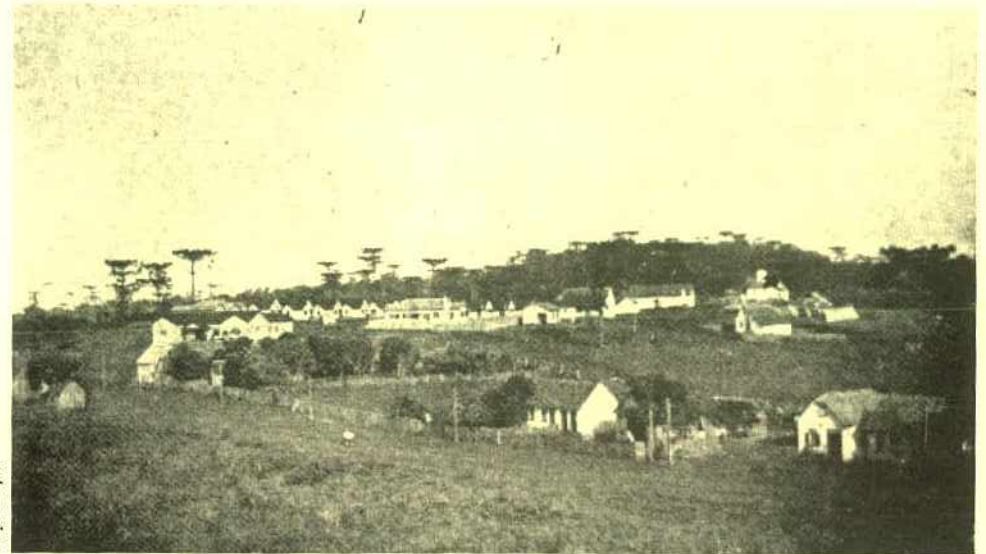
Seria fatalmente um salto mortal para o abismo. "Papai viveu momentos de angústia, medindo a terrível responsabilidade que havia assumido como idealizador daquela visita." Felizmente tudo acabou bem. Santos Dumont voltou tranquilamente para terra firme e meu pai expressou-lhe seu desespero pela imprudência que havia cometido, sem medir as possíveis conseqüências. Batendo amigavelmente no ombro de papai, procurando acalmá-lo, Dumont afirmou: "Não se preocupe, as alturas não me intimidam". E acrescentou decidido: "Posso dizer-lhe que estas maravilhas em torno das

Cataratas não podem continuar a pertencer a um particular. Eu vou à Curitiba falar com o governo para providenciar imediatamente a expropriação destas terras e das Cataratas". O inventor ficou por três dias no hotelzinho das Cataratas, não se cansando de admirá-las de dia e à noite, sob a luz do luar. Alguns dias depois, a tora foi atirada à voragem pelas águas do rio, levando para o esquecimento este momento de fantástica coragem de Santos Dumont. Ninguém antes dele, nem depois, teve a coragem deste gesto acontecido há 63 anos atrás".

No dia 26 de abril, à tarde, ele retornou para o hotel da Vila. A noite foi-lhe oferecido um baile. Limitou-se a apreciar a animada festa, sem contudo participar das danças. Permaneceu a maior parte do tempo perto da porta ao lado do piano. Às quatro horas da madrugada do dia 27, despediu-se cordialmente de todos os presentes e seguiu viagem a cavalo até Guarapuava, com destino à Curitiba, onde se avistaria com o governo. De fato, três meses depois, o Palácio da Presidência do Estado do Paraná expediu o Decreto n.º 653, datado de 28 de julho de 1916, tornando realidade aquele patriótico sonho. Elfrida, lembrando o empenho de Santos Dumont, declara: "Ele merece toda admiração do povo iguaçuense e do Brasil. Lutando pela criação do Parque Nacional do Iguaçu, que se tornou o pino da indústria sem chaminés que hoje traz anualmente, milhões de turistas a Foz do Iguaçu"

(Extraído do "Guia de Turismo de Foz do Iguaçu", 1984).

Retratos Foz do Iguaçu



Os pinheiros sobressaíam na mata que cercava a cidade.

Arquivo Família Vera



Armino Matte e um dos primeiros carros de Foz.



Ney de Souza

Érica Welter

“Meu pai fazia a melhor cachaça de Foz do Iguaçu, produzia a cana e fazia a cachaça no alambique, seu nome era Rosa Gaúcha, muito apreciada”.

Em 1924, procedente do Rio Grande do Sul, a família Welter plantou raízes em Foz do Iguaçu e aqui fez e faz história, como relata a seguir a professora Érica Welter, aqui nascida em 1933.

O ramo Welter de Foz do Iguaçu deu à Igreja Católica três padres e duas freiras, e deu ao ensino a sabedoria e a virtude da professora Érica, que passou por quase todas as escolas da cidade.

(Juvêncio Mazzarollo)

- De onde veio a família Welter que se estabeleceu e cresceu em Foz do Iguaçu?

- Meus pais, Carlos e Verônica Welter, vieram do Rio Grande do Sul em 1924. Nasceram e se casaram na Colônia Selbach. Nem sei onde era isso. Vieram com cinco filhos e aqui tiveram mais cinco, mas uma filha morreu no Rio Grande do Sul. Outros três dos meus irmãos são falecidos. Meu pai morreu em 1960 e minha mãe em 1980. Eu nasci em Foz do Iguaçu em 1933.

- Por que seus pais migraram do Rio Grande do Sul?

- Segundo me contavam, lá no Rio Grande do Sul não estava mais dando certo. Não produziam mais. Meu pai se descontentou com o patrão. Foi quando estive lá Miguel Mate e convenceu meus pais a virem para cá. Ofereceu terras boas e baratas. Vieram e se instalaram na área onde hoje é o bairro Carimã.

- O que fazia seu pai no Rio Grande do Sul?

- Era marceneiro. Aqui, inicialmente trabalhou com olaria. Depois trocou a terra e a olaria por uma área de José Fritzen, onde hoje está o Centro Pastoral Shalom. Lá ele instalou alambique de cachaça. Fazia a melhor cachaça de Foz do Iguaçu. Ele mesmo produzia a cana e fazia a cachaça no alambique.

- Era um bom negócio?

- Só era. Vinha gente até de Laranjeiras do Sul comprar nossa cachaça.

Um homem vinha de lá com carroça puxada por seis cavalos buscar cachaça em barris. Quando vinham se hospedavam em nossa casa. De Cascavel também vinham compradores.

- A cachaça tinha uma marca? Era famosa?

- A marca era “Rosa Gaúcha” e muito famosa. Meu pai fazia também cachaça de laranja verde, muito apreciada e gostosa.

- Seu pai ficou muito tempo produzindo cachaça?

- Até 1957 ou 58, quando adoeceu. Então meu irmão Vitor tomou conta da fábrica, mas logo parou porque não estava rendendo bem.

- O que diria de seus pais como pais?

- Foram pais exemplares, muito bons e dedicados aos filhos. O estudo que puderam dar eles deram aos filhos. Inclusive, três irmãos meus são padres e duas irmãs são freiras.

- Onde estão eles? Por que mundos andaram?

- Padre Bruno Welter está em Curitiba, padre Otto Welter, em Medianeira, depois de ter trabalhado na África durante 40 anos como missionário.

O padre Lotário Welter está em Curitiba também, depois de ter trabalhado durante dois anos em Assunção, Paraguai. Padre Lotário escreveu um livrinho com tópicos da história de Foz do Iguaçu, particularmente da igreja.

- E suas irmãs freiras?

- Irmã Agda trabalha num hospital do Rio de Janeiro e irmã Valéria trabalha no Hospital Santa Tereza, em Petrópolis, RJ.

- Quem da família ainda vive em Foz do Iguaçu?

- Eu e minha irmã Sara, que é viúva. Eu também sou viúva. Meu marido, Giuseppe Giuliano, faleceu em 1993. Tivemos três filhos.

- Existe outro ramo dos Welter em Foz do Iguaçu?

- Há a família Welter formada por meu tio, mas a maioria dos filhos dele está em Toledo. Nossa família ficou com descendência pequena porque a maioria foi ser padre ou freira.

- Como foram sua infância e juventude em Foz do Iguaçu nos anos 30 e 40?

- Morar em Foz do Iguaçu naquela época era bem melhor do que é hoje, apesar dos poucos recursos que havia. Todos se sentiam com segurança. Quase não havia doenças. Enfim, a vida era mais fácil. Não sei se o dinheiro valia mais do que hoje ou se os preços eram mais baixos...

- E em matéria de ensino, o que havia quando a senhora era criança?

- Havia a Escola Bartolomeu Mitre e a Escola Jorge Schimmelpfeng. Depois surgiu o Colégio Monsenhor Guilherme. Em 1956 foi criado o Colégio Agrícola, do qual fui a primeira professora, junto com a professora Filomena de Souza, já falecida.

- Começou no magistério no Colégio

Agrícola?

- Não. Comecei um ano antes, em São Miguel do Iguaçu, que ainda pertencia a Foz do Iguaçu. Em 1955 trabalhei e morei o ano inteiro em São Miguel. Com a abertura do Colégio Agrícola, voltei a Foz do Iguaçu, e lecionei lá até 1964.

- Como era São Miguel do Iguaçu em 1955?

- Era um povoadinho incipiente, mas muito gostoso. Também era muito gostoso trabalhar na única escolinha que havia no município.

- O Colégio Agrícola foi criado como uma espécie de abrigo, de internato para menores carentes, abandonados?

- Não, até porque na época não havia isso. Os colégios agrícolas do Paraná foram criados pelo governador Manoel Ribas para dar oportunidade de estudo aos filhos dos agricultores, numa época em que não havia escolas no meio rural. Foram criados em regime de internato justamente por se destinarem a filhos de agricultores, que não poderiam ir e voltar dos colégios todos os dias. Os colégios agrícolas como o de Foz do Iguaçu foram o primeiro investimento no ensino agrícola do Paraná, numa época em que escola era coisa exclusiva da cidade. E o Colégio Agrícola de Foz do Iguaçu significou um impulso ao desenvolvimento da agricultura e da pecuária na região.

- No Colégio Agrícola a senhora trabalhou com o diretor Manoel Moreira Pena, que viria a dar o nome do estabelecimento? Ele foi o primeiro diretor?

- O primeiro diretor foi o dr. Rubens, cujo sobrenome não lembro. Manoel Moreira Pena

foi o segundo diretor, e trabalhei com ele, sim. Foi um excelente diretor, um verdadeiro pai para os alunos, funcionários e professores. Em toda minha vida de magistério nunca tive um diretor melhor do que ele.

- Ele faleceu no próprio colégio, não?

- Morreu no Colégio, de câncer, quando eu trabalhava lá.

- Que comparação a senhora faz entre o ensino daquele tempo e de hoje?

- Naquele tempo os alunos aprendiam muito mais do que hoje. Os professores tinham um nível de exigência maior e os alunos tinham um empenho maior. Havia mais disciplina, obediência e interesse em ensinar e aprender. O que se aprendia no ginásio hoje se aprende no Colegial, ou 2º grau, e o que hoje se aprende na faculdade antes aprendia-se no curso colegial.

- Qual foi o momento que marcou o começo da não propalada decadência do ensino?

- Foi a introdução do chamado ensino moderno, através da reforma de 1971. Aí o ensino começou a decair, e a decadência continua.

- Que defeitos teve aquela reforma do ensino para dar tão errado?

- Não sei por quê, mas começou ali um processo de desinteresse tanto da parte do professor como do aluno. O professor perdeu autoridade na sala de aula, o aluno se desinteressou...

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - Edição de 27/02/94)

Retratos Foz do Iguaçu



reprodução

Banda da então Companhia Independente da Fronteira nos anos 30.



reprodução

Dona Rosa Cirilo de Castro (tomando chimarrão) com Carlos Sottomaior



Ney de Souza

Ermínio Mezomo

"Eu vim às cegas, incentivado por aquele que depois, viria a ser meu sogro, da família Brol."

Homem empreendedor, Ermínio Mezomo nasceu no município de Estrela, RS, mudou-se para Lajeado e, em 1936, numa autêntica aventura, migrou para Foz do Iguaçu. Pôs-se a caminho sem ao menos ter uma idéia do que iria fazer na nova terra. Chegando, encarou a realidade, casou, teve nove filhos, trabalhou muito e, junto com os filhos, prosperou, como conta aqui. (Juvêncio Mazzarollo)

- Por que decidiu migrar do Rio Grande do Sul para o Paraná?

- Eu vim às cegas, incentivado por aquele que depois, viria a ser meu sogro, da família Brol. Casei com a filha dele quando já vivia em Foz do Iguaçu. O Brol veio para cá ver como era o lugar e estudar possibilidades de fazer a vida aqui. Voltou ao Rio Grande do Sul fazendo a maior propaganda do que viu. Uma coisa que o fascinou era a caça que havia nesta região. Comprou terra e se mudou para cá, e eu vim com ele, na aventura.

- Como era a cidade de Foz do Iguaçu quando aqui chegaram?

- Cidade? Que cidade? Havia meia dúzia de casas espalhadas por aí. Havia alguns comerciantes. A população era formada quase só por colonos, agricultores migrantes.

- O senhor começou a vida fazendo o que em Foz do Iguaçu?

- Trabalhando na roça. No começo eu não tinha terra, mas depois comprei. Comprava-se terra aqui a preço de banana. Comprei de Miguel Mate, um colonizador que trouxe muitos gaúchos e catarinenses para esta região.

- De que forma Foz do Iguaçu se abastecia de bens não produzidos aqui, como roupas, ferramentas, sal, açúcar, café?

- As cidades mais próximas, onde se podia comprar, eram Guarapuava e Ponta Grossa. Mas uma viagem até lá era um inferno de difícil e demorada, por isso comprávamos mais na Ar-

gentina. Nossa produção não tinha comercialização. Não havia a quem vender porco, galinha, ovos, frutas e hortaliças, porque todos produziam para seu próprio consumo. Certa vez eu plantei trigo e quem comprou a produção foi a Polícia Civil. Fiz o negócio com o prefeito, que era também uma espécie de delegado de polícia. Ele comprou para distribuir como semente entre agricultores de Santa Helena, que pertencia a Foz do Iguaçu. Os colonos de lá não tinham semente de trigo. O prefeito colocou o trigo para secar sobre laje de concreto. Eu avisei que assim iria estragar e não nasceria nada. Foi o que aconteceu aos colonos de Santa Helena.

- E a caça? O senhor, junto com os Brol, era exímio caçador, não?

- Sim, havia muita caça e pesca. Além de meio de sobrevivência, era nosso esporte. Também pegávamos cobras vivas para vender na Argentina. Havia lá um artesão que vivia de cobras e borboletas. Fazia arranjos com borboletas e curtia couro de cobras para vender aos turistas. Bicho era o que não faltava para caçar. Só de veados acho que matei uns dois ou três mil.

- Tem alguma história típica de caçador, alguma façanha para contar?

- Nunca contei vantagem. Mas fiz algumas bravuras, sim. Certa vez, eu e meu cunhado matamos dois tigres para vender a pele. E quem comprou foi o prefeito, cujo nome nem me lembro. Outra

vez passei o maior perigo com um tamanduá bandeira, aquele que quando consegue abraçar uma pessoa não larga e aperta até matar. Eu estava sozinho no mato. Os cachorros, que não latiam à toa, começaram a fazer o maior barulho. Fui ver. Só quando cheguei bem perto percebi que era um tamanduá. Dei quatro tiros nele, mas o bicho não caía, e começou a avançar contra mim. Tentei me defender batendo no focinho do animal com um pau, mas não conseguia. Puxei o facão e com alguns golpes acabei com ele. Por pouco não me pegou. Uma vez, um tamanduá agarrou um dos nossos cachorros pela cabeça. Matamos o tamanduá e, mesmo morto, não soltava o cachorro.

- Matavam animais para aproveitá-los de alguma forma ou por pura diversão?

- Só por diversão nunca eu matava bicho algum. Caçava para nosso consumo e para vender carne e pele de animais. Vendia muita caça, por exemplo, à Companhia Dolabela, que construía obras no Parque Nacional, como a Usina São João e o Hotel das Catamatas.

- Está falando daquele hotel que foi destruído por incêndio?

- Não. É esse mesmo que está aí hoje. Aquele de madeira, pelo que sei, não foi destruído pelo fogo acidental, como contam. Dizem que foram queimar vespas e o hotel pegou fogo, mas o que sei é que o incêndio foi proposital.

Havia, gente interessada em construir outro hotel lá e que mandou botar fogo. Eram uns americanos que queriam comprar o hotel mas o dono não queria vender, por isso mandaram incendiá-lo.

- Até quando o senhor trabalhou na agricultura?

- Até 1954, quando então parti para o comércio. Montei um mercadinho logo que concluí o serviço militar. Fiquei no quartel 14 anos, durante a Segunda Guerra Mundial. Os estrangeiros que moravam aqui, especialmente italianos e alemães, foram mandados embora, mas muitos ficaram.

- No quartel preparavam-se para a eventualidade de terem que ir à Guerra?

- Sim, mas daqui ninguém foi. Três voluntários tentaram ir mas os americanos os mandaram de volta. Há alguns ex-combatentes da FEB morando hoje em Foz do Iguaçu, que vieram para cá depois da Guerra. Instalei uma pequena mercearia perto da entrada do Parque Nacional para vender aos que trabalhavam na construção da Usina São João. Vendia de tudo, inclusive carne de caça. Certa vez matei dois jacarés e abandonei no mato. Meus fregueses ralharam comigo porque queriam comer os jacarés.

- Depois mudou-se para a cidade e se instalou onde hoje está a Distribuidora de Bebidas Mezomo. Como foi isso?

- Comprei este terreno no bairro Boicy e aí instalei a mercearia. O negócio foi crescendo e passei a comprar mercadorias de viajantes. Em 1950 comecei a distribuir cerveja, trazida de Ponta Grossa por um cunhado meu, num Chevrolet ano 46. Eu comprava dele e revendia, circulando pela cidade com uma carroça puxada por um cavalo. Carregava até vinte caixas por vez. Na subida tinha que parar a cada cinco ou dez metros para o cavalo descansar. Não podia bater nele, senão

empacava e não saía mais do lugar.

- Mas já sem o cavalo e com o caminhãozinho, como continuaram os negócios de distribuição de cerveja? Qual era a marca que revendia?

- Revendia a cerveja Original, fabricada em Ponta Grossa pela Indústria Adriática, mais tarde comprada pela Antarctica, da qual continuamos representantes e revendedores em Foz do Iguaçu até hoje. Mas eu não vendia só cerveja. Vendia de tudo - colchão, roupa, papel higiênico, ferramentas, alimentos, inclusive "grasa" de gado vinda da Argentina e usada em lugar de banha de porco ou óleo. Vendia muito aos de trabalhadores da extração de madeira, toda levada à Argentina em jangadas pelo rio Paraná.

- Quando e por que deixou de vender toda essa variedade de produtos para se dedicar só à cerveja?

- Foi em 1978, quando meus filhos passavam a assumir o comando da empresa. Naquele ano fiz a partilha dos bens para os filhos. Os três filhos homens (Lyrio, Gilberto e Valdir) ficaram com a empresa, que batizavam de Distribuidora de Bebidas Mezomo Ltda., e as filhas ficaram com terrenos como herança.

Retratos Foz do Iguaçu



Reprodução

Juarez Távora ao lado do major Acyline de Castro e dr. Cezar.



Reprodução

Instalação da antena da Rádio Cultura. Na foto estão Almyr Machado Nunes, Augusto Araújo e Campean

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - Edição de 10/06/93)



Ney de Souza

Estanislau Zambrzycki

"Fui o primeiro correspondente de jornal em Foz do Iguaçu"

Filho de migrantes poloneses, Estanislau Zambrzycki nasceu em Minas Gerais em 1917. Quando tinha cinco anos de idade, a família migrou para Ponta Grossa, Paraná. E quando tinha 33 anos, Estanislau buscou em Foz do Iguaçu a independência que queria para sua família. Aqui se estabeleceu para construir a história que conta aqui.

(Juvêncio Mazzarollo)

- Por que, aos 33 anos de idade, o senhor trocou Ponta Grossa por Foz do Iguaçu?

- Casei em 1944 com dona Verônica e ficamos morando na casa dos meus pais. Em 1945 nasceu nossa filha Linda e em 1949 o filho Lindomar. Meus pais tinham um pequeno comércio em Ponta Grossa, mas as vendas não iam bem. Já com dois filhos, sentimos a necessidade de independência, de construir nossa vida e família por própria conta. Um amigo sugeriu: "Por que não vai a Foz do Iguaçu?"

- E vieram. Alfredo Brol lhe deu o emprego prometido?

- Sim. Mas trabalhei com ele pouco tempo. Certo dia, saí para o trabalho e a mulher me chamou de volta para pedir: "Deixa de ser empregado. Vamos montar nosso próprio negócio". Dito e feito. Alugamos uma casa velha no bairro Boicy, o centro comercial da época, e montamos uma mercearia. Eu não ficava só na loja esperando clientes. Saía à rua oferecer produtos num carrinho de mão. Em três anos construímos nossa própria loja, que batizamos de Casa Mineira.

- Vendia bem? Ganhava muito dinheiro?

- Vendia muito. Nossos clientes principais eram os hotéis Cassino e Três Fronteiras, os funcionários do Banco do Brasil, que diziam: "Antes tínhamos dinheiro mas não havia mercadorias". Nossa loja vendia de tudo.

- O senhor fazia propaganda? De que forma?

- Acho que fui o primeiro empresário de Foz do Iguaçu a fazer propaganda comercial. Em 1956 comprei equipamento de alto-falantes, o primeiro da cidade, para fazer propaganda da loja. "Casa Mineira, a mais barateira" era o lema. O aparelho operava com bateria. Depois passei a usar os alto-falantes em festas, principalmente festas juninas, comícios políticos... Cheguei a ir até Guaíra com os alto-falantes para animar um comício.

- Mais tarde o senhor deixou o comércio e passou ao ramo imobiliário. Quando e como isso se deu?

- Fiquei no comércio até 1967, quando comecei a vender parte dos meus terrenos e com o dinheiro construir casas para alugar. Desde então vivo do aluguel de várias casas no bairro Boicy, onde moro até hoje.

- Na política o senhor só animava comícios ou também se envolveu pessoalmente? Chegou a ser candidato?

- Tive um envolvimento passageiro com política, porém com entusiasmo. Foi no início da década de 50. O ex-prefeito Júlio Pasa, um grande político que tivemos em Foz do Iguaçu, me convidou a entrar na UDN. Aceitei e logo quiseram que fosse candidato a vereador. Também aceitei. Resultado: fiz apenas um voto!

- O seu?

- Não, nem foi o meu porque não pude votar por não ter transferido o

título de eleitor de Ponta Grossa para cá.

- Depois dessa, desistiu da política?

- Não desisti, apenas nunca mais fui candidato. Tive, por exemplo, grande empenho na campanha pela primeira eleição de Ney Braga governador. Ney Braga veio a Foz do Iguaçu e se hospedou no Hotel Cassino. Saiu do hotel e a pé veio à minha loja me convidar a ajudar na fundação do PDC na cidade. Entrei no PDC, onde militavam Evandro Teixeira, Álvaro Albuquerque, José Leopoldino Neto, entre outros. Na eleição de Ney Braga vencemos em Foz e Cascavel.

- Como eram as campanhas eleitorais, os comícios, as disputas entre candidatos e partidos?

- As campanhas eram pacíficas, sem violências, mas não havia moleza não. Na campanha de Ney Braga eu entrei com tudo. Levei meus alto-falantes a todos os comícios da região. Antes os comícios eram feitos só em recintos fechados para evitar quebra-quebra. Quem fez o primeiro comício ao lar livre em Foz do Iguaçu fomos nós, na campanha de Ney Braga.

- Deu tudo certo?

- O comício foi à noite. Como temíamos, mal o comício iniciou e os adversários desligaram o gerador de eletricidade, mas nós estávamos prevenidos. Acendemos os faróis dos carros e ligamos meu serviço de alto-falantes na bateria de um caminhão que servia de palco. Ney Braga prometeu resolver o problema de energia elétrica em Foz do Iguaçu e de fato resolveu. Aqui, 80% dos votos foram para ele. Eu era correspondente do jornal "O Estado do Paraná" e fiz a notícia

chegar a Curitiba em primeira mão.

- O senhor foi correspondente do "Estado"? O que fazia como tal?

- Fui o primeiro correspondente de jornal em Foz do Iguaçu. Fiz isso durante cinco anos. Escrevia nas horas vagas e só mandava matérias quando havia fatos importantes, sem ganhar nada. Mandava as matérias pelo Correio. Assinava as matérias com o pseudônimo "Stanley".

- Política, nunca mais?

- Abandonei a política quando o governo militar extinguiu os partidos em 1965. Daí para frente continuei participando na sociedade de outras maneiras.

- Que outras atuações teve na comunidade? Ocupou algum cargo, dirigiu alguma entidade?

- Eu fui também provedor da Santa Casa Monsenhor Guilherme no biênio 1959/1960. Mas fui mal entendido e me aborreci bastante.

- O que foi que houve?

- Fui convidado pelo dr. Dirceu Lopes para ser o provedor, mas só aceitei ser vice dele, que logo renunciou e eu tive que assumir. A situação da Santa Casa era precária, faltavam médicos, remédios, recursos...

- Só não faltavam doentes...

- Só não faltavam doentes... Resolvemos então trazer de Curitiba as irmãs de Caridade para assumir a Santa Casa. Elas aceitaram vir com a condição de que tivessem aqui uma clausura de acordo com as exigências da sua congregação. Construímos a clausura ao lado

da Santa Casa. Mesmo sem dinheiro tocamos a obra. Eu tirava dinheiro do meu bolso para pagar dívidas, esperando um dia receber de volta. Vieram as freiras e dois médicos. Estes tiveram que se conformar em se hospedar na enfermaria. No ano seguinte, quando da substituição da diretoria, tive o grande aborrecimento.

- O que lhe aprontaram?

- Como provedor que seria substituído, eu tinha que fazer a entrega dos documentos e a prestação de contas. No dia seguinte à eleição, fui à Santa Casa fazer a entrega ao meu substituto. Encontrei todas as gavetas e documentos revirados. Tinham tomado conta de tudo e brigado com o diretor clínico. Aborrecido, fui embora, decidido a nunca mais pôr os pés lá.

- Devolveram-lhe ao menos o dinheiro que havia tirado do próprio bolso para a construção da clausura?

- Dias depois vieram à minha casa perguntar se a Santa Casa tinha dívidas. Respondi que tinha, mas que eu tinha quitado todas com o meu dinheiro, e mostrei comprovantes. Não reconheceram as contas e eu arqueei com o prejuízo, que não foi pequeno. Foi um baque nas minhas economias. Mas não me arrependi porque foi um dinheiro muito bem empregado.

- O senhor teve participação também na Igreja, na vida religiosa da cidade?

- Como católico, participei sempre. A gente se dava bem com Deus e todo mundo na cidade. Fomos padrinhos de casamento, batismo e crisma de dezenas de pessoas. Sou também um dos fundadores da igreja

Perpétuo Socorro, da Vila Yolanda. Sempre ajudava nas festas da igreja, tanto na matriz quanto nas capelas do interior. Sempre estava lá com meu serviço de alto-falantes. Meu serviço de alto-falantes ficou famoso em festas de igrejas e escolas, principalmente festas juninas, cantando a pedras do bingo... Fiz isso durante 20 anos.

- Nos bingos ficou a marca do seu inconfundível "trrrriinta e trrreis"...

- É verdade. Mas nunca esqueço do primeiro convite que padre Bernardo me fez para animar a festa da Igreja São João Batista. Eu tinha medo de não dar conta do recado e não queria aceitar. Mas o padre insistiu dizendo que se ajudássemos a igreja com o que fosse possível seríamos muito felizes e que a recompensa que receberíamos não seria em dinheiro, mas Deus nos daria saúde, muitas alegrias em nossas vidas, muita felicidade e mesmo dinheiro.

- Com tanta promessa não havia como recusar...

- Acabei aceitando e, desde então, durante 20 anos estive lá eu com meus alto-falantes nas festas do padroeiro da cidade.

- O senhor também foi desportista?

- Como não? Fui inclusive presidente do Iguaçu Esporte Clube, que foi campeão na minha gestão.

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - Edição de 26/06/93)



Ney de Souza

Etelvino Salvatti

“Uma pessoa passou em Cacique Doble e falou que em Cascavel havia grandes pinheirais. Vimos, gostamos e decidimos mudar”

A migração italiana no século passado trouxe para o Rio Grande do Sul a família Salvatti, que em 1958 migrou para Cascavel, Paraná e de lá para Foz do Iguaçu, onde, no final de 60 fizeram a “loucura” de iniciar a construção de um prédio de 16 andares, numa época em que muitos moradores da cidade sequer haviam visto algo parecido. Etelvino Salvatti, nascido em 1921, fala desta história.

(Juvêncio Mazzarollo)

- Quando e porque se mudou para Foz do Iguaçu?

- Meus irmãos cortavam a madeira em Cascavel e eu toda semana buscava uma carga com o caminhão. Trazia para Foz do Iguaçu e preparava para a exportação. Eu ficava mais em Foz do que em Cascavel, então, em 1962, trouxe a família e passei a morar aqui.

- Foi a época de verdadeira devastação da madeira da região, especialmente do pinho. Não havia restrições à extração da madeira?

- O governo só exigia que para cada pinheiro cortado se plantasse outros três. Pouca gente obedecia. Nós obedecemos - plantamos um milhão e cem mil pinheiros, que hoje já estão sendo cortados por duas fitas. Vão levar trinta anos para cortar todos aqueles pinheiros. Aquilo ficou com nosso sócios. Houve um momento em que éramos muitos sócios, então dividimos o patrimônio. Eles ficaram com a terra e os pinheiros, e nós ficamos com o prédio do Hotel Salvatti. Fizemos essa partilha de bens há três anos.

- Como surgiu a idéia de construir um hotel em Foz do Iguaçu, ainda mais com a imponentia do Hotel Salvatti, numa época em que o movimento turístico ainda era fraco?

- Começou a sobrar dinheiro da exportação de madeira. Íamos aos hotéis da cidade era tudo caro. Estavam sempre lotados e cobravam o que queriam. Havia os hotéis Cassino Iguaçu, das Cataratas, Basso e um ou outro do tipo hospedaria. Ouvíamos sugestões de que seria

um bom negócio construir um hotel. Já havia a Ponte da Amizade, a estrada das Cataratas estava calçada com pedras, enfim havia sinais de que o movimento turístico iria crescer. Começamos então a pensar na construção do hotel, mas desde o início a idéia era construir um edifício. Seria o primeiro grande prédio de Foz do Iguaçu.

- Já eram donos do terreno onde ergueram o edifício?

- Não. Aqui havia só umas casinhas. A avenida Brasil era uma buraqueira. Só de Jeep se podia andar. Aqui onde está o Hotel Salvatti havia uma loja feita de pedra. Um dia fui comprar um terno e perguntei ao dono se queria vender a propriedade. Ele aceitou vender.

- Em que ano começaram a construção e em que ano inauguraram o Hotel?

- Começamos em 1968 e terminamos em 1974. Mas já em 1970 inauguramos o cinema, o Cine Iguaçu, que depois passou a se chamar Cine Iguaçu, que depois passou a se chamar Cine Salvatti. O Hotel foi projetado para ser de categoria quatro estrelas. Até surgirem os hotéis cinco estrelas, o nosso era o melhor da cidade.

- Que comentários havia na cidade que assistia à construção de um prédio desta envergadura?

- Chamavam-nos de loucos. Diziam: “Por que não construíram em Curitiba ou Porto Alegre?” Achavam que estávamos gastando

dinheiro à toa. Nós dizíamos que não estávamos fazendo a construção para nós, e sim para nossos filhos. Antes de construir fizemos umas pesquisas, procuramos nos informar sobre a viabilidade do empreendimento. Pesquisamos em Porto Alegre, Curitiba, Cascavel e Foz do Iguaçu. A maioria das pessoas que consultamos dizia que Foz do Iguaçu não comportava este monumento - chamavam o projeto de "monumento". Nós pensamos assim: "Bem, se Foz do Iguaçu ainda não começou, vamos nós começar, construindo um prédio, e depois outros virão".

- Os Salvatti não deram ouvido aos pessimistas, arregaçaram as mangas e puseram a mão na massa, literalmente...

- Sim. Não tínhamos o pai, falecido quando éramos crianças. Minha mãe sempre dizia: "Se vocês querem ter alguma coisa na vida, têm que trabalhar".

- O cinema, quando abriu, fez o maior sucesso?

- Foi um sucesso. E era um negócio muito melhor do que hoje. Havia antes o Cine Star, da família Basso. Quando íamos construir o nosso cinema procuramos Vitório Basso para comprar dele o Cine Star, porque achávamos muito dois cinemas numa cidade pequena como era Foz do Iguaçu. Ele aceitou vender e nós compramos. A idéia inicial era fechá-lo, mas o mantivemos aberto até fins da década de 70. O Star tinha uns 70 lugares, e o Iguaçu 1.200, mas os dois rendiam praticamente a mesma coisa, porque o Star era muito frequentado pela população mais humilde e exibia filmes populares. O Cine Iguaçu, ou Cine Salvatti, começou a ficar

lotado de público quando começou a construção de Itaipu.

- Poderia citar algum ou alguns filmes de maior sucesso entre os exibidos no Cine Salvatti?

- Houve vários, mas acho que o que atraiu mais público foi um sobre a vida e a morte de Jesus. Foi exibido de tudo, inclusive filmes pornográficos, o que foi um desagrado para nossa família.

- Qual a média de público no cinema, hoje?

- É de 30 a 40 pessoas por dia, ou cerca de mil por mês. Há meses em que dá prejuízo. O aluguel de filmes é muito caro. O aluguel de grandes filmes chega a custar mais de um milhão de cruzeiros para exibição em quatro sessões. Alugar filme barato rende mais.

- Qual é o gênero de filme que mais atrai público?

- Ainda é o filme faroeste.

- Mas além de cuidar de seus negócios e empreendimentos, o senhor também acompanhou a vida da cidade. Poderia contar algo, lembrar algum fato ou circunstância interessante?

- Só para ver como era a política aqui: Havia a avenida Brasil, duas pistas e duas mãos, com canteiro e postes no meio. Cada prefeito que entrava na Prefeitura desmanchava o canteiro que o antecessor havia feito. E um fato engraçado: quando Ozires Santos se elegeu prefeito, em 1962, comemorou a vitória com uma caminhada pelas ruas da cidade. Ao passar em frente ao nosso escri-

tório, eu saí à rua para dar um abraço no prefeito que ajudei a eleger com meu voto.

- Mas os Salvatti nunca se envolveram em política?

- Não. Só meu irmão Armando foi vereador no Rio Grande do Sul, em Cacique Doble, numa época em que vereador não recebia salário. A Prefeitura tinha só um trator. Quando precisava ser transportado de um lado para outro, a Prefeitura sempre pedia que eu fosse com meu caminhão e eu ía, só que nunca era pago para isso.

- Voltando ao Hotel Salvatti: quando o abriram, o movimento que passou a ter dava razão aos que desaconselhavam sua construção ou a quem acreditou e construiu?

- Deu razão a nós que o construímos. O hotel ia bem. Começamos a trazer turistas de Porto Alegre, São Paulo, Curitiba. Não ficamos esperando que os turistas viessem. Nós íamos buscá-los através de agências de viagens.

- O Hotel Salvatti, então, foi um fator importante de impulso ao turismo de Foz do Iguaçu?

- Muito importante mesmo. E quando da construção de Itaipu, o Hotel viveu sua fase áurea. Logo que começou Itaipu, toda a comitiva de diretores se hospedou aqui, inclusive o diretor geral Costa Cavalcanti. Ele tinha uma suíte reservada.

Retratos Foz do Iguaçu



Reprodução

Reunião de políticos locais: Sadi Vidal, Dr. Dirceu Lopes, Flávio Marder, Francisco Guaraná de Menezes e Capitão Jacob Beck



Reprodução

Grupo de iguaçuenses em visita às Cataratas. Entre eles: Otília Schimmelpfeng, Rosa Cirilo de Castro e Dr. Dirceu.

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - Edição de 14/04/94)



Aurea Cunha

Eugênio Venson

"Só fazia móveis para particulares. Eu fazia muita mesa. O que mais fazia era mesa, parecia que ninguém tinha mesa em casa."

Nascido em 09 de setembro de 1913, Eugênio Venson veio pela primeira vez, a Foz do Iguaçu no início de 1939, visitar o sogro (pais da mulher Moraci) que já morava na cidade. Mas o dinheiro acabou e o casal Venson ficou na cidade, com apenas algumas roupas e um emprego na olaria, responsável pela construção do Hotel das Cataratas. (Mônica Venson).

- Como era o trabalho na olaria naquela época?

- Era uma olaria muito simples. Tinha 15, 16 pessoas trabalhando numa máquina comum de fazer tijolos. Eu e Moraci morávamos no Bananal (região dentro do Parque Nacional, hoje conhecida como trilha do bananal), numa casinha de barro, onde ficava o alojamento para os funcionários da olaria. Peguei malária duas vezes enquanto trabalhava na olaria.

- Quanto tempo ficou trabalhando?

- Fiquei uns oito meses trabalhando, até que veio a guerra e a olaria fechou. Começaram a mandar todo mundo embora. Aí a Moraci não quis mais saber, ela não tinha documento nenhum e aqui não tinha como ficar. Nós saímos daqui da fronteira num caminhão de carga, só com uma mala de roupas, junto com as famílias de alemães e italianos que foram levados para Guarapuava. Levamos um mês para chegar em Concórdia.

- Como foi a viagem?

- Quando chegamos em Cascavel pegamos chuva e ficamos três dias parados. Éramos 16 famílias que estavam indo embora de Foz. Ficamos lá porque não tinha como comprar gasolina, por causa da guerra. Com a chuva tinha perigo de atolar e se atolasse a gente ficava sem gasolina e não tinha como andar mais. Dormimos no acampamento da Mate Laranjeira (exportadora de erva mate). Nosso ponto final, era em Laranjeiras. Quem estava só de mudança tinha que ficar e seguir viagem

de ônibus, não podia ir para Guarapuava no caminhão. Fomos parados pela Polícia e tivemos que ir para Ponta Grossa tirar os documentos da Moraci. Só conseguimos porque ela tinha um conhecido que era militar. Ele arrumou os papéis para a gente.

- Quanto tempo ficou em Concórdia?

- Dez anos. Em 1951 eu voltei para Foz junto com toda a família. Já tinha 5 filhos. Eu tinha uma sociedade numa olaria em Concórdia e não deu certo, aí vendi tudo e voltei para Foz, ver se as coisas melhoravam.

- Quando voltou, veio trabalhar com o quê?

- Como marceneiro. Montei uma marcenaria. Na época tinha serviço. Fiquei oito anos com a marcenaria no prédio do Favassa (esquina da Av. Brasil com a Quintino Bocaiúva). Só em 58 montei a marcenaria onde moro até hoje (Avenida Brasil).

- O Senhor foi o primeiro marceneiro aqui em Foz?

- Acho que sim, não lembro bem.

- Que tipo de móveis o senhor fazia?

- Fazia guarda-roupa para um, cama para outro. Naquela época não havia nenhum comércio. Só fazia móveis para particulares. Eu fazia muita cama e mesa. O que mais fazia era mesa, parecia que ninguém tinha mesa em casa. Cadeira também o pessoal pedia

muito.

- Os Argentinos também pediam muito para fazer móveis?

- Eu fiz muita cadeira para os argentinos. As últimas cem que fiz foram para o Hotel das Cataratas do lado argentino.

- E os paraguaios, faziam muitos pedidos?

- Não havia quase ninguém no Paraguai. O que fazia mais era armários (guarda-comida). Com 50 centímetros no máximo. Mas não era muita coisa não.

- Depois que o senhor montou a marcenaria na Av. Brasil, como era o trabalho?

- Em 58 eu vim para cá, mas deixei de trabalhar logo. Não tinha luz. Primeiro vinha a energia da usina do Parque (Usina São João). Quando terminou a construção do Hotel das Cataratas terminou a luz também, para a cidade. Aí botaram uma locomotiva "daquelas do tempo da onça", que tinha que pôr lenha para funcionar. Nessa época não dava para trabalhar. Tive que mandar embora o único empregado que eu tinha.

- Como o senhor fazia então?

- Nessa época o que eu fazia muito era prateleira para os árabes, tinha a família dos Barakat. Também fazia serviço particular que não precisava ocupar a máquina. Não dava mais para fazer móveis grandes ou em quantidade maior. Era mais serviço bruto.

- Era fácil conseguir madeira, era barato?

- Barato não era, mas tinha muita madeira de pinho. Havia as madeiras na barranca do rio Paraná. Era só buscar de carroça e eles vendiam a quantia que a gente queria. Antes de vir para a Av. Brasil comprei diversas caminhonadas de Laranjeiras, mas o frete era mais caro que a tábua. Ainda assim custava mais barato que comprar das madeiras daqui de Foz.

- Até quando o senhor ficou com a marcenaria?

- Trabalhei até me acidentar. Fiquei com um problema na coluna e me aposentei. Não podia mais trabalhar. Isso foi em 1970. Nessa época também não fazia mais móveis, só fazia serviço bruto.

(Entrevista inédita, maio - 1997)

Joel Petroski



Retratos

Foz do Iguaçu

O então presidente da Itaipu Binacional, Costa Cavalcanti, mostra o complexo da usina ao presidente do Brasil, João Batista de Figueiredo, acompanhado do diretor paraguaio da binacional, Enzo Debernadi, em setembro de 82.

Joel Petroski



Pelotão do Exército reprime manifestação de colonos que tiveram terras alagadas pelo reservatório da usina de Itaipu em março de 81



Aurea Cunha

Eugenio Victor Villordo

"Viajavam também duas ou três jangadas de toras atadas uma na outra e puxadas pelo mesmo rebocador. Cada jangada levava duzentas ou mais toras rio abaixo."

Filho de pais vindos da Argentina para viver da extração de madeira no Brasil, Eugenio Victor Villordo nasceu em Foz do Iguaçu em 1918. Trata-se de uma família que ilustra com clareza um aspecto importante da formação deste município, da ocupação, exploração e colonização da fronteira do Brasil com o Paraguai e a Argentina, como se vê no seu relato. (Juvêncio Mazzarollo)

- O que ou quem fez com que seus pais viessem da Argentina para o Brasil?

- Um primo meu que exportava madeira do Brasil para a Argentina convidou meu pai a vir para cá. Carregava madeira no Porto Sete de Setembro, abaixo de Santa Helena e Sol de Maio. Meu pai veio. Cortavam a madeira no mato e transportavam as toras em carroça puxada por oito mulas. As toras eram jogadas no rio Paraná, amarradas umas nas outras formando uma jangada.

- As toras viajavam rio abaixo levadas pela correnteza ou eram puxadas por barco rebocador?

- Um pequeno barco rebocador era usado para evitar que a jangada fosse de encontro às margens do rio e encalhasse.

- Havia algum controle do governo brasileiro sobre essa exportação de madeira?

- Havia, sim. Quando passavam por Foz do Iguaçu, as jangadas eram paradas pelo controle aduaneiro. Creio que cobrava alguma taxa de exportação, mas não sei qual era.

- Quantas toras iam em cada uma das jangadas?

- Levavam até duzentas ou mais. Viajavam também duas ou três jangadas atadas uma na outra e puxadas pelo mesmo rebocador. Toras mais pesadas, que podiam afundar, eram colocadas sobre as outras que formavam a jangada. E sobre elas podia viajar gente. Faziam até

barraquinha sobre as toras.

- E esse negócio fez seu pai deixar a Argentina e se fixar em Foz do Iguaçu?

- Sim. Veio com dois meninos. Depois nascemos eu e minha irmã, já aqui em Foz do Iguaçu. Mas tivemos também uma irmã que morreu ainda bebê e um menino que morreu queimado.

- Bem, mas continuando na questão familiar, o senhor constituiu família? Casou, teve quantos filhos?

- Eu não casei, mas me amiguei e tenho dois filhos, que estão em Curitiba. A mulher morreu em 1974. Depois encontrei outra companheira, que está comigo até hoje.

- Como foi sua infância em Foz do Iguaçu, na década de 20?

- Ah, nossas brincadeiras eram com bola, bolita de gude, soltar papagaio com os garotos vizinhos. Não havia o que fazer aqui.

- Nem estudar?

- Não havia escola. Aprendi a ler e escrever na Argentina. Um tio que morava em Posadas me levou para lá e fiz o curso primário. Posadas era uma cidadezinha maior e melhor que Foz do Iguaçu nesse tempo, lá por 1928/29. Meu tio tinha uma empresa de ônibus e eu o ajudava. Eu gostava de mecânica e trabalhava com ele. Os ônibus iam de Posadas a Oberá, passavam pelas ruínas jesuíticas de San Ignacio. Voltei a Foz

do Iguaçu já com 17 anos.

- **Seu pai ainda trabalhava com madeira?**

- Sim. E já tinha comprado terra, inclusive uma área onde hoje está a Vila "A" de Itaipu.

- **Ele ganhou muito dinheiro com madeira?**

- Ganhou, mas também gastou muito, à toa.

- **De quem eram, afinal, as terras e a madeira em que seu pai trabalhava?**

- Eram do meu primo, que tinha uma licença para tirar a madeira. Não sei como funcionava isso, quem dava licença, de quem eram as terras. Mas eles tinham suas casinhas e viviam no mato.

- **Ocorriam lutas, disputas, brigas entre os que extraíam madeira ou entre quem se dizia dono das terras?**

- Não. Aconteciam algumas encrencas, por exemplo, quando saía pagamento e os peões iam aos bailecos. Aí dava briga, facada... Aqui também a gente ia aos bailes com uma lanterna numa mão e o revólver na outra.

- **Voltando de Posadas, o que o senhor se pôs a fazer em Foz do Iguaçu?**

- Meu primo da Argentina queria me levar a Buenos Aires para cursar engenharia mecânica. Ele pagaria tudo. Mas um tenente do Exército que vinha muito em nossa casa sugeriu que antes de ir a Buenos Aires eu fizesse o serviço militar, para não ter que voltar e interromper os estudos.

- **Acabou ficando no quartel, perdendo a oportunidade de cursar engenharia mecânica.**

- Pois é. Entrei no quartel em 1936 e acabei ficando 25 anos. Chamava-se Companhia Independente de Fronteira e estava instalada perto da Marinha. Quando chovia o alojamento ficava alagado. Mas enfim desapropriaram a área onde o quartel está hoje. Essa área era do Fulgêncio Pereira. A transferência do quartel aconteceu por volta de 1938/39. Aí onde está o campo de futebol e o pavilhão de entrada era tudo banhado.

- **Como era sua vida no quartel? O que fazia? Tinha alguma especialidade?**

- Eu tinha aprendido mecânica com meu tio que tinha empresa de ônibus na Argentina, mas o quartel ainda não tinha carro. Não lembro bem se foi em 1938 ou 1939 que o Exército deu um Fordeco 29 ao comandante. Como eu era motorista e mecânico, fui mandado a Curitiba buscar o carro. Fui com o aviãozinho do Correio Aéreo Nacional.

- **Sua chegada a Foz do Iguaçu de carro deve ter sido triunfal...**

- Ah, um sucesso, embora já houvesse um ou outro carro. O Harry Schinke tinha carro, o Marcelino Ridsen tinha um caminhãozinho. Mas naquele ano, 1939, estourou a Segunda Guerra Mundial.

- **Sim, e isso mudou alguma coisa na vida do quartel?**

- Praticamente nada mudou. Fazíamos inspeção de saúde para ir à guerra...

- **E os soldados ficavam sempre de orelha em pé, porque a qualquer hora podiam ser convocados para a guerra.**

- Isso mesmo. Mas daqui não foi ninguém. Ou só foi um, que trabalhou no quartel da-

qui e já havia sido transferido para o Rio Grande do Sul.

- **O senhor tinha medo de ser chamado para a guerra?**

- Não, não...

- **É verdade que, por causa da Segunda Guerra, os treinamentos no quartel passaram a ser mais pesados?**

- Sim. Os exercícios ficaram dobrados, mais difíceis, mais pesados.

- **Eram informados sobre o andamento da guerra?**

- Éramos informados por rádio e sabíamos como andavam as coisas nos campos de batalha na Europa. Quando o primeiro contingente da FEB embarcou para a Europa, em 1942, nós aqui recebemos um caminhão Chevrolet.

- **O senhor ia fazer o serviço militar para então ir a Buenos Aires estudar. Por que isso acabou não acontecendo?**

- Estava chegando a hora de dar baixa do quartel. Mas havia morrido Fulgêncio Pereira e seu filho Moacir estava no quartel e era muito amigo meu. Ele disse que se eu saísse do quartel ele também sairia. Mas aqui não havia emprego. Eu tinha um destino, mas ele, se deixasse o quartel, não teria com o que se virar na vida. Então eu resolvi ficar mais um tempo no quartel. Já era cabo. Depois fiz curso de sargento e fui ficando. Só saí com 25 anos de quartel, como sub-tenente, em 1962. Os últimos anos de quartel passei em Ponta Grossa.

- **Esteve no quartel junto com Dionísio**

Campana, que também passou 25 anos no Exército e se aposentou em 1964...

- Sim. Quando ele entrou foi meu subordinado. Fui instrutor dele.

- **Militar se aposentava com 25 anos de serviço?**

- Sim. Eu ainda peguei esse tempo. Hoje os militares se aposentam com 30 anos de serviço.

- **O que mais teria para contar de sua vida no quartel?**

- Como eu entendia de mecânica, tudo quanto fosse motor ou máquina caía na minha mão. Foi assim com os carros e caminhões. Foi assim também com o motor que instalaram para gerar energia elétrica para o quartel. Depois o batalhão adquiriu um projetor de cinema e quem ficou encarregado de operar a máquina fui eu, de novo.

Mais tarde, aí por 1952, os Basso abriram cinema, então o quartel fornecia os filmes e aos sábados os soldados tinham sessão especial para eles. O quartel também comprou um barco rebocador para buscar em Porto Mendes mercadorias que vinham de Porto Epitácio, e eu fiquei encarregado de operá-lo. Era um barco a vapor. Queimava lenha, muita lenha. Foi comprado na Argentina. De Porto Mendes a Foz do Iguaçu levava cinco horas, mas para subir levava um dia.

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - de 19/8/1994)



Arquivo família Palma

Fausto “Toto” Palma

“Após o cinema, várias famílias foram ao assalto. Tocamos até o dia amanhecer. Naquele tempo havia muito interesse cultura”

Fausto Palma, “Toto”, nasceu em Entre Rios, Argentina, em 1906, migrou para o Brasil em 1914, perambulou pelo Brasil com o circo da família até chegar a Foz do Iguaçu, em 1928. Nasceu e viveu dentro do circo. Casou com Lídia e com ela teve 11 filhos, que lhe deram 22 netos. Toto Palma morreu em 1993, mas antes, em 1991, deixou registrada sua história, como segue.
(Juvêncio Mazzarollo)

- Já que nasceu dentro de um circo, sua história bem pode começar pelo circo, não?

- Pois não. Nasci e me criei dentro do circo da família. Chamava-se Circo Palma. No auge do sucesso chegou a ter 120 figurantes. Surgiu na Argentina, mas em 1914, quando eu tinha oito anos, mudamos para o Brasil, começando pelo Rio Grande do Sul, na região de São Borja. Depois andamos pelo Brasil. Fomos com o Circo Palma até Cuiabá. Também entramos no Paraguai, pela região de Ponta Porã.

- A lista dos artistas do Circo Palma começava com a própria família?

- Sim. Meu pai, João Palma, fazia o papel de palhaço. Era o palhaço Upa-lá-lá, e contracenava com meu tio, o palhaço Pirulito. Os dois formavam uma bela dupla. E eu fazia um pouco de tudo também, mas meu papel principal era o salto da morte. O Circo era um sucesso total. Meu pai ganhou muito dinheiro com ele.

- Lembra de algum fato que o marcou nas andanças que fez dentro do Circo?

- Certa ocasião, lá por 1919, descíamos de Cuiabá com o circo num barco a vapor rumo ao sul, mas enfrentamos uma grande enchente e tivemos que parar a viagem durante 15 dias. Não sei que lugar era aquele, mas lembro que os moradores todos haviam ido embora ou morrido devido a uma epidemia de cólera. As moradias e fazendas estavam abandonadas e meu pai saía a matar gado com uma espingarda

Winchester para a família e o pessoal do Circo comer.

- Que fim teve o Circo Palma?

- Estávamos com ele em Ponta Porã, onde ficamos praticamente encalhados durante meses, por causa de uma enchente que não parava, impossibilitando nosso trabalho e o deslocamento do Circo. Os artistas ganhavam salário mensal. Chegou um momento em que meu pai tinha que pagar salário sem que houvesse apresentações do Circo, portanto sem que houvesse receita. Então meu pai resolveu vender e comprou um hotel em Ponta Porã. Tudo ia muito bem, até que, em 1924 ou 1925, passaram por lá os revolucionários da Coluna Prestes e invadiram o hotel. Saquearam o hotel e quebraram tudo. Quebraram espelhos a tiros, por divertimento. Arrombaram o cofre e levaram todo o dinheiro.

- Que saída encontrou seu pai, então?

- Levou a família para o Paraguai e montou outro circo. Mas no Paraguai havia poucos povoados, pouca gente, e o circo não rendia, então meu pai resolveu entrar com ele no Brasil, começando por Guaíra. Mas aí chegou o cinema mudo e meu pai resolveu desativar o circo para trabalhar com cinema. E nós, os filhos, começamos a procurar outros meios de vida.

- Foi quando o senhor acabou batendo em Foz do Iguaçu?

- Sim. Eu fiquei junto com meu pai no negócio do cinema mudo. Em 1928 viemos a Foz do Iguaçu para exhibir um filme. Embarcamos com

o equipamento de projeção num barco a vapor. A viagem durou doze horas. Chegando no Porto Oficial, eu fiquei no barco cuidando os equipamentos, e meu pai foi à procura de uma carroça para transportá-los até o local de projeção.

- Pois é, onde o filme seria projetado?

- O chefe da Mesa de Rendas, Inácio Ramos, tinha uma salão com 200 cadeiras e nos emprestou de graça. Lá nos instalamos e começamos a propaganda do filme. Chegamos numa sexta-feira, e a primeira exibição seria no sábado.

- Que filme era?

- Chamava-se "O Laço do Tigre". Tinha 30 capítulos - uma espécie de novela. A exibição da série toda levava cerca de três meses, com três sessões por semana (às quintas-feiras, sábados e domingos). As sessões começavam às oito horas da noite e terminavam por volta da meia noite. Meu pai tocava o filme inteiro a manivela porque não havia energia elétrica adequada para tocar aquele projetor. A eletricidade que havia em Foz do Iguaçu era gerada por motor a diesel e só servia para acender lâmpadas. Durante as sessões eram necessários vários intervalos para a troca de rolos. Nos intervalos eu acendia as luzes e a platéia conversava animadamente, comentando o filme. O filme era preto e branco e mudo, mas com legendas em português.

- Certamente, a população da cidade ia em peso assistir ao filme?

- Sim. O salão lotava todas as noites. As 200 cadeiras não eram suficientes. Tivemos que colocar mais alguns bancos no salão. Lembro

que o Inácio Ramos, que emprestou o salão, tinha quatro filhos e as iniciais dos nomes deles resultavam na palavra AMOR (Airton, Milton, Odison e Reni). Eu ficava lá na frente enquanto o pessoal entrava no cinema. Anotava o nome dos que entravam em cadernos. O Odison, apelidado de Dotinho, conhecia todo mundo e ditava os nomes para mim. Dizia: "Olha, aquela é a família Schimmelpfeng. Eles são aristocratas. O Schimmelpfeng é o chefe político daqui". Lembro que entre os fregueses do cinema estavam as famílias Samways, Ferreira, Sottomaior, Batista, Rodinski, Werner, Chevalier, Schinke, Klein... Um belo dia, no final da sessão, o Dotinho me disse: "Olha, depois do filme temos um assalto".

- Assalto?

- Tratava-se de uma festa de surpresa na casa da família Apolinário, onde havia um aniversariante. Após o cinema, várias famílias foram ao "assalto", cada uma levando algo para comer ou beber. Na festa havia uma orquestra, a orquestra dos Samways. Em dado momento eu estava perto da orquestra e o músico que tocava violino quis dançar. Largou o violino, eu peguei e saí tocando. Eu tocava bem violino. Fiz o maior sucesso. Tocamos até o dia amanhecer. Logo fiz amizade com todos. O pessoal da cidade era muito unido, alegre e divertido. Parecia que todos formavam uma só família. Naquele tempo, aliás, havia muito interesse pela cultura em Foz do Iguaçu. Por exemplo, muitas famílias tinham piano em casa.

- Terminada a exibição do seriado "O Laço do Tigre", o que o senhor e seu pai fizeram?

- Pegamos o barco e voltamos a Guaíra. Pouco tempo depois, quem inventou de vir a Foz do Iguaçu e montar cinema foi meu tio Bonifácio Palma. Instalou o cinema na propriedade do Cristiano Weirich, onde hoje passa a Travessa Cristiano Weirich, no centro da cidade. Ajudando no cinema, eu ganhava cama e comida do meu tio. Para ganhar mais uns trocados e comprar roupas, eu tocava em bailes junto com o Carmona e o Benitez, no Oeste Paraná Clube, que foi inaugurado em 1928. E uma coisa que nosso conjunto musical adorava fazer era serenata. Que saudade tenho das serenatas, das festas, da vida daqueles tempos!

- Que mais gostaria de lembrar para descrever a vida daquela época?

- Por exemplo, no tempo em que vim para cá havia na cidade apenas dois carros e vários caminhões. Como quando chovia formava-se muito barro, certo dia os dois carros andavam pela rua e se chocaram. Um derrapou e se chocou com o outro. Havia só dois carros, e acabaram batendo! E gostaria de dizer também que naquele tempo a vida aqui era uma tranquilidade. Não havia ladrões como hoje. Dormíamos com as janelas abertas. Quando jantávamos do lado de fora da casa deixávamos as louças lá mesmo a noite inteira, e ninguém levava nada.

- Até que ano o senhor trabalhou no cinema com seu tio?

- Até 1935 ou 36.

- Já era casado nessa época?

- Casei justamente nessa época, eu com 29 anos e a mulher com 15. Mas mulher só podia casar com 16 anos de idade, então

mudamos a idade dela nos documentos para que pudesse casar mesmo estando com 15 anos. No casamento ela teve que usar um sapato de salto bem alto porque era muito baixinha. Mas depois ela continuou crescendo e ficou mais alta do que eu.

- Depois de deixar o cinema, o que o senhor fez?

- Fiz de tudo um pouco, mas trabalhei principalmente na Força Aérea, na Companhia Força e Luz, no Departamento de Água, Energia e Eletricidade, hoje Sanepar, e trabalhei também no DER, onde me aposentei após 30 anos de serviço. Gostaria, porém, de lembrar que em 1942 tivemos que ir embora de Foz do Iguaçu devido a uma epidemia de malária. Não havia remédio, e o jeito foi ir embora para Curitiba, aconselhados pelo médico Dirceu Lopes. Levamos 21 dias para chegar a Curitiba, de caminhão. Eu, a mulher e os filhos estávamos quase todos com malária. De Curitiba fomos a Morretes. E em 1949 pudemos voltar a Foz do Iguaçu, de onde não precisamos mais sair.

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - 1994)



Reprodução da Gazeta do Iguaçu

Florentino Correia, Djanira Rafaela e Rosália Dias

*“Tivemos que vir de Laranjeiras do Sul
ao Paraguai a pé, fugindo da revolução”*

- O que trouxe o senhor, “seu” Florentino, a Foz do Iguaçu?

Florentino - Vim com meus pais ainda criança. Meu pai veio até aqui porque trabalhou na instalação da linha telegráfica até Foz do Iguaçu. (NR - Em 1905 a estação telegráfica já estava instalada em Foz do Iguaçu, portanto Florentino está aqui desde antes dessa data).

- E dona Rosália, como veio a Foz do Iguaçu?

Rosália - Vim com uma família que morava aqui. Foi na revolução de 1924, quando os revolucionários invadiram Foz do Iguaçu. Essa família foi passear em Tomasina, norte do Paraná. Eu não tinha pai nem mãe e morava com minha irmã. A patroa dessa família de Foz perguntou à minha irmã se ela não tinha uma irmã pequena para ser companheira da filha dela, de seis anos. Eu tinha dez anos e vim com eles. Fiquei morando com eles na cidade de Foz até que casei, aos 22 anos, com um irmão do “seu” Florentino, quando então vim morar aqui na roça, onde estou até hoje.

- A senhora mora sozinha?

Rosália - Sozinha, mas perto mora minha filha, e de noite as crianças dela vêm dormir comigo. Também tenho um filho que mora em Santa Terezinha e outro em Foz.

- Sua origem qual é?

Rosália - Meu pai era mineiro e minha mãe, catarinense. Meus pais tinham terra em Tomasina, onde nasci. Mas eu saí de lá com dez anos

e nunca mais voltei, nem nunca mais vi ninguém de minha família. Se visse algum irmão meu, não conheceria.

- O que fez com que a família Correia se estabelecesse nesta localidade, chamada de Apepu? Como conseguiram esta terra?

Florentino - Quando terminaram de instalar a linha telegráfica, meu pai ganhou 80 alqueires de terra aqui. Eu tinha seis irmãos. A terra foi sendo dividida entre nós, mas sobrou para nós uns 20 alqueires apenas. O resto perdemos. Outras pessoas foram tomando um pedaço aqui, outro ali, porque antigamente não se dava valor à terra.

- Como era isto aqui, como era viver aqui junto à chamada Estrada de Guarapuava antes da abertura da BR-277, ou Estrada Estratégica, como era chamada?

Florentino - Tudo passava por aqui, porque era o único caminho para ir a Laranjeiras, Guarapuava e Ponta Grossa. Isto aqui era muito movimentado. Meu pai tinha uma espécie de hospedaria. Era ponto de parada dos viajantes - primeiro os que viajavam a cavalo ou de carroça - que chamavam de jardineira -, depois, mais tarde, ônibus e caminhões. Os tropeiros pousavam na nossa hospedaria.

Rafaela - Quando viemos para cá, Foz do Iguaçu tinha 15 casas e três bolicheiros.

Ali no bairro atual de Jardim São Paulo, ainda hoje existe uma olaria. Pois essa olaria é do início do século, quando era tocada por dois burros e cinco crianças.

Quando desta entrevista, em 94, Florentino Correia (foto), era um dos mais antigos moradores de Foz. Nascido em Guaraniaçu em 1901, veio para cá ainda criança com o pai, que trabalhava na linha telegráfica. Vivia na Estrada Velha de Guarapuava, com sua mulher Djanira Rafaela, com quem teve 13 filhos. Da família também ouvimos Rosália Dias, cunhada de Florentino. (Juvêncio Mazzarollo)

- Dois burros e cinco crianças... O que faziam os burros e o que faziam as crianças?

Rafaela - Trabalhavam dois burros de manhã e outros dois à tarde na amassadeira de barro. E as crianças puxavam terra com carrinho de mão. Eu também trabalhei muitos anos nessa olaria, fazendo tijolo e telha. E lá onde lotearam para fazer o Jardim São Paulo, havia uma fábrica de farinha de mandioca. Até meio dia, nós, a criançada, aprontávamos três sacos de farinha e enchíamos a cidade, e ninguém queria mais nada. Não adiantava fazer mais farinha, porque não havia para quem vender.

- Ganhar um dinheirinho, fazer cair uns mil réis no bolso não era fácil, não?

Florentino - Muito difícil. Por isso eu, durante muitos anos, saí da roça para trabalhar na abertura de estradas. Andei por muitos lugares e longe nesta região. Fui até Toledo. Esta aqui, a Estrada de Guarapuava, era aberta e arrumada a picareta e machado, no braço. Trabalhava por empreitada - por dia ou por trecho. Quando trabalhava em Toledo, uma vez por mês eu vinha e voltava a cavalo. Levava dois dias para ir e dois para voltar.

Rafaela - Dois mil réis por dia. E era dinheiro! Com dois mil réis fazia uma compra... enchia um carrinho. Só duro mesmo de conseguir era roupa. Criação e plantação todo mundo tinha, então ninguém vendia para ninguém. E olha, para ganhar dois mil réis por dia tinha que ser bom no serviço.

- O que "seu" Florentino era de sobra, pelo visto. Mas comprar, compravam o quê? Roupas, sal e açúcar, querosene, talvez café se não produzissem na roça?

Florentino - É, dinheiro se precisava só para

isso.

Rosália - Nos primeiros tempos depois que chegamos a este lugar havia umas poucas famílias por aqui. Mas depois, lá pelos anos 60, quando vieram colonos alemães de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, isto aqui tinha muita gente.

Rafaela - Isto aqui estragou, deixou de ir para a frente devido à criação do Parque Nacional do Iguaçu. Uma faixa do que ficou dentro do Parque estava colonizada, com muita gente dentro. Daí surgiu a localidade de Santo Alberto, que estava ficando uma vila quando os colonos foram tirados do Parque Nacional, lá por 1975. Era cheio de morador, de pequeno agricultor. A estrada era um colosso. Hoje, a partir de onde era Santo Alberto em diante, está abandonada.

Rosália - Se não tivesse acontecido tudo isso, aqui hoje seria uma cidade.

Florentino - Em Santo Alberto era tudo alemão, tudo trabalhador. Depois que foram embora ficou feio desse jeito. Hoje não se pode entrar nesse mato do Parque, onde antes havia roça, nem para pegar uma vara, senão vai preso.

- Na época vocês caçavam com quê, espingarda ou armadilhas?

Rafaela - Caçava com espingarda, com armadilha, com foice e machado, faca e facão. Eu, numa caçada de anta, quebrei dois dedos da mão. Mas matamos o bicho. E comemos. Para não estragar, fazíamos charque. Carne de anta é quase igual à de gado. De dia se trabalhava na roça. De noite caçava e pescava, de manhã cedo caçava, e todo mundo trazia as caças e pescas no rancho, como índio. Passava a noite no rio e no mato, e de manhã um charqueava, outro salgava, outro

cozinava. Dali escapava de novo no mato...

Rosália - Naquele tempo era bom, né?!

- Também vendiam caça ou era tudo para o gasto da casa?

Rafaela - Comia tudo. Arrumava carne de caça para a semana inteira todo mundo trabalhar na roça. Eu tinha uma criançada que não acabava mais, minha cunhada tinha outra turma de crianças... Todos caçávamos e todos comíamos. Quem tinha dava para quem não tinha.

- A malária atacava por aqui também?

Rosália - Atacava. Aliás, eu peguei malária uma vez - só uma vez, porque fiz e tomei um remédio, um chá de raiz de palmeira e palmito. Passei mal umas duas noites e com aquele chá fiquei boa e vacinada - nunca mais peguei malária, que nós chamamos de maleita.

- Na revolução de 1924 vocês foram perturbados aqui?

Florentino - Fomos nos esconder na costa do rio Iguaçu. Avisaram que haveria combates em Foz do Iguaçu e todo mundo foi orientado para fugir, se esconder, ir para a Argentina.

- Mas não houve combate em Foz do Iguaçu...

Rafaela - Não houve aqui, mas nós tivemos que vir de Laranjeiras do Sul até o Paraguai a pé, para fugir dos combates que houve por lá. Pousou Alegre, 24, Isolina, para cá de Laranjeiras - tudo foi lugar de combates. Morreu muita gente ali.

- Está mesmo falando da revolução de 24, aquela que trouxe para cá Luiz Carlos

Prestes, a Coluna Prestes?

Rafaela - Essa mesmo. Lembro como se fosse hoje. Eu tinha 17 anos e vim embora para o Paraguai a pé, só com a roupa do corpo e um pala velho. Fizemos três viagens a pé de Laranjeiras do Sul a Foz do Iguaçu, quando eu ainda era solteira. Naquela revolução, chegavam nas casas e pegavam gado de um, cavalo de outro. Pegavam quatro ou cinco porcos, um ou dois bois e carneavam ali mesmo. Se encontravam jovens nas casas também requisitavam, levavam junto para combater. Davam uma espécie de recibo do que levavam, prometendo pagar depois que acabasse a revolução.

- Estão esperando pagamento até hoje...

Rafaela - Até hoje.

- Eram os revolucionários ou as forças do governo que tomavam o que queriam dos moradores dos lugares por onde passavam?

Florentino - Eram os dois lados. Agora, quem dava recibo prometendo pagar depois eram as forças do governo que combatiam revolucionários.

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - 1994)



Áurea Cunha

Filomena Rafagnin

"Atendíamos principalmente turistas que desciam no antigo Aeroporto e, a caminho das Cataratas, paravam na churrascaria."

A família Rafagnin, dona de um pequeno império econômico em Foz do Iguaçu, migrou do Rio Grande do Sul ao Paraná em 1959. Começou por Corbélia e Cascavel até se enraizar na fronteira. O casal Olímpio Rafagnin e Filomena Morello Rafagnin tiveram oito filhos naturais e dois adotivos. Dessa história fala a matriarca da família, dona Filomena Morello Rafagnin. (Juvêncio Mazzarollo)

- Teve oportunidade de estudar?

- Sim. Fiz o curso primário e fui a Cacique Doble para continuar os estudos, mas fiquei só um ano e voltei para casa. Em Foz, minha vida foi só trabalho e a criação dos filhos e netos.

- Trocou o estudo pelo casamento?

- Não foi propriamente isso. Mas quando voltei para casa comecei a namorar o Olímpio Rafagnin. Namoramos quatro anos, casamos e eu tive que ir morar na cidade, com sogro e sogra mais 14 cunhados. Foi uma mudança forte para mim - vida diferente, costumes diferentes, rotina de vida diferente. A família Rafagnin tinha uma loja grande e diversificada, com muitos empregados que faziam as refeições lá mesmo. No dia seguinte ao meu casamento, minha sogra me levou à cozinha novinha que havia comprado para me dar de presente e disse: "a cozinha é sua, faça nela o que e como você quiser".

- Começava ali a vocação dos Rafagnin para o ramo da gastronomia...

- Creio que sim. Quem dava conta de alimentar toda aquela gente era eu. Ficamos lá muitos anos. Quando saímos já tínhamos quatro filhos.

- Da casa do sogro só saíram quando se mudaram para o Paraná?

- Não. Fomos a São João da Urtiga tocar um bar com mesa de bilhar e lanchonete. Eu preparava tudo, inventava tudo quanto é tipo de lanche para atrair freguesia. Ali, alguém veio com a idéia de que lugar

de futuro era o Paraná. O lugar indicado era Corbélia. Meu marido veio ver e gostou. Achou que era um lugar de futuro para nós e nossos filhos. Fizemos a mudança em 1959. Corbélia era um vilarejo no meio do mato. Chegamos sem ter onde morar. Conseguimos uma casinha de madeira...

- Com que plano de trabalho foram a Corbélia?

- Construímos um hotel.

- Hotel no meio do mato, conforme a senhora descreve Corbélia da época, era negócio de fazer?

- Foi um bom negócio. Tinha boa freguesia porque na região havia muitos cafezais. Vinham negociantes de café de São Paulo, Rio Grande do Sul e se hospedavam em nosso hotel. Mas ficamos só dois anos lá - eu sempre cozinhando para a família, os hóspedes, em festas.

- A senhora entrou na cozinha quando casou e não saiu mais?

- Deixei a cozinha há alguns anos. Sempre gostei de cozinhar e ensinar a cozinhar. Inclusive fui sempre eu que incentivei meu marido e meus filhos a abrir restaurantes e churrascarias. Houve um período, em Foz do Iguaçu, em que ficamos só com uma empresa de ônibus. Eu, então, passei a fazer doces e salgados para meus filhos Névio e Neuso venderem nas ruas da cidade, de casa em casa.

- União na família, pelo visto, nunca faltou.

- Graças a Deus. Criei oito filhos mais dois adotivos. Nunca me deram vexame. É claro que não foi fácil, mas sempre contornamos as dificuldades e permanecemos unidos até hoje, sempre trabalhando juntos.

- Mas quando e como, enfim, se estabeleceram em Foz do Iguaçu?

- Meu marido vinha muito à Foz do Iguaçu com caminhoneiros e foi percebendo que era um lugar que prometia muito progresso. Nossa filha de criação casou, teve dois filhos e morava conosco. Acharmos que eles tinham que fazer sua vida e sugerimos que viessem montar churrascaria em Foz do Iguaçu. Em sociedade com meu primo Zeferino Rafagnin montaram a churrascaria. A Churrascaria São Cristóvão, que ficava onde hoje está a Grenal.

- A freguesia era boa?

- Muito boa. Nossos clientes eram principalmente caminhoneiros que transportavam madeira, café, contrabando. Tínhamos lá também uma hospedaria. Quando chovia, o DNER fechava a estrada e a saída da cidade para que a estrada não ficasse um atoleiro e uma buraqueira só. Então os motoristas ficavam dias e dias retidos na cidade, comendo na nossa churrascaria e dormindo no nosso hotelzinho. Sábado à noite e domingo ao meio-dia era casa cheia sempre. A mercadoria vinha de bicicleta até a churrascaria.

- Qual foi o empreendimento seguinte?

- Instalamos a Churrascaria dos Pampas, na rua Almirante Barroso. Atendíamos principalmente turistas que desciam no antigo aeroporto e, a caminho das Cataratas, paravam na churrascaria. Nessa época, porém, eu tive

uma gravidez muito complicada. Meu marido, achando que eu não poderia trabalhar e que sem mim a churrascaria não se manteria de pé, resolveu vender. Eu era contra a venda, mas vendemos e voltamos ao Rio Grande do Sul. Meu marido Olímpio vendeu com a intenção de não mais trabalhar na vida, pensando que poderia sobreviver com o rendimento do dinheiro.

- Se tivesse feito isso teria ido para a miséria com família e tudo...

- Certamente. Seis meses depois ele teve a idéia de comprar uma empresa de ônibus de Porto Alegre. Não deu certo. Voltamos a Foz do Iguaçu e instalamos um dormitório. Logo "seu" Olímpio voltou a se interessar em empresa de ônibus. Acabou comprando a Sgarioni, que fazia a linha cidade-Porto Meira e cidade-Ponte da Amizade. Mas começou a dar prejuízo - era ônibus quebrando toda hora, poucos passageiros. Passamos uma crise financeira...

- Porque faltava uma churrascaria...

- É, faltava, mas logo veio a nova churrascaria. Ganhamos praticamente de graça um terreno do Pedro Basso, na rua Tiradentes (hoje sede do Banco Nacional) para fazer o que quiséssemos. Eu propus a construção de uma churrascaria. Foi feita e se chamou Churrascaria Rafagnin.

- A família unida, inteirinha de mangas arregaçadas...

- É claro. Eu na cozinha, meu marido no controle de caixa e dos serviços nas mesas, e os filhos, os garçons. "Seu" Olímpio criou um método próprio de marketing. Combinou com os filhos garçons, Névio e Neuso,

que a qualquer momento daria uma bronca neles, mesmo que estivesse tudo correndo bem, só para impressionar os clientes à mesa, mostrando interesse em atender bem. Esses fregueses saíam satisfeitos e falando bem da Churrascaria Rafagnin, que, aliás, servia ótimas refeições.

- Uma fatura. Mas depois se mudaram para tocar nova churrascaria, lá onde hoje é o centro gastronômico Rafagnin Center.

- Sim. Compramos do Sgarioni aquele terreno, próximo à rodoviária velha, e construímos nova Churrascaria Rafagnin. Meu marido comprou o terreno com um carro, um Galaxie. Coincidiu com o início de Itaipu. Ao construir, o Olímpio dizia: "Não estou construindo pensando na cidade de Foz do Iguaçu, mas pensando na Itaipu".

- Acertou na mosca. Ganhavam muito dinheiro?

- Ganhava-se bem, e justamente com os empregados na Itaipu e tantos outros que ela atraía para cá. Foi um momento de grande visão, e foi ali que o grupo Rafagnin começou a prosperar. Terminada a instalação da churrascaria, "seu" Olímpio chamou os filhos e disse: "Ou vocês assumem a Churrascaria, ou vendo ou alugo, e vou com os filhos pequenos morar em Curitiba, e vocês vão arrumar emprego".

- Os filhos não negaram fogo?

- Pelo contrário. O Névio se dispôs a assumir, e o Neuso foi junto. O grupo deslanchou em dois momentos, por dois fatores coincidentes: quando os filhos assumiram a empresa e quando surgiu Itaipu.

- Quando e de que morreu Olímpio Rafagnin?

- Morreu em 1979, com 51 anos de idade. Foi a Curitiba se operar de varizes, teve infecção generalizada e morreu. Foi operado no dia 9 de janeiro e morreu no dia 17. Foi um choque muito grande, porque aconteceu muito de repente. Morreu novo, não?

- Quando construíram a Churrascaria Rafagnin à margem da BR 277, naquela dimensão descomunal para a época?

- Inauguramos em 1976, para atender excursões de turistas. Desde essa época meu marido tinha em mente construir um hotel. Ao invés do hotel, em 1977 inauguramos a Churrascaria Rafagnin Cataratas e, enfim, 1980, o desejo do pai de ter hotel se realizou, infelizmente depois que ele morreu. Inauguramos o Rafagnin Hotel, de quatro estrelas.

- Mas os Rafagnin tem também uma empresa agropecuária, uma granja, não?

- Tem. Em 1973 compramos uma área de terra no Jardim Santa Rita e lá temos criação de animais e horta para abastecer os restaurantes e o hotel. Além disso tudo, em 1988 abrimos a casa de espetáculos Oba-Oba, e em 1990, a boate Agência Tass.

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - Edição de 23/09/93)



Ney de Souza

Francisco Ferreira Mota

"Comprei um Ford, ano 1946, para puxar areia para a construção da Ponte da Amizade"

Casado com Ana Rodinski, cinco filhos e seis netos, Francisco Ferreira Mota nasceu no interior do Estado de Alagoas, migrou para Foz do Iguaçu em 1948 e aqui ficou. Foi alfaiate, militar, caminhoneiro, músico e, mais que tudo, taxista e dirigente sindical da categoria, por décadas. Fez também algum ensaio político eleitoral. Ele tem mais estas tintas para a história de Foz do Iguaçu. (Juvêncio Mazzarollo)

- Como é que se sai de Alagoas para viver em Foz do Iguaçu em plena década de 40?

- Morava aqui um tio meu por parte de mãe, José Vicente Ferreira, que foi a Alagoas buscar sua mãe e minha avó, e eu vim junto. Viajamos de navio de Maceió ao Rio de Janeiro e de lá até Foz do Iguaçu em avião do Correio Aéreo Nacional.

- Veio para cá sabendo o que iria fazer, ou veio numa aventura do tipo seja o que Deus quiser?

- Vim com emprego garantido, como alfaiate empregado de Idalino Favassa. Mas em janeiro do ano seguinte (1949) ingressei no serviço militar. Terminado o serviço militar voltei a trabalhar de alfaiate até 1956, quando comprei um caminhão. Fiz roupas para muita gente ilustre da cidade, como o prefeito Julio Pasa.

- Na época, o alfaiate tinha muito trabalho, não? Praticamente não havia comércio de vestuário confeccionado.

- Exatamente. As roupas eram todas feitas sob medida pelos alfaiates ou pela dona de casa, a costureira. Roupas feitas, só bombacha de gaúcho, porque aqui ninguém fazia.

- Por que, em 1956, o senhor decidiu trocar a alfaiataria por um caminhão?

- Comprei um Ford, ano 1946, para puxar areia para a construção da Ponte da Amizade para Foz do Iguaçu. Se há algo que marcou Foz do

Iguaçu antes da Itaipu foi a Ponte da Amizade. Ciudad del Este simplesmente não existia antes. A cidade paraguaia vizinha nossa era Porto Franco. Quando os engenheiros definiram o local da construção da Ponte da Amizade eu estive junto. Aquela área era toda coberta de mato. Nos trabalhos de sondagens no rio morreu afogado um engenheiro, que caiu da canoa e a correnteza levou. Veio o DNER e abriu concorrência pública para a execução da obra. Ao mesmo tempo, uma empresa brasileira foi contratada pelo Paraguai para abrir a estrada de Caaguazú até a fronteira com o Brasil.

- Antes de surgir a cidade de Porto Stroessner, hoje Ciudad del Este, que importância tinha Porto Franco? Era talvez maior que Foz do Iguaçu?

- Não. Foz do Iguaçu sempre foi maior que as vizinhas cidades do Paraguai e Argentina. Os iguaçuenses compravam muito na Argentina e no Paraguai, principalmente em épocas de muita chuva, porque então não vinham aviões nem caminhões com mercadorias.

- É verdade que Café Filho, vice-presidente da República no Governo de Getúlio Vargas, esteve em Foz do Iguaçu?

- Sim, ele veio na condição de presidente interino, numa ocasião em que o presidente Vargas foi inaugurar a ferrovia Brasil-Bolívia, em Santa Cruz de La Sierra. Café Filho veio passear e conhecer as Cataratas e a região. O avião que o trouxe o deixou aqui e foi embora. Mas começou a chover e o avião Douglas que vinha buscá-lo perdeu a rota.

e foi pousar em Concórdia, Santa Catarina.

- O piloto navegava a olho...

- É. No caso, o piloto se perdeu e acabou em Concórdia. Pousou na rua. E nós aqui com Café Filho, não sabendo mais o que fazer com ele. Ele foi até a um baile no Oeste Paraná Clube. Nesse baile eu toquei bateria e cantei. Quando enfim veio o avião buscá-lo, o carro que o levava ao aeroporto atolou na Avenida Brasil.

- Parece que presidentes da República e outras autoridades federais eram chegados numa viagem a Foz do Iguaçu...

- É verdade. Um ministro de Getúlio, por exemplo, vinha muito para caçar perdizes no Paraguai. João Goulart, quando vice-presidente no Governo JK, veio muitas vezes caçar por aqui. Quem o acompanhava nas caçadas era Bruno Ficht. Outro fato importante: a aliança política que em 1955 lançaria JK candidato a presidente e João Goulart vice-presidente foi selada em Foz do Iguaçu em 1954.

- A sociedade local acompanhava os acontecimentos políticos do Paraguai e da Argentina? O que se passava lá repercutia aqui?

- Tudo repercutia aqui. Acompanhamos atentamente a queda de Perón na Argentina, a trajetória de Eva Perón e sua morte. Em 1952, quando Evita Perón estava no auge da fama e da glória, vieram a Foz acrobatas argentinos para homenageá-la andando sobre as Cataratas em cabos de aço. Eu fui assistir. Foi uma loucura o que os acrobatas fizeram sobre as Cataratas.

- O que poderia dizer de Foz do Iguaçu dos anos 50, quando aqui o senhor iniciava nova vida?

- Quando cheguei, o prefeito era Júlio Pasa, um verdureiro que foi dos melhores prefeitos que o município já teve. Com uma pequena patrula abriu ruas (Edmundo de Barros, Santos Dumont, Quintino Bocaiuva e outras). Na baixada da Avenida Brasil, sobre o rio Monjolo, havia um pontilhão de toras construída pelo prefeito Júlio Pasa, que renunciou porque o governador Moisés Lupion não cumpria as promessas que fizera. O capitão Becker completou o mandato.

- O senhor se envolveu em política? Foi candidato?

- Fui candidato a vereador duas vezes, uma pelo PMDB e outra pelo PDS. Consegui uma terceira suplência, mas nunca assumi a Câmara.

- Depois de Ozires Santos veio a série de prefeitos nomeados pelo Governo militar. Que diz desse período e desses prefeitos?

- Com os prefeitos interventores comemos o pão que o diabo amassou. O primeiro, Júlio Werner, foi muito bom, dinâmico e cordial. Vieram os coronéis Rocha e Toledo, este um desastre. Com Itaipu veio o coronel Clóvis Viana, que governou por dez anos. Ele fez muitas obras, modificou a cidade, com a ajuda do governo federal, em função de Itaipu.

- Qual era sua posição em relação ao golpe militar de 1964?

- Eu fiquei quieto quando houve o golpe, porque já era motorista de táxi e dependia da licença, concessão da prefeitura. Em 1960, eu já havia trocado o caminhão pelo táxi, e

naquele mesmo ano fundamos a Associação dos Taxistas, quando havia apenas doze ou quinze táxis na praça.

- Tudo "jipão?"

- Não, Jeep não havia. Eram carros importados. Eu tive um Ford 29, um Mercury 42, um Chevrolet 51. O primeiro carro nacional que tive foi um Simca Chambord, em 1965 - um sucesso na época. De fato, um grande carro.

- O senhor foi presidente da Associação e Sindicato dos Taxistas durante uma "eternidade", não?

- Fui presidente durante 36 anos, seja na antiga Associação, seja no Sindicato, depois. Não sempre como presidente, porém. O advogado Saulo Ferreira nos ajudou muito na transformação da Associação em Sindicato segundo as regras ditadas pelo governo militar. Aliás, a Carta Sindical foi entregue ao Sindicato pelo então "candidato", a presidente da República João Figueiredo, em 1978, numa visita que fez a Foz do Iguaçu. Desde dezembro de 1990 estou desligado da direção do sindicato.

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu - Edição de 04/07/93)

Retratos Foz do Iguaçu



Festa junina em Foz com casamento caipira: (da esquerda para direita) Wislande Samways, Carlos Sottomaior, dona Celeste Azambuja e o senhor Elpidio.



Festa junina em Foz: (de pé, da esquerda para direita) Wislande Samways, Dr. Murilo, João Lobato, Motta Machado, Dr. Saulo Ferreira, Airtton Ramos, Dr. Murilo, Armindo Roberto Matte, major Acylino de Castro, Romário Vidal (com revólver), capitão Jacob Becker, Carlos Sottomaior.



Reprodução

Francisco Scherloski

"O colono ía comprar uns metros de tecido e pagava com alguns sacos de feijão"

Filho de migrantes poloneses, nascido no Rio Grande do Sul em 1912, Francisco Scherloski está no Paraná desde 1916 - na fronteira desde 1929 e em Foz do Iguaçu especificamente desde 1942. Aos 82 anos, é pecuarista na localidade de Três Lagoas. Desde o tempo da extração de erva-mate, ele derramou seu suor para o progresso desta região.
(Juvêncio Mazzarollo)

- Sua origem é polonesa. Quem veio da Polônia, quando e por quê?

- Meus pais vieram da Polônia em 1890, numa migração organizada pelo governo brasileiro. Inicialmente se estabeleceram em Curitiba, na localidade de Antônio Olinto (não sei se este nome ainda existe).

- Como era feita essa migração que, como disse, era organizada pelo governo brasileiro?

- O governo brasileiro fazia pedidos à Polônia, Alemanha, Itália e outros países para que mandassem migrantes para cá, para ocupar espaços e colonizar regiões do Brasil. Uma parte de migrantes poloneses veio ao Paraná, outra foi a Santa Catarina e outra para o Rio Grande do Sul. Meu pai perdeu o pai dele na Polônia, então veio tentar a vida no Brasil.

- E o senhor nasceu onde e quando?

- Nasci no Rio Grande do Sul, em 1912, em Boa Vista, Erechim. Depois meu pai se mudou para Estação Uruguai, perto de Marcelino Ramos. Moramos lá oito anos, depois mudamos para o Paraná, em 1916, quando eu tinha quatro anos. Éramos quatro irmãos e quatro irmãs.

- Por que a família voltou ao Paraná?

- Viemos para melhorar de vida. Não é que estivesse ruim no Rio Grande, mas meus pais resolveram tentar algo melhor. Viemos para

perto de Ponta Grossa, sempre trabalhando na lavoura. De lá mudamos para Colônia Virmond, até que, em 1929, mudamos para a fronteira.

- Por que tanta mudança de um lugar para outro?

- Naquele tempo era tudo sofrido. A produção não valia nada. Apodrecia porque não havia a quem vender. O comércio comprava, mas na base da troca, da permuta, não a dinheiro. O colono ía comprar uns metros de tecido e pagava com alguns sacos de feijão. Comida havia de sobra porque todo mundo plantava.

- Faltava muita coisa, mas pelo menos fome ninguém passava...

- É verdade. Ninguém passava fome. Sempre havia abundância.

- Como a família Scherloski terminou se fixando em Foz do Iguaçu?

- Viemos para a fronteira em 1929, quando eu tinha 16 anos. Conseguimos comprar uma carroça grande, puxada por oito burros, para transportar erva-mate. Desde Laranjeiras do Sul e Catanduvas vinha erva-mate, e daqui ía para a Argentina.

- Uma viagem de Laranjeiras a Foz do Iguaçu com carroça devia levar um mês...

- É, mais ou menos um mês...

- Mas a erva-mate não chegava fermentada, estragada, então?

- Não, porque vinha seca já. Era secada em barbaquá. A erva verde era

colocada sobre uma grade de madeira, numa estufa, e era secada com fogo feito num túnel de 30 ou 40 metros de comprimento. A maioria dos que trabalhavam na colheita de erva-mate eram paraguaios.

- A erva-mate era encontrada só no meio do mato ou havia também ervais formados por colonos?

- Era tudo no meio do mato. Aqui em Foz do Iguaçu não havia muita erva-mate, mas nas regiões de Cascavel, Catanduvas e Guaíra estava cheio.

- Que histórias o senhor tem para contar relacionadas ao trabalho com erva-mate?

- Lembro da Companhia Mate Laranjeira, que tinha 41 sócios e transportava mil sacos de erva-mate por dia. E havia também o Porto Alica, de Júlio Tomás Alica, que eu conheci e que transportava, sozinho, 500 sacos em carroça, até Porto Mendes, onde a erva era embarcada para a Argentina. O Alica tinha o porto dele, muito bem organizado.

- Ganhava-se muito dinheiro com erva-mate?

- Havia quem ganhava bastante dinheiro, mas também se judiava muito do povo que trabalhava nisso. Havia casos de gente que nascia lá no mato e lá morria de velha sem conhecer outra vida. A comida para os peões era canjica.

- Depois de largar o negócio da erva-mate, o que o senhor se pôs a fazer?

- Bem, eu sempre trabalhei com carroça e na lavoura. E criação de gado também. Ainda hoje sou pecuarista. Não tenho muito, mas umas 800 cabeças eu tenho. Já cheguei a ter

1.300 cabeças de gado. Poderia ter mais, mas falta pasto. A terra de Foz do Iguaçu não é boa para pasto, porque a terra é muito compacta, endurece muito.

- Está aqui nesta propriedade desde quando?

- Desde 1942, quando caiu o preço da erva-mate. Eu já era casado. Eu tive nove filhos - duas meninas com a primeira mulher, falecida, e sete com a segunda, mas três filhos meus morreram.

- O senhor teve oportunidade de estudar, ir à escola?

- Não. Meu pai pagou um professor para me ensinar durante dois meses. E foi só. Mas depois eu fui aprendendo com a vida. Aprendi a ler e escrever meio sozinho. Só que hoje, devido à vista fraca, nem consigo mais ler.

- Trabalhando na lavoura nos anos 40, ganhava dinheiro, dava para fazer a vida da família?

- Até que dava para se virar, porque eu vendia toda minha produção ao batalhão do Exército. Eu vendia inclusive alfafa para a cavalaria do batalhão. Eu tinha também muita abelha e vendia mel.

- Com madeira o senhor trabalhou?

- Não. Só vendi madeira de minha propriedade.

- Que área de terra o senhor tem aqui em Três Lagoas?

- No meu nome estão 150 alqueires, mas a gleba toda é de 240 alqueires, que já dividi entre os filhos. Apenas um dos meus filhos

está comigo aqui na fazenda. Os outros estão na cidade.

- Quantos netos tem? Tem bisnetos também?

- Tenho nove netos e nenhum bisneto.

- Como se adquiria terras em Foz do Iguaçu naqueles tempos? Como o senhor conseguiu esta propriedade? Comprou de quem?

- Aqui, quando comprei, era uma posse, já com uma casinha em cima. Morava aqui um paraguaio. Eu comprei dele. Depois levou toda uma vida para legalizar e escriturar no meu nome. Primeiro foi com o Ibra (Instituto Brasileiro de Reforma Agrária), depois, com o Incra (Instituto de Colonização e Reforma Agrária). No tempo do Ibra foi feita a medição e eu paguei três prestações. Na quarta prestação era para vir o título, mas estou esperando até hoje. Aí foi feito tudo de novo, pelo Incra, e finalmente recebi o título.

- De quem, afinal, era a terra?

- Era do governo. Não havia sobre ela título de propriedade em nome de ninguém. Mas eu não comprei tudo isto de uma vez só. Com o tempo fui comprando mais terra, já legalizada, com escritura.

- O senhor tem o apelido de "Chico Marreco". Por que esse apelido?

- Porque, quando do trabalho com erva-mate, eu morei na localidade de Rio Marreca, 35 quilômetros para lá de Toledo. Ficava entre Toledo e Porto Britânia.

- O senhor acompanhou a construção da

BR-277, já que tem propriedade de frente para a estrada?

- Quando eu entrei aqui só tinham feito a locação, o traçado da estrada. Isso foi em 1946. Inicialmente começaram a abrir a estrada com machado e picareta. Depois vieram máquinas também. O Érico Pruner, por exemplo, que hoje está com quase 90 anos, pegou uma empreitada e, com uma turma de peões, abriu o traçado da estrada daqui até Matelândia, derrubando o mato.

- A construção da BR-277 foi uma oportunidade de negócios, de venda de seus produtos aos trabalhadores da obra?

- Não, nem quando abriram a estrada de chão, nem quando asfaltaram na década de 60.

- O senhor acompanhou a vida da cidade de Foz do Iguaçu? Quando veio para cá, em 1942, como era a cidade?

- Tinha a Avenida Brasil, que se chamava Avenida Botafogo, que era uma pedreira, e só. As casas eram quase todas de madeira. Aí o governo do Estado construiu o Hotel Cassino, um grande progresso para a cidade. Mas o progresso de Foz do Iguaçu começou mesmo com a construção da Ponte da Amizade. Antes, Foz era mesmo um fim-de-mundo. Mais progresso veio com a construção da BR-277. Mas a explosão de progresso se deu mesmo com a construção da usina de Itaipu.

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - 1994)



Aurea Cunha

Franz Kohlenberger

"No princípio eu era chamado de louco. Depois quando viram que dava dinheiro, tdo o mundo se candidatava para explorar o serviço"

Louco, no caso de Franz Kohlenberger, era apenas seu ímpeto, sua competência de desbravador das potencialidades turísticas de Foz do Iguaçu. Nascido na Áustria em 1929, migrou para o Brasil aos 18 anos, começando a vida por São Paulo e continuando em Foz do Iguaçu, onde está desde 1958. Por vinte anos dedicou-se ao Hotel das Cataratas, a passeios para turistas no Parque Nacional do Iguaçu.

(Juvêncio Mazzarollo)

- Por que seus pais trocaram a Europa pela América?

- Houve na Europa e no mundo a grave crise de 1930, e eles se aventuraram para o Brasil. A situação lá estava pior que hoje aqui. Meus pais tinham uma família de amigos em São Paulo e foram para lá. Só que em São Paulo corria uma revolução que deixava as coisas ainda piores que na Europa. Mas eu não vim com meus pais. Fiquei na Europa com os avós e só vim ao Brasil com 18 anos de idade.

- Que vida levou na Áustria até vir ao Brasil aos 18 anos?

- Estudei até os 14 anos e depois entrei na vida profissional, na hotelaria, com quatro anos de escola de hotelaria. Acabou a Segunda Guerra e meus pais mandaram me chamar.

- No Brasil o senhor começou fazendo o quê?

- Trabalhei durante dez anos com meus pais num frigorífico em Santos, São Paulo. Em 1955 passei por Foz do Iguaçu como turista. O Hotel das Cataratas estava em construção. Eu tinha uns amigos gaúchos que me contavam que Guaíra era lugar de turismo, com bons hotéis. Aproveitei a Semana Santa, peguei o ônibus e viajei para cá, via Londrina, Maringá, Cruzeiro do Oeste e Ipirorã, para onde ia um ônibus uma vez por semana. De lá até Guaíra só se podia viajar em caminhões que transportavam toras. Fiquei hospedado num hotel administrado por um judeu alemão.

- Sem preconceito, o senhor é judeu ou alemão?

- Sou alemão. Nome que termina em "er" é alemão. Se fosse Kohlenberg" seria judeu, mas eu sou Kohlenberger. Bem, mas passei dias em Guaíra, vendo as Sete Quedas, que estavam no maior abandono, com as pinguelas caindo aos pedaços. Aquelas pontes foram construídas pela Companhia Mate Laranjeira na década de 30. O dono do hotel sugeriu que eu viesse até Foz do Iguaçu, em avião da Real Transportes Aéreos. Eu nem sabia da existência das Cataratas do Iguaçu. Vim e me hospedei no Hotel Cassino. Vi as Cataratas, aquela maravilha...

- Qual espetáculo achou mais impressionante, o de Sete Quedas ou das Cataratas?

- Sete Quedas impressionava pelo volume de água. Era a maior catarata do mundo em volume de água, enquanto as Cataratas do Iguaçu são as mais fantásticas em beleza e extensão.

- Impressionado com tanta beleza, resolveu ficar por aqui?

- Ainda não, porque não havia o que fazer aqui. O Hotel das Cataratas estava em construção. Voltei para Santos. Quando o Hotel das Cataratas ficou pronto, em 1957, mandei uma carta me candidatando a trabalhar nele, mostrando que tinha curso de hotelaria feito na Áustria e experiência no ramo. Fui aceito, então vim para cá e cá estou até hoje. Planejava ficar só uns seis meses, mas já faz 40 anos que estou aqui e, claro, sem pensar em sair.

- Tendo sido construído pelo governo federal, como operava, ou

que administração tinha o Hotel das Cataratas?

- Bem, a construção terminou em 57, mas o Hotel foi inaugurado em 58, pelo dono dos maiores cassinos do Brasil, um certo Bianchi. Mas na época os cassinos estavam fechados, proibidos. O hotel estava pronto, mas por um ano ninguém havia se interessado em explorá-lo. Aí o presidente Juscelino Kubitschek ofereceu o hotel sob a promessa de, dentro de alguns meses, liberar o jogo. Bianchi era dono de hotel-cassino em Guarujá, SP, e de lá trouxe muitos móveis para o hotel das Cataratas. Mas a abertura do cassino não foi liberada, então Bianchi vendeu a concessão do hotel à Real Transportes Aéreos, que tinha a agência de turismo Realtur e que depois viria a ser adquirida pela Varig. Desde então até hoje, a Companhia Tropical de Hotéis, da Varig, é concessionária do Hotel das Cataratas. Ela ampliou o Hotel, acrescentando uma ala com mais 61 apartamentos, numa primeira etapa, e mais tarde aumentou em mais de 100 apartamentos.

- No começo, o que o senhor fazia no Hotel das Cataratas?

- Era empregado e fazia um pouco de tudo, mas minha função principal era de barman. O movimento era muito fraco, com 15 ou 20 hóspedes. O preço era de mil cruzeiros por pessoa, incluindo hospedagem, café da manhã e duas refeições, quando o salário mínimo era de quatro mil cruzeiros, o preço de uma passagem aérea de ida e volta a São Paulo. A Estrada das Cataratas, calçada com pedras depois de criado o Parque Nacional do Iguaçu em 1939, era boa até o rio Tamandua, porque até lá foi bem compactada por rolo compressor enviado pelo governo do Paraná.

Sobre o rio Tamandua havia uma ponte de madeira que não suportaria o peso do rolo compressor, por isso ele não passou para o lado de lá e a estrada até as Cataratas ficou logo toda esburacada, fazendo com que a viagem levasse uma hora ou mais. Aliás, os trechos que ainda restam daquela estrada deveriam ser tombados e preservados, com placas indicativas de sua história, como atração de interesse turístico e cultural. Mas aqui parece que ninguém se interessa com o que houve ontem. É uma tristeza.

- A criação do Parque Nacional do Iguaçu pelo presidente Getúlio Vargas em 39 teve importância fundamental, porque a isso se seguiu uma série de investimentos do governo em Foz do Iguaçu...

- Sim. Logo foi feito o calçamento da Estrada das Cataratas e iniciada a construção do Hotel das Cataratas, só que este levou 19 anos para ser concluído. Foi construído o Aeroporto, o Fórum, o Museu do Parque, a Usina São João.

- Por que demorou tanto a construção do Hotel das Cataratas?

- Porque as obras foram interrompidas no intervalo entre os dois períodos de governo Vargas (1945-1950). Quando as obras foram retomadas, no meio da construção já havia árvores crescidas, escombros por todo lado. Os argentinos chamavam aquilo de "ruínas dos índios", dos missionários, como as de San Ignacio Mini.

- O senhor tem fama de grande aventureiro e até de louco (no bom sentido), pela coragem com que fazia verdadeiras façanhas nas corredeiras e

nos penhascos das Cataratas. Que bravuras fazia? Houve acidentes, tragédias?

- Comigo nunca houve acidentes. Eu introduzi um passeio de barco até a Garganta do Diabo pelo lado brasileiro, nas corredeiras acima dos saltos. No princípio eu era chamado de louco. Depois, quando viram que dava dinheiro, todo mundo se candidatava para explorar aquele serviço. Foi feita concorrência pública e quem entrou com dinheiro ganhou a concessão, mas não entendia do ramo, então os barqueiros ficaram abandonados.

- Voltando à Estrada das Cataratas, quando ela foi asfaltada?

- Foi asfaltada a pedido do presidente Castelo Branco e concluída em 1967. Castelo Branco veio inaugurar a Ponte da Amizade em 1965 e ficou hospedado no Hotel das Cataratas durante dois dias. Ele se comprometeu a asfaltar a estrada para incentivar o turismo.

- Que outras marcas suas ficaram no Parque Nacional do Iguaçu?

- Fiz também a estrada que leva ao Salto do Macuco. Eu tinha um barco a motor e com ele levava turistas a um passeio do Macuco até os marcos das três fronteiras, na foz do rio Iguaçu. Também levava esses turistas para ver as obras de construção da Ponte da Amizade. Eu ainda mantinha passeios a cavalo dentro do Parque. Fazia isso de dia e de noite trabalhava de barman no hotel.

- Mas o senhor depois foi gerente do Hotel das Cataratas...

- Sim, mas antes passei quase dois anos em São Paulo, porque meu pai estava construindo um frigorífico e pediu que eu fosse ajudar.

Por falta de financiamento o frigorífico não foi concluído, então voltei a Foz do Iguaçu, desta vez para ser gerente do Hotel das Cataratas, função que exerci de 1966 a 1977. Posso dizer que fui o primeiro recepcionista e o primeiro guia de turismo de Foz do Iguaçu. De certa maneira, tive a primeira agência de turismo, pelos passeios que oferecia aos turistas. Eu inventei a introdução do helicóptero do Hotel das Cataratas, para oferecer vôos panorâmicos e criar uma ponte aérea para a Argentina.

- Por que saiu do Hotel das Cataratas?

- Comecei a me desentender com a Varig, então pedi a conta.

- E abriu a Churrascaria Cabeça de Boi, na Avenida Brasil...

- Sim. Era um tempo bom, com grande movimento. Para ganhar o primeiro milhão não foi difícil; difícil é agora não perder. Além da Churrascaria do centro da cidade instalei a Churrascaria Cabeça de Boi Campestre, a 5 quilômetros da cidade, à margem da Estrada Velha de Guarapuava. Lá se oferece, além de restaurante, açude para pescaria, cavalgadas e caminhadas num ambiente natural muito agradável, saudável e bonito.

(Entrevista inédita, maio 1997)



Aurea Cunha

Galdino Moro

"Eu tinha oito anos quando ouvi rádio pela primeira vez. Um dia á tardinha, chegou o tenente Otávio, do exército, com uma caixa e ligou"

A leitura desta publicação leva à impressão de que ninguém dos antigos moradores de Foz do Iguaçu nasceu aqui. De fato, encontram-se poucos dos chamados pioneiros que não tenham sido migrantes. Entre esses poucos está Galdino Moro, que, talvez justamente por ser nascido em Foz do Iguaçu, não é assim tão antigo - nasceu em 1929, mas filho de migrantes.

(Juvêncio Mazzarollo)

- Por onde poderíamos começar a história da família Moro estabelecida em Foz do Iguaçu?

- Eu nasci em Foz do Iguaçu em 1929, mas a família Moro é originária da Itália.

- Algum parentesco com Aldo Moro, o primeiro-ministro italiano seqüestrado e morto pelas Brigadas Vermelhas nos anos 70?

- É possível que tenhamos algum parentesco com ele, porque os Moro que vieram para a América eram de Udine, região onde nasceu Aldo Moro. Mas a origem da família Moro estabelecida em Foz do Iguaçu é um pouco complicada e até engraçada. Meu avô por parte de minha mãe, João Geyer, de origem alemã, migrou para o Brasil depois de passar pelos Estados Unidos. Viveu 20 anos no Rio Grande do Sul e foi para a Argentina, onde ficou mais alguns anos. Saiu da Argentina para ir ao Estado do Mato Grosso, no Brasil, em 1914, quando já tinha duas filhas, uma delas minha mãe, Tereza Geyer Moro. Vinha ele da Argentina, de barco, e parou em Foz do Iguaçu. Aqui, o prefeito Jorge Schimmelpfeng o desaconselhou a ir ao Mato Grosso, Estado que na época tinha fama de ser lugar de bandido.

- Schimmelpfeng tinha interesse no crescimento de Foz do Iguaçu e aconselhou seu avô a ficar aqui, certamente.

- Exato. Jorge Schimmelpfeng o convidou a ficar em Foz, arrumou terreno para ele e até lhe garantiu mantimentos nos primeiros tempos. Meu avô por parte de minha mãe, Tereza Geyer, ficou.

- Em que local de Foz do Iguaçu sua família morava?

- Lá onde hoje é o loteamento do bairro Jardim Petrópolis. Era roça. Nós trabalhávamos e vivíamos na roça. Em 1972 vendi aquela propriedade e comprei aqui onde moro, perto do Clube Gresfi, antigo Aeroporto de Foz do Iguaçu. Talvez eu morasse lá na rocha até hoje se meus primeiros filhos fossem homens, porque eles me ajudariam no trabalho da lavoura. Mas primeiro nasceram as filhas, então achamos melhor procurar um meio de vida diferente.

- Quem é sua esposa e quantos filhos tem o casal?

- Minha esposa é Maria Madalena Dotto Moro, filha de Antônio Dotto. Tivemos cinco filhos, mas um é falecido. E temos agora cinco netos.

- O senhor disse que vendeu a terra e deixou a roça para tentar outro meio de vida. Que meio é esse?

- Resolvi mudar para poder dar um pouco de estudo aos filhos. Hoje é fácil porque há ônibus, telefone... é tudo fácil, mas naquela época, para dar estudo aos filhos vivendo na roça, era problemático. Então vendi a chácara, comprei terrenos na cidade, construí casas e passei a viver de alugueis.

- Se era problema dar estudo aos seus filhos, maior problema deve ter sido o senhor mesmo estudar, não?

- Eu posso me considerar quase um autodidata. Não cheguei a frequentar escola por dois anos completos.

- Mas em Foz do Iguaçu, quando o senhor era criança, já havia a Escola Bartolomeu Mitre.

- Sim, e eu estudei um ano lá, mas era longe de casa. Tinha que vir da roça para a cidade a pé ou a cavalo. Além disso precisava ajudar no trabalho em casa. Na escola só fui alfabetizado. Depois fui aprendendo em casa. Eu gosto muito de ler. E tive o privilégio de ter tido uma excelente professora durante meio ano. Era a professora Celeste de Azambuja Sottomaior. Lastimo que ela não seja homenageada com seu nome em alguma escola da cidade. É aquela professora por vocação. Eu acho que professor, médico, policial, padre, tem que ter vocação. Há outras grandes professoras que mereceriam uma homenagem: a Ilka Vera, Odete Rolon, Izoete Nieradka, Ilde Rorato, "Maricota" Ferreira, Letícia Pasa Leopoldino... São professoras que deram a juventude e a vida ao ensino. Mereceriam ser mais lembradas, porque não são poucos os que hoje estão formados e começaram a aprender as primeiras letras com elas.

- O que o senhor poderia contar de suas lembranças sobre Foz do Iguaçu da década de 30, quando ainda era criança?

- Minhas primeiras lembranças são de 1936/37. Lembro que comecei a vir à cidade a cavalo. Trazia produtos da roça para vender a um primo que tinha uma casinha de comércio.

- E, evidentemente, dava duro na roça desde criança?

- Lógico. Desde os seis, sete anos já ia com a enxadinha ajudar na roça. Nós produzíamos de tudo um pouco. Aliás, acho que um

problema da agricultura de hoje é a monocultura, que acabou com muita coisa, muita prática boa dos agricultores de antigamente. Com a introdução da monocultura deixou-se de produzir muito alimento. Hoje vê-se o absurdo de ver agricultores comprando tomate no supermercado.

- Para quem trabalhava na roça, o difícil devia ser vender a produção e conseguir o dinheiro necessário para o que não podiam produzir.

- Até que não. Além do mais, precisava-se pouco de dinheiro porque não havia tanta coisa para comprar como hoje.

- Quando o senhor pôde ter pela primeira vez luz elétrica em casa?

- Enquanto vivi na roça, até 1972, não tive energia elétrica em casa. Então só tive luz elétrica em casa a partir dos 42 anos de idade, quando mudei para a cidade. Aliás, isto aqui nem era cidade ainda. O perímetro urbano terminava na avenida República Argentina.

- Lembra de quando ouviu rádio pela primeira vez?

- Eu tinha oito ou nove anos, na casa do primo que tinha a lojinha para a qual eu trazia produtos da roça. Um dia, à tardinha, eu estava lá e chegou o tenente Otávio, do Exército, com uma "caixa" e ligou. Era o primeiro rádio a pilha chegado a Foz do Iguaçu.

- Não era a bateria?

- Meu primo tinha um a bateria, mas aquele a pilha era portátil - um caixão pesado.

- Ninguém aqui instalou o sistema de

eletricidade gerada por bateria carregada por dínamo movido a cata-vento?

- Não, que eu tenha visto, não. Mas um morador instalou uma pequena turbina geradora numa queda d'água naquele riacho que corre entre o Floresta Clube e a BR-277. Foz do Iguaçu, lugar baixo, tem pouco vento, por isso o sistema de cata-vento seria inadequado.

- De acordo com as suas observações, que momentos destacaria como os que representaram avanços no progresso de Foz do Iguaçu?

- O progresso começou com a construção da Ponte da Amizade. Depois Foz do Iguaçu foi influenciado pelas revoluções paraguaias, que fizeram muitos paraguaios fugir para cá.

- O senhor acompanhou a construção da Ponte da Amizade? Teve algum benefício direto com a obra?

- Não só acompanhei de perto a construção como também forneci muita coisa, muitos produtos da roça para os que trabalhavam na obra. O que eles queriam e eu não tinha em casa, com uma caminhonete que eu tinha buscava junto a outros agricultores. Ia buscar produtos em Alvorada do Iguaçu, Itacorá, hoje lugares alagados por Itaipu. E outro momento de impulso ao progresso de Foz do Iguaçu veio com a construção da BR-277, a chamada Estrada Estratégica, desde a década de 50. A BR-277 facilitou a instalação de grandes madeiras.

- As madeiras já não existiam desde muitos anos antes?

- Sim, mas com uma diferença. Antes, a madeira era tirada do mato e levada à Argen-

tina pelo rio Paraná em toras. Depois é que começaram a montar na região as serrarias, e então a madeira passou a ser serrada. As primeiras serrarias foram instaladas em Cascavel, onde havia muito pinheiro. Começaram a aparecer aqueles caminhões-zinhos Chevrolet com reboque.

- Da política o senhor participou alguma vez?

- Não. Conheci vários prefeitos. Votei muitas vezes para prefeito, desde Júlio Pasa - que foi muito bom prefeito.

- Avançando no tempo e chegando mais próximo da atualidade: como o senhor reagiu quando veio a notícia de que seria construída a usina de Itaipu? Acreditou que seria mesmo construída?

- Recebi a notícia com naturalidade. Meu espanto passou quando construíram a Ponte da Amizade.

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - Edição de 16/08/1994).



Ney de Souza

Genésio Rorato

*"Apesar da lei seca vendíamos cachaça aos paraguaios.
Se nos pegassem, uma propina resolvia tudo"*

Nascido em Cachoeira do Sul, RS, em 1919, Genésio Rorato imigrou com os pais e irmãos para Foz do Iguaçu em 1927. A família se mudou para o Paraná "enganada" por um negócio que não deu certo, segundo ele conta. Mas voltar atrás não dava, e os Rorato ficaram para enfrentar a luta que Genésio relata nesta entrevista.
(Juvêncio Mazzarollo)

- O que fez com que seus pais trocassem o Rio Grande do Sul pelo Paraná em 1927?

- Nós viemos para cá enganados. Meu pai queria montar uma serraria, trabalhar com madeira, e disseram a ele que Foz do Iguaçu era o melhor lugar possível para esse negócio. Vendeu a terra em Cachoeira do Sul para comprar a serraria. Comprou por uma fortuna, embarcou família e serraria rumo a Foz do Iguaçu.

- Em que foram enganados?

- Disseram a meu pai que Foz do Iguaçu era o melhor lugar para trabalhar com serraria, mas não era verdade. O que meu pai queria era serrar e beneficiar madeira, e aqui não havia comércio para isso.

- Que fim deram à serraria?

- Vendemos por cinco contos de réis, sendo que tinha custado vinte. Quem comprou foi um parente do Rio Grande do Sul. Ele queria que voltássemos para lá. Até ofereceu a passagem. Meu pai disse: "Não, eu saí de lá com dinheiro. Agora, sem dinheiro, não volto". Não queria passar por fracassado. Preferiu comprar terra aqui, mas só a área que podíamos cultivar, até porque a terra não tinha valor".

- Produziam o que na roça?

- Plantamos cana e instalamos um alambique. Vendíamos muita cachaça aos paraguaios, embora na fronteira vigorasse a "lei seca". Apesar de proibida na fronteira do Paraguai com o Brasil, os paraguaios levavam

a cachaça clandestinamente. Se a polícia pegava, uma propina qualquer resolvia tudo. Se não desse propina, o castigo consistia em trabalhar dois ou três dias de graça para o policial.

- O senhor ficou muito tempo na roça? Além de cachaça produzia o quê?

- Trabalhei 30 anos na roça, e agora faz 30 anos que estou na cidade. Trabalhei muito em criação de gado e porco. Plantações, só para o gasto de casa, pois não havia a quem vender. Na cidade montei uma mercearia. Comprava produtos da roça e só pagava se e quando vendesse. Se não vendesse, devolvía o produto. Levar produtos para outros lugares também não dava. Tudo era longe, os povoados da região eram muito pequenos e aqui mesmo havia pouca gente, então vendia-se pouco.

- Quando essa situação começou a mudar?

- Com a construção da Ponte da Amizade e depois, mais ainda, com a construção da BR 277.

- Alguma vez o senhor se envolveu em política?

- Só uma vez, na eleição do prefeito Ozires Santos, que foi um dos melhores prefeitos que Foz do Iguaçu teve. Fez, por exemplo, a maior obra da cidade até aquela época (início da década de 60), o asfaltamento da avenida Brasil, apesar de quase ninguém pagar impostos. Não pagavam porque não acreditavam no prefeito por ser muito jovem. Eu

acreditava porque conhecia o pai dele, com quem trabalhei em serraria e que também foi político em Cascavel.

- No setor policial e criminal, como era o ambiente em Foz há 30 ou 40 anos atrás?

- Havia banditismo também naquele tempo, especialmente entre paraguaios que viviam aqui. Matavam-se por qualquer encrenca em jogatinas e bebedeiras. Mas a autoridade era mais severa. Houve um delegado que controlava tudo e todos. Se achasse um bêbado, levava à Delegacia curar o porre. Se encontrasse alguém com jeito de vadio, perguntava onde trabalhava e ia checar se era verdade. Se o indivíduo tivesse mentido, era levado à Delegacia e levava uma surra. Por isso não havia “gatos” como hoje. Naquele tempo não se precisava trancar portas e cercas nas casas. Hoje é chave e cadeado por todo lado, cercas ao redor de casa, e assim mesmo os gatunos assaltam.

- Foi comerciante durante muito tempo? Em que outro ramo trabalhou?

- Tive que deixar o comércio porque eu era muito mole - vendia fiado a qualquer um e levava muitos prejuízos. Larguei o comércio e fui trabalhar na construção de casas. Construí muitas das melhores casas de Foz do Iguaçu de anos atrás. A última foi a do comandante da Marinha.

- E a família? Casou quando? Quantos filhos?

- Casei aos 20 anos de idade e tenho nove filhos, quatro homens e cinco mulheres. Todos estudaram e estão bem.

- Um deles, Claudio Rorato, é advogado

e vereador pela segunda vez...

- Sim. Tenho também uma filha que é advogada em São Paulo. Dos meus filhos, o que tem menos estudo é contador. Sempre achei que o melhor patrimônio que poderia deixar aos filhos era o estudo. Com estudo a pessoa se vira, senão vai carregar pedra a vida toda...

- O senhor fez o serviço militar em Foz?

- Fiz. Fiquei no quartel um ano e quatro meses. Era duro porque o mundo se preparava para a II Guerra Mundial. Servi em 1939. A II Guerra estourou no dia 2 de setembro de 1939 e eu dei baixa no quartel no dia 4, mas tinha que me apresentar uma vez por semana.

- Havia possibilidade de ser convocado para a Guerra?

- Havia, tanto que fui convocando, mas um médico amigo me livrou. Soldados e ex-soldados não podiam casar, porque, caso fossem convocados para a Guerra, o governo não teria gastos com a família. Eu havia casado só na igreja, então o médico aquele me orientou para que fizesse o casamento civil para facilitar a dispensa da convocação militar. Mesmo assim estava convocado, e de novo o médico me livrou dando atestado de que eu tinha um problema de visão.

- Alguém de Foz do Iguaçu chegou a ir à II Guerra Mundial com a FEB, na Itália?

- Foram chamados uns quatro ou cinco, mas só um foi à Itália. Foi João Aguiar Pompeu, que inclusive foi ferido. Se não morreu, deve estar em Cascavel.

- E o relacionamento entre brasileiros e

paraguaios na fronteira era mesmo cordial ou havia escaramuças?

- Sempre foi cordial. Nunca houve brigas ou enfrentamentos, mas, na verdade, os paraguaios nunca gostaram dos brasileiros. Isso de que reina a maior amizade entre nós e eles é um faz-de-conta.

- O senhor trabalhou ou teve negócios no Paraguai?

- Sim. Inclusive construí um hotel lá para um general que me pediu para não contratar nenhum paraguaio. Era um general paraguaio que não gostava de paraguaios, ou não confiava neles. Mesmo assim eu contratei um. Mas nem cheguei a concluir a obra porque houve uma encrenca entre o Brasil e o Paraguai, e o general me aconselhou a voltar ao Brasil para não ter problemas.

- Que encrenca entre Brasil e Paraguai foi essa?

- Era uma briga por causa da demarcação da fronteira nas Sete Quedas de Guaíra, em 1965. Os paraguaios chegaram a enviar tropas militares para lá. Depois a questão se resolveu com a construção de Itaipu, que alagou a área em litígio e deixou tudo por isso mesmo.

- Quando sua família migrou para Foz do Iguaçu em 1927, o que havia, como era a cidade argentina de Puerto Iguazu?

- Praticamente havia só as instalações da aduana e algumas casas, um vilarejo pobre, mas logo cresceu com o comércio de erva-mate e madeira extraída no Brasil e com as compras que os brasileiros faziam lá.

- E Porto Stroessner, hoje Ciudad del Este, Paraguai, como era?

- Antes da construção da ponte da Amizade aquilo era só mato e plantação de bananeira. A cidade paraguaia da fronteira era Puerto Franco.

- Foz do Iguaçu acompanhava a situação política paraguaia?

- Não, ninguém dava atenção do que se passava no Paraguai.

Eu trabalhei no Paraguai com serraria durante 12 anos, de 1970 a 1982. Nunca sequer dei algum palpite político porque os paraguaios são muito fanáticos. Se são colorados e alguém fala mal do Partido Colorado, são capazes de matar. Certa ocasião veio à minha serraria Mário Abdo Benitez, secretário particular do presidente Stroessner. Veio me oferecer madeira, sem dizer quem era. Eu disse que receberia a madeira, mas não iria no mato cortar. Ai ele começou a me perguntar sobre o governo Stroessner. Eu disse que para mim todo e qualquer governo é bom.

- Se dissesse que o de Stroessner era ruim..

- Certamente me daria mal. Mas ele gostou de mim e até me deu um cartão dele que serviria de uma espécie de credencial para resolver qualquer problema. Isso facilitou tudo para mim. Viver no Paraguai era bom, tranquilo. Importante era se dar com as autoridades.

Extraído da “Gazeta do Iguaçu” - Edição de 02/07/93



Arquivo Gazeta do Iguaçu

Helena Lacki

"Ganhamos uma grande área perto do Marco das 3 Fronteiras. Derrubamos o mato, plantamos grama criamos vacas, porco e galinha para vender na Argentina".

A tradicional família Lacki de Foz do Iguaçu teve origem na Polônia e descreveu, vida afora, uma história que mistura aventura, heroísmo e tragédia, como conta Helena Lacki nesta entrevista dada aos 88 anos de idade, um pouco antes de falecer em 94. Vindo ao Brasil, os Lacki não só se viram diante de um país que definiram como "encantador", como também fugiram da morte quase certa na Polônia. (Juvêncio Mazzarollo)

- Por que a senhora e seu marido trocaram a Polônia pelo Brasil?

- Viemos ao Brasil a passeio em 1930. Eu estava grávida do nosso primeiro filho. Na Polônia tínhamos muitos livros sobre a América do Sul, especialmente o Brasil. Éramos fascinados para conhecer o Brasil. Até vendíamos erva-mate e frutas que encomendávamos do Brasil. Viemos para ficar um mês de passeio.

- Deviam estar bem de vida, então. Faziam o que na Polônia?

- Meu marido era administrador de seis fazendas de um príncipe. Quando viemos passear no Brasil trouxemos o bolso cheio de dinheiro. Fomos a Curitiba e nos hospedamos numa pensão de uma senhora polonesa. Meu marido viajou muito. Eu não podia acompanhá-lo porque estava grávida. Ele passeava e se encantava com o Brasil. Percorreu todo o Paraná, voltou e disse: "Helena, estou encantado".

- Gostaram tanto do Paraná e do Brasil que resolveram não mais voltar à Polônia?

- Sim. Nunca mais voltamos à Polônia, nem a passeio.

- Começaram fazendo o que para sobreviver no Brasil?

- Havia em Curitiba um polonês muito rico, dono de muita terra em vários lugares. Alugamos dele uma fazenda de 1.500 alqueires em Cruz Machado, hoje Quedas do Iguaçu. Na fazenda havia mais de 140 cabeças de gado holandês, ovelhas, cabras e dois barbaquás (secadores de erva-mate) enormes. O que havia de vivo e morto nós

arrendamos.

Tínhamos vinte famílias de empregados que colhiam e secavam a erva-mate. Mas trabalhavam quatro meses por ano, na safra, e nós tínhamos que mantê-las no resto do ano. Formamos lá uma verdadeira fazenda modelo, inclusive com gerador elétrico próprio.

- Tudo ia às mil maravilhas?

- Tudo, mas aconteceu uma tragédia, um vendaval que arruinou tudo. Certo dia, meu marido pegou o carretão puxado por quatro cavalos e foi comprar mantimentos numa cidade distante 70 quilômetros, numa viagem que durava cinco dias. Eu fiquei em casa com meu filho recém-nascido. À noite caiu um vendaval tremendo, um furacão de vento, raios e trovões e chuva-de-pedra. Um pinheiro caiu sobre os fios de luz e ficamos no escuro. O barulho lá fora era infernal. Parecia que estava chegando o fim do mundo. De repente, uma enorme goiabeira caiu sobre o telhado da cozinha. Agarrada ao filho fui me abrigar no banheiro. É pensava assim: se eu morrer aqui quero que ele também morra, para não ficar sozinho neste inferno.

- E seu marido longe de casa...

- E eu preocupada com o que poderia acontecer a ele. Quando chegou em casa não encontrou mais vaca, porco ou galinha. O furacão havia levado, varrido tudo. Rescindimos o contrato de arrendamento da fazenda e voltamos a Curitiba. Meu marido foi trabalhar numa colonização financiada pelo governo

polonês. Então apareceu lá um militar que sugeriu ao meu marido que fosse morar na Argentina. Ele veio ver, gostou e voltou a Curitiba disposto a mudar para cá.

- A viagem deve ter sido uma epopéia?

- Foi. Levou três semanas, de carroça, transpondo tudo quanto é obstáculo - e eu grávida de oito meses. Quando havíamos chegado a Foz do Iguaçu perguntei ao meu marido Jorge se faltava muito para chegar.

- A cidade era tão grande que quem chegava não percebia que havia chegado. Mas como se acomodaram aqui?

- Alugamos um galpão da viúva Ottília Schimmelpfeng e lá ficamos um mês. Fomos procurados pelos Schimmelpfeng, dispostos a nos ajudar. Meu marido, que era agrônomo, disse que tinha interesse em trabalhar na terra. Ganhamos toda esta área próxima ao Marco das Três Fronteiras e viemos para cá quando minha filha Helena, que até hoje vive aqui comigo, tinha então sete dias de vida. Quando ela nasceu, de noite, a parteira, Evelina, veio fazer o parto armada de revólver.

- Embrenharam-se no mato e começaram vida nova.

- Derrubamos mato e plantamos grama, compramos vacas, fizemos criação de porco e galinha, horta e tudo mais, para vender na Argentina. Os argentinos de Puerto Iguazú não produziam alimentos, por isso nós vendíamos de tudo lá. Eu mesmo aprendi a remar e ia vender na Argentina. Fiz isso durante muitos anos.

- Seus filhos estudaram?

- Todos estudaram e quase todos se formaram. Um deles é agrônomo e trabalha na FAO, no Chile.

- Seu marido Jorge faleceu quando e de quê?

- Faleceu aos 66 anos, de câncer na próstata. Ficou nove anos doente. Os médicos não descobriam o que ele tinha. Quando descobriram, em Curitiba, era tarde. Ele está enterrado lá.

- Nos 60 anos em que está vivendo neste triângulo das Três Fronteiras, que histórias tem para contar do histórico Porto Meira?

- Houve um tempo em que os turistas vinham até o Marco das Três Fronteiras a cavalo ou em charretes, porque não havia carros e a estrada era horrível. Certa vez veio aqui o governador Moisés Lupion pedir carona para ir à cidade. Meu marido o levou de charrete, com preço previamente combinado. No fim da viagem, o "judeu" (Lupion) não queria pagar, alegando que a viagem foi muito desconfortável, mas acabou pagando.

- Havia criminalidade em Foz do Iguaçu naqueles tempos?

- Não havia. Lembro só que contavam que um paraguaio que morava na ilha Acaray, do rio Paraná, matou outro paraguaio. Quando ocorria um crime de morte era motivo de comentário durante muito tempo. Causava muito choque.

Hoje matam um por dia e ninguém se importa.

- Tem irmãos ou outros parentes próximos na Polônia? Comunica-se com

eles?

- Meus familiares e do meu falecido marido estão todos mortos. Morreram nas duas guerras mundiais. Quando o comunismo entrou na Polônia, quem podia fugir fugia, quem ficava morria.

- Alguns teriam terminado em campos de concentração?

- Sem dúvida. Vários de minha família e de meu marido foram mortos numa chacina em que os comunistas russos invasores mataram seis mil pessoas. Os condenados foram levados à beira de duas valas e, amarrados uns nos outros com arame farpado, foram fuzilados e enterrados ali. Esse foi o chamado holocausto ao povo judeu.

- Vocês aqui no Brasil eram informados do que se passava na Polônia por seus familiares?

- Ficávamos sabendo pelos jornais. Minha família toda acabou. Muitos parentes foram queimados nos crematórios dos campos de concentração.

- Treblinka, Sobibor...

- E muitos outros.

- Se tivessem ficado na Polônia, teriam sido mortos também?

- Certamente. Meu marido Jorge serviu na Primeira Guerra, então seria chamado para a Segunda, para resistir à invasão nazista e depois russa. Seria morto com certeza.

- Na Primeira Guerra Mundial a senhora estava na Polônia. Esteve perto ou dentro do fogo cruzado?

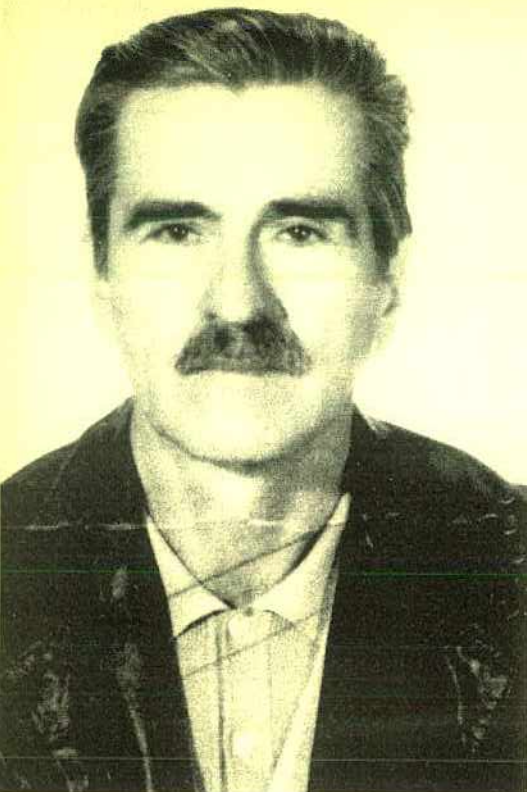
- Quando estourou a Segunda Guerra eu

tinha nove anos de idade. Onde morava ocorreram combates durante a Guerra toda. Era um lugar estratégico onde os combates eram freqüentes - bombardeios quase todos os dias. Os combates eram anunciados por alarmes para dar tempo à população civil de se esconder nos abrigos. Nós embarcávamos em carroças e íamos para os abrigos num vale profundo. No alto, de um lado estavam tropas alemãs, de outro as tropas russas. À noite, lembro bem, as bombas cruzavam o céu como relâmpagos por sobre nossas cabeças.

- A senhora esteve em algum momento em perigo de vida?

- Sempre eu estava com a vida a prêmio naquele ambiente. Mas houve uma ocasião em que estive bem perto da morte. Quando soava o alarme de um combate iminente, também nos escondíamos num abrigo cavado pelos peões da fazenda. Cavavam-se verdadeiros túneis entre uma fazenda e outra. Um dia ouvimos o alarme e eu me atrasei na corrida para o abrigo. Nisso caiu uma bomba a poucos metros de onde eu estava. E quantas outras bombas caíram bem perto de nós em nossos abrigos..

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - Edição de 09/08/93)



Arquivo Família Barthel

Herberth Barthel

"Eu sou de origem alemã e nunca sofri por isso. Se houve prisões de alguns alemães foi porque faziam bebedeiras e saíam por aí gritando Heil Hitler!"

A história de Herberth Barthel foi buscada na localidade de Remanso Grande, na barranca do Rio Iguaçu, lá onde a família se instalou em 1926, vinda do Rio Grande do Sul. Esta entrevista acrescenta novos dados e novas cores do que foi Foz do Iguaçu em idos tempos, na visão particular de quem viu e ajudou a fazer a sua bela história desde a roça.
(Juvêncio Mazzarollo)

- De onde e quando a família Barthel veio a Foz do Iguaçu?

- Veio do Rio Grande do Sul em 1926, quando eu tinha seis anos de idade. Viemos por Posadas, Argentina. Em Posadas meu pai aproveitou para comprar tudo o que iria precisar aqui. Chegando, fomos direto à localidade de Remanso Grande, quase às margens do rio Iguaçu, onde meu pai tinha sua terra. A cidade de Foz do Iguaçu se resumia a umas poucas casas e dois estabelecimentos comerciais. O desenvolvimento foi muito lento, mas reinava paz em toda a região.

- Não havia conflitos de terras, por exemplo?

- Não, talvez até porque ninguém dava valor à terra e porque havia terra em abundância, além de ser muito barata. Conflitos de terra e outras brigas vieram mais tarde. Eu morei com meus pais até os 21 anos de idade.

- Foi para onde, então? E fazer o quê?

- Fui prestar serviço militar no batalhão do Exército, aqui mesmo em Foz do Iguaçu. O comandante era o capitão Alcir Resende. Foi durante a Guerra Mundial, por isso tive que ficar quatro anos no quartel. Creio que éramos cerca de 700 soldados. Mas a guerra não afetou o município.

- O que fazia o batalhão? Que missão o senhor tinha na tropa?

- Nosso maior serviço era a repressão ao contrabando de pneus, levados em caminhões e mais caminhões até o rio Paraná e dali para a Argen-

tina, de barco. Apreendemos grandes quantidades de pneus e prendemos muitos contrabandistas, inclusive pessoas muito conhecidas na cidade, que não residem mais aqui.

- Como faziam o patrulhamento dos rios?

- A pé ou a cavalo. O batalhão só tinha um Jeep do tipo chamado de pé-de-bode. Nas patrulhas também tínhamos ordem de prender quem encontrássemos sem documentos.

- Durante a Guerra Mundial, não houve problemas com os alemães residentes em Foz do Iguaçu?

- Sei de algumas famílias alemãs que se mudaram para Guarapuava, não sei se forçadas ou por escolha própria, por precaução, já que aqui é área de fronteira. Perseguição não havia. Eu mesmo sou de origem alemã e nunca sofri qualquer molestação por isso. Se houve prisões de alguns alemães foi porque faziam bebedeiras e saíam por aí gritando "Heil Hitler!" Ficavam detidos dois ou três dias e eram libertados.

- Depois de dar baixa no quartel, o que o senhor foi fazer?

- Montei uma fábrica de refrigerantes, tocada a mão, pois não havia energia elétrica. A matéria-prima vinha de fora, e o resto fazíamos aqui. Resolvi montar a fábrica porque os refrigerantes vendidos aqui eram trazidos de longe, da Argentina, por isso custavam muito caro. Batizei minha fábrica de Três Fronteiras. Fabricava cerveja também, com essa marca. Mais tarde montei um restaurante, ali onde hoje está

o Edifício Metrópole (travessa Cristiano Weirich). Praticamente era o único restaurante digno do nome na cidade. A clientela maior era formada por turistas.

- Outro acontecimento para Foz do Iguaçu foi a construção da Ponte da Amizade, certamente. Que lembrança tem desse feito?

- A construção começou em meados da década de 50, no governo JK. Foi inaugurada em 1965 pelo presidente Castelo Branco, quando houve a maior aglomeração de gente da história de Foz do Iguaçu até então. Aliás, gostaria de anotar que votei em Juscelino Kubitschek para presidente. Inclusive fiz uma aposta de que ele venceria a eleição.

- Lembra de como Foz do Iguaçu foi resolvendo a questão da energia elétrica?

- Na década de 30 havia um gerador instalado onde hoje está o Banco Nacional. Era um gerador velho, que raramente funcionava. Quando funcionava só se podia acender a luz três horas por noite. Depois foi instalado outro gerador no bairro Boicy. Se não me engano, isso ocorreu em 1958. No início funcionou bem, depois começou a dar problemas. Faltava luz constantemente, o que deixava a população revoltada. Certo dia, fizeram uma passeata com velas acesas e foram até o gerador, numa espécie de enterro simbólico do gerador que não funcionava.

- Quem resolveu o problema de energia elétrica em Foz do Iguaçu foi o governador Ney Braga, no início da década de 60, não?

- Foi ele, sim. Quando era candidato a governador, em 1962, veio fazer campanha

em Foz do Iguaçu e, no comício, prometeu que se fosse eleito a primeira coisa que faria seria trazer energia elétrica para cá. Cumpriu a promessa, apesar de ter recebido o governo meio falido.

- Lembra de quando chegou cinema à cidade?

- Não lembro a data, mas o primeiro cinema foi de um certo Palma. Só passava filme mudo. Muitas vezes começava e não terminava a exibição porque faltava energia.

- Havia algum tratamento médico disponível quando sua família aqui chegou?

- Médico não havia. Só mais tarde chegou o primeiro farmacêutico, que fazia também a função de médico. Chamava-se Rômulo Trevisan. Fazia partos, curava malária, muito freqüente na região. Certa vez, toda minha família estava com malária. Tratava-se malária com quinino. Não havia outro remédio. Até que enfim, começou a vir um remédio da Suíça. O primeiro médico de Foz do Iguaçu foi o dr. Dirceu Lopes, que também foi prefeito. Era um médico muito dedicado e competente. Se algum pobre não tivesse dinheiro para pagar, ele atendia assim mesmo, de graça.

(Extraído do "Nosso Tempo" - Edição de 18/06/81)

Reprodução

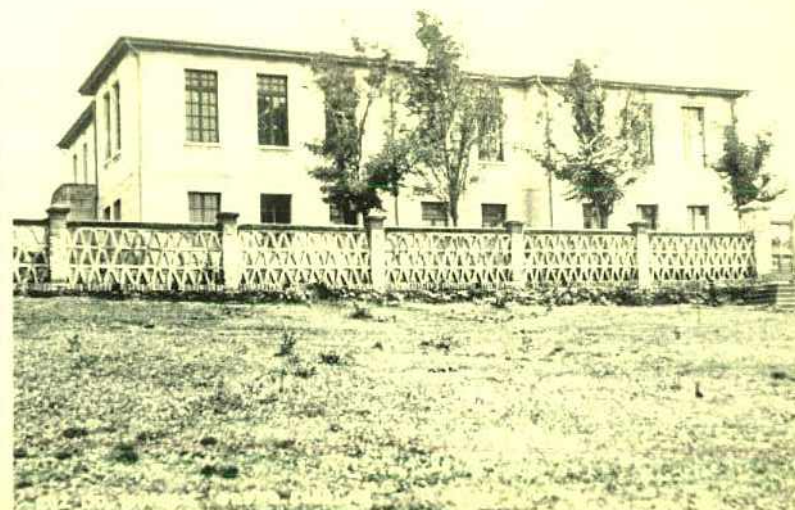


Stroessner em visita oficial a Foz no final dos anos 40:

Retratos Foz do Iguaçu

Reprodução

O grupo escolar Bartolomeu Mitre na sua primeira fase em 1943, na época em que funcionava era na rente da praça Getúlio Vargas.





Aurea Cunha

Hermenegildo Aquino

"Eu estudei sim, acho que até a quarta série. Foi difícil, a professora morava numa picada muito longe de casa. Não tinha nada, era uma picada até lá"

O funcionário municipal Hermenegildo Aquino - nasceu em Foz do Iguaçu em 13/4/1916 - diz que já não consegue lembrar muito das "coisas que aconteceram" na sua época. Casado com Felipa Aquino, pai de seis filhos (Wilson Roberto, Leonarda, Ivo Celestino, Guilhermina, Zunilda e Fernando Mauro), trabalhou durante 30 anos na Prefeitura de Foz. (Zé Beto Maciel)

- O senhor trabalhou durante muito tempo na Prefeitura. Como era naquela época?

- Bom, naquela época não é como é hoje, era tudo manual. Era bom porque eu nunca tenho nada a falar da Prefeitura, sempre trabalhei bem, meus chefes perfeitos eram bons.

- Tinha que abrir estradas ... que tipo de trabalho?

- Com picareta, pás, essas coisas, porque não tinha essas máquinas escavadeiras ou caminhões, nós trabalhávamos, a coleta de lixo era feita com carroça.

- E qual era o seu trabalho?

- Eu fazia limpeza, fazia valetas para escorrer água da rua, conserto de ponte, pontilhão, esse era o meu serviço. Fazer limpeza na cidade, onde era sujo tinha que desmatar.

- Quantas pessoas faziam parte da sua equipe?

- Quando eu entrei na Prefeitura eram 6, 7.

- O sr. lembra quem era o prefeito nessa época?

- Era o Guaraná de Menezes

- Depois veio quem?

- Parece que era o dr. Dirceu Lopes, o capitão Jacob Beck, Emílio Gomes, e depois veio o Osires Santos. Aí vieram os coronéis (José

Carlos Toledo, Julio Werner, Clóvis Cunha Vianna).

- O sr. se aposentou na época do coronel Clóvis Cunha Vianna ou do coronel Toledo?

- Eu fui aposentado na época do Coronel Clóvis. Me engano. Depois que saiu o Clóvis, e eu saí com o Benvenutte.

- Em qual função que o sr. se aposentou?

- Eu estava trabalhando com a turma na conservação da estrada das Cataratas, no DRM.

- O sr. lembra quais estradas que abriu aqui e ficaram famosas?

- Estrada não digo, eu trabalhei na estrada (BR-277) mas não estava na Prefeitura. Eu trabalhei na estrada sim, porque eu fazia serviço rodoviário, consertar estradas, pontilhão, ponte, essas coisas assim. Foi quando começou, trabalhei um pedaço, depois não trabalhei mais, porque era empreiteiro que pegava, aí era muita gente e não dava certo. Depois disso aí eu trabalhei no parque.

- Parque Nacional? E como era o seu trabalho?

- Serviço de limpeza.

- O sr. ajudou a construir aquelas casas ou não? Elas já estavam construídas?

- Quando eu entrei lá já tinha, tinha a sede.

- Mas a estrada que ia para o Parque era antiga ainda? A estrada velha...

- Era onde é o Colégio Agrícola. Por aí ainda era a estrada.

- Na industrial Madeireira o sr. trabalhou em quê?

- Negócio de madeira, carregava embarcação de tábuas.

- As tábuas eram carregadas no ombro, também tinham toras...

- Ah, sim, mesmo no ombro, no depósito tinha uma canaleta que ia até no barco, então soltava a madeira e ia cair no barco e daí começava a condicionar, empilhar as madeiras.

- Nas chamadas chatas? E de lá ia para Argentina, Buenos Aires?

- É. E isso aí era o serviço. Quando não tinha chata, era classificar madeiras. Empacotar.

- Eram da região aqui mesmo as madeiras? Ou vinham de Cascavel?

- As madeiras vinham de perto de Cascavel, tinha a central, o nome da firma, ali eles beneficiavam e vinham para cá.

- O sr. falou que é filho de um paraguaio com uma brasileira e nasceu em 1916 em Foz do Iguaçu. O sr. conseguiu estudar naquela época?

- Aí... Eu estudei sim, acho que até a quarta série. Foi difícil, a professora morava numa picada muito longe de casa. Não tinha nada, era uma picada que ia daqui até uma estrada, que a gente seguia a pé ou a cavalo. E agora até tive problema para comprovar meus

estudos para conseguir um aumento na minha aposentadoria. O pessoal (da Prefeitura) disse que o livro que registrava meus estudos não existia mais. Eu até voltei a estudar, mas depois consegui o aumento.

- O sr. falou que morava bem retirado. Aonde era?

- Era perto do Porto Belo, na costa do rio Paraná. Nós tínhamos nossa chácara. Me criei lá.

- A maioria do pessoal que vivia aqui em Foz era paraguaio? E só falavam guarani ou espanhol?

- É, falavam, depois mais para os anos 40 que o pessoal começou a falar mais o brasileiro (português).

- Quando o senhor começou a trabalhar, em que idade?

- Depois que eu tive mais de 17 anos eu saí para cá, para trabalhar, nem serviço havia quase.

- Que tipo de serviço tinha?

- Se não era na Prefeitura era trabalhar de fazer roça para outros, agricultores, colher milho, feijão.

- Depois o sr. trabalhou na madeireira (Industrial Madeireira do Paraná), depois na BR, no Parque e na Prefeitura?

- Na BR primeiro, depois no Parque, na madeireira, depois na Prefeitura.

- O sr. gostava de pescar, caçar, tinha muito bicho, peixe?

- Bicho do mato. Por aqui tinha muita onça, aqui uma vez mataram uma onça no trevo

aqui por perto. Era tudo mato, chácara. Me lembro que uma ocasião o pessoal matou uma onça. Porco do mato, saía em bando na estrada.

- Como era a relação dos paraguaios na cidade? O pessoal se dava bem?

- Sim, se dava bem.

- Era tudo meio amigo? O que não era parente era amigo?

- Amigo, assim, parente... Poucas vezes saía um desentendimento em um baile, sabe como é, até hoje isso é assim.

- Então o sr. resolveu ficar mais em casa, em que função se aposentou?

- Como chefe de capataz.

- A figura de capataz era bastante marcante, o senhor disse que foi trabalhar em Guaíra?

- Trabalhava mais para cá para cima, naqueles matos para lá da Itaipu. Trabalhava com madeira, fazia jangadas para transportar para Argentina. Isso ainda nos 20 e 30.

- Como ficou a chácara onde o senhor nasceu? Foi vendida?

- Naquela época ninguém queria, não tinha valor. Vendi porque não tinha valor, veio a Itaipu e queria indenizar... Aí eu vendi, mas fiz o que não devia fazer.

- O sr. ainda fala o guarani?

- Eu falo, entendo o guarani.

(Entrevista inédita, maio 1997)

Retratos Foz do Iguaçu



Reprodução
Comemoração do Dia da Independência na Companhia Independente de Fronteira, em Foz



Reprodução
Companhia Independente da Fronteira perfila na comemoração do Dia da Independência



Áurea Cunha

Idalino Favassa

*"A gente que tinha onde costurar só com a luz do lampião.
Isso estragou muito a saúde da gente."*

Idalino Favassa veio para Foz em 1941 fugindo da miséria. Casado há 58 anos com Precedina, nasceu em 21 de julho de 1916 na cidade de Pedras Grandes - SC. Em Foz, ganhou o título de cidadão honorário em 1987 e foi fundador da Sociedade Espírita "Os Mensageiros". Aos 81 anos, o ex-alfaiate Favassa ainda mantém uma vida ativa. Atualmente é presidente do Oeste Paraná Clube. (Mônica Venson)

- Por que o senhor e sua família vieram para Foz?

- A situação estava muito difícil em Concórdia - Santa Catarina. Aí a gente encheu a carroceria de um caminhão e viemos para cá. O que trouxe a gente foi a miséria.

- Quando vocês chegaram conseguiram trabalho aonde?

- Na olaria. Onde é o Parque Nacional, hoje. Três quilômetros antes de chegar nas Cataratas ficava a Olaria Dolabela. Na olaria trabalhava eu, meu pai, o Angelin, meu irmão e o Eugênio (Venson). Meu pai tinha vindo um pouco antes, mas eu, o Angelin e o Eugênio viemos juntos.

- Trabalharam muito tempo na Olaria?

- Eu fiquei mais tempo. Meu pai eles mandaram embora, e meu irmão, o Angelin, também eles dispensaram. Como eu era casado, me seguraram. E eu então vim a pé lá da bananeira. São 10 quilômetros, até o escritório. Quando cheguei eu pedi a conta. Aí eles disseram que eu não tinha sido dispensado. Mas eu falei que eles tinham mandado meu irmão embora, e como a gente tinha vindo junto, eu não ia ficar trabalhando na olaria. Aí eu fui embora.

- Então foi aí que vocês montaram a alfaiataria?

- Bom, ainda não. Como a gente queria fazer tudo direitinho fomos na Prefeitura tirar a autorização. Aí eles pediram o certificado de reservista, e nem eu nem o Angelin nunca tínhamos servido o exército.

Nós nunca ligamos para isso. Tinha um tenente lá, na Prefeitura, que nos ajudou.

- Como?

- Ele ajudou a mim e a Precedina tirarmos a certidão de casamento, aí depois eu me apresentei no quartel, o Angelin teve que servir como submisso. Eu já não fiz a papelada aqui, como o exame médico e tudo. Ainda assim tive que ir para Curitiba. Essa viagem foi uma história. Chegando lá, na certidão do alistamento não tinha a data, aí o papel teve que voltar para cá por causa do dia em que eu me apresentei. Isso demorou 16 dias. Nesse tempo eu fiquei em Curitiba. Quando os papéis ficaram prontos e fui fazer o exame médico, ele me dispensou, disse que eu não servia para ficar no Exército. Aí nessa história toda o dinheiro foi se acabando, então eu voltei para Santa Catarina.

- Então o senhor voltou para Concórdia?

- É, voltei, mas lá também não deu muito certo. Era um lugar onde a gente ficava muito doente. A gente trabalhava dia e noite e gastava tudo com saúde. Então a gente voltou para Foz.

- Quando chegaram aqui vieram trabalhar com o quê?

- Nós chegamos aqui e não conseguimos lugar para ficar, então fomos parar na chácara da família Maran até a gente conseguir comprar o terreno.

- **Aí conseguiu montar a alfaiataria?**

- É, aí conseguimos abrir a alfaiataria.

- **Foi a primeira alfaiataria da cidade?**

- Quando a gente foi tirar a papelada para abrir, na primeira vez, tinha já um polonês que era alfaiate. Mas aí quando nós voltamos ele já tinha ido embora.

- **Tinha bastante serviço de alfaiataria?**

- Sim, tinha muito...

- **Quem eram seus clientes?**

- A gente conhecia muitas família e também tinha muita freguesia que vinha de Cascavel, Guaíra. Tinha um freguês que encomendou um fraque para o casamento dele. Aí ele pegou o barco que saía de Guaíra e veio para casa, a gente fez o fraque dele em uma semana, porque ele tinha que pegar o mesmo barco quando ele voltasse da Argentina e subisse o rio Paraná. Isso porque a gente tinha um pensamento que o terno é que ficava esperando o freguês. Nunca deixamos um freguês esperar pela roupa.

- **E onde vocês compravam os tecidos e os aviamentos?**

- Eu sempre trabalhei com tecidos bons, coisa

de primeira. Tem gente que eu encontro na rua e diz que tem terno meu guardado até hoje em perfeitas condições.

- **O senhor e seu irmão trabalhavam sozinhos?**

- Logo no começo, sim. Depois quando o serviço aumentou, agente sempre tinha duas pessoas ajudando serviço.

- **Como era o trabalho? A máquina era de pedal, não é?**

- Não era fácil, principalmente na época em que não tinha luz. A gente tinha que costurar só com a luz do lampião. Isso estragou muito a saúde da gente. Mas a gente não pode se render às dificuldades, não é?

- **O senhor é presidente do Oeste Paraná Clube.**

- É, até o ano que vem eu fico na presidência. Houve uma época em que o Oeste estava muito mal financeiramente, aí numa reunião eu me ofereci para ajudar. Quando perguntaram o que eu queria fazer, pedi para ficar na portaria cuidando de quem entrava nos bailes. Nunca deixei ninguém entrar sem pagar. O clube melhorou.

(Entrevista inédita, maio 1997)

Joel Petroski



Vistas aéreas da região central de Foz do Iguaçu.
Na foto acima, o setor norte. Na foto abaixo, o setor sul.

Retratos

Foz do Iguaçu

Joel Petroski





Aurea Cunha

Ilka Agripina Vera

"Divertimento? Havia o Clube do Cristiano Weirich. Nós íamos dar uma espiada de vez em quando. Cinema aparecia quando alguém vinha de fora com projetor"

Pioneirismo em Foz do Iguaçu se encontra na família Vera, de origem argentina e paraguaia. Pioneirismo na educação, entre outros campos, em que merece destaque a missão cumprida pela professora Ilka Agripina Vera, que primeiro inaugurou escola como aluna e depois como professora. Aqui ela conta da família, do nascimento, desenvolvimento e decadência do ensino na cidade.

(Juvêncio Mazzarollo)

- Como começa a história da professora Ilka Vera?

- Começa pelo batismo, pelo nome. Na época em que nasci, todos os anos vinha um padre por ocasião da festa do padroeiro da cidade, São João Batista. Eu nasci na véspera da festa de São João e fui batizada no dia seguinte ao meu nascimento, com o nome de Ilka Agripina Vera. Quando depois veio o escrivão fazer registro de nascimento fui registrada como Agripina Vera, mas seria sempre conhecida por Ilka Vera.

- Qual a origem da família Vera, dos seus pais?

- Meu pai, Diego Ignacio Vera, veio da Argentina logo após ter feito o serviço militar. Veio numa embarcação que fazia o trajeto Posadas-Porto Mendes, em busca de erva-mate. Foi convidado por Jorge Schimmelpfeng a vir morar em Foz do Iguaçu e topou. Minha mãe ele conheceu ainda menina em Posadas. A origem dela é paraguaia. Está hoje com 94 anos. Por coincidência, ela também veio viver em Foz do Iguaçu. Aqui se reencontraram e casaram, tiveram 8 filhos. Meu pai faleceu em 1977.

- O que veio fazer seu pai em Foz do Iguaçu?

- Era maquinista do primeiro gerador de eletricidade instalado aqui, movido a lenha. Foi o primeiro eletricitista da cidade. Em sua homenagem há uma rua com o nome dele no bairro Jardim São Paulo.

- Na sua infância e juventude, o que agitava a vida social da

cidade?

- Havia o Weirich Clube, ou Clube Alemão, do Cristiano Weirich, onde hoje está a Casa Flórida. Nós meninas e moças às vezes íamos dar uma espiada. Cinema aparecia de vez em quando. Alguém vinha de fora com projetor e alguns filminhos exibidos em tela ao ar livre. Os primeiros eram de imagens paradas, tipo "slide". Depois surgiu o Cine Progresso e, mais tarde, o Cine Star, em 1952, e o Cine Iguaçu (Salvatti), em 1972.

- E para estudar que oportunidade havia?

- Minha primeira professora foi uma negra, Idália, esposa de um sargento. Ela montou uma escolinha particular. Quando comecei ir à escola era a única menina da turma. Fiquei apenas alguns dias. Certo dia, um menino mexeu num vespeiro numa traquinagem para que alguém fosse picado. A professora mandou que eu aplicasse a palmatória no menino, aplicasse não sei quantos "bolos", como se dizia. Eu me recusei, então a própria professora aplicou a palmatória. O menino ficou com as mãos roxas, e eu fiquei apavorada. Fui para casa e disse a meu pai que não iria mais à escola porque a professora era uma louca. E era ruim como professora também porque só exigia decoreba, a começar pela tabuada.

- Aprendeu a ler e escrever como, então?

- Passei a aprender em casa, com um tio. Não havia escola. Na década de 20 os padres começaram a dar aulas, inicialmente embaixo de árvores

ao lado da Casa Paroquial. Só em 1928 foi aberta a Escola Bartolomeu Mitre, naquele prédio que ainda existe, em frente à Praça Getúlio Vargas, ao lado do Correio. Eu entrei no segundo ano primário e fiz parte da primeira turma de formandos da Escola, que era do Estado. Minha professora foi Otília Schimmelpfeng.

- Teve oportunidade de cursar a escola normal, ou magistério, como se chama hoje?

- Não, embora tivesse loucura por estudar. Certa ocasião fui convidada por uma família amiga a ir a Curitiba estudar, mas meu pai não deixou. No governo de Manoel Ribas fui nomeada professora junto com outras seis, mas só uma assumiu. Eu não assumi porque fui designada para Santa Helena, que pertencia a Foz do Iguaçu. Isso foi lá por 1939/40. Fui então trabalhar com a empresa Dolabela, que fazia obras no Parque Nacional (Usina São João, Museu do Parque). Comecei trabalhando num armazém que atendia os funcionários da empresa. Durante a construção da usina São João morei vários anos no Parque Nacional. E durante a II Guerra Mundial me inscrevi num curso para voluntários que queriam ir à Guerra, porque eu era louca por enfermagem. Mas nem cheguei a fazer o curso.

- Quando e como, então, começou a carreira de professora?

- Comecei na escolinha do Parque Nacional, que atendia os filhos dos que trabalhavam na Usina São João. Eu morava com a professora Inocência. Ela faltava muito, então eu a substituí, até que os alunos pediram o afastamento dela para que eu assumisse a

escola. Foi o que aconteceu. Tomei gosto por escola e passei a vida em sala de aula.

- Qual era seu método de ensino?

- Eu mesma criava meus métodos. Ao invés de cartilhas e livros, eu me guiava pela intuição. Já na Escola Bartolomeu Mitre, com turma de quarenta alunos, a diretora e outras professoras estranhavam e até me criticavam por não utilizar a cartilha de alfabetização.

- O que utilizava? Qual material didático empregava?

- Por exemplo, certa vez fui à Farmácia Teixeira e ganhei uma pilha de livretos, espécie de almanaque, do Biotônico Fontoura, com a história do Jeca Tatu. Utilizando o livreto, em pouco tempo surpreendi a Escola com todos os alunos alfabetizados. Em meio ano eu alfabetizava as crianças, enquanto outras professoras, com seus métodos e suas cartilhas, levavam um ano ou mais.

- A senhora disse que tinha loucura por enfermagem. Teve oportunidade de praticar enfermagem?

- Sim. Antes de lecionar trabalhei quatro anos na Santa Casa Monsenhor Guilherme. Além disso, sempre pratiquei enfermagem em casa, onde era procurada para aplicar injeções, fazer curativos. No magistério entrei em definitivo em 1947, nomeada pelo Estado para a Escola Bartolomeu Mitre.

- Continuava sendo a única da cidade?

- Sim. Mas em seguida foi criado o Ginásio Estadual de Foz do Iguaçu, com curso colegial, que mais tarde passaria ao Colégio Monsenhor Guilherme.

- É verdade que as provas dos exames finais vinham prontas de Curitiba?

- É verdade. E vinha banca examinadora de Curitiba aplicar as provas. No dia do exame, a professora fazia a chamada dos alunos e se retirava. A banca examinadora corrigia as provas e dava nota. Eu conseguia quase sempre cem por cento de aprovação dos alunos. Não havia como eles passarem sem saber naquela forma de exame.

- O que a senhora fazia que as outras professoras não faziam para ter cem por cento de alunos aprovados?

- O principal segredo do sucesso do professor é ele cativar os alunos. Não pode ser muito exigente, obrigar a criança a ter livrinho e caderninho todo enfeitadinho. Para mim, a natureza fornece todos os elementos para qualquer aula. Com uma pedrinha ou folhinha de árvore eu desenvolvia todo tipo de aula. Acho que Deus me deu dom. Eu chegava a chorar de emoção quando via os alunos lendo e escrevendo. Até levava alunos para almoçar em casa. Era chamada de José de Anchieta, porque os piores alunos eram jogados na minha sala e eu dava conta.

- Nunca expulsou algum bagunceiro da sala de aula?

- Certa vez, eu dava aula no auditório do Colégio Monsenhor Guilherme, a uma turma muito grande. Um aluno começou a jogar papel, bagunçar. Repreendi três vezes e ele não obedeceu, então o mandei para fora. A turma ficou assustada, porque ninguém me havia visto agindo assim. Depois fiquei assustada comigo mesma. Fiquei arrasada com minha atitude. Fui me informar e fiquei sabendo que aquele aluno estava num

momento difícil. O pai dele havia se separado da mulher, por isso o menino estava revoltado. Ele veio me pedir desculpas e passou a ser um dos melhores alunos.

- Lecionou até quando?

- Até 1989, com 42 anos de magistério.

- Aposentou-se ganhando uma fortuna...

- Ah, sim!

- Também nunca foi propriamente por salário que a senhora, pelo visto, ensinou durante 42 anos.

- É verdade. Mais do que o salário, o que me dava alegria era o reconhecimento e a gratidão dos alunos, das diretoras e colegas. Ganhava muitos presentes, muitos dos quais guardo até hoje. O reconhecimento e a estima eram para mim o melhor pagamento.

- Entre seus ex-alunos há algum de quem a senhora diz com orgulho que foi professora dele?

- Não há alguém em particular, mas são muitos os médicos, engenheiros, advogados bem sucedidos na vida que começaram a aprender comigo as primeiras letras.

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - Edição de 08/10/93).



Aurea Cunha

Irena Kosievitch

“Não tinha nada. Era tudo mato...Tinha muita árvore aqui. Também tinha muito veado, tinha passarinho. Tudo quanto é animal correndo pela mata”

Irena Kosievitch, depois de 23 dias viajando de carroça, chegou com seus pais e 11 irmãos, em 1927. Filha de Carlos e Frida Ramaier, nasceu em Não me Toque - RS e se casou em 1934 com Alexandre Kosievitch, descendente de alemão que, também em busca de uma vida melhor, veio trabalhar como serralheiro na cidade. Até hoje, Irena e seus quatro filhos moram em Foz.
(Mônica Venson)

- Por que vieram para Foz?

- Nós estávamos em Cruz Machado, perto de Porto União. Lá a terra era muito ruim para plantar, não dava. Então nós viemos de carroça, nós não conhecíamos nada aqui, viemos cegos para cá.

- Vieram sem saber o que iam encontrar?

- Só nos disseram que tinha muita laranja. Meu pai tinha 12 filhos, nove mulheres e três homens. Já faleceram três homens e três mulheres. Hoje ainda tem seis, todas viúvas. Viemos em 15 pessoas, em duas carroças.

- Como era Foz quando vocês chegaram?

- Não tinha nada, tinha só um carro táxi Ford, manivela na frente velho que levava a gente, do marido da dona Otilia Friederich.

- Vocês vieram para trabalhar na terra?

- É, e depois de um tempo aqui, meu pai quis ir para Argentina, nós tínhamos parentes lá, mas o Jorge Schimmelpfeng, que era prefeito, não deixou a gente ir, porque aqui não tinha nenhum colono e como nós éramos os únicos, ele não deixou a gente ir.

- Então, vocês sempre trabalharam na terra?

- Eu casei e continuei trabalhando na roça. Hoje onde é o Parque Ouro Verde, tudo isso era nosso. Primeiro nós compramos um terreno perto do Hotel Bourbon, mas lá não tinha água. Naquela época quando

nós compramos o terreno só pagamos a transferência, aqui não tinha valor o terreno. Não tinha nada. Era tudo mato...Tinha muita árvore aqui. Também tinha muito veado, tinha passarinho. Tudo quanto é animal correndo pela mata.

- O que era plantado na terra?

- Geralmente mandioca e milho. Eu arava a terra com dois bois, trabalhava igual a um homem.

- Como era o trabalho?

- Era difícil. No começo, a gente veio com pouco dinheiro, então compramos mandioca a fiado e até a gente colher, o dinheiro foi acabando, e como tinha um alemão que tinha olaria aqui perto, eu e meu irmão fomos trabalhar lá. Meu irmão tinha quinze anos e como ele trabalhava bastante, o dono da olaria disse para o meu pai que era para ele não falar nada para ninguém porque ele ia pagar para o meu irmão o mesmo que pagava para um adulto.

- As mulheres trabalharam na Olaria também?

- Sim, eu, a Ervina Otremba, a Rosa Ramaier e a Ella, a minha mãe ficava em casa fazendo comida. A gente trabalhava, puxando e empilhando tijolo verde.

- E na época da guerra, como foi? Vocês são descendentes de alemães, não é?

- É, minha mãe é alemã e meu pai é filho de alemães. Na época da guerra, teve muita gente que foi embora, até minha irmã, a Ervina Otremba. O marido dela era alemão e eles tiveram que ir para Guarapuava. Venderam tudo o que tinham bem barato e foram embora. Venderam a casa, galinha, porco, tudo para o Batalhão, já que não tinha para quem vender, e foram embora. A gente nem podia falar alemão aqui.

- Como a senhora conheceu seu marido?

- Ele trabalhava numa serraria. Ele conheceu meu irmão, aí nós nos conhecemos. Eu era bastante namoradeira, era meio chata também. Naquele tempo namoro era diferente, eu só fui sentar perto dele depois do noivado, quando meus pais foram dormir. Aí eu sentei perto dele na mesa de jogar baralho.

- Vocês também tiveram uma Serraria?

- Meu pai teve uma serraria. Quando eu casei, ele (Alexandre Kosievitch) foi trabalhar na serraria do meu pai. Eu, meu marido e dois irmãos trabalhávamos na serraria. Meu pai foi morar outra vez na chácara perto do Bourbon, mas depois quando meus irmãos casaram nós vendemos.

- E quando a Serraria fechou, o que vocês fizeram?

- Um ano e pouco depois que meu primeiro filho nasceu nós viemos morar aqui (no terreno onde moramos até hoje, perto do Colégio Agrícola). Fizemos uma casinha de três por três e depois um pouco maior, e as coisas foram crescendo.

- Vocês voltaram a trabalhar na roça?

- É, aí compramos o Ouro Verde. Esse custou muito dinheiro. A gente pagava por mês. Cinco contos de réis por mês, até completar 30 contos. Quando a gente comprou, toda essa região não tinha nada. Veja só o que é hoje.

- Continuaram a plantar milho e mandioca?

- É, a gente plantava pepino também, e outras verduras. Tínhamos uma vaca leiteira. Meu irmão saía vendendo o leite de carroça nas casas. E as verduras a gente vendia para o Batalhão. Teve um dia que ficamos a manhã inteira colhendo pepino e depois de encher uma carroça meu marido foi vender no Batalhão. Eles pagavam pouco, mas sempre compravam tudo, não dava para vender um pouquinho aqui, outro ali. A gente vendia mais barato, mas vendia tudo.

- E para a Argentina e o Paraguai, a senhora ia muito para lá?

- Para Argentina a gente ia mais para fazer compras. Era muito mais barato que aqui. Para vender, só na época em que a gente plantou tomate. Ele ia até a barranca do rio de bicicleta e depois atravessava de canoa. Eu fazia saquinhos de pano de um quilo de tomate para ele vender lá.

(Entrevista inédita, maio 1997)

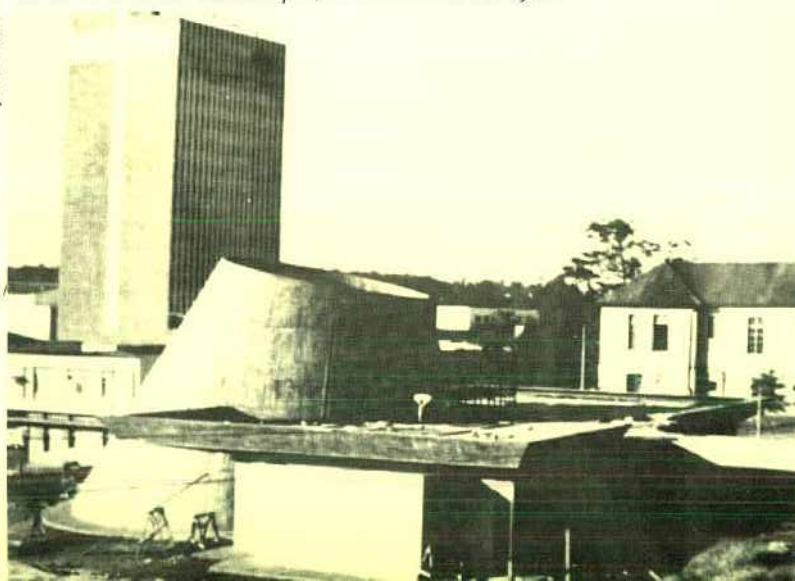


Joel Petroski

Bairro Boicy em 1982

Retratos Foz do Iguaçu

Sede da Câmara Municipal, ainda em construção



Joel Petroski



Ney de Souza

Irineu Basso

"Durante a Guerra os estrangeiros eram proibidos de permanecer na fronteira. Meu pai, italiano, tinha que ir embora. Recebeu, porém, autorização para ficar"

Desde 1938, quando aqui plantou raízes, a família Basso faz história em Foz do Iguaçu. Nos ramos da gastronomia, hotelaria, esporte e cinema está sua marca, lugar cativo na galeria dos destaques empresariais, sociais e culturais do município (e em número de amigos também), como revela nesta entrevista Irineu Basso, nascido em 1942, hoje hoteleiro na cidade.

(Juvêncio Mazzarollo)

- Qual é a origem da família Basso estabelecida em Foz do Iguaçu?

- A origem é italiana, da região de Vêneto, onde meu pai Pedro, ou Pietro, nasceu em 1908. Meus pais eram agricultores e tiveram suas terras devastadas durante a I Guerra Mundial, por isso migraram para a América em 1921. Minha mãe também veio da Itália. A família veio trabalhar em cafezais em São José do Rio Preto, SP.

- Mas como seu pai, Pedro, ou Pietro Basso, chegou até Foz do Iguaçu e aqui se estabeleceu?

- Em 1929, meu pai resolveu fazer sua vida independente e arriscou-se pelo Paraná. Foi a Santa Helena trabalhar na Companhia Colonizadora Espéria. A namorada dele, Assumpta Gallo, minha mãe, morava em Presidente Prudente, SP. Em 1933, meu pai achou que tinha condições e foi a São Paulo casar. Em Santa Helena tiveram o primeiro filho, Vitório. E em 1938 a família se mudou para Foz do Iguaçu com a intenção de aqui criar raízes. Aqui eu nasci, aqui estou e aqui vou ficar até o fim.

- Seu pai veio fazer o que em Foz do Iguaçu?

- Veio se estabelecer com comércio. Começou com um armazém, depois teve hotel, cinema e outras atividades. Durante a Segunda Guerra Mundial, os estrangeiros eram proibidos de permanecer na fronteira. Meu pai, sendo italiano, tinha que ir embora de Foz do Iguaçu. Recebeu, porém, autorização do Exército

para permanecer, porque as autoridades utilizavam muito seu hotel e restaurante. Enquanto parentes nossos e outros estrangeiros tiveram que se mudar para Guarapuava e outros lugares, nossa família pôde ficar em Foz do Iguaçu. Anos depois meu pai fechou o hotel e ficou só com a mercearia. Depois instalou o Cine Star, o segundo da cidade - o primeiro foi do Paulo Schwartz.

- Conta a história do Cine Star. Começou a funcionar quando e como?

- Foi inaugurado em 1952. Os filmes vinham de Curitiba, em ônibus. Quando chovia muito os filmes não vinham, então tínhamos que repetir exhibições do mesmo filme dias e dias. O Cine Star tinha cerca de 70 lugares - uma enormidade para a época. Nas sessões estava sempre lotado. Os projetores eram franceses. Meu pai construiu o Cine Star em sociedade com Augusto Araújo, que veio para cá com a Companhia Dola Bela, que construiu o Hotel da Cataratas. Depois meu pai comprou a parte dele. Tínhamos gerador próprio para quando faltasse luz.

- Qual era a programação de filmes no começo?

- Lembro do primeiro filme exibido - "A Rainha do Nilo". Foi um acontecimento na cidade, uma loucura. Às quartas-feiras e sábados à tarde as sessões eram especiais para os militares do Exército. Dona Otília Schimmelpfeng, durante mais de vinte anos, não perdeu um só filme. Tinha cadeira cativa no Cine Star. Depois o Cine ficou com meu irmão Vitório, que o fechou no final da década de 70, quando já

havia o Cine Iguaçu e a televisão foi tirando o público do cinema.

- Enquanto o Cine Salvatti exibia filmes mais sofisticados, o Cine Star exibia filmes populares e enchia o salão, não?

- É verdade. Filmes de Mazzaropi, Teixeira, Tônico e Tinoco lotavam o cinema dias e dias. Nos fins de semana o Cine Star era como que o centro da cidade, o ponto de encontro das pessoas. Nas décadas de 50 e 60, depois do futebol, o cinema era o lazer principal da cidade.

- Seu pai se dedicou muito ao esporte. Pedro Basso, inclusive, é o nome do principal estádio de futebol da cidade, o do Flamengo. E o senhor também tem toda uma vida dedicada ao esporte...

- Eu nasci e me criei dentro do esporte, junto com meu pai, que fundou o Flamengo Esporte Clube em 1954. Tanto ele como eu presidimos muitas vezes o Flamengo. Eu presidi o Flamengo por mais de vinte anos.

- O senhor foi também jogador?

- Fui. Jogava na defesa e sempre queria vencer de qualquer jeito. Meu jogo não era muito técnico. Era na base do vigor físico. Quando deixei de jogar, quando o Flamengo entrava em campo, eu, como dirigente, não conhecia mais ninguém, ficava louco, tanto que um médico tinha que ficar ao meu lado porque podia me dar um baque.

- Que outra atuação teve no mundo dos esportes de Foz do Iguaçu?

- Participei da fundação da Liga Iguaçuense de Futebol. Foz antes pertencia à Liga de Medianeira. Durante esse processo descobri

um dado curioso. Quem muito nos ajudou a fundar a Liga Iguaçuense foi Ferdinando Felice Pagot, de Medianeira. Nisso descobri que o pai dele havia vindo da Itália junto com meu pai, no mesmo navio, e os dois tinham morado em São José do Rio Preto. Os dois vieram morar no Oeste do Paraná sem que um soubesse nada do outro. Foi uma surpresa para mim e para o Pagot esse novo cruzamento. Meu pai teria adorado um reencontro com o Pagot, mas já havia morrido. Meu pai morreu de doença de chagas em 1961, e minha mãe morreu em 1992.

- Voltando ao esporte, o Flamengo construiu respeitável patrimônio - estádio de futebol, kartódromo e outros equipamentos. Como conseguiu tudo isso?

- Conseguimos a partir do início da década de 70, quando Tércio Albuquerque assumiu interinamente a Prefeitura e doou a área. Nós, com o apoio dos desportistas, construímos o estádio. O presidente do Flamengo era Vitório Basso, que, por sinal, nunca foi torcedor do Flamengo, em homenagem e respeito ao pai. Vitório era torcedor do ABC, aqui-rival do Flamengo.

- Como nasceu o Flamengo de Foz do Iguaçu? O grande desportista de todos conhecido por Kid Chocolate tem muito a ver com a história do Clube, não?

- Realmente, ele merece destaque. Kid Chocolate veio a Foz do Iguaçu trabalhar na Marinha, em 1952. Era boxeador. O Flamengo surgiu do "84 Boxing Club", uma academia de box onde Kid atuava. Aí surgiu a ideia do clube de futebol Flamengo, onde

Kid Chocolate batalhava desde então. O esporte de Foz deve muito a ele. E outros nomes que sempre devem ser lembrados pelo Flamengo são Antônio Machado, o dentista Renato Gonçalves, Ernesto Grignet, Edgar Fiala...

- Quais as maiores glórias, os maiores feitos do Flamengo?

- Nosso maior feito foi sobreviver na época em que não tínhamos estádio e os clubes adversários não emprestavam seus campos para treinos. Nosso maior rival era o ABC. Mesmo assim vencemos vários campeonatos municipais. Participamos de algumas edições da Taça Paraná, campeonato amador do Estado, mas nunca fomos campeões porque esse torneio envolvia vários fatores extra-campo. Eu mesmo, por exemplo, cansei de receber telefonemas de juizes de futebol pedindo quanto pagaria para ganhar o jogo. A ganhar desse jeito, sempre preferi perder.

- Além do futebol, que outros esportes tinham expressão na cidade?

- O basquete, por exemplo. Havia jogos de basquete em que o marcador chegava a cem pontos. Agora, jogos de basquete não vão além dos 20 ou 30 pontos.

Naquele tempo era diferente, tudo era feito com mais entusiasmo e amor à camisa. A Marinha, o Banco do Brasil traziam funcionários do Rio de Janeiro só para formar boas equipes. Hoje os atletas parecem pensar só no que vão ganhar ou na fama que podem conseguir, mas não se empenham para conseguir o sucesso pela competência.

- Não tem alguma história de quebra-quebra, de pauleiras acontecidas em

jogos de futebol?

- A pauleira mais séria que enfrentamos aconteceu na localidade de Agrocafeeira, pouco adiante de Matelândia, há uns doze anos. Foi pelo que aconteceu lá, aliás, que me despedi do futebol. Era um jogo pelo campeonato da Liga de Medianeira. O nosso Flamengo estava ganhando o jogo por seis a zero. Aí chegou um caminhão cheio de torcedores do time de lá, todos armados com facas, facões e espetos de churrasco, e começou o quebra-quebra. Meu Deus! Saí de lá com dezenas de cortes por todo o corpo, principalmente na cabeça. Eu tinha três relógios no pulso, um meu e os outros de jogadores. Perdi os três. Foi uma verdadeira guerra. Vi a morte na frente. Era espeto, faca e facão estrilando por todos os lados. Cheguei em casa, esfriei a cabeça, chamei meu filho e disse: olha, para mim chega de futebol. Há muito tempo não passo um domingo em casa por causa do futebol. Então agora, depois dessa, futebol nunca mais. E de fato nunca mais participei.

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - Edição de 27/06/93)



Aurea Cunha

O gaúcho Januário Machado Portinho chegou a Foz do Iguaçu em setembro de 1949 para trabalhar na Industrial Madeireira do Paraná. Portinho vivenciou o chamado ciclo da madeira (de 1948 a 68) - o segundo ciclo econômico de Foz. Natural de São Luiz Gonzaga, nascido em 1/8/25, casou com Lilita da Fontoura Portinho e tem dois filhos (Paulo e Leila).
(Zé Beto Maciel)

Januário Machado Portinho

"Em 49, a viagem a Cascavel era pela Estrada Velha de Guarapuava; você saía com um Jeep daqui de manhã e chegava lá pelo meio-dia. Meio-dia e pouco."

- Quando o senhor chegou em Foz do Iguaçu?
- Eu cheguei aqui no final de 49.

- E a principal atividade era a madeira?
- A principal atividade econômica de Foz do Iguaçu era justamente a madeira. A nossa madeireira (Industrial Madeireira do Paraná) era uma das principais exportadoras.

- E como era o trabalho?
- Bom, a produção toda era de Cascavel. As serrarias estavam lá.

- E vinham para Foz do Iguaçu?
- Vinham para Foz do Iguaçu através de caminhões. Eram depositadas aqui nas margens do rio Paraná onde eram carregadas para a Argentina em barcos ... as chatas.

- Bem grandes?
- Batelões. Então a madeira era carregada aqui e descia para Buenos Aires. Minha atividade não era propriamente com madeira. Era transportar a madeira e dar condições de transporte. Eu era gerente de transporte, de oficina e máquinas pesadas.

- Quantas horas durava a viagem de Cascavel até aqui naquela época?
- Era pela estrada velha de Guarapuava. Você saía com um Jeep daqui

de manhã e chegava lá pelo meio-dia. Meio-dia e pouco.

- Carregava o caminhão ou não?
- Não. Aí ... a viagem de caminhão levava 16, 17 horas.

- O sr. entrou em 49 na madeireira e trabalhou até 68. Esse período foi o grande ciclo da madeira?

- Foi. Foi o grande ciclo. Daí já começou a declinar. Em 68 começou a declinar, inclusive Cascavel nessa época ..., a madeireira teve que tirar sua filial daqui.

- Quando o sr. chegou aqui, quanto tempo de atividade tinha essa madeireira?

- Ela começou suas atividades em 48, eu cheguei em 49. Eles começaram em agosto de 48 e eu cheguei em setembro de 49.

- Por exemplo, no que a cidade dependia dessa atividade? Tudo girava em torno da madeireira? Qualquer tipo de atividade?

- Nessa época tudo dependia da madeira. É porque você vê, eu cheguei aqui em 49, nós tínhamos o Batalhão, que já estava aqui, tinha madeireiras, e diversas exportadoras de madeira. O forte mesmo era o pinho. Tinha algumas que exportavam em toras, canela, magaratuva, todas essas madeiras de lei que existiam na região e que hoje não tem. Peroba, essa madeira era exportada em toras. Chamadas madeiras de lei.

- **Empregava muita gente?**

- Empregava. Nós tínhamos mais ou menos 180 empregados. Essa madeireira tinha uma vila perto do Batalhão, dava casa para os empregados.

- **Aquela vila que hoje é o Jardim Festugatto?**

- É, ali tinha uma vila.

- **Como era o comércio na época?**

- Em 49 o comércio era muito pequeno em Foz do Iguaçu. Um exemplo é que o material todo nosso trazíamos de Curitiba, a gasolina que nós usávamos para nosso consumo, nossos caminhões, era tudo transportado em tambores. Nós tínhamos quatro caminhões permanentemente viajando daqui para Curitiba buscando gasolina e material. Para você ter uma idéia, o comércio era pequenino, então você chegava sábado lá fazer teu rancho na Argentina, porque aqui não tinha.

- **Acabando o ciclo da madeira o sr. se dedicou a outra atividade?**

- Me dediquei a outra atividade, pois justamente nessa época eles estavam se transferindo com a matriz para Cascavel e não me interessou uma mudança.

- **Aí o sr. se dedicou mais ao posto de gasolina?**

- É. Posto de gasolina. Eu tive uma exportadora de pneus. No posto eu tinha uma exportação de pneus.

- **E sua experiência com sua serraria?**

- Bom, a minha serraria era pequena, de sociedade com minha mãe e um irmão. Mas

era pequena, com pequena produção, e só comprava madeira aqui na colônia mesmo.

- **O sr. falou que em 70 colocou uma agência de turismo na cidade. Já se usava esse tipo de serviço?**

- Já. Já tinha o Ortega, seu hotel, a agência dele. Já tinha a STTC. Tinha a Apolo, que era do Lobato. Tinha a ABC, e nós fizemos uma franquia, eu fiz uma franquia com essa Globo aqui.

- **Que tipo de trabalho tinha a agência nos anos 70?**

- O meu trabalho era mais receptivo. O pessoal mandava de Curitiba...

- **Mais estrangeiro?**

- Mais de ônibus, porque os donos da Globo eram daquela Nossa Senhora da Penha. Eles vinham de ônibus da Penha e vinham também de ônibus normais. Então a gente fazia o receptivo, fazia os passeios, tinha carro à disposição para fazer os passeios.

- **Cataratas, Argentina, Paraguai?**

- Quando eles vinham em ônibus próprio, estendia-se até Assunção.

- **Eram mais estrangeiros ou brasileiros?**

- Brasileiros de Santa Catarina, Paraná, São Paulo. Mais de São Paulo.

- **E depois o sr. começou a trabalhar diretamente no Aeroporto. Como era a Infraero nessa época?**

- O aeroporto era razoável. Ele tinha sala de embarque, internacional e nacional. Os vôos eram naquela época o triplo de hoje. Na época tinha uma frequência diária e um vôo para

Assunção. Era São Paulo/Foz/Assunção que hoje não existe mais. Existia também, isso era feito pela Varig e uma frequência para Buenos Aires, que era da Cruzeiro do Sul, que foi absorvida pela Varig, que fazia Rio/São/Buenos Aires e voltava no mesmo dia.

- **Nessa época teve o grande "boom" pela Itaipu, então o aeroporto foi um ...**

- O grande ano foi 86, foi o grande ano para todo mundo.

- **Muito turista ...**

- É. O plano Cruzado estourou, então o movimento foi excepcional.

- **Tem como o sr. dizer quanto atendia e quanto passou a atender?**

- Olha, nosso movimento era de 32. Movimento que eu chamo era pouso e decolagem. Eram 32 movimentos diários de aviões comerciais, aviões grandes. Isso dava mais ou menos uma média de perto de dois mil passageiros diários.

- **A maior parte, turista?**

- É, turista. Nosso aeroporto sempre foi dirigido 90% ao turista.

- **Como é que a partir de 86 foi o ápice e depois começou a decair?**

- Não, não. Até o ano passado, até 90, tinha um movimento bom. Até 90, o movimento no aeroporto era expressivo. Dava essa média que eu falo, média de dois mil passageiros entre embarque e desembarque. Dezoito embarques e 18 desembarques, por dia.

- **O sr. que viveu nos anos 50 a 80, quatro décadas boas de atividades, teria alguma**

coisa para destacar de cada ciclo, da madeira, exportação, do boom da Itaipu, turismo, e o comprismo, quei agora está no fim..

- O ciclo da madeira trouxe um razoável movimento para Foz do Iguaçu. Razoável progresso. Inclusive, foi nessa época que começou a construção da Ponte Internacional da Amizade. Terminou, completou a BR277 até Paranaguá. Porque, quando nós viemos para cá, em 49, estavam abrindo a estrada. Não tinha um metrô de estrada asfaltada. Eu me lembro que de Porto Alegre, onde eu morava, eu vim até Curitiba de avião, até Laranjeiras de caminhão da empresa, da madeireira. De Laranjeiras para cá, eu vim de Jeep. A empresa mandou um Jeep me buscar lá. Lembro que ficamos mais ou menos umas quatro horas parados, no trecho entre Guarapuava e Cascavel, porque caiu ou derrubaram uma árvore que dois homens não abraçavam bem no meio da estrada e tivemos que esperar a máquina tirar.

(Entrevista inédita, maio 1997)



Áurea Cunha

João Elígio Simon

"Kerosene"

"Para fazer impresso com fotografia tinha que encomendar o clichê em Curitiba"

Pioneiro no ramo da indústria gráfica em Foz do Iguaçu, João Elígio Simon nasceu em Caçador, SC, em 1933, e está aqui desde 1957. Mas quem é João Elígio Simon? O nome é só para documento, porque ele só é conhecido, e muito, por Kerosene - sim, com "K", como ele vai explicar nesta entrevista onde conta de sua vida e de várias facetas da história de Foz do Iguaçu. (Juvêncio Mazzarollo)

- Por onde andou e o que fez na infância e juventude, antes de vir a Foz do Iguaçu aos 24 anos de idade, de onde não mais saíria?

- Me criei em Caçador mesmo, depois passei por Curitiba, depois Joaçaba, sempre trabalhando em jornal, em gráfica. Eu era compositor, ou componedor. O jornal era composto manualmente, letra por letra, no sistema tipográfico. Eu era tipógrafo. Tirava um jornalzinho em formato tablóide, quatro páginas, semanário, de propriedade do coronel Cid Gonzaga, homem muito inteligente. Ao invés de chamar o jornal de semanário, era chamado "hebdomadário" - do grego "hebdoma", que significa semana. Eu e outro rapaz trabalhávamos a semana inteira na montagem gráfica para no domingo ver o jornalzinho circulando pela cidade.

- Era impresso em que máquina?

- Em impressora manual, página por página. Tirávamos uns 400 jornais, endereçávamos e colocávamos no Correio para os assinantes. Em Curitiba trabalhei no jornal "O Mundo Espírita", da Fundação Espírita do Paraná. Depois vim a Foz do Iguaçu, sempre trabalhando em tipografia. Meu ramo sempre foi esse, desde antes de fazer o tiro de guerra.

- Tiro de guerra... A menção sugere que explique o que vinha a ser o tiro de guerra, que hoje não existe mais, não?

- Existe. Ainda deve existir em Londrina, por exemplo. Éramos

soldados só de segunda, terça, quinta, sexta e sábado às vezes. Éramos uns 200 alunos chamados de franco-atiradores.

- Bem, na sequência, por onde andou na vida?

- Depois de andar por Curitiba voltei a Caçador, onde também trabalhei em rádio, porque meu negócio sempre foi o meio jornalístico. Apresentava programa de calouros. Aqui em Foz do Iguaçu apresentei o jornal falado na Rádio Cultura, embora eu seja um pouco gago. O falecido radialista Antônio Soares, o "Nhô Barrigudo", disse em entrevista a um jornal que eu era o único locutor de rádio gago que conheceu na vida.

- O senhor gaguejava na locução? E assim mesmo lhe entregavam o microfone?

- Não. Diante do microfone eu não gaguejava. A Rádio Cultura entrou no ar em 1956, eu vim para cá em 1957 e logo fui ser locutor. Era a ZYZ-7, Rádio Cultura de Foz do Iguaçu, emissora da Organização J. Castro, do major José Acylino de Castro. O diretor da Rádio era Fernando Campian. Funcionava num quarto do Hotel Cassino, hoje Senac. Outros locutores eram o Manuel "Manu" Orfanaki, um tal de Ribeiro Neto, Sérgio Gradela. Eu era locutor do noticiário.

- E como era o noticiário?

- Com um gravador italiano eu ficava até a madrugada gravando noticiários da Rádio Guaíba, Rádio Gaúcha de Porto Alegre, passava

para o papel e esse era o noticiário que ia ao ar pela Rádio Cultura, ao meio-dia e meia. E as notícias locais era o Manu quem coletava.

- As rádios de Porto Alegre nunca cobraram direitos autorais?

- Não. Acho que nunca ficaram sabendo. Mas era comum as rádios do interior fazerem isso. Não tínhamos outro meio de conseguir as notícias do Brasil e do mundo. O programa era "Rádio Notícias Renner", patrocinado pela Loja do Vestuário, revendedora em Foz das roupas Renner.

- Mas o senhor não contou como e por que veio a Foz do Iguaçu.

- Vim para trabalhar na tipografia da Organização J. Castro, que, junto com a Rádio Cultura, ele e mais 14 sócios fundaram o jornal "A Notícia". O jornal foi idealizado por João Lobato Machado, pai do Sérgio. Lobato também era sócio da Rádio. O jornal era do mesmo grupo. Mas o jornal tirou só cinco ou seis edições. As primeiras foram impressas em Curitiba. Foi, então, fundada a "SAGIL - Sociedade de Artes Gráficas Iguaçu Ltda.", mais uma empresa das Organizações J. Castro, a primeira gráfica de Foz do Iguaçu.

- E o senhor veio para trabalhar nela.

- Sim. Na tipografia tudo era feito manualmente. Aqui não havia quem entendesse de tipografia, o Major Castro me localizou em Caçador, Santa Catarina, e mandou me buscar. Quem foi me buscar foi o Celso Sperança.

- A Organização J. Castro foi buscá-lo com que proposta?

- Não havia proposta. Acho que foram me

buscar porque eu era o único tipógrafo da época que não bebia.

- E se manteve assim vida afora, ou...

- Não. Depois fiquei sempre muito perto de botecos e... Mas então eu vim para tocar a tipografia Sagil e fazer o jornal "A Notícia", que logo fechou. Tinha formato intermediário entre o tablóide e o standard de hoje. Saía com quatro páginas.

- Por que o jornal não deu certo, não emplacou?

- Foz do Iguaçu era muito pequena, com pouco comércio, pouca gente. Tirávamos uns 200 exemplares, mas dizíamos que eram mil. "Tiragem desta edição: 1.000 exemplares" - estampávamos no jornal.

- Era a "mentiragem", hoje ainda em voga. O jornal não deu certo, dava prejuízo. O que o senhor fez então?

- Continuei no mesmo ramo. Passei a fazer pequenos serviços gráficos - notas fiscais, que nem eram fiscais, recibos, alguma propaganda.

- Propaganda eleitoral...

- Sim, em papéizinhos que só diziam "vote em fulano", sem fotografia. Para fazer impresso com fotografia tinha que encomendar o clichê em Curitiba.

- Como evoluiu depois o ramo gráfico em Foz do Iguaçu?

- A Sagil parou e Foz ficou um tempo sem gráfica. Eu fui trabalhar na Prefeitura, quando o prefeito era Emílio Gomes, até a posse de Ozires Santos, em 1963. Na eleição eu apoiei o candidato Írio Manganelli, por isso, quando

assumiu, o prefeito Ozires Santos pediu que eu pedisse demissão, e eu pedi.

- Foi fazer o que então?

- Fiz sociedade com João Valdir e Gilmar Lemos. Aproveitando o que era aproveitável da Sagil e comprando mais alguma coisa, fundamos a "Imprex Ltda.". Foi um bom negócio porque já era o período de grande movimento de exportação de madeira, principalmente pinho vindo da região de Cascavel. Na gráfica eu fazia tudo o que era tipo de impresso usado nesse negócio.

- E a Gráfica Cinquentenário, sua empresa atual, quando e como surgiu?

- Vendemos a Imprex e eu fundei a Gráfica Cinquentenário, com esse nome porque foi fundada no ano do cinquentenário do Município, em 1964.

- Na Cinquentenário também imprimiu jornais?

- Sim. Durante quase um ano imprimimos o "Jornal de Foz". O redator era Almir Antônio Machado Nunes. Mas só dava trabalho e gasto, porque não tinha patrocínio.

- O que mais surgiu na cidade em matéria de imprensa?

- Dona Ignes Sanches de Cristo publicou a Revista Cataratas. Houve outras publicações, mas não se firmaram. Eu mesmo, apesar de gostar demais de fazer jornal, não me meti mais nisso. Era muito ingrato. De dia fazíamos os impressos comerciais e à noite, o jornal. Aos domingos entregávamos nas casas ou deixávamos no Correio. A gente tinha todo aquele trabalho para fazer o jornal, e o que via depois era o

cidadão ir ao Correio, pegar o jornal, dar uma olhadinha, amassar e jogar no lixo. Que graça tinha?

- Nenhuma, por certo. Jornal que veio para ficar, então, foi "Nosso Tempo"?

- Sim. Está de pé desde dezembro de 1980. Foi semanário até o início de 1993, quando então passou a ser diário.

- Em outros campos da vida da cidade, que atuações o senhor teve?

- Fui desportista. Sou considerado um dos bons goleiros que o futebol de Foz do Iguaçu teve. Falava em goleiro, era o Kerosene.

- Por falar nisso, por que Kerosene? Aliás, por seu nome verdadeiro, o senhor só deve ser conhecido em família. Alguma vez foi incendiário, piromaníaco?

- Não, nada disso. No futebol surgem muitos apelidos. O meu também veio com o futebol. Antes de vir a Foz, fiquei uns quatro meses em Cascavel, e lá me deram esse apelido.

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - Edição de 9/9/1994)



Ney de Souza

Nascido em 1923, filho de migrantes poloneses, pai de três filhos, João Samek tem apreciável currículo na história de Foz do Iguaçu desde o início da década de 40, quando aqui chegou. Iniciou sua vida em Foz, como caixeiro, passou para a Panair. No comércio, na Marinha, na aviação, na colonização e na agropecuária estão suas marcas, como se vê a seguir.

(Juvêncio Mazzarollo)

João Samek

“Os gaúchos e catarinenses se encantavam com a fertilidade das terras do Oeste do Paraná”

- Qual a origem de sua família? De onde veio?

- Meus pais migraram da Polônia para o Brasil no fim da Primeira Guerra Mundial. Foram para Colatina, Espírito Santo, trabalhar em cafezal e pecuária. Na década de 20 a recessão mundial afetou violentamente o Brasil, especialmente seu principal produto de exportação, o café. Meu pai produzia café e não tinha a quem vender. Para piorar, pegou malária e quase morreu, então vendeu tudo e, guiado por boas notícias a respeito do Paraná, embarcou a família num trem e fomos para Ponta Grossa. Comprou terras em Quedas do Iguaçu e lá também produzia bem, mas não tinha onde vender porque estava longe de todas as cidades.

- Então vendeu tudo outra vez?

- Vendeu e foi a Guarapuava. Certo dia, um caminhão Ford-29 ia partir com mercadorias para Foz do Iguaçu e o motorista convidou meu pai para acompanhá-lo e conhecer a região. Veio e, em conversa com Jorge Lakus, que viria a ser meu sogro, se convenceu de vir morar aqui. Viemos de carroça numa viagem que durou 25 dias.

- Começou fazendo o que em Foz do Iguaçu?

- Eu tinha curso primário incompleto, que na época valia por curso superior, então fui trabalhar numa venda como caixeiro. Dois anos depois um marinho amigo meu me disse que eu estava perdendo tempo e perguntou se queria trabalhar na Panair do Brasil, empresa aérea que voava para Foz do Iguaçu. Aceitei. Fazia de tudo na Panair.

Lá por 1946 fui enviado ao Rio fazer um curso. Na volta assumi a gerência da empresa na cidade.

- Como é a história da Panair voando para Foz do Iguaçu?

- A Panair era um filhote da Panamerican, que voava por todo Brasil. Pela lei nacionalista de Getúlio Vargas, empresas estrangeiras poderiam ter no máximo 49% do capital. Assim era a Panamerican e sua subsidiária, a Panair do Brasil. Daqui eu despachava os aviões DC-3, com 32 lugares, para Buenos Aires, São Paulo, Miami. A empresa era maior que a Varig, que quase só operava no Rio Grande do Sul. A Panair operava por todo o Brasil, inclusive na Amazônia. Mas em fins de 1959 a Panair extinguiu os vôos para Foz do Iguaçu, porque eram deficitários.

- Os vôos eram de carga e passageiros? Vinham muitos turistas?

- Vinham com carga e passageiros, principalmente turistas americanos, que conheciam o Brasil mais e melhor do que os brasileiros.

- Aconteceu algum acidente nesses vôos para Foz do Iguaçu?

- Aconteceu um acidente, mas sem vítimas, e nem foi aqui. Um avião vinha de Curitiba com tempo ruim e não pôde pousar, então voltou. Na viagem pifou o sistema de comunicação, então o avião teve que descer em Catanduvas, numa pista de lama, e encalhou.

- Com o fim dos vôos da Panair o senhor perdeu o emprego? Foi

fazer o quê, então?

- A Panair me convidou para trabalhar no Rio de Janeiro, mas eu preferi ficar em Foz do Iguaçu. O mesmo marinheiro que me introduziu na Panair me levou para a Marinha. Trabalhei lá uns dois anos, como secretário. Mas havia na região a colonizadora Pinho e Terra, dos Dalcanalle e Ruaro. Certo dia, o Ruaro veio com uma carga de madeira para embarcar no rio Paraná e perguntou se não queria trabalhar com eles, ganhando muito mais do que ganhava da Marinha.

- **Proposta irrecusável...**

- É, mas o comandante da Marinha não queria me deixar sair. Até ameaçou me prender se saísse. Mostrei a ele que iria ganhar bem mais na colonizadora, então deixou que saísse.

- **Que empresa era essa Pinho e Terra? Como ganhou o direito de colonizar a região Oeste? Que terras comercializava?**

- A situação legal das terras era complicada. Até a Constituição de 46, a fronteira, numa faixa de 150 quilômetros de largura, era de domínio da União. Depois a União começou a distribuir áreas a empresas para promoverem a colonização. Alberto e Luiz Dalcanalle e Alfredo Ruaro criaram a Pinho e Terra e conseguiram autorização para colonizar toda uma faixa que vai de Foz do Iguaçu até perto de Cascavel. Foi um exemplo de colonização. Abria uma gleba, loteava e dotava de infraestrutura mínima, com igreja, escola, praça, um núcleo populacional que passava a ser embrião de uma cidade. Assim surgiram Santa Terezinha de Itaipu, São Miguel do Iguaçu, Matelândia...

- **Quando começou a se intensificar essa**

colonização do Oeste? Para quem a Pinho e Terra vendia terras?

- Foi na década de 50, começo da migração de agricultores do Rio Grande do Sul e Santa Catarina para cá. A migração se intensificou na década de 60 e mais ainda na de 70. Os gaúchos e catarinenses deixavam suas terras esgotadas no sul e ficavam encantados com a fertilidade e a comodidade das terras do Oeste do Paraná.

- **E foi aí que o senhor também conseguiu sua terra e virou latifundiário?**

- Comprei minha terra, mas não creio que seja latifundiário. Tinha cerca de 500 alqueires, dos quais perdi cerca de 150 para o lago de Itaipu. Com o que sobrou formei a Fazenda Cacique, localizada perto de São Miguel do Iguaçu, naquela área de Foz do Iguaçu seccionada pelo lago de Itaipu, as chamadas "Malvinas".

- **Nessa fase de colonização havia conflitos de terra?**

- Não, até porque a terra tinha pouco valor comercial. Lutas, conflitos surgiram depois, já nas décadas de 60 e 70, com a valorização das terras.

- **Antes trocava-se uma colônia de terra por uma garrafa de cachaça...**

- Sim. Meu pai, se quisesse, podia pegar a área que bem entendesse.

- **Mas houve muitas disputas, muitos conflitos fundiários, inclusive com morte, que o senhor deve ter acompanhado.**

- Houve, sim, mas em Foz do Iguaçu quase não aconteceu isso. Invasões têm ocorrido mais recentemente em Matelândia e

Medianeira - coisas dos sem-terra, fenômeno recente.

- **O senhor teve longa atuação no Sindicato Rural de Foz do Iguaçu, bastante antigo. Foi um dos fundadores?**

- Não, quando foi fundado eu ainda trabalhava na Panair. Na época chamava-se Associação Rural.

Eu entrei no Sindicato em 1970, depois de estruturada minha fazenda e já com os filhos ajudando. Peguei o Sindicato falido e "queimado" pelo ex-presidente, Cleodon Albuquerque, que confundia o Sindicato com partido político (Arena) e o candidato, o irmão Tércio. Isso afastou muitos associados. Saneamos tudo e desde então o Sindicato Rural vai bem.

- **Presidiu o Sindicato por quantos anos ou mandatos?**

- Exerci três mandatos de três anos cada.

- **Quantos associados têm? Há boa participação deles?**

- São cerca de 400 sócios. A participação é boa, mas não a ideal.

- **O que faz, o que oferece o Sindicato Rural aos ruralistas?**

- O Sindicato é o órgão de defesa do agricultor. Leva reivindicações e sugestões à Federação para serem defendidas nos governos estadual e federal. Lutamos por financiamentos agrícolas, pela assistência técnica, pela aposentadoria do agricultor...

- **Em matéria de políticas agrícolas globais, de reforma agrária, preços, etc., que posições assume o Sindicato?**

- Participamos em lutas conjuntas da categoria que reivindicam, por exemplo, preços mínimos compatíveis com os custos de produção e necessidade de margem de lucro para que possa haver reinvestimentos e ampliação do cultivo. Lutamos contra os altos juros e por financiamento à agricultura.

- **Quais seriam as grandes linhas ou etapas da agricultura e pecuária na região? A primeira terá sido a fase predatória, marcada pela extração da erva-mate e da madeira, levadas pela Argentina até a Europa. Durou até a década de 70, quando as matas foram arrancadas ou queimadas para dar lugar à agricultura intensiva e em grande escala, mecanizada, adubada e agrotóxica...**

- Sim, foi quando foram introduzidas as culturas de grãos (soja, milho, trigo), geralmente precedidas do cultivo da hortelã, cujo óleo rendia muito dinheiro. Retirava-se do mato o que sobrava de madeira, destocava-se para plantar. Ao mesmo tempo implantou-se uma pecuária forte na região. Era fácil. Derrubava-se a floresta, ateava-se fogo, plantava-se capim colômbio e milho. Colhido o milho, o pasto estava formado.

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - Edição de 29/07/93)



Arquivo Família Werner

José Werner

*"Sabem por que o Porto Meira leva esse nome?
É em homenagem a Meira de Vasconcelos"*

Esta entrevista com José Werner foi feita quando a memória deste ilustre cidadão de Foz do Iguaçu já estava bastante nebulosa. Mesmo assim, os elementos que pôde expor constituem claro retrato de si mesmo e de Foz do Iguaçu a partir de quando aqui chegou, em 1909, com apenas 9 anos de idade, vindo de Chapecó, SC, que a exemplo de Foz, também era Colônia Militar.

(Aluizio Palma)

- De onde e quando a família Werner migrou para Foz do Iguaçu?
- Viemos em 1909, de Chapecó, SC, quando eu tinha 9 anos de idade. Como Foz do Iguaçu, Chapecó também era Colônia Militar.

- E o que encontraram em Foz do Iguaçu quando chegaram?
- Um povoadinho com alguns casebres dispersos. Nem mesmo dava de circular de carroça, pois só havia alguns trilhos abertos, que só permitiam andar a pé ou a cavalo. O que havia aqui era um pequeno grupo de soldados que formavam a Colônia Militar, então comandada pelo coronel Neiva de Lima. A Colônia Militar não era formada por soldados como os de hoje, e sim por homens, na maioria casados, contratados para o serviço.

- A Colônia Militar foi criada para desbravar a região ou defender a fronteira?

- Creio que para as duas finalidades, por ser esta uma região estratégica. O chefe da Colônia Militar distribuía terras aos colonos que vinham para cá, de graça. Houve quem recebeu até mil hectares.

- Para uma criança, como era o senhor quando chegou, estudar aqui, nem pensar?

- Não havia escola nem professor. Havia o quartel construído de tábuas serradas a mão. Quem sabia ler e escrever ensinava um pouco as crianças em casa. Mas eu, quando tinha 10 anos, fui estudar em Curitiba.

- Para ir até lá foi outra epopéia?

- Foi. Fui até Posadas, Argentina, em barco a vapor. De lá fui até Passo de Los Libres de trem. Cruzamos o rio e, novamente de trem, segui até Uruguaiana-RS, e de lá até Curitiba, sempre de trem. Fiquei quatro anos em Curitiba, sem ver meus pais. Completado curso primário, voltei a Foz do Iguaçu em companhia de Dario Camargo.

- Com curso primário, era um "doutor"? O que passou a fazer então?

- Comecei a trabalhar numa pequena casa comercial do doutor Jorge Schimmelpfeng. No primeiro ano nem salário eu ganhava. Só depois passei a receber uns trocados.

- Sua família estava instalada em que lugar da cidade?

- Onde hoje está a Catedral São João Batista. Ele construiu ali uma modesta casinha, ao lado de uma igreja de madeira. O padre, Monsenhor Guilherme, vinha de Guarapuava uma vez por ano para rezar missa e fazer casamentos e batizados. Foi iniciativa desse Monsenhor a construção do primeiro hospital e da primeira escola de Foz do Iguaçu.

- O que fazia seu pai?

- Montou uma pequena carpintaria. Lembro que em 1925 a igreja pegou fogo, ficou destruída, e nós cedemos nossa casa ao padre e fomos morar na carpintaria.

- Em 1924 chegaram os revolucionários da Revolução Paulista. Como foi?

- Foram nove meses de presença dos revolucionários na cidade. A maioria dos moradores de Foz do Iguaçu se refugiou na Argentina. Eu continuei em Foz do Iguaçu. Foi uma movimentação pequena.

- Não houve tiroteios?

- Não. Só sei que fuzilaram um homem. Franquelin de Sá Ribas, lá no porto do rio Paraná. Ele cuidava do Cartório e do Correio.

- Por que o fuzilaram?

- Ele levava gado ao Paraguai. Os revolucionários o proibiram de fazer isso, mas ele continuou, então o condenaram à morte.

- Trabalhou quanto tempo para Jorge Schimmelpfeng?

- Mais de dez anos. Depois fui trabalhar para Acácio Pedroso, que também tinha comércio. Durante a revolução estava trabalhando com ele.

- Como conseguiam a sobrevivência nos primeiros tempos de vida em Foz do Iguaçu?

- Plantava-se milho, arroz, feijão. Mas produtos como farinha, sal, açúcar e roupas tínhamos que comprar na Argentina.

- O senhor também foi prefeito de Foz do Iguaçu, não?

- Fui prefeito nomeado, em 1931, mas fiquei pouco tempo no cargo.

- É verdade que foi o senhor quem inaugurou o cemitério?

- Era para eu inaugurar, mas, como se vê,

ainda estou aqui, vivo. O cemitério que havia ficava na rua, então o Othon Maeder me pediu que fizesse um cemitério quando assumi a Prefeitura. Mas eu disse: "Othon, será que vou ter que inaugurar o cemitério?" A lenda, ou a superstição dizia que quem construísse cemitério morreria logo e o inauguraria. Fiz o cemitério e inclusive reservei uma cova para mim. Pensei que iria inaugurá-lo, mas hoje o cemitério está cheio, não cabe mais ninguém, e eu continuo aqui, vivo.

- Na sua juventude, que vida social havia, que festas faziam?

- De vez em quando saía algum baile na casa de alguém, em festas de aniversário principalmente. Não havia orquestra. Formava-se conjunto musical com violão, harpa e gaita. Quem sabia tocar algum instrumento se reunia e animava os bailes.

- Mas houve um inglês que formou uma orquestra, não?

- Sim, o Jorge Samways. Formou uma banda completa, que nós chamávamos de "Charanga do Inglês", porque ele era de origem inglesa. Lembro que quando chegou Santos Dumont, em 1916, a charanga do Samways foi recepcioná-lo no porto, onde desceu de um barco a vapor. O pessoal gracejava: "Pois é, Santos Dumont, nós esperava o senhor por riba, mas o senhor veio por baixo".

- Quanto tempo Santos Dumont ficou em Foz do Iguaçu?

- Acho que ficou dois dias. Foi conhecer as Cataratas e foi homenageado com um baile. Ele se hospedou num hotelzinho que havia

nas Cataratas. Foi embora a cavalo, rumo a Curitiba.

- É verdade que, certa feita, o senhor voltava de Curitiba, onde prestava serviço militar, e o vapor em que viajava explodiu?

- É verdade, eu estava naquele barco. Fiquei certo tempo em Curitiba cumprindo missões militares sob o comando de Meira Vasconcelos. Sabem por que o Porto Meira leva esse nome? É em homenagem a Meira de Vasconcelos.

- Como foi o desastre da explosão do vapor?

- Vínhamos pelo rio Paraná. Éramos cerca de 150 pessoas, a maioria turistas que iam para a Argentina. De madrugada, enquanto a maioria estava dormindo, ocorreu a explosão. Era proibido, mas o barco transportava seis tambores de gasolina, que explodiram. No momento da primeira explosão eu estava perto de minha irmã. Ela se agarrou em mim. Logo eu não vi mais nada porque ocorreram outras explosões e tudo ficou tomado por fogo e fumaça. Quando me dei conta estava no meio da água e do fogo. Sofri queimaduras graves, principalmente no rosto. Foi um acidente horrível. Morreram umas 120 pessoas.

Retratos Foz do Iguaçu



Reprodução

Desfile do Exército no dia do município na década de 40.



Reprodução

Padre reza missa na sede da Companhia Independente de Foz do Iguaçu, na década de 40

(Extraído do "Nosso Tempo" - 1981)



Ney de Souza

Júlio Bruczenitski

No início da década de 60, quando o prefeito era Ozires Santos, o Departamento de Água, Esgoto e Energia Elétrica ficou encarregado de asfaltar a Avenida Brasil

Filho de pai polonês e mãe ucraniana, nascido em Irati-PR, em 1925, Júlio Bruczenitski vive em Foz do Iguaçu desde 1946, sempre entregue ao trabalho, à formação dos dez filhos e a Deus, de quem se diz “operário”. Como soldado e operário de Deus e dos homens, Júlio recebeu e também imprimiu sua marca em Foz do Iguaçu, como se vê a seguir.

(Juvêncio Mazzarollo)

- O que fazia a família de seus pais em Irati e Laranjeiras do Sul, onde nasceu e se criou?

- Trabalhava na roça. Eu trabalhei em Laranjeiras do Sul na época em que toda esta região formava o território do Iguaçu, extinto em 1947. Em 1946 eu fui mandado a Foz do Iguaçu prestar serviço militar, acabei ficando e estou aqui até hoje.

- Fazia alguma diferença o fato de esta região ser Território ao invés de Estado?

- Para a vida do povo, não. Sendo Estado ou Território Federal, o estado de abandono desta região era o mesmo. A diferença era meramente político-administrativa. Como Território, tinha uma capital, Laranjeiras do Sul, e governador.

- Por que foi mandado a Foz do Iguaçu para o serviço militar?

- Era desejo meu e de um grupo de amigos que íamos prestar o serviço militar e queríamos vir para a fronteira. Nosso desejo foi satisfeito pelos militares e, em fevereiro de 1946, embarcamos num combóio de quatro caminhões e viemos para cá. Viemos em caminhões alugados pelo Exército porque na área não havia ônibus regular de Laranjeiras a Foz do Iguaçu. Éramos 140 recrutas. Levamos oito dias de viagem para chegar ao destino. Choveu muito na viagem, tivemos que tirar os caminhões dos atoladouros no braço.

- Quando se viram nessas condições não deu vontade de voltar

para casa?

- Já no caminho havia recrutas querendo voltar para casa, desertar. Mas chegando a Cascavel recobramos o ânimo: o comandante conseguiu um boi e nos serviu uma churrascada. Mais adiante carneamos um porco. A última parada foi em Sanga Funda. Lá, naquela noite, dormi em pé, tão cansado estava. Encostei no caminhão e adormeci em pé. Tomamos banho e ganhamos farda nova para vestir. A roupa que tínhamos no corpo jogamos fora, pois estava toda rasgada e suja devido às peripécias da viagem.

- Ficou quanto tempo no quartel? A que patente chegou e o que fazia?

- Fiquei três anos no quartel. Saí como cabo. Não quis esperar a promoção a sargento. Era encarregado de comandar o pessoal que aterrava o local onde foi construído o primeiro prédio à entrada do Batalhão. Lá havia um banhado.

- O serviço militar naquela época era como hoje ou tinha alguma diferença?

- Era bastante diferente, marcado pela Segunda Guerra Mundial. Não era fácil, por exemplo, conseguir licença para uma saidinha do quartel. E se sáísse tinha que ser obrigatoriamente com farda. A Segunda Guerra havia acabado em 1945, mas o regime no quartel permaneceu o mesmo dos tempos em que os militares viviam diante da possibilidade permanente de serem chamados para a guerra. Frequentemente o

comandante determinava uma prontidão, para exercício. Soldados e ex-soldados tinham que se apresentar, e aí de quem não atendesse a convocação. Do quartel saíamos em marchas pela cidade. Quase todos os sábados desfiliávamos pela cidade. Eu era do serviço de comunicações e tinha que carregar nos braços aqueles rádios e amplificadores pesados e enormes, que funcionavam com baterias.

- Que armamentos tinha o quartel na época?

- O tradicional fuzil, metralhadoras, morteiros e uns pequenos canhões puxados por burros - só mais tarde passaram a ser puxados por Jeep. Tínhamos inclusive um Jeep anfíbio - até tenho uma foto do Jeep em manobras no rio Paraná.

- Saiu do quartel para fazer o quê?

- Para trabalhar em construção. Dei baixa e, cinco dias depois, vieram à minha procura para me chamar de volta e ser promovido a sargento, mas eu não quis. Logo fui a Guaira construir um barracão para o quartel de lá, que só tinha uns galpões cobertos de capim e armação de banha. Isso foi em 1949. Em 1950 comecei a trabalhar numa construtora de casas em Foz do Iguaçu. Ainda há várias casas que construímos em pé na cidade. Meu trabalho principal era a instalação da rede elétrica nas casas, ainda quando a energia vinha da Usina São João, instalada no Parque Nacional. Depois trabalhei na entrega das contas de luz nas casas, de bicicleta. Um dia quebrei a clavícula. Mesmo assim ia trabalhar. Não agüentava ficar em casa. Ia de luz com uma só mão. Também trabalhei na construção da Usina de Ocoí, agora coberta pelo lago de Itaipu. Era uma usina que gerava 1.500

KW. Ajudei a puxar a rede de transmissão de energia até Foz do Iguaçu.

- Isso tudo na década de 50, quando ainda não existia a Copel, criada pelo governador Ney Braga no início da década de 60. Quem administrava a eletricidade antes da Copel?

- O Departamento de Água, Esgoto e Energia Elétrica, órgão do governo do Estado. A energia era produzida pelas usinas São João e Ocoí e por motores movidos a óleo diesel. O chefe do Departamento aqui era Armindo Matte. Depois eu também fui chefe. No início da década de 60, quando o prefeito era Ozires Santos, o Departamento de Água, Esgoto e Energia Elétrica ficou encarregado de asfaltar a Avenida Brasil. Eu trabalhei nessa obra também. Foi a primeira vez na vida que vi asfalto. Foi uma grande novidade para Foz do Iguaçu, inaugurada com grande festa. Era uma avenida de duas pistas, de duas mãos, com canteiro central. Depois fui trabalhar na construção de uma usina em Cascavel, onde a energia era fornecida só por geradores a diesel.

- Voltando aos seus primeiros tempos em Foz do Iguaçu, como era a vida aqui?

- Quando vim para cá a cidade não tinha quase nada. A torre da Igreja Católica estava em construção. Ali onde funciona a Polícia Federal estavam construindo a agência do Banco do Brasil. Depois construíram o Fórum. Eu sempre fui ligado à Igreja. Quando o padre fazia o programa das festas com o nome dos encarregados das diversas tarefas, meu nome sempre estava na lista.

- Que comparação faz entre a

religiosidade do povo de Foz do Iguaçu de hoje com a religiosidade de 30, 40 anos atrás?

- É muito diferente. A religiosidade enfraqueceu muito, e a moral mais ainda. Naquela época ninguém sequer conhecia maconha ou qualquer droga. Não havia criminalidade porque havia consciência cristã, de necessidade de correção no comportamento. Hoje eu tenho medo de sair à noite. No passado as crianças podiam ir à escola ou outro lugar à noite, sem problema, sem perigo algum. Dormíamos com as portas e janelas da casa abertas. Saíamos de casa sem passar chave nas portas. Hoje nós estamos presos e os bandidos, soltos.

- Na época em que o senhor veio a Foz do Iguaçu, qual era a presença mais forte na cidade - o quartel do Exército, a igreja ou o quê?

- Era o quartel, sem dúvida. De certa forma, tudo ou quase tudo girava ao redor do quartel.

Retratos Foz do Iguaçu



Casa Escolar Jorge Schimmelpfeng com sua primeira turma e a professora e primeira diretora, Celeste Sottomaior



Reunião de uma das primeiras turmas do Colégio São José. Acima, Romário Vidal, Armindo Matte, Rui Gandara e Airton Ramos

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - Edição de 23/06/93)



Ney de Souza

Raras pessoas sabem quem é Antonio Gonçalves, mas não são poucos que sabem quem é Kid Chocolate. É a mesma pessoa, um patrimônio do esporte de Foz do Iguaçu, particularmente do futebol e mais particularmente ainda do Flamengo Esporte Clube, que fundou há 40 anos. Nasceu em Petrópolis, RJ, em 1927, ingressou na Marinha e chegou a Foz do Iguaçu em 1952. (Juvêncio Mazzarollo)

Kid Chocolate

“Certa vez o Pedro Basso entrou numa briga feia no campo do ABC. Os filhos dele entraram também e o Vitório escapou de ser morto”

- Veio para Foz do Iguaçu quando e por quê? Foi escolha sua ou designação da Marinha?

- Cheguei no dia 22 de setembro de 1952. Foi escolha minha. Venci uma luta de box no Mato Grosso contra um boliviano, e como prêmio a Marinha me ofereceu três lugares para eu escolher onde queria trabalhar. O almirante me ofereceu Recife, para fazer uma viagem de volta ao mundo no navio Almirante Saldanha, e Foz do Iguaçu. Eu escolhi Foz do Iguaçu, porque o mar me dava muito enjôo. Vim para fazer concurso de prático da Marinha. Não consegui fazer o concurso e, em 1954, pedi baixa.

- Saiu da Marinha e se pôs a fazer o quê?

- Fiquei trabalhando na cidade, abrindo poço, de pedreiro...

- Tem algum fato marcante de sua vida na Marinha?

- Tive uma encrenca com o sargento do Exército, Nepomuceno, já falecido. Eu tinha fundado o “84 Boxing Clube” e certo dia ele foi lá sem ser sócio. Eu o coloquei para fora e então ele passou a me provocar todos os dias, até que eu tive que dar umas pancadas no sargento. Tive que responder a processo disciplinar interno na Marinha, mas deu em nada porque eu tinha 10 de bom comportamento e o processo correu à revelia, sem testemunhas.

- Deixando a Marinha, então, partiu para que atividade?

- O prefeito da época, Guaraná de Menezes, me ofereceu emprego na

Santa Casa porque eu era auxiliar de enfermeiro e massagista. Não deu certo porque não havia vaga no hospital. Então fui abrir poço. Fui ajudante de pedreiro e depois arrumei emprego na Panificadora Marumbi, do Sebastião Flor. Quem me ajudou muito nessa época foram o Pedro e o Irineu Basso. Quando dei baixa da Marinha passei apertado. Não havia emprego. O Sebastião Flor me deu emprego, não porque precisava de mim lá, mas só para me ajudar, porque ele era do meu time, o Flamengo.

- Voltando um pouco, o que lembra de suas primeiras impressões ao chegar a Foz do Iguaçu em 1952?

- No dia em que cheguei estava sendo inaugurado o Cine Star, dos Basso. Foi um acontecimento. O Cine Star passou a ser o centro das atenções e do lazer da cidade. Antes das sessões faziam-se dedicatórias de músicas pelo alto-falante: “fulano oferece a música tal para fulana...” Principalmente nos sábados e domingos à noite todo mundo ia ao cinema, que lotava sempre. Naquele tempo só havia luz de gerador a diesel, que desligava às 9 horas, depois passou a ficar ligado até as 11 horas. Por isso, Pedro Basso teve que se equipar com gerador próprio no Cine Star.

- O senhor já sofreu discriminação por ser negro?

- Aqui em Foz do Iguaçu, nunca. Mas no Rio, sim. Numa barbearia se recusaram a cortar meu cabelo e no Clube Carioca não me deixaram entrar. Outra vez fui barrado num hotel de Porto Alegre. Fui para lá

fazer companhia a um amigo e ele me levou ao hotel. Perguntou se havia vaga. O dono do hotel disse que tinha uma, mas quando viu que o hóspede seria eu disse que havia se enganado e que não tinha vaga.

- O que a pessoa sente no íntimo em situações assim?

- Sente revolta, porque dizem que no Brasil não há racismo e até existe uma lei contra a discriminação, mas não adianta reclamar.

- O senhor é também um especialista em massagem, não?

- Sou. Trabalhei muito nisso, inclusive em clínicas médicas. Atendia muita gente em casa também, mas parei porque tenho muitos amigos e toda hora vinha gente fazer massagem sem pagar.

- Mas seu grande destaque está no mundo do esporte. Em Foz do Iguaçu começou com a fundação do "84 Boxing Clube". Por que 84?

- Em homenagem a Osvaldo Silva, já falecido. Foi um bom lutador de box. Eu dei o nome ao Clube com esse número porque era o número do Osvaldo na Marinha.

- Já havia box em Foz quando o senhor chegou?

- Não, fui eu que comecei. Pegou. Várias pessoas se envolveram. Vitório Basso praticava, os Grignet todos praticavam e muitos outros. Chegou a estar bem encaminhado o box aqui, mas depois começamos a ter dificuldades com local. Vinha lutador do Paraguai, de Santa Catarina - e eu derrotava todos. O Clube, porém, durou só um ano, e dele nasceu o Flamengo Esporte

Clube, este de futebol. Vitório Basso disse "vamos fazer um time de futebol também, com a rapaziada daqui". Fechamos o "84 Boxing Clube" e fundamos o Flamengo.

- Fundou o Flamengo por ser flamenguista no Rio?

- Sim, e desde que o Clube existe eu me dedico a ele. Na época havia o Clube ABC, o Palmeiras, Iguaçu, Guairacá, Industrial Madeireira, o Nacional de Criciúma (hoje Santa Terezinha de Itaipu).

- Como o Flamengo cresceu e se consolidou como grande clube de futebol de Foz do Iguaçu?

- O Clube se firmou e cresceu porque houve a era do Irineu Basso no seu comando, que carregou o Clube nas costas durante mais de 20 anos, sustentando-o com seu próprio bolso. Depois veio a era do Nelson Domareski - foi quando construímos o Estádio Pedro Basso, ao qual se somou depois o Kartódromo. Conseguimos o terreno da Prefeitura quando Tércio Albuquerque foi prefeito interino, devido à morte do prefeito. Tércio era presidente da Câmara e assumiu a Prefeitura.

- No tempo em que surgiu o Flamengo como era o futebol em Foz do Iguaçu, os campeonatos, os jogadores?

- Os jogadores eram todos daqui, do Paraguai e da Argentina. Havia bons times. O do ABC foi um dos maiores de todos os tempos na cidade.

- E o senhor fundou o Flamengo, se amarrou nele e nele está até hoje.

- Até hoje. São 40 anos já. E moro no estádio

desde que o construíram. Sou solteiro e vivo aqui sossegado.

- Acontecia muita briga nos jogos de futebol?

- Todo campeonato era pontilhado por brigas. Todos os jogos tinham brigas. Certa vez, Pedro Basso entrou uma briga feia no campo do ABC. Os filhos dele (Irineu e Vitório) entraram na briga também, e o Vitório escapou de ser morto porque o camarada adversário puxou a arma e ela não detonou. Era um soldado do Exército.

O pessoal ia ao campo mais para ver a briga do que o jogo, embora o futebol fosse bem melhor do que agora. Havia bons jogadores, bons times e muita torcida.

- O senhor foi jogador de futebol ou sempre foi só técnico do Flamengo?

- Não joguei. Sempre fui técnico. Agora mesmo sou instrutor de futebol de mais de cem meninos.

- Quem citaria como grandes jogadores que Foz do Iguaçu teve?

- Foram muitos, mas destacaria o Mussi, Barreto, Marujo, Arturo Mallorquin e outros que hoje jogariam no Foz do Iguaçu Esporte Clube, e melhor do que os que estão aí. Essa política de trazer de fora jogadores em fim de carreira é errada.

- De sua escola saiu algum craque?

- Saiu. O Arturo Mallorquin foi um. Jogou na Espanha, no Atlético Paranaense, foi campeão da Taça Paraná pelo Aimoré de Matelândia. Jogou no Olímpia de Assunção. Outro ex-aluno meu foi para o Botafogo do Rio e agora está no Grêmio de Porto Alegre.

- Em que momento e por que o futebol de Foz do Iguaçu entrou em decadência?

- Quando os jogadores passaram a ganhar dinheiro para jogar, perdendo assim o amor à camisa, ao esporte. O futebol começou a cair quando os clubes começaram a pagar jogador, trazer boleiro de fora preterindo o pessoal da casa. É um processo iniciado em 1975 em diante.

- Nas décadas de 50 e 60, que outros esportes eram mais praticados em Foz do Iguaçu, além do futebol?

- O basquete. O basquete aqui foi muito bom numa época. Jogavam Marinha, Exército, Flamengo, Vasco. O vôlei nunca chegou a emplacar aqui. E havia também muito jogo, e bom, de boliche e bolão, bilhar, futebol de salão. O futebol de salão aqui foi muito bom, muito bom. Inclusive tivemos um time que derrotou o Palmeiras de São Paulo quando este era campeão brasileiro e sulamericano.

- Tem algum fato da vida que gostaria de relatar?

- De 1961 a 1963 fiquei em Criciúma, S.C., para ser massagista do Metropól, time profissional, depois do Comerciário. Quem me levou para lá foi o Írio Manganelli. Ganhava bem, pagavam direitinho.

- O apelido Kid Chocolate surgiu em que circunstância?

- Ganhei o apelido como lutador de box ainda no Rio de Janeiro. Havia um grande lutador com esse apelido. Ele parou de lutar e, como eu era considerado parecido, passaram o apelido para mim, e ficou.

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - 1994)



Foto da Família Pasa

Letícia Pasa Leopoldino

"Quando Júlio Pasa foi prefeito nem se cogitava da possibilidade de corrupção"

Nascida em 1932 em Foz do Iguaçu, a professora Letícia Pasa Leopoldino é filha do ex-prefeito Júlio Pasa e de Isabel Bonini Pasa, estes filhos de migrantes italianos estabelecidos no Rio Grande do Sul no final do século passado. Lá nasceu Júlio Pasa, que viria a ser duas vezes prefeito de Foz do Iguaçu. Júlio e Isabel Pasa tiveram 11 filhos e adotaram outros 6.
(Juvêncio Mazzarollo)

- Por que e para que seu pai, Júlio Pasa, deixou o Rio Grande do Sul e migrou para o Paraná?

- Veio aventurar. Era pedreiro. Era solteiro e veio aventurar, como fazem muitos jovens. Veio por volta de 1918. Inicialmente foi a Guaíra. Trabalhou inclusive na construção da igreja de pedra que existe lá. Ele era muito estudioso, autodidata. Teve pouquíssima escolaridade, mas chegou a trabalhar como advogado, embora não assinasse documentos de processos. E, como pedreiro, era praticamente um engenheiro. Em Foz, construiu, por exemplo, uma ponte sobre o rio Monjolo, hoje canalizado e coberto, no ponto mais baixo da Avenida Brasil, que na época se chamava Avenida Botafogo.

- Em que mais ele trabalhou?

- Na lavoura. Fornecia alimentação para a cavalaria do Batalhão do Exército. Os cavalos eram mantidos com alfafa que meu pai plantava.

- E o Júlio Pasa político, por onde começou?

- Bem, eu nasci em berço de político. Ele era da UDN. Em 1930, foi prefeito nomeado pelo presidente Getúlio Vargas. E em 1948 foi eleito prefeito pela UDN. Lembro bem, porque nessa época eu já era mocinha. Como prefeito nomeado ficou no cargo um ano e alguns meses.

- Conta-se que ele cuidava do Município percorrendo-o a cavalo...

- Sim. E é preciso considerar que Foz do Iguaçu, naquela época, ia até

Cascavel. No segundo mandato dele (1948-1951), meu pai veio de Curitiba até Foz em cima de uma patrola. Ele e o motorista da Prefeitura foram buscar a patrola. A Prefeitura tinha só um caminhão, e o motorista era o João Vale.

- Certamente foi a primeira patrola que entrou em Foz do Iguaçu?

- Deve ter sido. Então, vieram de Curitiba os dois com a patrola. Levaram não sei quantos dias de viagem. Meu pai chegou sujo e cansado e levou bronca da mãe. A mala ele mandou por ônibus. Papai era muito corajoso.

- A senhora deve lembrar de como foi a eleição do seu pai como prefeito em 1948...

- Por incrível que pareça, naquele ano eu morava em Montevidéu, Uruguai. Fiquei em Montevidéu um ano e meio, e justo nesse tempo meu pai foi eleito.

- Então pôde acompanhar o desempenho do seu pai como prefeito eleito. O que poderia destacar?

- Papai foi muito bom prefeito. Foi muito bem aceito. Ele tinha muito boa cabeça para resolver os problemas prioritários. Era muito determinado. Quando tinha uma coisa para fazer, para ele não havia horário, domingo, dia ou noite. Mas no domingo, pelo menos à missa ele tinha que ir. Era muito "misseiro". Na época, além da Igreja Católica, só havia uma igreja evangélica na subida do bairro Boicy. Meu pai se

dava muito com o pastor. Nas tardes de domingo, juntos, pastor e padre, com meu pai, iam à nossa chácara tomar vinho. Meu pai fazia vinho, porque qual é o italiano que não faz vinho?

- O salário do prefeito era bom?

- Não tenho idéia, mas sei que em certa ocasião meu pai ficou mais de um ano sem tirar um centavo do seu salário na Prefeitura, senão faltaria para pagar os funcionários. Nós, mocinhas, pedíamos isso e aquilo ao pai, mas ele dizia: "Como vou tirar meu pagamento na Prefeitura se não há dinheiro nem para pagar os funcionários?"

- Era exatamente o oposto da corrupção: não pegava nem o que tinha em haver. Mas pelo menos ninguém o acusava de corrupção.

- Não, não. Na época nem se cogitava da possibilidade de corrupção. Meu pai deixou dinheiro em caixa na Prefeitura quando deixou o cargo.

- Em que lutas se envolveu Júlio Pasa por Foz do Iguaçu?

- Ele batalhou muito pela abertura da chamada Estrada Estratégica, que viria a ser a BR-277. Meu pai dizia que Foz do Iguaçu só teria progresso se tivesse estrada ligando o Município a Curitiba.

- Estrada que deveria ter sido aberta ainda no final do século passado, pela Comissão Estratégica do Paraná, a mesma que fundou a Colônia Militar de Foz do Iguaçu...

- Sim. Antes do asfaltamento da BR-277, uma viagem a Curitiba levava quatro ou cinco dias.

Isso quando não quebrava o carro. Se quebrasse, os outros carros não poderiam passar.

- Na biografia de Júlio Pasa diz que ele foi presidente do Clube Recreativo e da Associação Rural. Que Clube era o Recreativo?

- Um Clube onde bailei muito. Ficava na Rua Santos Dumont, perto de onde hoje está o Hotel Rafain. O Oeste Paraná Clube era o maior e a gente freqüentava também. O Recreativo era mais simples e nele entrava mais gente, mas tinha que ser sócio.

- E a Associação Rural - seria o começo do que hoje é o Sindicato Rural?

- Creio que sim. Eles até se instalaram numa salinha do Colégio Agrícola. Meu pai era registrado até no Rio de Janeiro no Ministério da Agricultura.

- Que mal levou Júlio Pasa embora?

- O médico atestou problema cardíaco. Teve um ataque e ainda viveu mais de um ano, deitando e levantando, sentando e caminhando, melhorando e piorando. Depois, nos últimos três meses, passou o tempo todo sentado. Só para morrer voltou à cama. No Dia das Almas foi ao cemitério e voltou sentindo-se fraco, muito fraco...

- Como se portou ele diante da doença e da morte?

- Ah, muito bem, com tranqüilidade. Deu-se conta de que não ficaria aqui por muito mais tempo e transferiu todos os bens aos filhos. Antes de morrer pediu para ser levado ao cemitério na carroça do Alexandre Kozievitch. O Alexandre disse: "o que que é

isso?" "Mas meu pai insistiu: "Não, Alexandre, você prometa a mim que vai me levar, porque não quero dar trabalho a ninguém quando morrer".

- Ele foi atendido nesse desejo?

- Foi. Além disso, antes de morrer, uns dez dias antes de morrer, ditou para mim o anúncio de sua morte para ser "irradiado" pelo serviço de alto-falantes que funcionava na Avenida Brasil. Depois que ele ditou e eu escrevi, tive que ler para ele dizer se estava bom assim.

- O aviso foi ao ar pelo alto-falante?

- Foi. E antes de morrer ele recebeu diversas vezes a Extrema-Unção, que chamavam de "menina dos meus olhos". Deu exemplo de resignação. Inclusive dava força para os filhos e a mãe. Chamou todos e disse o que queria que fizessemos na vida, os cuidados que devíamos ter com a mãe.

- Bem, mas é preciso falar da professora Leticia Pasa Leopoldino, não só do pai dela. Como foi sua infância, sua juventude na Foz do Iguaçu daqueles tempos? Dá vontade de voltar?

- Ah, dá! Não havia maldade, desconfiança, medo. Era uma pureza... Todo mundo era tão simples e se dava tão bem! Não havia o egoísmo, o perigo de hoje. Hoje a criança vive aprisionada.

- A senhora fez o curso normal (magistério)?

- Sim, depois fiz curso de aperfeiçoamento em ciências, em Curitiba.

- Em Matelândia ou na Colônia Gaúcha, a professora era personalidade de

destaque, não?

- Só era! Destaque! A professora era realmente muito valorizada pelos pais e alunos. Em 1955 fui nomeada pelo Estado e passei a trabalhar na Escola Bartolomeu Mitre, no primário. Depois lecionei no Colégio Monsenhor Guilherme, no Colégio Agrícola, na Escola Normal.

- E de 1970 a 1980 foi inspetora de ensino de 1o. Grau...

- Sim. E ao mesmo tempo lecionava.

- E José Leopoldino Neto, seu marido, como apareceu na sua vida?

- Ele veio do Rio Grande do Norte, como marinheiro. Veio trabalhar na Marinha em Foz porque era da Escola Naval. Foi quando a Marinha em Foz ganhou três lanchas. O Neto veio para cá em 1950, para ficar 20 dias, mas acabou ficando pelo resto da vida. Ele saiu da Marinha, mas depois, em 1956, voltou à Marinha como funcionário civil.

- O José Leopoldino Neto se dedicou a que atividades, principalmente?

- Ah, acho que é mais fácil dizer o que o Neto não fez. Teve restaurante, fábrica de móveis, porto de areia, gráfica, foi taxista...

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu", - Edição de 28/09/1994)



Aurea Cunha

Madalena Aquino Martins

"As autoridades da cidade, todas traziam os ternos de linho para eu passar."

Cidadã de três países (Paraguai, Argentina e Brasil) ao longo de seus 90 anos de vida - com fôlego para muitos mais -, Madalena Aquino Martins vive com um neto (Moacir) numa rústica casa de fundo de quintal, no centro de Foz do Iguaçu. Nasceu e viveu no Paraguai até os 15 anos. Depois muitos outros na Argentina e Brasil (Juvêncio Mazzarollo)

- Nasceu onde e quando, dona Madalena?

- Nasci em 1904, em Encarnação, no Paraguai, mas fui criada na Argentina porque minha mãe era argentina e nos levou a todos para lá. Fomos para Alvear, Província de Corrientes.

- Que idade a senhora tinha quando saiu do Paraguai?

- Tinha uns 15 anos.

- O que recorda de sua vida no Paraguai?

- Quase nada lembro do Paraguai. Minha mãe não tinha capacidade para nos ensinar. No Paraguai vivíamos na agricultura, na terra.

- Por que sua mãe decidiu sair do Paraguai e ir à Argentina?

- Porque ela era de lá. Meu pai, Irineu Aquino, morreu jovem e minha mãe ficou com dificuldade para manter a família. Eu tinha dois irmãos, que hoje já são falecidos. Minha mãe resolveu ir à Argentina para meu irmão mais velho poder trabalhar, porque no Paraguai não havia serviço.

- Foram fazer o que na Argentina?

- Minha mãe trabalhava de empregada doméstica e meu irmão trabalhava num hotel muito grande em Corrientes. Mas houve uma greve onde meu irmão estava empregado, e ele perdeu o emprego, então veio procurar trabalho no Brasil. Ele arrumou emprego em Guaíra. Mudamos para lá em 1926.

- A senhora teve oportunidade de aprender a ler e escrever?

- Eu fui muito pouco à escola, mas aprendi a ler e escrever. Ir à escola era difícil.

- Quer dizer que para aprender alguma coisa a senhora teve que estudar escondida dos pais e irmãos?

- É, sim. Assim fui aprendendo. Coisa mais terrível essa...

- Ficaram muito tempo em Guaíra?

- Muito tempo, mas não sei quantos anos. Depois o meu padraсто mudou para Foz do Iguaçu. Viemos para cá e daqui não saímos mais. Na época em que mudamos para Foz do Iguaçu trabalhávamos com erva-mate. A erva-mate era tirada do mato e embarcada no rio Paraná.

- A senhora casou em Foz do Iguaçu?

- Sim. Casei aqui com Pedro Martins, irmão do Manêncio Martins. Meu marido era policial, um brasileiro do Rio Grande do Sul. Tivemos três filhos. Minha mãe teve dois varões e uma mulher; eu tive um varão e duas mulheres.

- Quem deles ainda vive?

- Só minha filha, em Porto Alegre.

- Tem alguma história de algum fato marcante na atividade policial de seu marido?

- Não. Lembro, por exemplo, que ele ia de Foz do Iguaçu a Guaíra a cavalo, à procura de bandidos.

- **Soube se ele passou por perigo de vida em enfrentamentos com bandidos?**

- Que eu tenha tomado conhecimento, não. Naquele tempo quase não havia bandidos. Não era como hoje. Hoje há muitos ladrões, muitos assassinos. Naquele tempo a polícia tinha pouco trabalho. E meu marido era bem relacionado com todo mundo.

- **E a senhora trabalhava? Fazia o quê?**

- Eu trabalhava em casa. Mas, não sei como, pessoas da cidade descobriram que eu passava roupa muito bem. Sabia passar ternos muito bem. E naquele tempo os homens usavam muito o terno. Todos traziam os ternos à minha casa para limpar e passar. As autoridades da cidade, todas traziam os ternos para eu passar. Eram ternos de linho. Certos dias minha casa ficava cheia de ternos pendurados pelas paredes. Quando colocaram a primeira tinturaria na cidade fui convidada a trabalhar lá, para ensinar a passar roupa. Eu não pude aceitar porque tinha que cuidar de minha casa, meu marido e meus filhos. Uma vez me trouxeram um par de bombacha de gaúcho para passar. Foi a primeira e última vez que passei uma bombacha. É muito trabalhoso, por isso nunca mais peguei bombacha para passar. Os gaúchos vinham do Rio Grande do Sul, se hospedavam no hotel do Pedro Basso e vinham à minha casa pedir para passar bombacha, mas eu não pegava.

- **Ganhava bem para passar roupa?**

- Ganhava. Mas depois meu marido não me

deixou mais trabalhar porque não era necessário. Ele ganhava o suficiente para a família viver bem.

- **A convivência de paraguaios e brasileiros era boa ou havia intrigas, discriminações? A senhora alguma vez se sentiu discriminada por ser paraguaia?**

- Não, nunca ninguém me incomodou por isso. Hoje não sei como está porque eu não saio para lugar algum. Quando viemos da Argentina para o Brasil, ao passar por Foz do Iguaçu eu pensei comigo que nunca iria viver neste desterro. Pedi a Deus que não me acontecesse de ter que viver num lugar como era Foz do Iguaçu.

- **E numa ironia do destino...**

- Acabei morando aqui. Eu também não queria me casar com o Pedro Martins, que conheci em Guaíra. Ele era chamado de "Gaúcho". E na Argentina chamava-se "gaúcho" a quem tivesse muitas mulheres. Só depois fiquei sabendo que no Brasil gaúcho é quem é natural do Rio Grande do Sul. Nós ficamos juntos muitos anos sem nos casarmos. Depois ele quis fazer o casamento para garantir para mim nossa propriedade se ele morresse. Ele tinha muitos irmãos, que teriam direito sobre a propriedade dele se nós não casássemos.

Extraído da "A Gazeta do Iguaçu", 20/09/94



Arquivo família Vera

Festa de início da construção do prédio do Banco do Brasil em Foz (atualmente ocupado pela Polícia Federal) no final da década de 40



Arquivo família Vera

Primeiro dia de aula da turma de 1956 do Magistério em Foz do Iguaçu. À frente, a professora Ilka Vera.

Retratos Foz do Iguaçu



Arquivo família Maciel

Comemoração do aniversário de Foz na década de 50 em frente da Prefeitura - As professoras Terezinha Vera, Beatriz Aguirre, Izolete Nieradka, o funcionário público José Maciel e Anêris Jerônimo.



Arquivo família Vera

O presidente do Brasil, JK, cumprimenta o então prefeito de Foz, Jacob Becker - observados pelo promotor Saulo Ramos.



Alvaro Martins

Manêncio Martins

"Cheguei aqui em 1911. Os índios viviam em ranchos entreverados com o povo da vila"

- Como era Foz do Iguaçu quando aqui chegou em 1911?

- Isto aqui era tudo matão. Até índio havia ainda. Viviam em ranchos e estavam entreverados com o povo da vila. Chamava-se Vila Iguaçu. Eu vim com meus pais e irmãos do Rio Grande do Sul. Tinha 15 anos.

- Que caminho seguiram para vir do Rio Grande do Sul?

- Fomos até Corrientes e Posadas. De lá viemos de barco até Foz do Iguaçu, mas antes ficamos uns anos morando na Argentina.

- Nessa época, o líder maior de Foz do Iguaçu era Jorge Schimmelpfeng. Que lembra dele?

- Era um homem muito bom. Dava a mão a todo mundo. E quando ele dava um grito do o povo ia para lá.

- O senhor fazia o quê?

- Fiz de tudo um pouco. Certa ocasião, a pedido do prefeito, fui carcereiro. Havia um preso que nenhuma grade segurava. Diziam que era um feiticeiro. A polícia o prendia de manhã e quando era noite ele já havia fugido da cadeia. O prefeito, que era também uma espécie de delegado, ficava danado da vida.

- O que lembra de sua juventude vivida no matão que isto aqui era?

- Eu gostava muito de bailes que aconteciam nas casas de família.

Havia um sujeito que tinha um cavalo muito bonito e gostava de se mostrar para as moças. Naquele tempo, ter um cavalo bonito era o mesmo que hoje ter um carro bonito. Um dia, lá pelos lados de Sanga Funda, nossa turma decidiu cortar o rabo do cavalo. Deu uma briga danada.

- Quem eram seus amigos?

- Jorge Schimmelpfeng, Acácio Pedroso, Inácio Manoel Ramos... Foram tantos que não haveria espaço para todos no jornal.

- O senhor estudou? Frequentou escola?

- Não, porque aqui não havia escola. Não aprendia a ler e nem escrever. Quem queria estudar tinha que ir a Guarapuava.

- E em matéria de religião o que havia na cidade?

- No começo, praticamente não havia religião nem padre. Um dia, monsenhor Guilherme veio à minha chácara e me levou para casar na igreja.

- Seu pai fazia o quê?

- Ele tinha um alambique no bairro Boicy. Fazíamos pinga da boa. Ao redor do alambique sempre havia um grupo de gente provando a purinha. Mas era nas rinhas de galo que mais se bebia pinga.

- Rinha de galo? Havia muito disso?

Quando deu esta entrevista, Manêncio Martins, aos 88 anos de idade, era o morador mais antigo de Foz, onde havia chegado em 1911, aos 15 anos. Mesmo com a memória bastante apagada, conseguiu passar suas vivências e impressões. Segundo seus descendentes, porém, a figura de Manêncio Martins é mais importante nesta história do que ele próprio consegue retratar aqui. (Juvêncio Mazzarollo)

- Houve um tempo em que era o esporte da cidade. Aos sábados era um desfile só de pessoas com galo embaixo do braço passando pelas ruas. Cada galo que era uma boniteza! Durante as brigas de galo tomava-se muita cachaça, e quando terminava a briga dos galos começava a dos homens.

- Não tem alguma história de animais selvagens, feras existentes na região?

- Certa vez apareceu uma onça que perturbava todo mundo, na área entre o estádio do ABC e o bairro Boicy. A polícia ia atrás do bicho para matá-lo mas não conseguia. Quem acabou conseguindo matar a onça fui eu, e comi a carne dela. É uma carne muito boa.

- O que lembra da invasão de Foz do Iguaçu pelos revolucionários da Coluna Prestes em 1924?

- Todo mundo se mandou para Argentina, com muito medo, porque diziam que eles vinham para matar meio mundo. Alguns ficaram por aqui, mas a maioria preferiu não arriscar o couro. Nós também fomos à Argentina e ficamos lá até terminar a confusão. Abandonamos roças, criações e ranchos. Mas era tudo boato, porque as revolucionários respeitavam a todos. Prestes, Cabanas e outros chefes revolucionários eram moços de muita educação.

- Quando voltaram da Argentina, o que encontraram nas casas e roças que haviam abandonado?

- Quando voltamos, metade dos animais tinham se perdido. Mas ficaram as terras, que eram cedidas pela Colônia Militar. Davam as terras aos interessados sem sequer medi-las.

O comandante dizia: "Entra lá naquela área de mato e veja um bom lugar para você".

- Quando e como Foz do Iguaçu começou a ter algum progresso?

- Foi no Governo do presidente Getúlio Vargas. Lembro de uma vinda dele para cá. Veio de helicóptero e o povo dizia que era um carro sem carroceria. Getúlio se hospedou no Hotel Cassino Iguaçu, onde leu um discurso e deu a mão a todos os presentes. Foi quando veio para inaugurar o calçamento da Estrada das Cataratas com pedras. Levaram dois anos para fazer aquela obra. Depois da vinda de Getúlio Vargas a cidade começou a melhorar e crescer. Abriram ruas e estradas.

- O senhor era eleitor de Getúlio Vargas?

- Era não só eleitor dele, mas também fazia campanha para ele.

- Quais são os fatos mais marcantes que guarda na memória?

- A rinha de galo, os bailes, a onça que matei e comi, a chegada do carro de Jorge Schimmelpfeng, a explosão de um barco no rio Paraná, a chegada dos revolucionários em 1924, o incêndio da igreja e 1925, o incêndio do hotel de Frederico Engel, a visita de Getúlio Vargas, a visita de Santos Dumont, a morte de Jorge Schimmelpfeng e a venda de minha chácara, que ficava na área onde está o Hotel Carimã. Vendi por quatro mil e quinhentos cruzeiros. E tenho muita saudade dos amigos que morreram.

(Extraído do "Nosso Tempo" - Edição de 14/10/81)



Joel Petroski

Vista aérea geral de Foz do Iguaçu em 1980

Retratos

Foz do Iguaçu



Aurea Cunha

Maria Inês Mazzacato Maran

"A população da cidade comprava tudo na Argentina. Nós produzíamos tudo. Não conseguimos vender e tivemos que jogar tudo fora"

Nascida no Rio Grande do Sul em 1910 e residindo em Foz do Iguaçu, em Três Lagoas, desde 1933, Maria Inês Mazzacato Maran é típica "mulher forte" de que fala a Bíblia, referência que vem a propósito de sua profunda religiosidade. Cercada de filhos (15), netos (46), bisnetos (30), tataranetos (2), árvores, plantações e animais, vive de amor e alegria, das recordações que guarda como um "sonho". (Juvêncio Mazzarollo)

- O que seus pais contavam da Itália, onde viveram até a adolescência, por que e como vieram ao Brasil?

- Vieram com um grupo de migrantes, no fim do século passado. Alguns do grupo voltaram depois à Itália, com meus avós por parte da mãe, que não se adaptaram no Brasil. Meu avô trabalhava numa fábrica de tecidos na Itália e não se acostumou no Brasil. Meu avô por parte do pai se estabeleceu em Guaporé, RS, trabalhando na roça. Em 1916 morreram meu pai e minha irmã de 4 anos de tifo, com quinze dias de diferença entre uma morte e outra.

- E a migração para Foz do Iguaçu como se deu?

- Casei com João Ricieri Maran e, quando tivemos o primeiro filho, fomos para Barracão, SC, onde já estavam dois irmãos do meu marido. Ficamos lá quatro anos. Não havia escola, igreja, moinho, hospital, nada. Não vi um padre naqueles quatro anos. Formamos um canavial para produzir cachaça, melado, rapadura, açúcar preto. Mas era difícil vender qualquer produto e ganhar algum dinheiro. Era preciso ir até Santo Antônio do Sudoeste, PR, com burro de cargueiro para vender cachaça. Aí tivemos uma encrenca com um caboclo e eu não quis mais viver em Barracão. Apareceu lá um homem oferecendo terras em Foz do Iguaçu. Meu marido veio ver, comprou terra, fez roça e então foi buscar a família, em agosto de 1933.

- Seu marido veio sozinho se embrenhar no mato e fazer roça?

- Ele trouxe junto alguns peões para ajudá-lo.

- Ele comprou de quem a terra?

- Do governo. Eram as chamadas terras devolutas da União. Meu marido requereu e conseguiu a terra.

- Quantos filhos a senhora teve?

- Tive 15 filhos, que me deram, até agora, 46 netos, 30 bisnetos e 2 tataranetos. Mas um dos meus filhos morreu num acidente aos sete meses de vida.

- Que acidente?

- Meu marido carregou a espingarda para matar raposas e outros bichos que atacavam nossa criação. Como naquele dia não apareceu nenhum animal, não atirou e guardou a espingarda carregada embaixo do colchão. Era verão, muito quente. Meu marido foi à roça e pediu que mais tarde eu levasse água para ele. Quando saí para levar a água, deixei as crianças em casa. Ao chegar onde meu marido estava trabalhando ouvimos um disparo de espingarda dentro de casa. Corremos para lá assustados. As crianças haviam achado a espingarda e, brincando, dispararam acidentalmente. O tiro acertou o rosto do bebê. Quando chegamos no quarto ele estava morto.

- Um choque tremendo, não?

- Terrível, um drama para toda minha vida. Era um bebê robusto, lindo, já engatinhava. O menino que disparou o tiro tinha seis anos. Apavorado, o menino que atirou foi se esconder no mato. Só voltou

para casa à noite, devagarinho, cheio de medo. Mas nós nem sequer o repreendemos, porque foi um acidente, ele não teve culpa. Anos depois, outra tragédia.

- Outra tragédia? O que aconteceu dessa vez?

- Um netinho nosso pegou bicho-de-pé e, certo dia, começou a passar mal. Levamos ao médico, que diagnosticou tétano. O médico logo nos disse que não havia cura, e de fato o menino morreu.

- Mas a vida da família continuou...

- Com a graça de Deus. Algum tempo depois disso mudamos para Campo Mourão.

- Por quê? Para fugir do drama da morte do bebê e do menino?

- Não. Mudamos porque em Foz do Iguaçu não havia comércio para o que produzíamos na roça. A população da cidade comprava tudo na Argentina. Nós produzíamos de tudo. Arroz dava que era uma maravilha. Mas só quem comprava nossos produtos, e nem sempre, era o quartel do Exército. Certa vez, por exemplo, tivemos uma belíssima safra de feijão, mas não conseguimos vender e tivemos que jogar tudo fora.

- Desse jeito, o melhor mesmo era se mandar de Foz do Iguaçu...

- Além de tudo isso, sofremos um assalto aqui na roça, e meu marido então decidiu se mudar para a cidade e abrir comércio no bairro Boicy.

- Foram assaltados na roça? Como foi isso?

- Fomos assaltados por paraguaios. O Para-

guai estava em revolução e muitos paraguaios fugitivos vinham para cá roubar ou buscar trabalho. Certo dia, à tardinha, eu e meu marido estávamos fazendo uma cerca, quando apareceram quatro paraguaios. Antes que chegassem perto, meu marido já foi me dizendo: "Esses chiruns querem trabalho, mas não vou dar". Eles se aproximaram e logo apontaram os revólveres gritando: "O senhor está preso!" Meu velho perguntou: "Quem são vocês?" E eles: "O senhor vai ver quem somos". Dominaram meu marido e o amarraram a uma árvore com as mãos atadas às costas com cipó. Então entraram na casa e reviraram tudo.

- E levaram o que puderam carregar...

- Sim. Fizeram uma "limpa". Levaram inclusive duas espingardas e um revólver. E levaram também dinheiro - quatro contos de réis, um bom dinheiro na época. Por sorte, havíamos emprestado cem contos a um comerciante de Ponta Grossa. Era muito dinheiro. Se tivéssemos em casa, os ladrões teriam levado. Mas eles queriam mais dinheiro, e nós explicamos que havíamos emprestado. Até mostramos a nota promissória. Os bandidos prometeram que quando recebêssemos o dinheiro voltariam para roubá-lo. Meu "velho" se aborreceu com aquilo, pegou de volta os cem contos e abriu comércio na cidade, abandonando a roça. Mas fomos mal no comércio. Certo dia, um viajante nos aconselhou a ir a Campo Mourão, dizendo que lá era lugar de futuro. Mudamos para lá e ficamos sete anos, com comércio. Houve, porém, secas e geadas que destruíram os cafezais e por isso nosso comércio caiu violentamente. Decidimos então voltar a Foz do Iguaçu.

- Voltaram para fazer o quê?

- Comprar uma serraria movida a água do rio Boicy. Aconteceu depois uma seca tão forte que o rio quase secou e a serraria teve que parar. Largamos então a serraria e voltamos para a roça, porque não tínhamos vendido a terra - esta mesma que compramos quando viemos do Rio Grande do Sul e onde estamos até hoje. Na ocasião, meu genro Haroldo Rover, nosso sócio na serraria, foi trabalhar na construção do Hotel Salvatti, lá por 1970.

- Pelas fotografias e pelos motivos religiosos que se vêem na sua casa, a senhora é muito religiosa, católica fervorosa, não?

- Graças a Deus. Naquela época em que viemos a Foz do Iguaçu não havia escola, então colocamos nosso primeiro filho na casa do padre para que pudesse estudar. O padre, a cada seis meses, vinha rezar missa aqui em casa. Monsenhor Manoel Konner veio duas vezes à nossa casa batizar as crianças das famílias que moravam por aqui e rezar missa. Também fazíamos festas e bailes em nossa casa para todos os que moravam nesta área. Vinham paraguaios e índios que moravam no lugar hoje chamado de Gleba Guarani.

- Havia muitos índios por aqui?

- Havia. Vinham muito à nossa casa. Eram mansos, mas me roubaram muita galinha. Vinham também pedir trabalho. Vinham aos bailes, de gravata...

- Índio de gravata?

- Índios de gravata, sim!

- Os bailes nunca acabavam em confusão, brigas?

- Não, nada disso. Era só festa, alegria.

(Extraído da Gazeta do Iguaçu - Edição de 12/09/93)

Retratos Foz do Iguaçu



Reprodução

Encontro festivo na avenida Brasil: da esquerda para direita, Carlos Sottomaior, Érica Welter e José Machado Portinho



Reprodução

Autoridades visitam as obras do Hotel das Cataratas. Da esquerda para direita, Estanislau Zambrinski Júnior, Rui Gandara, Romário Vidal, Carlos Sottomaior e Dr. Dirceu Lopes.



Aurea Cunha

Maria Odete Rolon

"A Colônia Militar cedia terras em Foz mediante apresentação de um simples requerimento"

Natural de Yuti, Paraguai, Erasto Rolon, nascido em 1883, migrou para o Brasil e se estabeleceu no Rio Grande do Sul. Casou e sua lua-de-mel foi a viagem de migração para Foz do Iguaçu. Aqui chegou com a mulher, Carlota Aires Rolon, em 1904. O casal teve 14 filhos (7 homens e 7 mulheres), dos quais vivem 5, entre eles a caçula da família, Maria Odete Rolon,

Procissão da festa de São Cristóvão nos anos 50
Desfile do Colégio Monsenhor Guilherme nos anos 60
Casa Escolar Jorge Schimmelpfeng

- Onde se originou o ramo da família Rolon que se plantou, criou raízes e cresceu em Foz do Iguaçu?

- No fim do século passado, ainda jovem, meu pai foi aconselhado por seu irmão a fugir para o Brasil, para as estâncias do Rio Grande do Sul, porque o Paraguai estava para entrar em revolução ou guerra civil. Muitos paraguaios debandaram. Meu pai foi para Santo Angelo, Rio Grande do Sul, numa caravana de oito pessoas com 60 burros. No grupo estava também um irmão do meu pai, que sumiu e ninguém sabe que fim levou. Em Santo Angelo meu pai foi trabalhar na fazenda do que viria a ser meu avô por parte da mãe.

- Lá, "seu" Erasto Rolon casou com a filha do fazendeiro, que viria a ser sua mãe...

- Sim. Casaram em 1904, ele com 21 anos e ela com 15. Casaram em San Pedro, Argentina, porque no Brasil não havia casamento civil. Só 20 anos depois meus pais casaram no civil no Brasil.

- Quando e por que seus pais vieram viver em Foz do Iguaçu?

- Logo após o casamento. Como minha mãe tinha apenas 15 anos, minha avó quis vir junto. E vieram também um tio e uma tia nossa. Cruzaram para a Argentina e foram a cavalo até Posadas, saindo de lá de barco até Foz do Iguaçu. Meu pai nunca mais voltou ao Rio Grande do Sul nem ao Paraguai.

- O que os atraiu para cá? Vieram fazer o quê?

- Foram atraídos pelas terras da região. Meu pai tinha certo conhecimento desta região e certo preparo para a agricultura. Conseguiu terras às margens do rio Tamanduá. A Colônia Militar cedia terras mediante a apresentação de um simples requerimento dos interessados.

- A lua-de-mel de seus pais, então, foi uma épica viagem do Rio Grande do Sul a Foz do Iguaçu?

- É. Casaram no dia 12 de dezembro e chegaram aqui no dia 27, em 1904.

- Viviam de que nos primeiros tempo?

- Viveram da agricultura até 1920, quando meu pai resolveu se estabelecer com comércio na cidade, nesta mesma área onde moramos hoje, no bairro Boicy. Em 1924, com a invasão de Foz do Iguaçu pelos revoltosos da Revolução Paulista, a família teve que se refugiar na Argentina. Lá meu pai passou a trabalhar com erva-mate até 1928, quando construiu um casarão na avenida Jorge Schimmelpfeng, para moradia e comércio. Logo que saíram os revolucionários em 1925, minha mãe voltou a Foz do Iguaçu e foi morar na casa de minha avó.

- Quando faleceram seus pais, Erasto e Carlota Ayres Rolon?

- Meu pai faleceu em 1938, aos 55 anos de idade, quando eu tinha apenas 4 anos, e minha mãe faleceu aos 82 anos em 1971.

- Teria algum outro fato marcante da vida da família Rolon?

- Um irmão meu foi assassinado na Argentina, quando lá trabalhava com meu pai na erva-mate. Ele e outro irmão iam ao acampamento da obra com o dinheiro para o pagamento dos peões e sofreram uma emboscada. Para roubar o dinheiro, o próprio compadre matou meu irmão. O outro conseguiu escapar escondendo-se no mato, mas assistiu à morte do irmão.

- Passando para a sua própria história, que oportunidade teve de estudo, de trabalho?

- Fiz o curso primário na Escola Bartolomeu Mitre, a primeira da cidade, fundada em 1928, em frente à Praça Getúlio Vargas. A escola tinha 10 salas de aula e funcionava de manhã e à tarde. A diretora era Ruth Pedroso. Terminado o primário, eu não sabia se ia a Curitiba estudar ou se ficava por aqui fazendo crochê. Minha mãe não queria que fosse. Queria que fizesse curso de datilografia para trabalhar em escritório. Nessa época as Irmãs Vicentinas construíram o Instituto São José, inaugurado em 1949. Lá fiz o ginásio. E depois cursei o normal regional.

- E faculdade?

- Só pude cursar faculdade em Guarapuava, indo para lá todos os fins de semana, de 1970 em diante. Muitos professores de Foz do Iguaçu e da região cursaram faculdade lá. Devo muito àquela faculdade. Aliás, sempre tive ótimos professores.

- Mas sua história em sala de aula e escola é maior como professora do que como aluna, não?

- É verdade. Comecei a lecionar em 1950, enquanto cursava a normal regional. Comecei lecionando aos sábados para soldados analfabetos do quartel. Em 1953, como professora municipal, fui designada para lecionar em Guaíra, que pertencia a Foz do Iguaçu. Lecionei lá até 1956, mas minha mãe achou melhor eu voltar. Voltei e saí do magistério.

- Como era Guaíra naquela época?

- Uma cidade pequena, habitada mais por argentinos do que brasileiros. Era "estrangeiro" quem falasse português. Quem mandava na vila era a Companhia Mate Laranjeira. Guaíra era uma miniatura de cidade, com água encanada, bem urbanizada, tudo feito pela Mate Laranjeira, criada pelos ingleses para a extração de erva-mate e depois passada aos argentinos.

- A senhora deixou o magistério para trabalhar em quê?

- Fui trabalhar no Escritório Contábil Titã, de Júlio Rocha Neto. Trabalhei lá de 1956 a 1960, quando me formei na escola normal, hoje curso de magistério a nível secundário, e voltei a lecionar. Daí para a frente nunca mais saí do magistério. Em 1960, o governador Moisés Lupion começou a

nomear todos os professores estaduais. Fui a Curitiba tentar minha nomeação. Na Secretaria da Educação disse que queria falar com o governador. Riram de mim. Deram-me um formulário para preencher um requerimento. Eu disse que sabia redigir e não precisava de formulário. Redigi o requerimento e dias depois estava nomeada. Na minha vida escolar, como aluna ou professora, passei por todas as leis, todas as reformas de ensino do país.

- Como assim?

- Fui diretora da Escola Bartolomeu Mitre de 1963 a 1967. Em 1968 fui inspetora de ensino primário e no ano seguinte voltei à sala de aula como professora suplementarista. Em 1970 fiz uma viagem de 40 dias à Europa, o que me ajudou muito como professora de geografia. Sou licenciada em geografia, com especialização em geografia humana e turismo. Aliás, sou professora do curso de turismo da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Foz do Iguaçu (Facisa). Também fui vice-diretora do Colégio Monsenhor Guilherme e, de 1974 a 1983, inspetora de Ensino de 2º Grau. Em 1983 me aposentei pelo Estado e voltei à Escola Bartolomeu Mitre. Em 1988 me aposentei pelo segundo padrão e parti para as escolas particulares.

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" Edição de 26/02/94)

Retratos Foz do Iguaçu



Reprodução

O então governador do Paraná, Bento Munhoz da Rocha Neto sendo recepcionado no antigo Aeroporto de Foz (hoje, Gresfi).



Reprodução

Propaganda eleitoral no Bar Palma, em 1946



Arquivo da Família Schinke

Marieta Schinke

“Dancei uma valsa com Santos Dumont. Ele era uma ótima pessoa”

Nascida em Palmeira, Paraná, em data imprecisa no início do século XX, Marieta Schinke migrou para Foz do Iguaçu também em data imprecisa, mas aqui viveu uma longa e divertida história até 1984, quando faleceu. Seu marido, Harry Schinke, foi o primeiro fotógrafo de Foz do Iguaçu. São dele as imagens mais antigas que a história de Foz do Iguaçu registra, como conta Marieta nesta entrevista.

(Aluizio Palmar)

- O que aconteceu com as fotografias de “seu” Harry Schinke, o primeiro fotógrafo de Foz do Iguaçu?

- Sumiram. Havia aqui em casa caixões de fotografias de grande valor histórico, mas nada sobrou. A Prefeitura, a Câmara de Vereadores e colégios levavam fotos para exposições e não devolviam.

- Em que ano Harry Schinke chegou a Foz do Iguaçu?

- Em 1922. Veio para trabalhar em profilaxia. Antes dele quem fazia isso era um tal de Castilho, muito bom profissional, mas que não se dedicava só à profilaxia. Mesmo assim ajudava muito o povo. Castilho foi embora e “seu” Schinke, a pedido do médico Amílcar Barca Pellón, assumiu a função. Harry era um artista também. Junto com o prefeito Jorge Schimmelpfeng formou um grupo de teatro.

- Com eles como atores?

- Sim. Jorge Schimmelpfeng era um entusiasta do teatro. Lembro de uma peça que apresentaram em que ele, que era gordo e baixo, fez papel de padre. E o médico Amílcar fez o papel de um advogado. Era muito engraçado e todo o povo assistia. Vinha gente da roça e até do Paraguai e da Argentina para assistir o teatro. Naquela época passavam por aqui muitos barcos a vapor e às vezes permaneciam aqui vários dias. Uma dessas paradas aconteceu justamente no período de Natal em que estava sendo apresentada a peça do padre e do advogado. Os argentinos que estavam na cidade foram assistir e distribuíram bolachas, vinho e champanhe à platéia.

- Mas quer dizer que a memória fotográfica de Foz do Iguaçu só começa com Harry Schinke?

- Sim, porque antes só turistas tiravam fotografias, mas só das Cataratas e dos rios, ao passo que o Harry foi o primeiro a registrar os aspectos da cidade e do povo.

- Como ele fazia para revelar as fotografias?

- Ele trouxe uma máquina reveladora e ele próprio preparava os compostos químicos para a revelação e fixação da imagem. Ele já tinha certa prática, e depois aprendeu técnicas novas com um alemão que aqui chegou.

- A história de Foz do Iguaçu começou a ficar registrada pela lente de Harry Schinke...

- Sim, ele era muito curioso e queria sempre registrar tudo o que acontecia. Era também muito corajoso. Fotógrafo tem que ser assim. Fotografou inclusive a Coluna Prestes.

- O que a senhora lembra da passagem da Coluna Prestes por Foz do Iguaçu?

- Quando chegou a Coluna Prestes, Harry estava em Guaíra fazendo recenseamento. Eu e os filhos fugimos para a Argentina. Poucas famílias permaneceram em Foz do Iguaçu. Lembro que os Engel e Arzoategui ficaram na cidade. Os Schimmelpfeng também fugiram para a Argentina.

Retratos Foz do Iguaçu

- Enquanto "seu" Schinke, certamente, foi ao encontro dos revolucionários pra fotografá-los?

- Sim, e ficou muito admirado com a audácia e com o ideal daqueles homens rudes. Ficou muito amigo de Luiz Carlos Prestes.

- Então os revolucionários não eram o bicho-papão que muitos pintavam?

- Que nada. Eram gente muito boa. Só para dar um exemplo: um oficial da Coluna Prestes foi à Argentina e quando nos viu cozinhando ao relento e nos abrigando em casebres de palha, pediu que voltássemos a Foz do Iguaçu, que eles nos dariam proteção. A luta deles era para mudar o país de modo que a vida do povo melhorasse. Mesmo assim, tínhamos muito medo.

- O que mais lembra da Coluna Prestes?

- Lembro que era formada por jovens altos, fortes e bonitos, muito bem educados. Foi uma pena que tenham perdido a revolução. Se tivessem vencido, acho que hoje o Brasil estaria melhor.

- Mas os revolucionários deixaram pelo menos um morto na passagem por aqui...

- Pelo que sei, só foi morto o escrivo Sã Ribas. Contavam que ele teria iludido uma moça e foi morto por um oficial irmão dela, por vingança.

- Outros contam que Sã Ribas foi morto porque desobedeceu a proibição de

vender gado no Paraguai.

- É outra versão... Qual é a mais correta não sei.

- E as tropas governistas que vieram expulsar os revolucionários, como se comportaram?

- Muito mal. Roubaram cavalos, gado e mantimentos do povo.

- Onde foi parar a máquina fotográfica de "seu" Schinke?

- Ele a deu de presente a um rapaz que apareceu por aqui e ficou morando em nossa casa, inclusive ajudando na construção dela. Ele aprendeu fotografia e então passamos a ser quatro trabalhando nisso - o Harry, eu, nossa filha e esse rapaz, de nome Valentim.

- Que fotos a senhora classificaria como as mais importantes entre as tantas que fizeram?

- O incêndio da igreja de madeira, os primeiros aviões que aqui chegaram, a descida do primeiro hidroavião...

- Não fotografou Santos Dumont quando veio aqui?

- Houve uma grande festa, baile e tudo mais. Eu dancei uma valsa com Santos Dumont. Era uma pessoa ótima.

- Quem trouxe Santos Dumont a Foz do Iguaçu?

- Jorge Schimmelpfeng, prefeito da época.

Soube que Santos Dumont estava na Argentina e foi buscá-lo.

- Quando faleceu Harry Schinke?

- Faleceu há cinco anos.

- É verdade que ele foi um dos primeiros a ter carro em Foz do Iguaçu?

- É verdade. Tinha um Ford "bigode" que ganhou de um argentino que o trouxe de contrabando. Harry ganhou o carro de presente de uma família argentina a quem socorreu e curou de impaludismo e de catapora, como prático em profilaxia que era. Certo dia, recebeu um recado de que deveria ir ao porto, onde teria uma surpresa. Foi até lá e encontrou dois rapazes argentinos com o carro. Eles disseram: "Este é o presente que papai mandou para o senhor".

- O que sabe a respeito do contrabando de pneus para a Argentina com destino à Europa, para as tropas de Hitler na II Guerra Mundial?

- De dia e de noite havia gente rolando pneus na barranca do rio Paraná. Certa vez apareceram uns pneus no fundo do nosso quintal. Nós nem mexemos nos pneus. Depois, os que os haviam deixado lá levaram não sei para onde.

(Extraído do "Nosso Tempo" - Edição de 14/01/81)



Casa Escolar Jorge Schimmelpfeng participa do desfile do Dia do Município nos anos 60, na avenida Brasil.



Procissão da festa de São Cristóvão nos anos 50



Desfile do Colégio Monsenhor Guilherme nos anos 60

Arquivo Família Maciel

Arquivo Família Maciel

Arquivo Família Maciel



Aurora Cunha

Miguel Marques

*"Na Itaipu, éramos quarenta e poucos mil homens.
A gente se considerava um irmão do outro."*

Miguel Marques é filho de policial militar João Marques da Silva, o famoso "João Barulho". Miguel nasceu em 29/9/40 na cidade de Posadas (Argentina) porque sua família, de origem alemã, teve que migrar para lá devido a Segunda Guerra Mundial, e veio a Foz com oito anos, é casado, tem oito filhos e uma rica lembrança de Foz das décadas de 60 e 70.

(Zé Beto Maciel)

- A família de sua mãe, de descendência alemã, teve que se refugiar na Argentina durante a Segunda Guerra Mundial (1939/45). Como foi essa história?

- Através de navio, barco, tinha o Doratido, tinha o Salto e o Cruz de Malta que descia até Posadas. De Posadas já não descia mais porque vinha o Mar del Plata - navio maior por causa da água que era mais brava. Aí quem tinha possibilidade mandou as mulheres, quem ficou sofreu as consequências. Como diz o outro, eu fui de encomenda para lá.

- Você estudou aqui no Centro (Escola Jorge Schimmelpfeng)?

- Estudamos muito ali. Depois nós passamos ao Mitre que era mais avançado. Porque era muito longe estudar ali, porque nós morávamos no Porto Oficial. Onde era o antigo do Batalhão, que era a Companhia Isolada da Fronteira.

- Sua mãe, seu pai foram para Argentina por causa da guerra?

- Meu pai não, minha mãe foi. O meu pai ficou defendendo a pátria brasileira, minha mãe foi para Argentina com meus irmãos, o Romão Marte, o Justo, a Rita e eu. Devido a Segunda Guerra Mundial.

- Por causa da origem alemã?

- Minha mãe era argentina. Só que acontece que o meu pai era de origem alemã e eles tinham medo. Por causa da guerra eles vinham pegando jovens. Quem tinha mais possibilidade pegou o navio e se

mandou para lá. Nós chegamos de volta para Foz em 1948, quando eu tinha oito anos.

- Onde estudou?

- Estudei no Mitre, depois no São José, onde tinha a irmã Melânia, que foi uma grande professora, quem me ensinou os primeiros passos. Porque é aquela história, você pode andar, mas se não tiver estudo, não pode dar os primeiros passos. Foi essa irmã, que se interessou a me ensinar. Você sabe que quando você tem outra língua, é difícil aprender duas línguas no começo. Tinha a irmã Catarina, grande irmã que me ensinou os passos mais além. Quando mudei para o Mitre - o prédio atual (no começo a escola Bartolomeu Mitre funcionou no antigo prédio da Coletoria Estadual - em frente à Câmara de Vereadores), eu estudei com dona Maria Conrado que era uma grande pessoa, todo mundo achava ela ruim, mas era o justo dela. Estudei com a ... não lembro o nome dela, a mulher do Silva Máquinas, professora que ninguém lembra quase, tem contadores, hoje em dia são contadores, professores que deram futuro, mas ninguém lembra.

- Entrou no Exército em 58?

- O contingente era com 18.

- Ficou até que ano?

- Eu vim de Curitiba, eu fiquei até 65, sofri um acidente nas (costas?) e vim pra Foz,

- **Saiu como do exército? Soldado?**

- Terceiro Sargento. Eu sou radiotelegrafista formado, né?

- **No Exército você fez o quê?**

- Radiotelegrafista. Quando eu me apresentei aqui eu já era formado.

- **Onde você fez esse curso?**

- Agradeço a ele, dou muitos votos para que ele ainda deva ser um capitão, até maior, que é o sargento Cavalin, que na época era o comandante do destacamento da Força Aérea em Foz do Iguaçu. Ele era radiotelegrafista e foi quem me ensinou os passos dessa grande profissão, que eu principalmente achava uma profissão tão bonita. Eu falei com ele, que disse "como você é amigo meu vou te fazer até de graça". E eu acho que ele fez, fico contente com o jeito que ele procedeu comigo, aí eu trabalhei no Posto Piestch, no Araújo na av. Brasil. Trabalhava meio dia em um, meio dia em outro e à noite eu ia estudar. Quer dizer que era sacrifício, fazia o curso de radio-telegrafista pra entrar no quartel. Que ele falou pra mim: "olha, você entrando nisso aí, você vai estar com o pé direito dentro disso. Logo, logo, você será uma autoridade. Como meu pai era Sargento, eu queria seguir carreira.

- **O que acontecia, você tinha que mandar mensagem?**

- Nosso comunicador, que é o Código Morse, nós que fazíamos a comunicação de um quartel ao outro.

- **Que tipo de comunicação acontecia?**

- Isso não se pode dizer, porque é segredo e não pode ser revelado. Um telegrafista não

pode revelar a outro se não for do mesmo contingente, do mesmo batalhão.

- **Ficou um ano aqui e foi transferido para Curitiba?**

- Fiquei seis meses.

- **Como cabo?**

- Radiotelegrafista é difícil ficar como cabo, fiquei como 3º sargento.

- **Até 65? A revolução foi em 64?**

- Eu passei a revolução em Curitiba.

- **E como foi em Curitiba?**

- Foi um tumulto muito grande, eu achei que aquilo ali não foi uma revolução.

- **Golpe militar ou não?**

- Como a gente fazia antigamente tomar um quartel do outro, uma manobra. Eu principalmente..

- **Teve muita gente presa?**

- Eu acho que foi mais uma manobra militar, porque se você é brasileiro, brasileiro é muito pacífico. Brasileiro é uma mãe. Eu gosto de ver o Brasil por isso aí, o brasileiro é pacífico, não é uma pessoa bruta, mesquinha, não é que faz as coisas e quer esmagar.

- **E o golpe teve apoio da população?**

- Teve. Teve bastante apoio, os civis apoiaram bastante.

- **Em Curitiba deu muito barulho?**

- Deu bastante barulho mas logo acabou.

- **Em 65 você veio pra cá?**

- Eu vim porque abriu a Volkswagen, mas

era dos Bordin. Eu cheguei e não tinha mecânico, aqui não tinha nada e eu fui trabalhar com os Bordin. Naquele tempo era posto de serviço. Depois passou a ser posto de serviço autorizado da Volks, aí passou a ser Paraguaçu de Automóveis. Dia 15 de junho de 65 eu cheguei e fui direto de 65 a 73, sai em dezembro de 73. Foi depois da Copa do mundo de 70. Aí eu montei uma autoelétrica pra mim e fiquei.

- **Naquela época tinha Aerowillis?**

- Naquela época só tinha carro velho. Sinca, Jeep 51, Ford. a Volks era importado, 67, 63, 68. Os carros mais modernos eram os da Ford.

- **Aí foi 78 na Itaipu?**

- 73 até 78 montei a Autoelétrica do Amigão, por intermédio de um amigo meu filho de um amigo de farda de meu pai. Aí ele insistiu e me levou para a Itaipu, éramos em 40 e poucos mil homens.

- **Como era o relacionamento?**

- A gente se considerava um irmão do outro. Sempre tem os ruins e os bons, no nosso setor era um irmão do outro. Éramos em seis mil homens. Eu mexia com painel eletrônico, descobria os segredos dos equipamentos com problema, aprendi a mexer com hidráulica, mecânica. De 78 a 79, morava em casa alugada pela firma. Morava em vila separada, não na Vila A. Eles queriam mandar a gente para o Paraguai, como tinha filhos ficava muito contramão, com ônibus. Porque os ônibus traziam as crianças, esposas. Eles sempre pagavam para mim.

- **E diversão, lazer?**

- Tinha tudo aqui, tinha área de lazer, campo de futebol, piscina. Meus amigos e filhos participavam, eu não bebo, não fumo, então eu não participava. Na folga, a gente trabalhava uma semana de dia e outra de noite e nas horas de folga podia ir lá. Tinha música. Cada vila tinha sua cancha, seu parque de diversão.

- **Em 79 você saiu de lá?**

- Dezembro de 79, vim trabalhar fora. Meu grande amigo Remídio me convidou pra fazer um serviço e como era um grande amigo eu fiquei com ele. Eu sou bom com quem é bom para mim, o ser humano tem que ajudar outro.

- **Você é filho do famoso João Barulho, fale um pouco?**

- Meu pai foi da Polícia Militar. Naquela época não existia a Polícia Civil. Ele não era o comandante, o subtenente Eduardo era do Comando. Tinha o Orlando, ele era ainda 3º sargento. Você que é filho de um grande amigo do meu pai, você sabe que o meu pai foi bom, o apelido dele era porque ele era brincalhão. Gostava de bagunça, para ele tudo era igual, criança, preto. O espírito brincalhão dele é igual ao meu. Se eu vejo que alguém vai me prejudicar, me afasto. Um dia eu disse para um rapaz que eu tinha orgulho da farda, porque essa farda me serviu de calçado, me deu comida. Eles falam que sou muito militar, mas eu me criei como militar, e pra mim tem que ser assim, porque hoje se você deixar a corda solta ...

(Entrevista inédita realizada a 16/05/1997)



Ney de Souza

Nina Moreira Andrion

“Comprava produtos alimentícios na Argentina, atravessava o rio com barco a remo e vendia aqui em Foz”

Nascida em Minas Gerais em 1911, Domingas Moreira Andrion, mais conhecida por Dona Nina, vive em Foz do Iguaçu desde 1953. Casou em Minas com um aventureiro espanhol e, depois de muito perambular pelo Brasil em obras rodoviárias, a família se fixou em Foz do Iguaçu. É uma história de muito trabalho, dedicação e harmonia, aqui contada por Nina, aos 82 anos de idade. (Juvêncio Mazzarollo)

- O que fazia a família de seus pais em Minas Gerais?

- Meu pai era arrendatário de um cafezal na Fazenda dos Barreiros, de propriedade dos Junqueira, o pessoal mais rico de Poços de Caldas.

- Havia lá oportunidade de estudar? Que estudo a senhora conseguiu ter?

- Estudei um pouco na escolinha do meio dos cafezais. Coitada da professora, dona Valentina! Ela tinha que fazer o almoço, então nessa hora deixava a aula para o aluno mais sabido.

- A senhora casou com Manoel Moreira Andrion, vindo da Espanha. Como isso aconteceu? Por que ele veio da Espanha para o Brasil?

- Ele veio ao Brasil aos 20 anos de idade. O pai dele morreu, a única irmã que tinha casou, então se aventurou pelo Brasil. Era pedreiro, talhava pedras para construções. Era um artista nisso. Um canteiro profissional. Não sei como foi parar em Poços de Caldas, mas lá nos conhecemos e casamos, eu com 17 anos e ele com 28. Continuamos morando lá mais alguns anos.

- E foram para onde? Vieram a Foz do Iguaçu?

- Não. Viemos para cá só em 1953, embora meu marido quisesse vir bem antes. Ele veio conhecer e gostou muito do lugar. Voltou disposto a se mudar para cá. Eu não queria porque diziam que aqui as pessoas sofriam de feridas feias e incuráveis nas pernas.

Meu marido Manoel insistia em vir porque considerava este um lugar de futuro. “Pode ser a nossa felicidade”, dizia. Enfim, viemos, quando já tínhamos o primeiro filho, Vanor Moreira Andrion, de apenas nove meses de vida.

- Saíram de Poços de Caldas e andaram por onde antes de se fixar em Foz do Iguaçu?

- Andamos por São Paulo, Rio Grande do Sul e outros Estados, trabalhando em construção de estradas. Íamos de um lado para outro, onde houvesse obras. O Manoel trabalhou, por exemplo, na construção da Estrada de Santos.

- Celebrizada numa música de Roberto Carlos... A senhora fazia o que nessas andanças, enquanto seu marido construía bueiros?

- Eu fazia comida e dava pensão à peonada. Cheguei a ter mais de 50 pessoas para alimentar e hospedar. Aliás, fiz isso também em Foz do Iguaçu, quando meu marido trabalhou no asfaltamento da Estrada das Cataratas e da BR 277. Quando a empresa Veloso Camargo terminou as obras e foi embora, um engenheiro veio pagar uma conta de um peão e me disse: “Dona Nina, nós nunca vamos esquecer de sua mesa”.

- A família morava onde? No Parque Nacional?

- Moramos durante três ou quatro anos na chácara do Hindu, um indiano mesmo, vindo da Índia. Meu marido trabalhava nas construções do Parque Nacional e eu trabalhava na chácara. Roçava, plantava e

colhia de tudo. Depois que o Manoel deixou aquele trabalho viemos morar aqui onde estou até hoje, no bairro Boicy. Montamos um bar que tocamos por muitos anos. Eu mantive pensão durante anos e anos.

- Quando Manoel Moreira Andrion morreu?

- Morreu em 1988, aos 90 anos.

- Tiveram quantos filhos e onde estão?

- Tivemos nove filhos, sete homens e duas mulheres. Dois filhos morreram. Os outros estão por aí se virando na vida.

- Ficaram ricos?

- O Vanor, que Deus o ajude, sempre soube se virar...

- Que outras lembranças a senhora tem dos primeiros tempos de vida em Foz do Iguaçu, dos costumes e modo de vida?

- Eu estranhei muito quando viemos para cá. Era muito matão isto aqui, um lugar feio. Em Poços de Caldas não éramos ricos, mas estávamos bem. Havia mais civilização. Aí casei com um aventureiro que com 20 anos de idade teve a coragem de deixar a Europa e os parentes para se embrenhar no Brasil, um país do qual nada sabia. Veio sem saber o que poderia fazer, como sobreviver. E no Brasil continuou com a marca do aventureiro. Essa vida, comparada à que eu tinha na casa de meus pais, era precaríssima. Foi duro me

acostumar com o estilo de vida do meu marido. Nunca o vi bêbado, nunca me agrediu. Sempre vivemos em paz, trabalhando muito. E sempre fomos benquistos por todos.

- Além de manter pensão e fazer comida para tantos peões, o que mais a senhora fez em Foz do Iguaçu?

- Depois que saímos da chácara do Hindu compramos a chácara que hoje é do Salinet. Nessa época eu fazia comércio de produtos argentinos. Comprava os mais variados produtos alimentícios, que eram muito bons, e vendia em Foz do Iguaçu. Atravessava o rio de barco, eu mesma remando. Meu marido comprou uma chalana que depois acabou sendo roubada.

- Seu marido Manoel nunca mais voltou à Espanha?

- Voltou uma vez, quando tinha 60 anos. O Vanor deu a ele a passagem. Viajaram o Manoel, o Vanor e a Alice. Eu tive que ficar porque não podíamos viajar todos.

- O velho deve ter ficado muito emocionado ao rever sua terra natal...

- Ficou muito emocionado e contente. Voltou reanimado, feliz da vida. Encontrou lá a única irmã que tinha e reviu a casa onde nasceu e viveu até os 20 anos, quando se aventurou pelo Brasil.

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - Edição de 21/08/93)

Reprodução



Porto Meira, divisa com a Argentina na época de 70.

Retratos Foz do Iguaçu

Porto Meira em 1982

Joel Petroski





Arquivo da família Galeano

Odilon Galeano

"Eu comprava as mercadorias na Argentina. Saía daqui do centro até lá, cruzava o rio, comprava a mercadoria e trazia no ombro"

O comerciante paraguaio Odilon Galeano nasceu em Hermandarias a 1/1/1915. Veio para Foz em 1949. Odilon é viuvo, foi casado com Leonarda Cândia Galeano, tem cinco filhos (Carlos, Domiciano, Luciana, Joana e Hugo), 11 netos e 13 bisnetos. Com problemas de saúde, a entrevista foi feita com ajuda de seu filho mais novo, Hugo, da qual transcrevemos os principais trechos.

(Zé Beto Maciel)

- Em que ano e o que fazia quando veio para Foz?

- Eu vim em fevereiro de 1949. Trabalhei inicialmente com o Mezzomo aquele que trabalha com bebida. Descarregava e trocava bebidas dos caminhões. Os camioneiros passavam em casa e me pegavam para descarregar as bebidas. Não tinha muita gente para fazer esse serviço na época. Eu trabalhei muito tempo com o Ermínio Mezzomo.

- E depois?

- Trabalhei em comércio, esse comércio pequeno, mercearia. Trabalhei com o comércio formiguinha da Argentina. Eu comprava as mercadorias lá, principalmente farinha e óleo, e revendia para os colonos no Brasil. Trazia mercadoria no ombro. O barco ficava no Porto Meira. Saía daqui do centro até lá, cruzava o rio, comprava a mercadoria e trazia no ombro até a minha mercearia. Não tinha carro naquela época, não tinha nada de transporte. Era um trabalho árduo, mas tinha que ser feito.

- Conta-se que foi o primeiro a trazer um parque de diversões para cidade. Em que ano foi isso, que lembranças o sr. tem?

- Eu não me lembro bem o ano, eu trouxe um parque que tinha aqueles brinquedos de cavalinho. Tudo mundo vinha para dar uma volta no brinquedo. O Vitória Basso, que era mocinho, tinha 15 anos, também brincava. Uma vez ele veio com uma turma de 15 rapazes e o parque já estava fechado. Eles reuniram 500 cruzeiros na época e nos pagaram para dar uma volta. Ele se divertiu muito com seus amigos.

Com o dinheiro pude levar os funcionários do parque para jantar.

- Também fazia viagens constantes para vender na região e passava pelos índios, pelas tribos. Como eram as viagens e o que vendia?

- Vendia de tudo. Era para obras, para o pessoal que trabalhava no interior. A princípio, eu não queria, mas um amigo me disse: vamos a Porto Índio, onde tem muito dinheiro. A primeira vez, peguei meu cavalo e carreguei 50 pares de sapato e vendi tudo. Na outra semana fui ansioso porque lá, na verdade, tinha muito dinheiro. Carreguei de novo meu cavalo. E o que meu amigo disse era verdade. Tudo que eu carregava conseguia vender. Tinha muito dinheiro rio acima. E depois comecei ir de carroça. Eu passava por todos os portos, Índio, Canoas, negociava por todos os portos do rio Paraná.

- Vendia e comercializava, já tinha comércio em Foz?

- Já tinha comércio em Foz, minha mulher cuidava do comércio enquanto eu viajava. Eu vendia a crédito, tinha muito crédito na praça, mas o pessoal pagava direitinho. Às vezes, alguns clientes queriam assinar um papel e eu me sentia ofendido. Não aceitava que assinassem papéis, a palavra valia muito mais. Só depois nos 60 e 70 que comecei anotar os fiados na caderneta. Aí já era outros tempos.

- Como seu comércio era abastecido em Foz?

- Tinha alguns amigos que me mandavam a mercadoria de outros

lugares, como Curitiba, Ponta Grossa, São Paulo. Os produtos alimentícios vinham da Argentina e um pouco era produzido pelos colonos de Foz. As frutas eu comprava do Bubiak e do Samek. Eles me vendia a fiado, melancia, banana, etc.

- O sr. lembra de seus amigos de sua época em Foz do Iguaçu.

- Não lembro, eles já morreram quase todos. Tinha um vizinho, um sargento militar, muito amigo meu. Ele ia comigo ao Paraguai e trazia mercadoria de Ponta Grossa. Tinha o Roberto Holler, o Ermínio Mezzomo, Manêncio Martins, Felix Martins - hoje quase todos são nomes de rua.

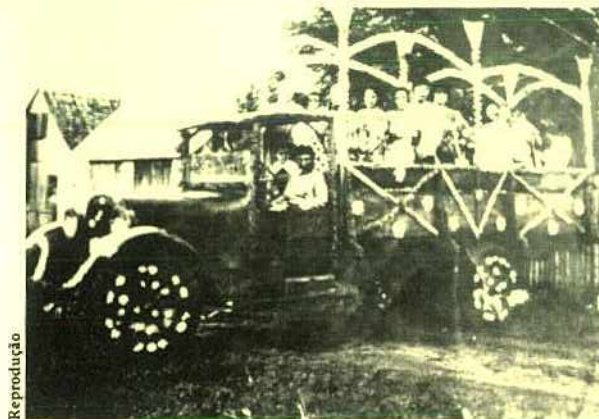
- Por que o sr. parou com seu comércio?

- Resolvi mudar de atividade, fiz algumas casas e passei a alugar. O comércio cresceu muito, dependia de muita mercadoria, tinha que comprar em grandes quantidades e não era o interessante para mim e aonde eu estava instalado. Fiz algumas casas e aluguei. Mesmo assim, trabalhava muito

- E o que o senhor faz agora, está com problema de saúde, fica em casa, assistindo televisão?

- Eu estou parado. Não faço nada, não ganho nada. Tenho sorte porque ganho muitos presentes, dinheiro, dos meus netos.

(Entrevista inédita, maio 1997)



Reprodução

Corso. Carnaval nos anos 30.



Arquivo da Família Vera

Foliões do Oeste Paraná Clube, fundado em 1928

Retratos

Foz do Iguaçu



Arquivo da Família Vera

Bloco no carnaval de 1938, no Oeste Paraná Clube.



Arquivo da Família Maciel

Ciclistas na parada de 7 de setembro de 54



Arquivo Família Maciel

Festa no bosque do Batalhão do Exército, na década de 50



Arquivo da Família Vera

Carnaval no Grêmio Olavo Bilac (atual Gresfi)



Áurea Cunha

Osvaldo Ferraz Damião

“Era difícil tocar uma ação na justiça porque os juízes vinham para cá só alguns meses por ano”.

Uma ilustre família foi plantada e construída em Foz do Iguaçu por Antônio Ferreira Damião Neto (1911-1993), mas ele silenciou e deixou sua história com os filhos. De onde veio, veio fazer o que e o que fez esse filho de migrantes portugueses? Seu filho Osvaldo Ferraz Damião, nascido em 1940, em Araçatuba, SP, responde a seguir.
(Juvêncio Mazzarollo)

- O que poderia lembrar de mais significativo na vida de seu pai, Antônio Ferreira Damião Neto, em São Paulo, antes de mudar para Foz do Iguaçu?

- Em São Paulo ele se formou em Direito, em 1934, e no mesmo ano casou em Minas Gerais com Maria Monteiro Ferraz, com quem teve sete filhos (Moacir, La Sílvia, Sílvia, Osvaldo, Beatriz, Milton e Marcelo). Em 1932, meu pai lutou na Revolução Constitucionalista - era soldado da Força Pública de São Paulo. Foi preso no fim do embate. Depois foi escrevente da Polícia Civil. Em Araçatuba advogou e foi colaborador do Jornal “A Comarca”, fundado por seu pai e que ainda hoje circula. Foi também vereador lá. Em 1953 mudou-se com a família para Foz do Iguaçu.

- Que ventos o trouxeram para a fronteira?

- Ele era advogado de uma colonizadora, a Cacique, de São Paulo, que tinha uma gleba nesta região. Numa vistoria que veio fazer da área e sua documentação, conheceu Foz do Iguaçu, gostou e previu para esta região um grande futuro, por isso resolveu ficar. Dizia que Foz do Iguaçu “é uma fatalidade geográfica”, por seu potencial indestrutível de progresso: condição de fronteira com dois países, Cataratas, rios Iguaçu e Paraná, Parque Nacional, florestas e terras férteis.

- Seu pai tinha espírito desbravador?

- Sim, tanto que na década de 40 colonizou Bertioga, SP.

- Depois veio desbravar Foz do Iguaçu. Começou fazendo o quê?

- Montou escritório de advocacia e uma loja, nas proximidades de onde está o Banco do Brasil. Quem não é do ramo faz assim: Meu pai quis uma loja de produtos sofisticados e se pôs a vender radiolas, só que não havia eletricidade regular na cidade. Resultado: Um ano depois teve que fechar a loja. Passou então a só advogar, mas era difícil tocar uma ação na Justiça porque os juízes vinham para cá só alguns meses por ano.

- Seu pai foi um dos fundadores da Rádio Cultura, não?

- Sim. Entre 1954 e 55, junto com o major Acylino de Castro e outras pessoas, participou da fundação da Rádio Cultura AM, da qual foi diretor comercial. Batalhou na compra e instalação dos equipamentos, na obtenção do prefixo, a concessão do governo. Ele também foi muito dado aos negócios, transações imobiliárias...

- De que mais Antônio Ferreira Damião foi fundador?

- Foi sócio-fundador do Country Clube, do qual era sócio benemérito número 1. Foi o primeiro presidente do Country. Participou ainda da fundação da Associação Comercial e Industrial, do Lios Clube, que também presidiu, e da Loja Maçônica. Idealizou e construiu os hotéis Carmim, Alvorada e Panorama. Em 1975 se aposentou na advocacia e passou ao ramo imobiliário - loteou e urbanizou o bairro Jardim América, por exemplo. Em 1978 fundou o Colégio São Luís. Colaborou com o jornal “A Notícia”, de João Lobato Machado - enfim, foi um

homem que atuou em praticamente todos os campos da vida de Foz do Iguaçu.

- O que mais sobre Antônio Ferreira Damião?

- Os documentos que guardo dele podem ajudar: a primeira carteira de motorista dele, tirada quando tinha 14 anos em 1925; brevê de piloto tirado em 1943; carteira de sócio da Associação Paulista de Imprensa (1935); da Liga Brasileira de Amadores de Radioemissão, sócio do Aeroclube de Santos (1945); primeira Carteira de Trabalho (1939), como jornalista de "A Comarca" e da Associação Brasileira de Escritores, seção de São Paulo.

- E a história continua, com os filhos, entre eles Osvaldo Ferraz Damião. Qual é a sua história em Foz?

- Montei a Agência de Turismo Alvorada e comecei a ir a São Paulo em busca de turistas através das agências de lá. Em poucos meses já estava com dez kombis transportando turistas. Meu pai tinha uma área de terras na Estrada das Cataratas. Resolvemos construir um hotel, e surgiu aí o Hotel Carmim, com 36 apartamentos. Depois os Bordin compraram o Hotel e venderam a Hermínio Gatti, que o ampliou inteiramente.

- No final da década de 60 e início de 70, antes mesmo de Itaipu, o turismo já começava a desmanchar?

- Sim. A Ponte da Amizade foi inaugurada em 1965, a BR 277 estava sendo asfaltada (foi inaugurada em 1969) e o Aeroporto Internacional estava em construção. E a Estrada das Cataratas também foi asfaltada nesse período. O advento de Itaipu deu um

impulso extraordinário a todos os setores da economia da cidade, mas o turismo já vinha se aquecendo há anos.

- Que outras ações desenvolveu no campo turístico?

- Fui fundador do Sindicato de Hotéis, no início da década de 70, e da Companhia de Melhoramentos Cataratas, com o objetivo de construir um centro de convenções. Guardo um artigo que escrevi para o jornal "Diário de São Paulo" justificando a iniciativa do centro de convenções.

- Que exposição de motivos fez?

- Mostrei que Foz do Iguaçu tinha condições de se tornar o maior centro turístico da América do Sul. Apresentei estatística do movimento turístico: 70 mil em 1966; 88 mil em 1967; 132 mil em 1968; e 255 mil em 1971. Estávamos no governo Figueiredo e eu levei a idéia do centro de convenções ao ministro Said Farah, que pediu um projeto arrojado e nos encaminhou ao arquiteto Oscar Niemeyer. Mas a proposta não prosperava. A Companhia Melhoramentos passou a outras mãos, houve avanços e recuos, muita luta, até que enfim saísse o Centro Internacional de Convenções de Foz do Iguaçu. Foi uma idéia que lançamos ainda em 1972.

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - Edição de 12/2/94)

O prefeito de Foz em 1982, coronel Clóvis Cunha Vianna, discursa na inauguração do Ginásio Costa Cavalcanti. Na foto, Dona Léa (ao fundo, encoberta), o radialista Oliveira Junior, Tercio de Albuquerque, João Kuster, Antônio Mazurek, Emerson Peixoto de Oliveira, Hoskende Novaes, Costa Cavalcanti, Ney Braga, e João Felício.



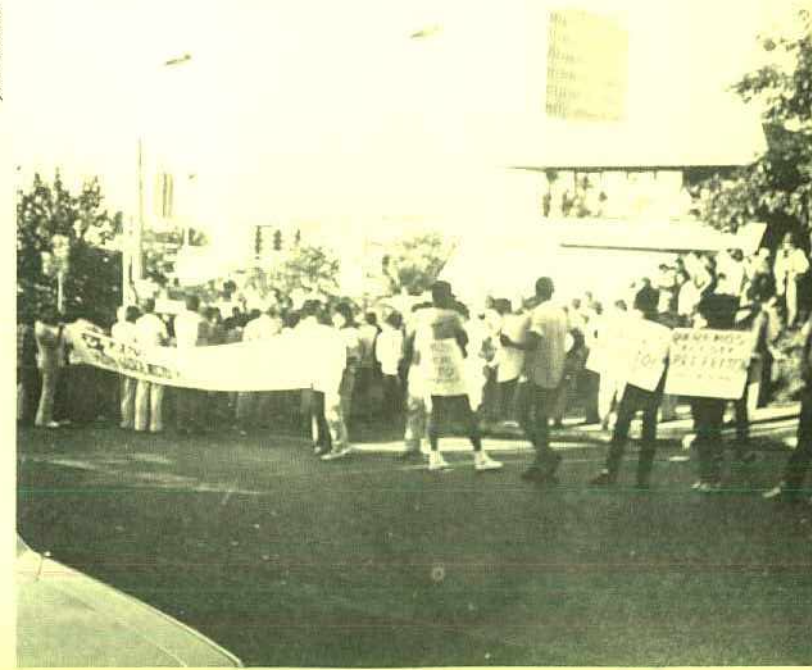
Joel Petroski

Retratos

Foz do Iguaçu

Joel Petroski

Manifestação pró-eleição direta para prefeito em Foz do Iguaçu na frente da Câmara de Vereadores em 1983. De 1966 até 85, os prefeitos eram nomeados pelo governo federal.





Aurea Cunha

Osvaldo Pilatti

*"Ali no aeroporto antigo, no GRESFI, não é laje,
é estuque, tela esticada, capim e massa.*

O mestre de obras, Osvaldo Pilatti, nasceu em 21/9/1925 em Guarapuava. Em 1939, então com 14 anos, ele veio para Foz do Iguaçu. Trabalhou na companhia Dona Bela e ingressou no Exército. Ele trabalhou na construção do 34º BIMtz, do antigo aeroporto, Bartolomeu Mitre, do Hotel das Cataratas e da antiga Santa Casa Monsenhor Guilherme.
(Zé Beto Maciel)

- O sr. começou a trabalhar em 1940?

- Na Companhia Dola Bela.

- E o que fazia?

- Eu comecei a trabalhar de servente para atender os pedreiros. No quartel, eu trabalhava de pedreiro com o Araújo - o maneta -, por dois anos. Aí eu larguei, a firma foi embora e eu comecei a fazer biscate, fazer um servicinho aqui, ali. Trabalhei até para o Luiz Schinke, reformei a casa dele e entrei no quartel. Sai, dei baixa, fui para Curitiba e regressei em 50, casado e com um filho, o Luiz que nasceu aqui em Foz. Dali para cá, trabalhei em empreitada, como construtor.

- Trabalhou no Exército?

- Construí dois pavilhões. Daqueles antigos.

- Já como soldado?

- Como civil. Antes de incorporar eu trabalhei ali por hora, ganhava 1 cruzeiro e oitenta centavos, depois como especialista eu ganhava dois e cinquenta a hora.

- O sr. trabalhou na construção do hotel das Cataratas?

- Trabalhei um mês e pouco na Companhia Dola Bela, a companhia que fez a sede, a usina, eu trabalhei um mês rebocando a parede.

- Quando o sr. voltou em 50 já voltou com a olaria?

- Não, eu fiz a olaria em 62. De 64 até 65 eu trabalhei na olaria. Fazia tijolo quatro buraco e telha. Não, máquina não tinha. Era a muque manual. Eu comecei a cavar, cinco mil tijolo por dia. Não vendia, só tinha duas olarias, a do padre e a nossa. O resto era olaria puxada à cavalo, hoje tem olaria boa. Sempre trabalhei como mestre de obra. O trabalho era por metro quadrado pronto. Na frente do batalhão, eu fiz dois prédios para o velho Gomes, um com 35 por 36 com três pisos, onde é a farmácia com três pisos, aquele do Domaresk, depois fiz o prédio do Albino, do relojociro, quatro andares, depois fiz a casa do velho Gomes.

- Além de ser por metro quadrado, o senhor contratava pedreiro?

- Contratava pedreiro por hora. Quando eu fiz o prédio do posto, era um prédio com 3 costelas, onde ele repartiu com os filhos dele, levei 1 ano em meia. Depois fiz o prédio do finado Paganotto, em quatro meses com 10 pessoas. Tinha a minha firma, depois encostei.

- Como era a cidade naquela época?

- Tinha quatro prédios de material. Tinha do Acácio Pedroso, onde era o correio, a igreja em construção, a casa dos padres, a prefeitura que já estava pronta. O Hotel Casino Iguaçu, que estava em construção, que foi inaugurado em 41, tinha o Ritz aqui em baixo, ele era comerciante, a casinha era de madeira. Era uma rua. Tinha um na Schimmelpfeng em cima e o Botafogo, que hoje é a av. Brasil. O resto era só picada.

- O sr. um dos primeiros empreiteiros a chegar em Foz?

- Fui quase o primeiro, trabalhava com o Tadeu Gardolinski.

- Onde o sr. aprendeu a construir?

- Em 40 com a Dola Bela. Lá tinha um construtor alemão, ele puxava para o meu lado, me ensinava. Eu tinha cabeça boa, via alguém rebocar e já aprendia. No aeroporto no antigo, aeroporto onde é o Gresfi, no meio daquele pau torcido, eu reboquei naqueles vãos, ali é estuque.

- O que é estuque?

- É uma tela esticada por cima, põe capim e aí põe massa, vai escorando por baixo e faz aquela parede. Assim que foi feito, ali é tudo estuque e não laje.

- Foi ali que o sr. aprendeu a construir com o alemão, como era o nome?

- Gustavo, o sobrenome não lembro. Depois tinha o Araújo que se interessava por mim, ele era o contador da firma. Eu reboquei no quartel, reboquei muita parede e tijolo, só mexia com construção.

- Qual foi o pique de mais obras em Foz?

- De 75 pra cá. Tinha a casa do Gomes e as obras do Batalhão fiz num tempo só. Depois fiz do Albino, depois o do Gomes e por último o posto. Depois eu parei mais ou menos em 78, fiquei doente. Com o dinheirinho que sobrou fiz o meu prédio. Não consegui aposentar, no tempo que eu trabalhei na Dola Bela, e em Curitiba dois anos e pouco na firma Marcos Baggio onde eu aprendi melhor. Trabalhei com outro Gustavo meu padrinho de casamento. Ele era

empreiteiro e eu trabalhava por hora, 7 cruzeiros por hora. Depois vim para cá, perto da Marinha, trabalhei dois anos e pouco onde construí o grupo, o Mitre, o hospital Santa Casa e o Colégio Agrícola, eu fiz aquele muro de careca, já era mestre de obra.

- Além de construir, o senhor gostava de pescar, pescava bastante?

- Pescava, pegava muito dourado, armava o espinhel na boca do Acaray. Bagre e curimba era para isca. O dourado, surubi, pacu. Só pescava por esporte, só nos sábados. Às vezes, vendia algum surubi bonito. Meu irmão vendia com cabeça e tudo para o Batalhão. Naquela época tinha muito peixe, cinco ou seis surubis, até 10. Com remo, o rio era a mesma coisa. Ainda de vez em quando eu pesco. Agora só dá bagrinho.

- Seu Osvaldo deu para juntar um dinheiro nessa época de construção?

- Deu nada. Empreitada nunca dá, quando você paga os operários não sobra nada. Empreiteiro, construtor só ganha dinheiro se for ladrão. Mas honesto como eu era. Os construtores que vão pra frente, é porque rouba tudo, leva material dos outros e constrói para ele.

- Barateou mais a obra agora?

- A mão-de-obra. O material é mais caro. Naquele tempo pagava cinco cruzeiros o saco de cimento, o cimento e ferro sempre foi o mais caro, e a areia. A areia está mais cara. Esses dias eu comprei areia paguei R\$ 70. Agora tá R\$ 90. Seis metros cúbicos. O tijolo tá R\$ 115 o de seis buracos. De 20.

- A sua empresa era familiar, seus filhos

trabalhavam nela?

- Só nós da família mesmo. Pegava particular tinha firma registrada. Uma vez no prédio do batalhão trabalhei com 25 pessoas entre pedreiro, carpinteiro, onde tinha dois novatos e tinha 23 registrados. Peguei dois novatos, chegou um fiscal do Crea (Conselho Regional de Arquitetura e Engenharia), e como só tinha uma semana que os dois estavam trabalhando me aplicaram uma multa de 800 cruzeiros para eles. Dali 11 meses mandaram uma multa de 11 mil e poucos cruzeiros. Quer dizer, os fiscais, os gatos, pegaram 900 paus pra cada um, não deram o nome nem nada. Dali um ano eles mandaram outra multa que eu peguei dinheiro com o Pedro Rodinski tive que tirar um dinheiro onde eu teria lucro por causa daqueles dois vagabundos. Naquele prédio do Rodinski eu tinha a minha firma registrada, era tudo misturado. Aquele prédio grande do Batalhão eu fiz só com o nome da minha firma, depois o outro eu fiz com o nome dele. Aquele prédio eu levei um ano e pouco. O engenheiro que fez a planta foi pro Rio de Janeiro e morreu. Ali que eu tive o lucro de um dinheiro.

- Como o senhor comprou o seu terreno?

- Esse terreno eu comprei de um vigarista comprei meu, ele comprou por cinco mil cruzeiros e me vendeu por 12. Era 30 por 60 (metros), eu paguei seis mil cruzeiros e a minha mãe seis. O juiz mandou ele pagar a Cisa - a dona na verdade. O juiz disse você paga ou lhe piko na cadeia. O terreno não era dele, era do Aírton Ramos, da irmã dele. Ela quem me passou a escritura. Ele quase entrou no braço com o Chicão que era dele. Mas nenhum dos dois tinham pago. O cara naquela época fazia negócio sem dinheiro.

- Da sua vivência como construtor em Foz?

- A última obra que eu fiz foi a do Gomes daí eu parei.

- Aquela do Pedrinho (avenida Brasil esquina com Jorge Samways) do lado da farmácia foi o sr. que fez?

- Aquela foi um argentino que fez, para cima dele ali, tinha uma padaria, ali eu fiquei doente. Um ano eu fiquei internado por causa do forno, prejudiquei o pulmão, antes de 75, 74. Quando eu voltei, trabalhei de construtor.

(Entrevista inédita, maio 1997)



Ney de Souza

Ottília Ignez Werner Friedrich

“Os revolucionários eram gente boa. Vinham muito lá em casa buscar leite, que eu dava sem cobrar porque tinha bastante”

Ela talvez seja a mais antiga moradora viva de Foz do Iguaçu. Ottília Ignez Werner Friedrich, cujos avós migraram da Alemanha para o Brasil, nasceu em Curitiba em 1904, filha de mãe nascida em alto-mar, e veio a Foz do Iguaçu em 1909. Casou com Hermann Friedrich e teve oito filhos que lhe deram 45 netos e 77 bisnetos. Seu irmão José Werner foi prefeito de Foz do Iguaçu.
(Juvêncio Mazzarollo)

- A senhora procurou saber por que seus avós migraram da Alemanha para o Brasil e por que se estabeleceram no Paraná?

- Pelo que eu soube, vieram porque preferiam lugar sossegado, viver no interior, longe das grandes cidades. Meu avô era marceneiro. Não sei como vieram da Alemanha nem por que escolheram Curitiba.

- Mas por que depois trocaram Curitiba por Foz do Iguaçu a senhora sabe?

- Pela mesma razão que trocaram a Alemanha pelo Brasil - o gosto de viver na natureza, longe de cidades e grandes concentrações populacionais. E Foz do Iguaçu, no início do século, era mato, natureza pura. Nós brincávamos lá na área onde está a Catedral, nos divertíamos vendo capivaras, veados e outros bichos do mato circulando perto de nossa casa.

- Animais ferozes também? Tigres, leões?

- Também. Certa vez, um tigre passou pertinho de minha mãe e só olhou para ela. Naquele tempo até os animais eram educados. Meu tio e minha mãe, com um bebê no colo, saíram a cavalo não sei para onde, no meio do mato. Junto iam outras famílias. A certa altura, o bebê começou a querer mamar. A mãe apeou do cavalo para dar de mamar. A caravana seguiu em frente e meu tio, Alfredo, que ficou junto com a mãe e o bebê, entrou no mato. Quando ele voltou, ela tinha esta história: “Alfredo, nunca vi uma coisa tão linda!” Alfredo perguntou: “Mas o que foi que viu de tão lindo?” Ela respondeu:

“Um gato tão grande, tão lindo! Ele passou pertinho de mim, só olhando...” Alfredo se arrepiou: “Rosa, pelo amor de Deus! Você viu um tigre. Só pode ser. Estamos viajando há três dias sem encontrar uma casa, por isso não pode haver gato doméstico neste mato”. De fato, o tigre passou por minha mãe e o bebê.

- Se o tigre estivesse com fome... Mas como vieram de Curitiba e como se estabeleceram em Foz do Iguaçu?

- Meu pai veio na frente, sozinho, em 1908, e se hospedou na sede da Marinha, até conseguir sua terra e seu barraco. Naquele tempo Foz do Iguaçu era Colônia Militar, que distribuía terra a quem pedisse. Nem se pagava a terra. Só se pagava a escritura. Meu pai requereu e conseguiu a área onde hoje está a Catedral. Lá ele construiu nossa primeira casa. Marceneiro que era, ele fez a casa e os móveis. A família ele trouxe no ano seguinte, em 1909.

- De que vivia a família nos primeiros tempos de Foz do Iguaçu?

- Meu pai mantinha a família fazendo construções de madeira e móveis. Ele foi o primeiro marceneiro de Foz do Iguaçu. Montou a primeira serraria do lugar.

- Como era a serraria? Movid a braço, certamente.

- Sim. Era assim: um buraco fundo no chão, com um homem dentro e outro fora. A tora era empurrada sobre o buraco e os dois homens iam serrando com uma serra grande. Depois meu pai conseguiu montar

uma serraria movida a água no rio Tamanduá. Ainda hoje devem estar lá as canaletas que conduziam a água até a roda que movia a serra. O maquinário ele conseguiu através de minha tia, em Curitiba. Escreveu a ela contando das dificuldades que tinha para serrar madeira e derrubar mato. Ela resolveu o problema mandando a serraria para ele pagar quando pudesse. Vivíamos bem. Difícil era conseguir algum dinheiro. Tudo era muito barato. Não havia cidade. Nessa área onde estão a Polícia Federal e o Correio havia uma pastagem. Eu tinha cinco vacas, depois de casada, que pastavam na quadra onde hoje está a Escola São José.

- Seu pai ficou muito tempo com serraria?

- Ficou um bom tempo, mas teve que vender porque enquanto ele ficava em casa fazendo móveis, os peões da serraria, ao invés de trabalhar, iam caçar. Depois montou outra serraria na cidade, e ali teve uma desgraça. Subiu num andaime para escolher umas madeiras, caiu e quebrou a coluna. Ficou na cama pelo resto da vida, até morrer de derrame cerebral.

- Passando às histórias de sua própria vida: como foi seu casamento?

- Casei aos 17 anos com Hermann Friedrich, vindo da Alemanha aos 14 anos. A família dele morou no Paraguai. O pai dele era ferreiro. Havia um único ferreiro em Foz do Iguaçu, mas morreu. Os Friedrich souberam e vieram para cá substituí-lo. Meu marido Hermann ajudava seu pai na ferraria, mas depois montou uma oficina mecânica. Foi o primeiro mecânico de Foz do Iguaçu.

- Mas como era o namoro, o casamento,

a cerimônia e a festa para os noivos?

- O padre vinha de Guarapuava uma vez por ano, a cavalo, e ficava aqui 15 dias, no período da festa de São João Batista. Fazia batizados, casamentos, confissões. Muitos argentinos e paraguaios aproveitavam para vir batizar crianças e casar porque lá também não havia padres. A cerimônia religiosa do casamento era a mesma de hoje, só que mais simples. O casamento civil era feito pelo juiz na casa dos noivos. Para a festa do meu casamento minha mãe fez um jantar e só convidou o juiz e a esposa dele.

- Como conheceu o Hermann Friedrich?

- Quando os Friedrich vieram do Paraguai para tocar a ferraria não sabiam falar português. Jorge Schimmelpfeng indicou a eles a nossa família (Werner) para intérprete quando precisasse. Foi nisso que conheci o Hermann. Quando vinha lá em casa ficava me olhando, olhando, e eu ficava com raiva. Às vezes eu saía de casa e ele me acompanhava de longe, e eu brava com isso. Ele não me falava nada. Eu notava que ele queria me namorar, mas não dizia.

- Que artifício ele usou para enfim abrir o jogo?

- Certa vez, sendo Hermann mecânico, Jorge Schimmelpfeng o convidou para acompanhá-lo numa viagem a Curitiba com seu carro. Ele foi. Na viagem, Hermann foi dar manivela no carro, a manivela deu para trás e quebrou o braço dele. De volta a Foz, como não havia médico, Jorge Schimmelpfeng o encaminhou a Posadas para arrumar o braço. Antes de partir pediu à minha mãe se de Posadas podia mandar uma carta para mim. Mandou uma carta para minha mãe, que era

uma mãe para ele também, e um cartão para mim. Quando voltou começamos a namorar. Namorava na sala sem pegar na mão dele. Quando saía à rua minha irmã nos acompanhava.

- Seu marido foi mecânico. Mas havia carros para consertar? Quando chegaram aqui os primeiros carros?

- Não lembro o ano, mas quando Jorge Schimmelpfeng trouxe o primeiro carro eu ainda era menina. Depois a família Schinke comprou carro. E o terceiro carro que veio a Foz do Iguaçu foi o de meu marido. Só que quando vieram as revoluções, em 1924, levaram nosso carro. Pediram o carro com a promessa de devolvê-los quando vencessem a revolução. Nunca mais devolveram. Não sei que fim levou aquele carro.

- Sua família também se refugiou na Argentina quando vieram os revolucionários?

- Não. Os revolucionários eram gente boa. Vinham muito lá em casa buscar leite, que eu dava sem cobrar porque tinha bastante. Diziam que não era para ter medo. Só mataram um homem, um fazendeiro que passava gado para o Paraguai. Os revolucionários o avisaram que se continuasse iria se arrepender. Ele continuou e foi condenado à morte. Levaram o coitado à barranca do rio Paraná, fizeram abrir sua própria sepultura e o mataram.

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - Edição de 31/12/93)

Retratos Foz do Iguaçu



Arquivo Família Maciel

Taxidermista expõe animais empalhados para o Museu do Parque Nacional do Iguaçu na década de 50.



Arquivo Família Maciel

Demonstração do Exército em frente ao Grupo Escolar Bartolomeu Mitre.



Reprodução

Ottília Schimmelpfeng

*"Conheci Getúlio, Juscelino, Jango (João Goulart)
e Santos Dumont pessoalmente"*

Filha do primeiro prefeito de Foz do Iguaçu, Jorge Schimmelpfeng, Ottília Schimmelpfeng é memória viva do município. Estas páginas são espaço pequeno para tudo o que ela poderia contar, mas suficiente para traçar o perfil dela própria e das tintas com que pinta a história de sua cidade, da qual tanto se orgulha e quer ver mais e mais pujante.
(Juvêncio Mazzarollo)

- Que força do destino trouxe seu pai, Jorge Schimmelpfeng, a Foz do Iguaçu? Quando e como isso se deu?

- Meu pai Jorge foi enviado a Foz do Iguaçu, de Curitiba, em 1905, como membro de uma comissão criada pelo Governo do Estado para elaborar estudos e planos de povoamento e desenvolvimento dessa região. Apesar do ambiente inóspito, ele se encantou com o lugar, aqui plantou raízes e aqui decidiu viver.

- E a senhora, quando veio?

- Eu vim pela primeira vez em 1922, após concluir o curso colegial, quando meu pai ainda era prefeito de Foz do Iguaçu. Viemos numa caravana de dois carros, acompanhados de empregados e peões que armavam as barracas quando parávamos para descansar, comer e dormir, abriam passagens em trecho intransitáveis da estrada e empurravam os carros quando encalhavam.

- Aconteceu algum acidente na viagem?

- Não. Mas quando chegamos ao Rio Cascavel chovia muito e ele transbordava. Tivemos que pernoitar à beira do rio. Durante a noite ouviam-se vozes de animais selvagens (macacos, tigres e outros). Era mato fechado, uma escuridão completa. Falei para meu pai: "Mas que lugar horrível!" Ele respondeu: "Talvez a gente venha morar aqui". E eu: "O quê? Na terra dos macacos?" Ele: "Você está enganada, minha filha. Aqui vai crescer uma grande cidade". Dei risada, mas ele não errou - Cascavel é hoje uma grande cidade.

- E de Cascavel a Foz do Iguaçu como foi a viagem?

- Tivemos que ir por Santa Helena porque o Rio Silva Jardim havia transbordado e não permitia passagem. Era uma odisséia uma viagem entre Curitiba e Foz do Iguaçu. Levamos um mês para chegar.

- Onde ficava a moradia de família Schimmelpfeng em Foz do Iguaçu quando a senhora chegou?

- Na quadra da Avenida Brasil onde hoje está o Hotel Ortega. Lá meu pai tinha um pequeno hotel.

- Foi mesmo seu pai quem primeiro construiu hotel nas Cataratas?

- Foi. Ele levou a idéia ao governo do Estado e este assumiu o compromisso de construí-lo. Foi feito o projeto e meu pai, vendo que o governo não se mexia, começou a construção com seus próprios recursos, confiante de que depois seria ressarcido pelo governo, mas nunca foi.

- Esse Hotel das Cataratas é aquele que foi destruído por um incêndio?

- Sim.

- Quando a senhora conheceu as Cataratas?

- Em agosto de 1922. Levava-se duas horas para ir até lá.

- A cavalo, de carroça ou de carro?

- De carro. Eu fui de carro. Aliás, de pioneirismo em Foz eu tenho o fato de ter sido a primeira mulher a dirigir carro aqui - o Ford "bigode" de meu pai. Eu tinha 13 para 14 anos. Havia na cidade três carros Ford e dois ou três caminhões, que só pegavam com manivela.

- Que lembranças tem da passagem por Foz da Coluna Prestes, entre 1924 e 1925?

- Os revolucionários de São Paulo queriam vir até Foz do Iguaçu pelo Paraguai, mas foram impedidos, então vieram por Guaíra, onde havia um destacamento militar comandado pelo capitão Dilermando de Assis - o assassino do escritor Euclides da Cunha -, encarregado de defender a fronteira e impedir que os revolucionários passassem. Foi graças à traição de um paraguaio que os revolucionários burlaram a vigilância da tropa do Capitão Dilermando e rumaram para Foz do Iguaçu. O capitão Dilermando e seus soldados tiveram que fugir para não serem fuzilados. Os revolucionários chegaram a Foz do Iguaçu na noite do dia 15 de setembro de 1924.

- O que aconteceu na cidade, então?

- Houve grande alvoroço, muito medo e incerteza. Espalhou-se o boato de que os revolucionários vinham para matar, principalmente os chefes políticos, saquear e liquidar todo mundo.

- Caso em que o primeiro da lista seria...

- Seria meu pai, que recém havia passado o cargo de prefeito a Jorge Sanways. A população se pôs em fuga para Argentina ou Paraguai. Quase todas as famílias fugiram. Ficaram o prefeito e algumas famílias sem

recursos que não tinham para onde ir.

- Onde sua família foi se refugiar?

- Ficamos oito dias na cidade, mas logo tivemos que fugir. Fomos nos esconder no Hotel das Cataratas. Mas meu pai foi avisado de que os revolucionários queriam fuzilá-lo, então resolvemos fugir para a Argentina. Cruzamos o rio Iguaçu acima das Cataratas, em canoa a remo. Abandonamos nosso carro, quase novo, à beira do rio. Foi horrível.

- Como se instalaram na Argentina?

- Armamos um acampamento com barracas e passamos a viver lá desconfortavelmente, mas seguros.

- A senhora trabalhou na Prefeitura, com seu pai prefeito, foi professora... Como foi isso?

- Inicialmente fui professora. Lecionei durante 12 anos. Fiz parte do primeiro quadro de professores do primeiro grupo escolar aberto em Foz do Iguaçu. Acho que sou a única professora daquela época ainda viva. Tive alunos que depois se tornaram pessoas ilustres, como o dr. Luiz Pedroso, presidente do Tribunal de Justiça do Estado. Fui professora de Alfredo Keller e tantos outros. Depois de 12 anos de magistério, passei a trabalhar na Prefeitura, até 1940.

- O que fazia na Prefeitura? Como era a Prefeitura naquela época?

- Era como uma casa de família, onde o prefeito fazia tudo, até delegado de polícia. Eu era secretária do prefeito, e quando ele viajava eu praticamente o substitua no cargo.

- A senhora tinha partido político?

- Fui do PSD, o partido mais forte da cidade, até 1964. Depois nunca mais me liguei a partido algum. Meu partido é Foz do Iguaçu.

- A senhora conheceu Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek, que vinham muito a Foz do Iguaçu? Conheceu Santos Dumont, que também passou por aqui?

- Conheci Getúlio, Juscelino, Jango (João Goulart) e Santos Dumont pessoalmente. Era uma pessoa extraordinária. Quando chegava, a cidade inteira ia recepcioná-lo.

- E Santos Dumont?

- Pessoa simples e sábia. Conheci Santos Dumont em Curitiba, numa festa que o governo do Estado ofereceu a ele depois de haver passado por Foz do Iguaçu. Meu pai, que estava em Curitiba, foi convidado à festa e eu, que ainda morava lá, fui junto. Santos Dumont estava conversando com meu pai e fui cumprimentá-lo. Ele perguntou: "Quem é essa menina bonita?" Meu pai nem sabia que aquele homem era Santos Dumont, o inventor do avião. Depois, em casa, disse a meu pai: "Mas aquele homem é o Santos Dumont? Feio assim!"

Retratos Foz do Iguaçu



Reprodução

O prefeito Jorge Schimmelpfeng inspeciona a abertura de estradas em Foz na década de 20.



Reprodução

Carros de bois que carregavam erva-mate na década de 20.

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" Edição de 10/06/93)



Ney de Souza

Otto Hermann Friedrich

"Em 1913 fomos de caminhão a Curitiba. Levamos de tudo para fazer a viagem: roupas, comida, ferramentas para tirar troncos de árvores do caminho"

É raro encontrar entre antigos moradores de Foz do Iguaçu, pessoas nascidas aqui. Uma delas é Otto Hermann Friedrich, nascido em 1926, filho de migrantes alemães. Dificuldades, trabalho, muito trabalho, não faltaram na vida de Otto Friedrich. Ele registra para a história que um tio seu foi quem instalou em Foz do Iguaçu o primeiro gerador de eletricidade, em 1907.

(João Adelino de Souza)

- Qual é a origem da família Friedrich estabelecida em Foz do Iguaçu?

- Meu pai, Hermann Friedrich, veio da Alemanha diretamente para Foz do Iguaçu em 1916, e minha mãe, Iria Weirich Werner, chegou em 1907. E eu nasci aqui em 1926. Casei com Elza Eliza Engel e tenho treze filhos e muitos netos.

- Quando criança, o senhor teve oportunidade de estudar?

- Comecei a estudar numa escolinha dos padres, perto da igreja. Os padres, além das matérias normais do curso primário, ensinavam também alemão. Eles eram alemães e havia muitos alemães em Foz do Iguaçu.

- Quem eram os padres professores?

- Lembro do monsenhor Guilherme e do padre José. Eram bons padres, pessoas boas e bons professores. Nós morávamos perto da escolinha, mas filhos de colonos tinham que vir a cavalo. Para mim era mais difícil aprender português do que alemão, porque em casa falávamos alemão.

- Até que ano estudou com os padres?

- Até 1936, quando eles pararam de dar aula porque a Escola Bartolomeu Mitre já funcionava bem. Então eu mudei para a Escola Mitre. Estudei até o 5º ano primário. Meu pai morreu quando eu ainda era adolescente e a família começou a passar dificuldades. Foi um

tempo difícil realmente. Meu pai tinha uma oficina mecânica e nós, ainda meninos, tivemos que tomar conta.

- Como era o ensino, como eram as professoras da Escola Mitre?

- O ensino era ótimo. Os professores eram muito exigentes, por isso aprendi rapidamente a ler, escrever, fazer contas. Era o tempo em que os professores usavam vara de marmelo. O respeito era outro - nada da bagunça que é hoje. Uma das minhas professoras foi Otília Schimmelpfeng. Dos colegas lembro do Alfredo Keller, Aluizio Urnau, Luiz Renato Pedroso, que hoje é presidente do Tribunal de Justiça do Paraná... As crianças daquela época eram mais educadas do que hoje. Em casa, quando chegava visita, as crianças não podiam ficar perto ouvindo as conversas dos adultos. Hoje, não só se metem no meio, mas também se intrometem nas conversas.

- Qual era sua diversão quando criança e jovem?

- Jogava futebol no campo do ABC Futebol Clube.

- Durante a II Guerra Mundial os alemães residentes em Foz do Iguaçu sofreram alguma molestação?

- Sofremos várias perturbações. Tínhamos medo de falar alemão. E quem não sabia português, como ficava? Por causa da Lei de Fronteira, os estrangeiros tinham que sair daqui. Poucos obedeciam isso, mas diversas famílias se mudaram para Guarapuava, Ponta Grossa e outros

lugares. Os que saíram nunca mais voltaram.

- O senhor fez o serviço militar?

- Fiz no quartel de Foz do Iguaçu. Entrei como voluntário em 1943 e fiquei dois anos. Eu era motorista do tenente-coronel Emanuel Ferreira Neves, comandante do Batalhão, por isso viajava muito. Numa viagem ao Rio de Janeiro, o comandante se demorou lá e eu aproveitei para fazer um estágio no Exército. Tive inclusive a oportunidade de assistir ao desembarque das tropas da FEB que voltavam da Segunda Guerra na Itália. Na volta trouxemos viaturas para o quartel de Foz do Iguaçu. Nessa época a Estrada de Guarapuava a Foz já era bem melhor.

- No quartel, por ser alemão o senhor se sentiu discriminado ou até visto com suspeita?

- Não havia discriminação, mas todos tinham medo de mostrar que sabiam falar alemão. Comigo mesmo aconteceu um fato curioso. Numa dessas viagens fui levar o comandante a Curitiba. Ele foi de férias e ficou lá dois meses. E eu no quartel em Curitiba. Certo dia mandaram-me levar um major até Joinville, Santa Catarina. Nem eu nem o major conhecíamos a cidade, então buscamos informações. Perguntei a um negro na rua onde ficava o quartel. Perguntei em português e ele me respondeu em alemão. Repeti a pergunta em português, e a resposta veio em alemão. Disse ao major que não havia entendido nada, por medo de que ele percebesse que eu sabia alemão. Dias depois, numa conversa, lembramos o episódio e o major revelou que também tinha entendido a resposta do negro em alemão.

(Extraído da Gazeta do Iguaçu - Edição de 09/06/91)



Joel Petroski

Retratos

Foz do Iguaçu

A cheia "do século" do rio Paraná, ano de 1983. Na foto ilha Acaray e Porto Ical parcialmente inundados.



Joel Petroski

O "bondinho" do Porto Meira destruído pela cheia de 83.

Joel Petroski



Cheia do rio Paraná de 83 alcançou os "linhões".



Ney de Souza

Ozires Santos

“Não havia um metro de calçamento, e eu consegui asfaltar a Avenida Brasil e várias ruas do centro da cidade”

Hoje empresário do ramo imobiliário, Ozires Santos, nascido em União da Vitória, PR, em 1938, foi o último prefeito eleito de Foz do Iguaçu antes da fase dos interventores nomeados pelo governo militar. Ozires governou o município de 1963 a 1968, quatro anos como prefeito eleito e um ano como prefeito nomeado. Por pouco não foi cassado, como revela aqui. (Juvêncio Mazzarollo)

- De onde veio e quando a família Santos se estabeleceu em Foz do Iguaçu?

- Meu pai, Tarquínio Santos, era farmacêutico em União da Vitória e queria ir para uma cidade mais promissora. Queria ir a Londrina ou Foz do Iguaçu. Veio conhecer Foz do Iguaçu e ficou encantado com o lugar.

- Seu pai montou farmácia aqui também?

- Sim. Começou com farmácia, mas logo passou a adquirir terras, fazer loteamentos e urbanizar a cidade. Meu pai foi pioneiro em loteamentos em Foz do Iguaçu. O primeiro que abriu e urbanizou foi a Vila Yolanda. Foi ele, inclusive, quem abriu a Estrada das Cataratas no trecho entre o bairro Boicy até perto de onde hoje está o Hotel Bourbon. Ficamos aqui doze anos e mudamos para Cascavel. Meu pai abriu farmácia, participou da política como candidato a prefeito, e conseguiu um patrimônio, terras, através do governador Bento Munhoz da Rocha Neto.

- Como era isso de conseguir patrimônio, terras, através do governador?

- O governador dividia e distribuía as áreas de terras devolutas do Estado para que fosse feita a colonização da região. Havia as chamadas “posses”, não escrituradas, que o governo legalizava. Meu pai tinha posse em Cascavel. Cerca de 30 por cento do perímetro urbano de Cascavel pertencia a meu pai, que cedeu a área para a cidade.

- No que deu a candidatura de seu pai a prefeito de Cascavel?

- Ele foi candidato em 1952 e perdeu a eleição por um voto - o dele. Foi buscar oito eleitores em Iguaçuzinho, hoje Nova Aurora, mas chegou na hora do fechamento das urnas e o mesário não deixou que eles votassem. Se só meu pai tivesse votado, teria vencido a eleição. Deu empate e, como o adversário era mais velho, foi dado como eleito. Meu pai, porém, sempre sustentou que houve fraude na apuração dos votos. Há no Tribunal de Justiça do Estado um documento que dá razão a ele. Após isso, meu pai abandonou a política.

- Deixou para o filho Ozires...

- Sim. Eu me elegi vereador em Cascavel em 1960 ou 61. Cumprí um ano de mandato e vim ser candidato a prefeito de Foz do Iguaçu. Fui também candidato a deputado estadual pelo PDC de Cascavel e Foz do Iguaçu. Apesar de ter sido o mais votado da região, não me elegi.

- Como foi sua eleição para prefeito de Foz do Iguaçu, em 1962?

- Eu era do PDC (Partido Democrata Cristão), de Ney Braga, mas, como era muito jovem, o partido não quis me lançar candidato. Então, o presidente local da UDN (União Democrática Nacional), dr. Ney Watson dos Santos, cedeu a legenda para minha candidatura. Fui levado a ser candidato pelos que haviam me apoiado para deputado.

- Quem eram os candidatos com os quais concorreu a prefeito?

- Írio Manganelli (PTB), o Capitão Becker (PSD), Julio Rocha Neto

(PDC), João Lobato Machado (PR) e eu pela UDN. O número de eleitores não chegava a cinco mil. Houve cerca de 3.500 votos válidos na eleição, e eu fiz quase dois mil votos.

- Como era feita a campanha eleitoral? O rádio já era utilizado?

- Sim. A campanha se desenvolveu principalmente pelos microfones da Rádio Cultura. Mas também se distribuía folhetos, cartazes. Os comícios eram muito agitados. Foi uma disputa acirrada. Meus adversários faziam campanha contra mim dizendo que eu era muito jovem e inexperiente para ser prefeito. Mesmo assim, as campanhas eleitorais eram respeitadas, bem mais do que são hoje. As pessoas eram mais equilibradas, mas sérias e educadas do que hoje.

- Com que programa de governo assumiu a Prefeitura e como começou a administrar o município?

- Eu tinha um programa que girava em torno do turismo e da eletrificação da cidade, que não tinha luz. Quando assumi a Prefeitura estávamos no escuro. Incentivamos o surgimento da hotelaria, convidando investidores. Busquei recursos para começar o asfaltamento da cidade. Não havia um metro de calçamento, e eu consegui asfaltar a Avenida Brasil e várias ruas do centro da cidade. Para a geração de energia elétrica consegui um motor termoeletrico. Depois, ainda durante o meu governo, foi concluída a Usina de Ocoí e a cidade passou a se abastecer dessa energia.

- Que outra realização poderia destacar?

- No meu governo foi asfaltada a Estrada das Cataratas. No governo de Getúlio Vargas foi

calçada com pedras, mas tinha virado uma buraqueira. Os turistas vinham de avião e seguiam até as Cataratas de carro ou ônibus, e nós ficávamos com vergonha da estrada que oferecíamos. Então lutamos muito e o governo federal fez o asfalto.

- O senhor era prefeito quando, em 1965, foi inaugurada a Ponte da Amizade. Como foi o grande momento para Foz do Iguaçu e o Paraguai?

- Foi de fato um grande momento. Tivemos a honra de receber os presidentes Castelo Branco, do Brasil, e Alfredo Stroessner, do Paraguai. Eu, como prefeito, estive junto à comitiva presidencial na solenidade. A Ponte da Amizade representou um extraordinário passo no progresso desta região. Antes Foz do Iguaçu estava asfixiada. A Ponte da Amizade permitiu a Foz do Iguaçu a arrancada que merecia e precisava para seu desenvolvimento.

- Chegou a conversar com o presidente Castelo Branco?

- Sim, inclusive mostrei a ele a necessidade de construir em Foz do Iguaçu um moderno aeroporto, com o argumento de que assim o turismo deslancharia aqui na fronteira. O presidente concordou e prometeu fazer, e fez.

- Na condição de prefeito e mesmo como cidadão, que posição tinha em relação ao golpe militar em 1964?

- A revolução de 64 veio para punir os políticos, então qualquer fofoca contra um político diante dos militares podia levar à ruína. E eu, jovem e idealista, tinha forte oposição dos que controlavam o poder econômico da cidade - os madeireiros e

exportadores ou contrabandistas de café, a elite da época aqui. Pois esse pessoal me jogou contra a revolução.

- O senhor não era contra?

- Até um dado momento eu era contra. Depois entendi que, sendo tanta a corrupção, alguém tinha que tomar uma atitude. Foi o que fizeram as Forças Armadas.

- Mas como foi isso de jogarem o prefeito Ozires Santos contra a revolução?

- Tramaram de todas as formas contra mim. Dos nove vereadores, fiquei com o apoio de apenas um. Queriam me cassar. Era taxado de comunista, acusado de cometer irregularidades. Mas, como eram covardes, foram me denunciar aos militares e pedir que me cassassem. Certo dia, o coronel Pêrsio Ferreira chegou com a missão de interditar a Prefeitura. Disse-me: "Já interditamos o IBC (Instituto Brasileiro do Café) e a Receita Federal. Vamos interditar a Prefeitura também, porque as denúncias contra o senhor são graves". Perguntei quem estava me denunciando e ele disse que não podia revelar. Eu disse: "Muito bem, então, antes de me cassar, o senhor vai verificar se de fato eu errei e vai me dar o direito de me defender". Fiz uma prestação de contas de todos os meus atos como prefeito e nada de irregular foi encontrado. Ao invés de ser cassado, quando terminou meu mandato fui convidado a permanecer no cargo como prefeito nomeado. Tive assim mais um ano de mandato.

- Os adversários tiveram que engolir mais essa...

- Tiveram que engolir, da mesma forma que o governador da época, Paulo Pimentel, que

também queria minha cassação. Chegou a me chamar ao Palácio Iguaçu para pedir que renunciasse. Eu recusei terminantemente e Pimentel me expulsou do Palácio.

- Terminado seu mandato de prefeito, o senhor praticamente abandonou a política, não?

- Abandonei a política e passei a me dedicar aos negócios do ramo imobiliário, abrindo loteamentos e urbanizando a cidade. Os prefeitos passaram a ser nomeados, e a política ficou sem graça, desestimulante. Em 1985 voltou a eleição direta para prefeito e fui candidato. Havia sido o último prefeito eleito e tentei ser o primeiro a ser eleito após o período dos interventores, mas não deu certo. Fui candidato contra minha vontade, forçado pelos amigos. Não me senti bem na volta à política e depois daquela experiência afastei qualquer possibilidade de voltar a me candidatar.

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - Edição de 12/01/94)



Ano: 1959. O iguaçuense Paulo Alberto Borne de Mello cismou que faria uma viagem a pé até o Distrito Federal para fazer reivindicações a Juscelino Kubitschek. Convidou amigos da serraria onde trabalhava. O prefeito Jacob Becker apoiou com algum dinheiro e assinou a carta reivindicatória. Comerciantes e amigos fizeram uma caixinha... O Batalhão deu barracas e uma arma. (Jackson Lima)

Paulo Alberto Borne de Mello

"Fui a pé até o Rio de Janeiro falar com o presidente JK"

- **Que rota o senhor seguiu?**

- Foi a rota de Ponta Grossa, Foz-Laranjeiras-Ponta Grossa e Curitiba.

- **Passou em Curitiba? Falou com autoridades?**

- Sim. Passei na Rádio Guairacá, nem sei se essa rádio existe hoje - e me colocaram no ar. No programa anunciei que ia visitar o governador e o prefeito. Logo quando saí da rádio fui para a Prefeitura e o Palácio do Governo.

- **Quem era o governador na época? Ele atendeu?**

- Era o Moisés Lupion e o prefeito era o general Iberê de Matos. Os dois me atenderam e colaboraram com a viagem. Daí segui na direção de São Paulo - atravessando a Serra da Ribeira.

- **A rota levou o senhor para São Paulo, capital?**

- Sim. Passei por São Paulo e fui ao Palácio Bandeirantes. Naquela época o governador era Carvalho Pinto e o prefeito era Ademar de Barros. Fui em frente pela Via Dutra. Passei por muitos municípios maravilhosos. Em alguns parei para visitar, em outros passei direto. Em Aparecida visitei a prefeitura e a igreja de Nossa Senhora Aparecida.

- **Ao todo quanto demorou a viagem?**

- Demorei 54 dias. Mas, para falar com Juscelino Kubitschek esperei 22 dias. Não conseguia. Procurei a imprensa Jornal do Brasil, Última

Hora, Manchete, Cruzeiro e outros jornais para buscar ajuda. Fiz uma maratona em praça pública de 72 horas e com a ajuda da imprensa fui atendido. Foi na Praça Florirã - 72 horas dando voltas na praça. Daí eles me levaram para o Palácio Tiradentes, a Assembléia Legislativa. Depois me levaram ao Senado e por fim ao Palácio do Catete.

- **Quando o Senhor saiu de Foz, pensou que seria mais fácil?**

- Sim, pensei. Mas o presidente estava com muita audiência. E eu tive medo de não poder terminar a missão. Depois que a imprensa entrou os políticos acordaram.

- **Os políticos ajudaram ou atrapalharam?**

- Eu cheguei a ter briga com o presidente da Câmara, o Arnaldo Cordeiro. Ele achava que estava levando um sistema político do Paraná, ele achava que estava metido com revolução, com a revolta de Aratoca. Eles queriam abrir a mensagem lacrada mas eu não deixei. "Só o presidente pode abrir" - eu disse. Quando viram algumas mensagens dos outros municípios eles se convenceram de que eu não tinha nada a ver com política.

- **Como foi o contato com o presidente?**

- Fiquei meio emocionado. Mas o encontro só durou cinco minutos. O presidente estava para sair. Ele ia viajar para Aragarça onde havia um problema. O major Múrcio Mércio, da Aeronáutica, foi quem me ajudou. Era o piloto do presidente. O major olhou para mim e

perguntou se eu queria falar com o presidente. Nessas alturas eu já estava no Palácio. “Nem que seja cinco minutos - eu preciso entregar isso em mãos” - eu disse. O major disse que estava bem mas que eram só cinco minutos.

- O que o senhor disse para ele nesses cinco minutos?

- Eu pedi que lesse a nossa mensagem, verificasse nossa viagem, as mensagens que tinha. Ele abriu, prestou atenção e me disse: “olha, eu acho que em menos de um mês essa verba vai chegar a Foz do Iguaçu. O restante irá com o tempo. As outras reivindicações tampouco vão demorar. Já existe uma programação. Agora com essa sua viagem e essa carta vamos tentar apressar”. Depois ele me disse: “você só não vai de avião para Foz porque não tenho avião por causa dos problemas de Aragarça. Mas vou dar um cartão para você falar com o presidente do Turismo da Guanabara para que consiga passagem de trem até Ponta Grossa. De lá vai de ônibus”.

- E veio de trem?

- Sim, até Ponta Grossa.

- E até Foz, como veio?

- Vim de ônibus. Fiz a prefeitura pagar a passagem. “Essa passagem vai ser paga pela Prefeitura” - eu disse à empresa em Ponta Grossa.

- E pagaram?

- Não queriam, mas pagaram. Quando cheguei já tinha sido eleito novo prefeito. De antiga só tinha a secretária da Prefeitura, dona Otília Schimmelpfeng.

- Houve algum reconhecimento, festa?

- Sim, houve, o pessoal acompanhava as notícias que saíam nos jornais do Rio. Os jornais já chegavam nos aviões da Varig. Fizemos uma comemoração.

- E os recursos vieram?

- Um mês depois o dinheiro da faixa de fronteira - 40 milhões em dinheiro da época - chegou e foi devidamente aplicado.

- Ganhou alguma coisa com isso?

- Ganhei a conta da empresa onde trabalhava, a Industrial Madeireira. Mas não fiz tudo aquilo pensando em ganhar dinheiro. Foi um objetivo atingido, do qual não me arrependo.

- Como era Foz do Iguaçu naquela época?

- Naquela época faltava tudo. Faltava iluminação, escolas, asfalto, médicos.

- Qual era o problema com a luz, por exemplo?

- Era tudo escuro. O gerador só funcionava até às 10 horas da noite. Era à base de vela. O único lugar que ficava iluminado era o Batalhão porque tinha gerador que ficava ligado a noite toda.

- Como eram os hotéis, de que hotéis lembra? Os hóspedes ficavam no escuro?

- Já existia o Hotel das Cataratas e me lembro do Hotel Lamarque. Os hóspedes ficavam no escuro depois das 10. Ah, tinha o Hotel Espanhol, que era de uma espanhola, onde hoje é o Hotel Ortega.

- O senhor se animou a pedir incentivo ao turismo, por quê?

- Porque era tudo difícil. Só existiam dois ou três automóveis. Eu tinha certeza de que o

turismo contribuiria para o crescimento da cidade.

- Como teve a idéia de ir ao Rio de Janeiro, a capital federal? Não havia políticos lutando por isso?

- O único político que havia aqui era o Luiz Alberto Dalcanalle na região Oeste. E que eu conhecesse era o prefeito Jacob Becker. Ele era o capitão do Exército.

A idéia nasceu porque eu via a pobreza da cidade. Eu cismei de escrever uma carta para as revistas Manchete e O Cruzeiro, onde eu propus fazer a viagem para falar com o presidente Juscelino Kubitschek. Eu sabia que havia uma verba para a Faixa de Fronteira que permitiria construir pelo menos a Usina do Ocoí.

- Como foi o preparativo? A cidade concordou?

- Eu passei a fazer um treinamento específico. Eu caminhava todos os dias do Batalhão até as Cataratas com chuva ou sol para me preparar, e aí marquei a data da viagem.

- Pensou em fazer essa viagem de outra maneira? De ônibus, de trem, de barco?

- Não. Era a pé mesmo.

- E as despesas?

- Eu levei uma carta do prefeito me apresentando. Em cada localidade eu me apresentava às autoridades e aceitava contribuições de seus municípios. Eu entreguei ao presidente reivindicações de vários municípios.

- Foz do Iguaçu ajudou?

- Sim, ajudou. O Batalhão me deu barraca,

medicamentos, até armamento e porte de arma, um 38 e uma Winchester. Depois devolvi tudo. Era para me defender. Não de bandidos. Naquela época não havia isso. Era para me defender de animais porque era tudo mato. Até encontramos uma onça pintada na altura de Mato Queimado e Laranjeiras do Sul.

- Foi preciso atirar?

- Não, no animal, não, só atirei para o alto, e a onça sumiu.

- Como escolheu os colegas de viagem?

- Eu convidei os amigos de firma. Eu trabalhava na Industrial Madeireira, da família Marder. Os próprios colegas de firma redigiram a carta, datilografaram, e eu levei para o prefeito, e o comandante do Batalhão. Depois partimos.

(Extraído da “Gazeta do Iguaçu” - Edição de 15/11/95)



Ney de Souza

Pedro Paulo Saucedo

“Extraí e coloquei muitas pedras daquelas pretas que ficam expostas em prédios antigos como o Aeroporto e a Escola Bartolomeu Mitre”

Nestas raízes da formação de Foz do Iguaçu, muitos paraguaios têm algo a ver, como é o caso de Pedro Paulo Saucedo, nascido em Vila Rica, Paraguai, em 1906, mas que migrou para o Brasil em 1928 “para fazer a vida” vida de laborioso operário que literalmente pôs a mão na massa, com exímio pedreiro que deixou a marca de sua obra nas mais importantes edificações históricas de Foz do Iguaçu. (Juvêncio Mazzarollo)

- Sua família vivia de que no Paraguai?

- Vivía da agricultura, mas era uma vida muito miserável. Eu até nem lembro de quase nada de nossa vida no Paraguai. O Paraguai não tinha movimento, não tinha indústrias, por isso não se tinha serviço. Acho que ainda era consequência da Guerra da Tríplice Aliança, que no Brasil chamam de Guerra do Paraguai. Quando se está num lugar assim, o melhor é sair. Eu sempre pensava em sair e buscar a vida em outro país.

- Finalmente decidiu vir ao Brasil. Por quê?

- Meu pai me incentivava muito a vir ao Brasil, que conheceu quando foi trazido para cá como prisioneiro da Guerra da Tríplice Aliança.

- Seu pai lutou naquela Guerra? O que aconteceu com ele?

- Sim. Eu não sei muito sobre isso. Sei que a última batalha foi a de Tuiuti, onde foi morto o marechal Francisco Solano Lopez. Meu pai estava na tropa paraguaia que amargou aquela derrota final para o Brasil. Ele foi feito prisioneiro de guerra e, junto com cerca de 150 combatentes paraguaios, foi levado ao Rio de Janeiro. Eram quase todos soldados de 14 ou 15 anos de idade - crianças, porque não havia sobrado homens no Paraguai, mas quase só mulheres e crianças.

- Que aconteceu com esses prisioneiros levados ao Rio?

- Foram muito bem tratados e ficaram pouco tempo. O marechal Deodoro da Fonseca, pessoa muito boa, deu liberdade a todos, um ou

dois meses depois. Os que quisessem voltar ao Paraguai poderiam ir, e aos que preferissem permanecer no Brasil o governo brasileiro ofereceu um saldo mensal durante um ano e permitia que casassem e se naturalizassem. Meu pai achou melhor voltar ao Paraguai. Voltou muito bem impressionado com tudo o que viu no Brasil e com sua gente. Por isso sempre me aconselhava a vir tentar a vida aqui. Ele sempre falava bem do Brasil e dos brasileiros.

- E o senhor acabou se convencendo de que devia se aventurar por aqui?

- Sim. Vim para Foz do Iguaçu, sozinho, em 1928.

- Sem certeza do que poderia fazer e de como iria sobreviver?

- Vim sem nada, se saber o que poderia fazer. Mas não fiquei em Foz do Iguaçu, porque aqui não havia praticamente nada, não tinha trabalho. Fui então para São Paulo. Guardo até hoje o documento (“permisso”) de autorização do Consulado Brasileiro de Encarnación para que eu entrasse no Brasil. Fiquei um ano e pouco em São Paulo, trabalhando de pedreiro. Em seguida mudei para Guaíra, a convite de um amigo que me chamou prometendo que lá havia serviço.

- Que serviço?

- De pedreiro, na construção de uma igreja que deve estar de pé até hoje. É uma igreja de pedra, uma relíquia histórica. Não ganhava muito, mas dava para viver. Fiquei cinco anos em Guaíra, e mudei para

Foz do Iguaçu.

- Por quê?

- Para ficar mais perto dos meus familiares que viviam no Paraguai. Meus irmãos eram órfãos, passavam por muitas dificuldades.

- Começou fazendo o que em Foz?

- Construí uma casa de dois andares para Rômulo Trevisan, um farmacêutico. Em troca do meu serviço, Rômulo me deu uma chácara, lá perto do quartel do Exército. Como pedreiro, o que eu fazia hoje ninguém mais faz. Rebocava 30 a 40 metros quadrados de parede por dia.

- Que fim deu à chácara?

- Adquiri, na permuta, por 6 contos de réis e vendi por 1 conto. Vendi de raiva, de desgosto.

- Casou em Foz do Iguaçu?

- Casei com Eleonora Rios, com quem tive sete filhos.

- É verdade que o senhor foi um craque no futebol?

- É verdade. Havia em Foz do Iguaçu três times de futebol: o Iguaçu, Brasil e ABC. Eu jogava no ABC. Ninguém podia com nosso time. Meu apelido era "cimento armado", porque era pedreiro e, no campo, a bola podia passar por mim, mas o jogador não passava. Jogava tanto na defesa quanto no ataque, pela esquerda e pela direita. Jogávamos muito contra times paraguaios e argentinos, e também contra times da região. Guafra tinha um time muito bom, formado quase só pelos soldados do Exército.

- Quando o senhor veio para cá havia

muitos paraguaios?

- Sim, eram a maioria da população.

- Havia escola para as crianças, seus filhos?

- Havia, mas não era fácil poderem estudar, porque eu tinha muitos filhos e precisava trabalhar duro para mantê-los. Trabalhei em obras nas Cataratas, no lado argentino, e tinha que ir a pé até lá, carregando as ferramentas.

- Como pedreiro e marceneiro, trabalhou em que obras?

- A primeira olaria de Foz do Iguaçu foi minha. Estava montada na minha chácara, perto do batalhão do Exército. Eu fabriquei os tijolos para a construção do quartel do Exército, e também trabalhei nessa construção. Eu fabricava telhas também. Trabalhei, ainda, na construção do primeiro aeroporto, que hoje é o Clube Gresfi, na construção do Museu do Parque Nacional do Iguaçu, no Hotel das Cataratas e Hotel Cassino Iguaçu. Como pedreiro, eu também trabalhei muito na extração de pedras, inclusive aquelas pretas que ficam à vista em prédios como o antigo aeroporto, a Escola Bartolomeu Mitre e outras construções nesse estilo.

- Saberria definir o estilo dessas construções e sua inspiração, sua origem?

- Eu trabalhava nisso junto com um português, mas esse estilo parece que é espanhol, que chegou aqui através da Argentina.

- O senhor também foi um caçador?

- Gostava muito de caçar. Certa vez matei um tigre.

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" Edição de 10/06/93)

Retratos

Foz do Iguaçu



Arquivo Família Maciel

Navio Capitão Heitor nas águas do rio Paraná, nos anos 40.

Detalhe de um
barco de
transporte de
madeira, utilizado
para escoar a
produção das
madeireiras da
região para a
Argentina



Arquivo Família Maciel



Ney de Souza

Porfírio Gonçalves Araújo

"Meu pai e eu fomos requisitados para combater a Coluna Prestes em Foz do Iguaçu"

Quem conta do episódio da passagem da Coluna Prestes por Foz do Iguaçu dá impressão de estar se referindo a algo fora do alcance da visão dos dias atuais. Não é bem assim. Em 94, Porfírio Gonçalves Araújo, então com 83 anos, integrou a força militar que o governo federal mandou para Foz do Iguaçu a fim de espantar os revolucionários.

(Juvêncio Mazzarollo)

- Nasceu onde e quando, "seu" Porfírio?

- Quando viemos para Foz do Iguaçu em 1924, meu pai tirou meus documentos atrasados porque naquele tempo o povo tinha medo de ser chamado para servir o Exército, porque nós já tínhamos tomado aquela surra... Então meu pai tirou meus documentos com a idade daquele ano em que viemos para cá, em 1924. Mas eu nasci em 1911, em São Leopoldo, Rio Grande do Sul. Lá meu pai vivia da venda de calçados e outras coisas.

- Como terminaram vindo a Foz do Iguaçu para combater a Coluna Prestes? Seu pai foi militar?

- Não. Meu pai havia comprado uma terra na localidade de Taquaruçu, em Pitanga, região de Guarapuava, e saiu do Rio Grande do Sul para tomar conta da terra. Eram 50 alqueires de terra, toda coberta de mata fechada. Não havia nada lá. Certo dia, eu e meu pai saímos a cavalo para buscar sal na única venda (mercearia) que havia em Pitanga. Chegamos ao Rio Quinze e estava tudo amarelo lá - porque naquele tempo o Exército usava uniforme amarelo...

- Como assim? Encontraram uma tropa do Exército?

- Sim. Era a tropa que vinha a Foz do Iguaçu combater os revolucionários comandados por Luiz Carlos Prestes. Já ali eu e meu pai fomos intimados a acompanhar a tropa.

- Quantas pessoas formavam essa tropa?

- Eram mais ou menos umas 400 pessoas, militares e civis, que andavam a cavalo e a pé - nem carroça tinham.

- E vocês, o senhor e seu pai, foram obrigados a enturmar?

- Sim, enturmamos. Disseram: "agora vocês têm que ir com nós". Mandaram que eu voltasse para casa buscar outro cavalo para um sargento que estava sem cavalo. Nós éramos oito irmãos, mas só eu e meu pai viemos com a tropa até Foz do Iguaçu.

- O senhor foi para casa buscar o cavalo para o sargento?

- Fui. Encilhei o cavalo e voltei para junto da tropa.

- Não pagavam nada por isso?

- Nada.

- Bem, então vocês rumaram para Foz do Iguaçu. Como foi a viagem? Por onde passaram?

- Passamos por Laranjeiras do Sul, Roncador, Mamborê, Foz do Iguaçu. A viagem levou uns 45 dias. Na viagem tínhamos que matar passarinho a tiro para comer, quando o general não pegava bois e porcos. Havia também colonos que davam animais para a tropa comer. Outras vezes o general mandava pegar. Mas um boi inteiro não dava um pedacinho de carne para cada um, porque era muita gente - uns 400 homens.

- Passaram fome, então?

- Passamos fome, sim.

- Passaram por famílias que não queriam dar os animais?

- Havia. Nesse caso, o comandante mandava pegar.

- É verdade que davam um recibo com a promessa de pagar depois?

- Davam o recibo e prometiam pagar, mas nunca pagaram ninguém.

- Os soldados se queixavam de estar metidos nessa vida ou levavam numa boa?

- Se queixavam, e muito. Muitos queriam voltar, mas não tinha torno. Voltar para onde e de que jeito?

- Como era a cidade de Foz do Iguaçu quando vocês chegaram?

- A cidade não tinha nada. Não lembro quantas casas havia, mas eram poucas. Era mata, mato mesmo, muito mato.

- E a Coluna Prestes estava na cidade, dona da situação?

- Não. Os revolucionários já tinham ido embora, já haviam cruzado para a Argentina. Só achamos vestígios da passagem deles. Só não sei se passaram pelo rio Iguaçu ou Paraná.

- O que o povo daqui contava sobre a chegada e a passagem dos revolucionários pela cidade?

- Contavam que chegaram quietos, sem fazer barulho. Com certeza, Prestes chegou esperando, na expectativa. Quando nós chegamos não havia mais nada nem ninguém para combater. Graças a Deus não tivemos que entrar em nenhum combate. Se

tivéssemos que entrar em combate, era para morrer, porque não tínhamos instrução alguma. Havia soldados treinados para o combate, mas havia na tropa também muitos civis, como meu pai e eu, sem instrução militar alguma.

- O povo de Foz do Iguaçu se queixava de algum mau trato dado pelos revolucionários?

- Não. Os revolucionários não fizeram mal a ninguém. Só tomaram alguma coisa para sua sobrevivência.

- Vocês ficaram em Foz muito tempo?

- Menos de um mês.

- Ficaram fazendo o quê?

- Caçando passarinho, matando bicho e comendo.

- Hospedados onde?

- Em barracas de lona. Havia um armazém que sempre dava sal para nós.

- Era época de inverno ou verão?

- Era verão, tempo quente.

- Não foram ver as Cataratas?

- Não. Mas já havia trânsito para as Cataratas, a cavalo.

- Bem, então, como não encontraram a quem combater, voltaram por onde vieram?

- Voltamos. E aí, não sei em que altura, encontramos um daqueles carros com pneu de bicicleta que vinha vindo avisar que estava tudo normal. Vinham de carro, mas de carro não podiam vir até Foz do Iguaçu. Acho que

era um daqueles Fordinho-24 de rodinha estreita. Era um carro da polícia que vinha ao nosso encontro. Vinha avisar que podíamos levantar acampamento porque estava tudo normalizado. Encontramos esse carro lá pela região de Campo Mourão.

- A estrada que vinha até Foz mal dava para passar carroça, não?

- Só cavalo e carroça. Era muito ruim porque havia muito rio para atravessar. Nós mesmos tivemos que construir pontes a braço para passar.

- Seu pai e o senhor voltaram para sua casa, encontraram sua mãe lá, os irmãos...

- É, a mãe estava lá, os irmãos...

- E a tropa militar seguiu viagem...

- Seguiu viagem e nós ficamos em casa.

- O comandante da tropa não deu nenhuma gratificação para seu pai e para o senhor?

- Nada. Não deram coisa nenhuma. Nem obrigado disseram. Mas ao menos deixaram os nossos animais conosco, embora tudo magro. Seguiram viagem não sei se para Ponta Grossa, Curitiba ou para onde. Uma parte foi para o Rio Grande do Sul. Mas nós nunca mais soubemos de nada daquilo.

- E o senhor casou com que idade, em que circunstância?

- Casei ainda moleção, aos 16 anos de idade.

- Logo depois de vir a Foz do Iguaçu para combater revolucionários?

- Isso. Mas eu casei, depois, mais três vezes. Tivemos três filhos, mas só um ainda é vivo.

- Por onde andou até chegar novamente a Foz do Iguaçu, já não mais como contra-revolucionário?

- Sempre trabalhei na roça. De Prudentópolis fui para o Paraguai, já em 1972. Fiquei lá durante uns 12 anos.

- Veio para cá fazer o quê?

- Trabalhar de empregado. O que viesse eu ia pegando.

- E o que veio? Que emprego conseguiu?

- Consegui o emprego de guarda na Prefeitura. Trabalhei muitos anos de guarda em escolas municipais, e nunca um diretor teve uma queixa de meu trabalho. Trabalhei em todos os grupos escolares da Prefeitura. A última escola em que trabalhei foi a Parigot de Souza, com o diretor Cláudio Dier. Só sei que para a Prefeitura trabalhei durante onze anos. Aí me aposentei, comprei este rancho aqui, com ajuda do professor Cláudio e dos amigos, e aqui estou. Não é nenhum luxo, mas...

- Não chove dentro?

- Não, não chove.

- Então está ótimo.

- É isso aí.

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - 1994)

Ramon Rios

"Naquela época, não passava contrabando. A Marinha cuidava do posto de dia, e de noite também tinha patrulhamento."

O marinheiro aposentado Ramon Rios, iguaçuense, nascido em 22/2/1923, está surdo e com a visão dificultada. Ramon diz que não se lembra muito do seu trabalho na Marinha e na Mate Laranjeiras. Viúvo, pai de oito filhos, Rios trabalhou quase sua vida inteira na Marinha. Começou como diarista até ser incorporado na vida militar. (Zé Beto Maciel)

- O sr. lembra do tempo que entrou na Marinha?

- Trabalhava como vigia, zelador, quando entrei na Marinha entrei numa vaga na Marinha Mercante, como diarista, depois foi indo, como não tinha uma lancha, mas não era pra Marinha Mercante, era pra Marinha Militar, trabalhei dez anos como diarista. Quer dizer não tinha direito a nada. Isso foi no começo, depois de seis anos eu disse eu sou diarista ou funcionário, senão eu vou para máquina O tenente Riberto mandou fazer um requerimento, porque o diarista antigamente não tinha direito a nada, se machucasse, não tinha direito a nada. Depois de dez anos eu fui efetivado, o que eu ia fazer como operário, se eu não tinha direito a nada, depois eu passei a funcionário federal. Trinta e cinco anos trabalhando, requeri aposentadoria.

- Faz tempo que o sr. se aposentou? O ano?

- Em 77.

- Trabalhou 37 anos só na Marinha? Depois de diarista o que o sr. fazia? Depois que passou a ser funcionário?

- Tenho que consultar os papéis.

- Depois de efetivado, o que o sr. passou a fazer? O que o sr. lembra que acontecia? Como eram os amigos, como sr. vivia?

- Não estou lembrado.

- O que o sr. lembra do seu trabalho, sua vida, muito serviço?

- Muito serviço, na costa do rio, muitos marinheiros, depois em 48

veio o pessoal civil, amadorista, uns oito civis. Entrou o velho Schinke, o Zizo. Eles entraram como funcionários eu precisei de 10 anos como diarista na Marinha Mercante, eles me ocupavam na Capitania.

- Como está sua vida agora?

- Bem, eu fiquei sozinho, viúvo. Fiquei com esse terreno, tenho bem pouco, mas se não tivesse seria pior. O ordenado é pouco, mas dá, estou recebendo 300 reais. Recebia 312 quando me aposentei. Tem um desconto que é o seguro, é pouquinho, aposentei e até hoje eu não ocupei o INPS.

- O sr. operou o que?

- Da bexiga. Daí eu perdi o ouvido, quando eles me aplicaram uma injeção para não doer aí estorou eu fui no médico e ele disse que foi a anestesia, mandou voltar e eu não voltei. A vista ficou curta mas eu nunca usei óculos nunca fui no médico. Posso ler meia hora de noite, mas depois começa a sair água da vista e eu tenho que parar.

- O sr. lembra o que fez depois que se aposentou?

- Fui trabalhar no transporte de balsas no rio Iguaçu no Porto Meira. Tinha muito movimento e eu trabalhava carregando malas. Foi o capitão Ciriaco que me indicou para esse serviço. Aí ganhei um dinheirinho. Mas durou pouco. É uma pena.

- O sr. é paraguaio?

- Sou brasileiro, nasci em Foz do Iguaçu. Sou filho de argentino. Minha mãe era paraguaia..

- O sr. teve condições de estudar?

- Não, nunca. O que aprendi foi um pouco na Marinha.

- O sr. falou que trabalhou na Mate Laranjeira? Trabalhou?

- Trabalhei. Na extração de erva. Cortava e puxava, era exportada para Argentina

- Que tipo de serviço era? Era o mesmo da Marinha?

- Levar para o navio. Navio para Argentina.

- Embarcava e ia pra Argentina?

- Depois começou com madeira, mas aí eu já não estava mais... estava ..

- Já estava na Marinha? O sr. estava falando do Capitão Pimentel?

- Ele era uma boa pessoa, justa..

- Justo?

- era o serviço dele, o cara tava trabalhando no serviço, ele estava em cima. Depois, quando descansava, ele ia para o gabinete. Enquanto ele estivesse ali em cima do serviço ele não atendia ninguém, podia ser oficial que chegasse ali, ele mandava esperar.

- A Marinha participava muito da vida da cidade, as pessoas procuravam muito a Marinha? A Marinha tinha um bom time de futebol de salão ...

- Naquela época, a Marinha mandava, hoje eu A Marinha corria em qualquer lugarzinho deles, hoje não. Hoje até favela tem ali. Ninguém falava, ninguém fazia in-

ferno, hoje tá cheio de ladroagem.

- Naquela época que a Marinha controlava, o pessoal tentava fazer contrabando? A Marinha cuidava direitinho do rio Paraná?

- Não, naquela época não passava, era duro. A Marinha cuidava do posto de dia e de noite também tinha patrulhamento. Hoje não.

- Antes o pessoal encarava o trabalho com mais seriedade o sr. não acha?

- Naquela época era duro para passar um contrabando.

- Tinha a Marinha, depois?

- Apoiou muito a Argentina. A Argentina dizia não e não pode e pode. Acabou. Pega, pega. Aqui se pegar nego bota na cadeia, amanhã tão de luz alta. Muito pouco me lembro daquela época. Já deixei mesmo.

- O sr. gosta de ler?

- Ler, eu leio.

- Quantos filhos?

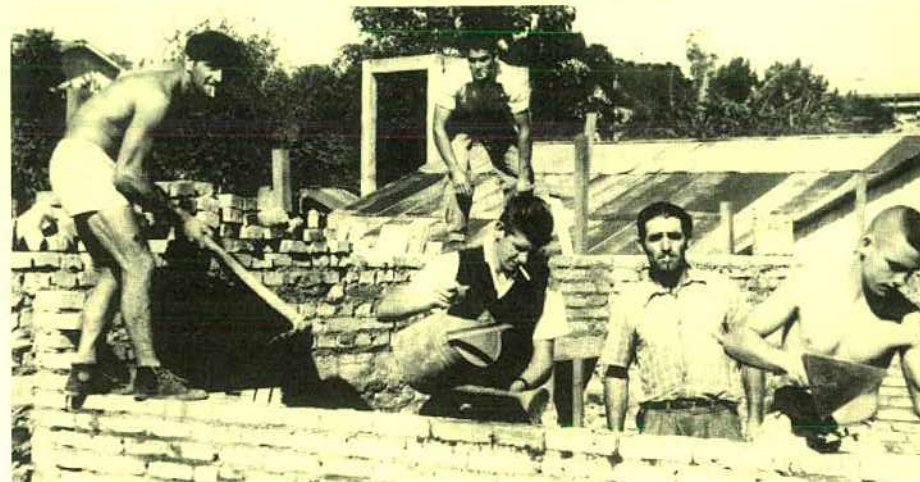
- Quatro. Um já é morto há três anos. Quatro filhas casadas

- Então são quatro filhas e quatro filhos?

- Um tá aqui, um mora aqui, outra mora em Santa Catarina. Essa é a menor que veio me visitar, ela é a última. Quer me levar pra lá. Passear já não dá mais, na minha idade.

(Entrevista inédita, maio 1997)

Reprodução

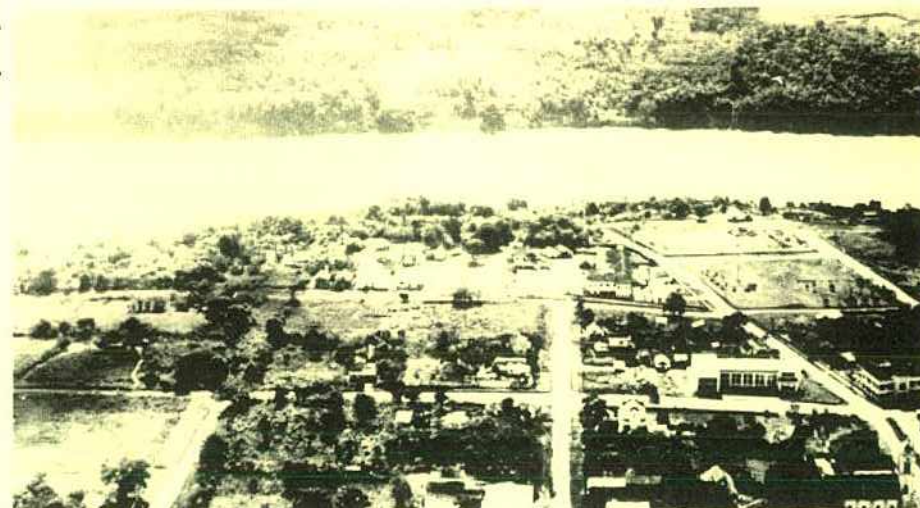


Construção do Hotel Basso, na avenida Botafogo (atual avenida Brasil)

Retratos Foz do Iguaçu

Vista aérea do lado Oeste, beirando o rioParaná.

Reprodução





Roberto Ariel Grignet

"Em 1946 havia quatro times que disputavam anualmente o campeonato citadino (ABC, Guairacá, Iguaçu e Nacional)."

O argentino Roberto Côco Grinet nasceu na cidade de San Tomé - em Corrientes - em 14 de agosto de 1929.

Côco é filho de Enrique Grinet e Rufina Ferragur. Ele chegou em Foz a 19/11/46 e casou com Vicentina Requião no dia 26/11/1952. Tem três filhos (Regina Maria, Carlos Dagoberto e Lorena Maria).

Ele trabalhou na Industrial Madeireira do Paraná, Acifi e Oeste Paraná Clube.

(Zé Beto Maciel)

- O sr. trabalhou na Industrial Madeira do Paraná - empresa que marcou um ciclo importante na economia de Foz - dá para historiar um pouco dessa empresa?

- A industrial madeireira foi uma empresa gaúcha que teve o comando de Flávio Azambuja Marder e Florêncio Galafassi e 'chefe supremo' Renato Festugatto. Ela representou o que de mais moderno existiu naquele momento (1º/8/1948) no sul país, sucedendo a empresa paranaense M. Lupion - que iniciara a indústria extrativa vegetal (pinho) vários anos antes. A empresa modernizou e ampliou antigas instalações. E deu um tom de modernidade ao seu porto de embarque para a Argentina. A madeireira foi uma das mais prestigiadas pelos importadores platinos. Ela representou muito para o desenvolvimento de Foz, tanto que houve um momento em que muitas decisões comunitárias só foram tomadas depois de ouvida a direção. A madeireira também fez atendimento social. Não só aos seus funcionários mas também à comunidade, tendo inclusive, distribuído cortes de casas populares de madeira de pinho aos necessitados.

- Como era o transporte?

- Nos primeiros anos de atividades, o transporte de madeira da região de Cascavel se fazia pela Estrada Velha de Guarapuava. Esta estrada, longa e sinuosa, sem cortes ou aterros e sem sol, era um dos principais obstáculos para o escoamento da produção que crescia em progressão geométrica. O governo federal tinha construído o último trecho da BR-35 (hoje BR-277), entre Guarapuava e Foz do Iguaçu, mas não

consequira até então, complementar as obras de parte do trecho. Prejudicada, a empresa resolveu, com seus próprios meios, construir um desvio que foi chamado de Estrada de ligação, que saía da BR em São Miguel do Iguaçu e retornando a mesma 20 quilômetros depois, nas cercanias de Matelândia. Com esta medida, a empresa solucionou o seu problema e ainda contribuiu para o desenvolvimento da região.

- O senhor foi juiz de futebol e seus irmãos foram grandes 'boleiros', conta um pouco do futebol de Foz na sua época, os clubes, a formação da liga, etc?

- Efetivamente, todos os membros da minha família jogaram futebol amador em Foz do Iguaçu num momento grandioso em que o intercâmbio esportivo crescia e possibilitava comparações e aprendizado. Em 1946 havia quatro times que disputavam anualmente o campeonato citadino (ABC, Guairacá, Iguaçu e Nacional). Nos anos seguintes foram fundados ou reativados outros times (84 Boxing Club, Flamengo, Palmeiras, Industrial, Atlético, Municipal, Vasco e União Nacional). Os campeonatos foram adquirindo força e prestígio, e se tornaram pontos de teste de grandes jogadores estrangeiros que por aqui passaram, excepcionalmente paraguaios (Totito Ávalos, Rojas, os irmãos Ramires, Agapito, Canígia, Alvariza, Benítes, os irmãos Sténico, Mutise e outros) e argentinos, especialmente os goleiros. O Guairacá, clube formado quase exclusivamente por militares, levava vantagem das incorporações anuais, onde conseguia o concurso de craques para o time. O ABC era o destino quase natural dos jogadores estrangeiros,

Retratos

Foz do Iguaçu

chegando a contar em suas equipes, em várias ocasiões, com craques da seleção paraguaia. Vasco e Flamengo contavam com jogadores do Rio e Minas Gerais. A participação desses clubes e dos craques elevaram muito o nível do futebol em Foz do Iguaçu, inclusive criando o Conselho de Árbitros e munindo o Conselho Disciplinar de regras mais rígidas. De onde destaco o item suspensão automática por expulsão, clonada anos depois pela CBF. Esse ciclo triunfal do futebol de Foz durou aproximadamente 25 anos (1946/71) e mudou, ou acabou, ou acabou, quando o profissionalismo começou a ser timidamente implantado na região.

- A sua família é de origem argentina?

- Meus pais vieram da Argentina, onde nasci. Os meus irmãos nasceram no Brasil. O meu pai era um notável técnico em eletromecânica, eis a razão de ele ter sido chamado para trabalhar na poderosa e bem querida Mate Laranjeira em Guaíra. A minha mãe era professora de música em teoria e solfejo, e tocava violino e órgão. Nessa condição, pôde instalar cursos de música em diversas oportunidades, tanto aqui como na Argentina, ensinando a grupos selecionados de

talentos. Meus pais, mesmo sendo estrangeiros (ele paraguaio, ela argentina), foram sobejamente prestigiados e respeitados até o fim de suas vidas.

- Como o sr. vê os ciclos econômicos por quais Foz passou?

- Excetuando-se os primórdios da colonização, quando o Exército desempenhou papel preponderante no desenvolvimento de Foz do Iguaçu, a cidade experimentou quatro ciclos principais: o de erva-mate, primeiro, e depois o da madeira de pinho (serrada) e de lei (em toras), cuja exportação para o mercado argentino se processou por mais de 50 anos; o comercial, que explodiu a partir da construção da Ponte da Amizade - em função do que se chamou do comércio formiga, a partir da década de 60. Finalmente, a construção da Hidrelétrica de Itaipu, cujo o impacto sobre o desenvolvimento da região foi assombroso, e é de todos conhecido. A atividade natural para o desenvolvimento de Foz do Iguaçu - o turismo - nunca foi sentida como decisiva, mesmo tendo sua exploração iniciada praticamente junto com sua colonização.

(Entrevista inédita, maio 1997)



Arquivo família Maciel

Lançamento oficial do 84 Boxing Club com Kid Chocolate ao centro

Arquivo família Maciel



Início do campeonato citadino no final dos anos 40



Arquivo da Família Holler

Roberto Holler

"O único povoado por que passamos foi Laranjeiras do Sul, que na época tinha só algumas casas. Onde hoje é Cascavel por exemplo, só havia um casebre"

Aos 9 anos de idade, Roberto Holler migrou da Alemanha para o Brasil, e aos 19 anos aportou em Foz do Iguaçu para aqui plantar raízes e ficar. Seu pai, Teodoro, faleceu em Foz em 1966, aos 82 anos, e Roberto, em 1992, aos 79 anos. Foi casado com Clementina Wandscheer, com quem teve os filhos Elza, Alberto, Elzira, Elci, Elizabeth e Alfredo. (João Adelino de Souza)

- Por que seus pais migraram da Alemanha para o Brasil? Faziam o que lá?

- Nós éramos agricultores na Alemanha e tivemos nossa propriedade devastada, saqueada durante a Primeira Guerra Mundial. Depois da Guerra as coisas estavam difíceis na Alemanha para o povo, então meus pais resolveram migrar para o Brasil. Vieram para cá como refugiados. Eu tinha então 9 anos. Viemos de barco até o Rio de Janeiro. Chegando, tivemos que ficar no barco durante 30 dias, até que saísse autorização para ficar no Brasil. Do Rio fomos a São Paulo e logo viemos ao Paraná, não sei por quê. Fomos morar em Cruz Machado, perto de Foz do Acreia.

- E depois terminaram vindo a Foz do Iguaçu, de onde não saíam mais. Quando e por que a família mudou para cá?

- Em 1932. Meu pai queria morar e trabalhar em terras planas. Cruz Machado é uma região acidentada, montanhosa. Ele, então, veio a Foz do Iguaçu para ver como eram as terras e gostou muito. Arrendou uma chácara na área do rio Tamanduá, perto do Parque Nacional. Voltou a Cruz Machado para preparar a mudança. Eu, na época com 19 anos, e minha irmã viemos na frente com o gado.

- Gado? Vieram com boiada? Como foi a viagem? E como fizeram para não se perder no meio do mato?

- Viemos a cavalo tocando vacas e bois - animais que usávamos para trabalhar a terra e para o sustento da família. Levamos 24 dias para

chegar. Não nos perdemos porque seguíamos a trilha da linha do telégrafo. O único povoado por que passamos foi Laranjeiras do Sul, que na época tinha só algumas casas. Onde hoje é Cascavel, por exemplo, só havia um casebre.

- Seu pai veio quanto tempo depois que o senhor e sua irmã vieram?

- Não lembro direito, mas acredito que ficamos aqui só nós dois por uns 60 dias. Meu pai teve que resolver todos os seus negócios em Cruz Machado antes de se mudar para Foz do Iguaçu com toda a família.

- Que impressão tiveram quando aqui chegaram? Gostaram do lugar?

- Gostamos muito. A chácara que meu pai arrendou era muito bonita, terra boa. As famílias vizinhas eram muito boas. Todo mundo era amigo, a solidariedade era grande.

- Conte das caçadas que faziam.

- Ah, a caça era o divertimento de muita gente. Divertimento e também meio de sobrevivência. Nós tínhamos boas espingardas e muita munição. Naquele tempo, década de 30, o Parque Nacional do Iguaçu ainda não havia sido criado e a caça não era proibida. E bicho era o que não faltava: porco do mato, cateto, veado, cotia, paca, anta, tigre...

- O senhor matou tigre?

- Não, mas meus amigos mataram. Caçávamos muito perto das

Cataratas, onde os cachorros encurralavam os animais junto ao rio. Eu cacei qualquer quantidade de veados. Pardos, então... Havia em abundância. Podia-se escolher o tamanho que se queria caçar. Lembro que o finado Rafael Rover tinha uma carroça puxada por oito burros e vinha a Foz a cada dois meses. Certa ocasião entreguei a ele 42 couros de pardos que eu havia caçado em apenas um mês. Houve domingos em que cheguei a matar quatro pardos. É que havia bons lambedores naquele tempo.

- Lambedores? O que era isso?

- Era uma espécie de ceva natural onde os bichos apareciam com maior frequência. Das Cataratas para baixo havia quatro ótimos lambedores.

- Quem eram seus companheiros de caçadas? Ou quais eram outros grandes caçadores?

- Lembro do Eldon Gruder, do Max, Alfredo Ratz, o Mezomo, o Brol...

- Numa época daquelas, de cidade pequena e pouca gente, como arrancava a sobrevivência numa chácara?

- Foz do Iguaçu era uma pequena vila. Eu vinha uma ou duas vezes por semana à cidade vender produtos da roça (milho, galinha, ovos, manteiga, etc.). Trazia de carroça. Tinha bons fregueses, muitos deles fixos. A primeira freguesa que fiz foi a Elfrida Rios. Vendia também para os Schimmelpfeng, os Ramos, Ferreira e outros. Transitar pela Avenida Brasil quando chovia era um problema. Muitas vezes encalhei a carroça de tal maneira que os burros não conseguiam tirá-la dos buracos e da lama.

- Fez isso durante muito tempo?

- Fui vendedor de produtos da roça até 1939, quando casei.

- Passou a viver de que, então?

- Passei a vender pinga, comprava no alambique do Sílvio Sotto Maior num boteco que montei no bairro Boicy. Aos poucos o boteco foi se transformando em mercearia, onde vendia um pouco de tudo.

- De que família é sua esposa?

- É da família Wandscheer. Clementina Wandscheer. O pai e o tio de minha mulher já moravam aqui quando nossa família veio para cá.

- Como foi o casamento?

- Namoramos durante quase três anos e casamos na Igreja São João Batista. Depois fizemos uma bela festa. Meu pai matou uma novilha que deu mais de 90 quilos de carne. Carneamos também alguns porcos para que não faltasse comida para todos os convidados, que não eram poucos. A bebida foi vinho. Comprei uns cem litros do Antônio Dotto e mais vinte garrafas na Argentina - garrafas de dez litros cada. A festança foi até as quatro horas da madrugada. Lembro como se fosse hoje que o meu padrinho de casamento, Sílvio Sotto Maior, nos levou à Igreja com seu carro.

- Quem era o prefeito?

- Era o capitão Melquíades do Valle, que substituiu o tenente Manoel Diniz. Esse Diniz era homem brabo que não se criou na Prefeitura. Parece que era prefeito e delegado de polícia ao mesmo tempo. Certo dia ele teve uma encrenca com o finado Toninho Aguirra e parece que tentou agredí-lo

fisicamente. O Toninho era escrivão do juiz. O juiz, então, derrubou o prefeito em 24 horas. Naquele período, durante a II Guerra Mundial, os prefeitos eram nomeados. Trocavam de prefeito quase todos os anos. Alguns não duravam nem um ano. E eram só militares.

- Recorda de alguma visita de autoridades importantes a Foz do Iguaçu naqueles tempos?

- Lembro de uma visita do presidente Getúlio Vargas, mas não recorro em que ano foi. Eu até participei da homenagem a ele. Cerca de 200 colonos foram a cavalo até o Hotel Casino para prestar homenagem ao presidente da República. Parece que a vinda dele era por causa da criação do Território do Iguaçu. Anos mais tarde veio também o Juscelino Kubitschek e eu o conheci pessoalmente.

- Quem mais?

- Também veio o presidente do Paraguai Alfredo Stroessner, quando foi lançada a pedra fundamental da Ponte da Amizade. Eu estava batendo um papo com o capitão Cyriaco na praça da Marinha quando Juscelino e Stroessner desceram de helicóptero.

Retratos Foz do Iguaçu



Arquivo Família Maciel

Álbum de Família: era comum na década de 40 a visita de fotógrafos de casa em casa para registrar a vida das famílias iguaçuenses. Aqui, seu Hermenegildo posa com a esposa e o filho de meses.

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - Edição de 31/5/1991)



Arquivo da Família Cirilo de Castro

Rosa Cirilo de Castro

"Eu estou muito feliz, muito bem cuidada, mas ainda quero voltar para a minha Foz do Iguaçu"

Rosa Cirilo de Castro, viúva do major Acylyno de Castro, com quem fundou o Hotel Cassino e a Rádio Cultura. Uma dama de ferro na direção dos negócios, uma menina de "coração mole" no trato com os humildes e as crianças. Dona Rosa morreu aos 86 anos, dia 5 de dezembro de 1988, em Foz do Iguaçu, depois de uma longa via-sacra por hospitais, vítima de um acidente de carro.

(Chico de Alencar)

"No próximo dia 16 de agosto "O Jogo da Verdade" completa um ano, com apenas uma única interrupção ou falha. Foram quase cinquenta personalidades da vida pública paranaense, que desfilaram por este jornal testemunhos valiosos sobre a história do nosso Estado. Fatos que enriqueceram a memória das novas gerações e fermentaram a polêmica do dia-a-dia cultural, político e administrativo do Paraná, na palavra de seus mais ilustres filhos. O "Jogo da Verdade" trouxe sempre uma marca: o jornalismo sem adjetivação, a informação transparente, a liberdade de opinião e sua manifestação descomprometida."

"Foram quase cinquenta entrevistados das mais diferentes correntes políticas e áreas de atuação na vida pública, todos entretanto, com uma marca em comum: o estrelato. Gente que é notícia e que faz notícia por onde passa. Gente que deixa uma poeira de estrelas em suas pegadas. Assim é com o nosso entrevistado de hoje. Perdão, a nossa entrevistada. De comum com os que antecederam ela tem o mesmo brilho, o mesmo charme, a mesma classe. De diferente - muito diferente - ela não tem a palavra, a eloquência. Ela já quase não fala mais. A nossa entrevistada deste solene "Jogo da Verdade" é Rosa Cirilo de Castro, 86 anos e há dois convaléscente de um acidente automobilístico, exatamente no dia de seu aniversário. Dona Rosa é a proprietária fundadora da Rádio Cultura de Foz, que completou 32 anos ontem, na posição de uma das mais importantes emissoras do interior do Brasil. Uma reportagem de Chico de Alencar, com fotos de Chuniti Kawamura e do arquivo de D. Rosa."

"Era o dia 26 de maio de 1986. No luxuoso salão de festas do Rafain Palace Hotel de Foz do Iguaçu, oitenta e quatro seletos convidados brindavam pelo 84º aniversário de dona Rosa Cirilo de Castro, venerável dama daquela importante cidade turística, da qual é cidadã honorária por vontade unânime dos seus quinze vereadores. Com seu filho Antônio, familiares e amigos de tantos anos, dona Rosa distribuíra sorrisos, abraços e carinhos a cada mesa, anfitriã perfeita e delicada que sempre foi. Em troca, muito afeto dos amigos, na grande maioria pioneiros como ela. Amigos que acompanharam os tempos do Hotel Cassino de Foz do Iguaçu, que ela dirigiu por décadas com sua irmã Carola, antigo endereço das mais famosas personalidades nacionais e internacionais, que passaram por Foz do Iguaçu. O mesmo hotel que hoje, todo remodelado, prepara-se para a inauguração de uma Escola de Hotelaria gerenciada pelo Senac, em convênio com a Paranatur. A "Escola de Hotelaria Rosa Cirilo de Castro", cujo nome e homenagem foram determinados pelo ex-governador João Elízio Ferraz de Campos numa tradução justa dos sentimentos de toda a comunidade iguaçuense. Dificilmente dona Rosa poderá estar presente."

"Naquele dia, por volta das duas horas da manhã, a festa terminava e dona Rosa voltava feliz para sua residência. Pouco mais de mil metros à frente, seu carro foi violentamente abalroado por outro veículo em louca disparada. Com várias e graves fraturas começava sua peregrinação por leitos hospitalares. Do Hospital da Itaipu, onde foi prontamente atendida, a Curitiba, depois de várias intervenções cirúrgicas, delicados tratamentos e um brutal derrame cerebral que a

levou ao estado de pré-coma, agravado por uma infecção pulmonar e vários efeitos danosos ao seu franzino corpinho, que não foram o suficiente para tirar-lhe a vida, mas sim para detê-la quase inerte numa cadeira de rodas, ou em sua cama no seu apartamento em Curitiba. Foi lá, às 11 horas da manhã da última quarta-feira, que dona Rosa recebeu nossa reportagem. Bonita e sorridente, bem penteada e conduzida por Iracema, seu anjo da guarda de todas as horas, ela não mostrava mais quase nada da sua personalidade forte, dos seus gestos determinados e firmes de poucos anos atrás. Foi assim que ela nos recebeu em sua última entrevista. A meiguice e a ternura, sim, estas continuavam, como na época das grandes festas beneficentes que ela promoveu para centenas e milhares de crianças.”

- Dona Rosa, depois de amanhã, estará fazendo 32 anos que a senhora fundou a Rádio Cultura com o major Acylino de Castro. A senhora se lembra daquele dia... já faz bastante tempo, não é?

- Eu era bem forte, tinha muita saúde graças a Deus... (A voz é rouca, fraquinha, quase um fiapo de voz).

- Quantos anos o major Acylino “tocou” a Rádio Cultura, quantos anos a rádio tinha quando o major morreu?

- O major ficou muitos anos na rádio, ele tocou muitos anos a Rádio Cultura... não, não... o major era muito forte quando ele morreu...

(As frases saem com dificuldade, desconexas e mudamos de assunto).

- A senhora sabe que dentro de poucos

dias será inaugurada em Foz do Iguaçu a Escola de Hotelaria no antigo prédio do Hotel Cassino e que ela se chamará “Escola de Hotelaria Rosa Cirilo de Castro”? A senhora será homenageada porque foi a senhora quem cedeu o hotel para ser escola de hotelaria, lembra?

-sorrindo...

- Quanto tempo a senhora e sua irmã Carola “tocaram” o Hotel Cassino?

- Muito tempo... eu e minha irmã Carola cuidamos muito tempo do Hotel Cassino e recebemos muita gente importante... muito importante...

- Pois é, dona Rosa, agora a senhora vai ser homenageada por ter cedido seu hotel para que ali fossem formados profissionais em hotelaria...

- Para mim é uma honra muito grande, uma honra... uma satisfação...

(Nossa entrevista é intercalada com os cuidados de Iracema, um misto de filha, enfermeira e anjo da guarda. É ela quem diz: “É muito trabalhoso cuidar dela, mas é muito gratificante, muito gratificante”. É Iracema quem nos alerta para o cansaço de dona Rosa e para o horário de seus medicamentos. Procuramos então encerrar nossa singular entrevista).

- A senhora quer mandar um abraço para seus funcionários no dia do aniversário da rádio?

- O que vocês querem que eu diga... a gente já está cansada, de modo que eu não sei bem o que falar...O Ennes eu gosto muito dele... de vez em quando eu me lembro dele com muita saudade. O Ennes é muito bom, me

lembro com saudade mesmo...

- Então está bem, nós vamos colocar uma mensagem da senhora e uma foto bem bonita no jornal para que eles imaginem que a senhora está com eles, já que em coração a senhora está sempre junto, não é? A senhora está se sentindo bem, podemos continuar?

- Estou bem graças à Deus, mas esta bronquite... não sei como chama esta doença... cansa...sempre que vou ficando boa, vai ficando boa a vida, boa a saúde, aí ataca...

- Mas a senhora é muito forte...

- Faz um ano que eu estou de cama... um ano... o que que a gente vai fazer... Deus quer assim, que assim seja... não adianta mesmo ir contra... não adianta, ele quer assim...

- Dona Rosa a senhora lembra como foi o primeiro aniversário da Rádio Cultura? O major Acylino estava junto, a senhora se lembra?

- Lembro sim... o major Acylino estava junto sim (longa pausa)... faz onze anos que eu estou doente e de cama. Que eu vou fazer? Está na hora de parar. Nos despedimos, com beijos e com as últimas palavras de dona Rosa: “Eu estou muito feliz, muito bem cuidada, mas ainda quero voltar para a minha Foz do Iguaçu...”

(Extraído do “Correio de Notícias” - Edição de 23/7/88)

Retratos Foz do Iguaçu



A bateria do célebre Juca Tigre.



O caudilho gaúcho Juca Tigre que aterrorizou a região nas décadas de 10 e 20.



Arquivo da Família Vidal

Sady Vidal

*"A igreja da época era muito reacionária, conservadora.
Para os padres, reforma agrária era coisa do diabo"*

Nascido em 1909, em Paranaguá-PR, Sady Vidal se estabeleceu em Foz do Iguaçu em 1949 e logo se elegeu vereador da cidade.

De 1953 a 1955 foi presidente da Câmara de Vereadores.

Quando foi feita esta entrevista, em 1980, a memória de Sady Vidal já não ajudava muito, mas assim mesmo foi possível extrair algum perfil dele e de Foz do Iguaçu de décadas passadas.

(Aluizio Palmar)

- Durante muitos anos seu mundo foi a política, antes na ativa, agora na expectativa. Qual era o quadro partidário de Foz do Iguaçu quando esteve na ativa?

- Havia o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), PSD (Partido Social Democrático) UDN (União Democrática Nacional), PR (Partido Republicano) e outros partidinhos sem importância, como o dos integralistas, simpatizantes do nazifascismo, liderados nacionalmente por Plínio Salgado, no Movimento Verde-Amarelo.

- Os integralistas tiveram um braço em Foz do Iguaçu. Quem eram os integralistas da fronteira?

- Lembro de um certo Chicão, do Lamarque e outros que viviam pelo lado do Parque Nacional. Eram conhecidos como "os camisas-verdes", adeptos de Hitler e Mussolini. Mas eram uma minoria de italianos e alemães e alguns brasileiros. A maioria da população era indiferente, nem tomava conhecimento do integralismo. Houve até o caso de pessoas terem ficado ricas contrabandeando pneus para a Argentina, de onde seguiam para as tropas de Hitler e Mussolini.

- Como se posicionava politicamente a população local?

- Em sua maioria, era desligada. Os poucos envolvidos em política, os ocupantes de cargos públicos estavam sempre ao lado do governo do momento, por oportunismo ou comodismo.

- Uma elitezinha de província voltada para a elite acima dela...

- É isso. Mas havia também políticos e pessoas da sociedade com idéias progressistas e de esquerda até.

- Um deles, Sady Vidal, por certo?

- Sem dúvida. O Irio Manganelli também, um trabalhista fervoroso. Apesar de ter sua base eleitoral em Santa Terezinha de Itaipu, concorreu a prefeito, mas perdeu para Emilio Gomes, que governou de 1959 a 1963, quando assumiu Ozires Santos. Emilio Gomes se elegeu com o apoio das empresas colonizadoras e madeireiras. Donos, gerentes e jagunços dessas empresas eram os cabos eleitorais dele. Os peões, sem organização e sem informação política, votavam como mandavam os patrões.

- As eleições eram corrompidas? Se eram, que malandragens faziam?

- Era um jogo como é hoje. Mesários e fiscais comprados para fraudar a votação e a apuração... Compra de votos - o cabo eleitoral ia aos botecos, às localidades do interior, Santo Alberto, Santa Terezinha, dando dinheiro e levando eleitores à urna votar. A decepção do povo com os políticos, portanto, não é nova.

- Quem, no seu entender, se salvava?

- Um exemplo era Tarquinio Santos, pai de Ozires Santos. Tarquinio Santos era um socialista de idéia e prática, defensor de mudanças na estrutura sócio-econômica do país.

- Mas Tarquinio Santos foi político em Cascavel. O filho Ozires é que veio se candidatar em Foz do Iguaçu...

- Exato. Tarquinio foi candidato a prefeito de Cascavel e não se elegeu porque se esqueceu de votar, ou perdeu a hora e não votou. Resultado: empate, que deu vitória ao adversário pelo critério da idade - o mais velho levou. Foi o candidato do campo popular naquela eleição, e empatou com o representante da elitezinha local, reacionária.

- E qual era um socialista declarado em Foz do Iguaçu?

- Um sargento do Exército que ainda no quartel se declarava abertamente socialista, defensor dos trabalhadores, da Petrobrás e da socialização da economia.

- E o que aconteceu a ele?

- Saiu do Exército e comprou uma terrinha na localidade de Dois Lapachos, mas a Colonizadora Criciúma, dos Dal Bó, tiraram a terra dele e queimaram o rancho com ajuda policial. Foi um dos primeiros exemplos de vítimas de colonizadoras gananciosas e inescrupulosas. "Bigode" perdeu a confiança na Justiça dos poderosos e saiu por aí pregando suas idéias, ensinando o povo a lutar por seus direitos. Depois ninguém mais soube que fim ele teve.

- Em décadas passadas, como a população de Foz do Iguaçu se informava

sobre o que se passava no Brasil e no mundo?

- Através de jornais que chegavam com semanas de atraso. Muitos assinavam o "Correio do Povo", de Porto Alegre. E havia também o rádio.

- O que diz da luta pela criação do Estado do Iguaçu, que se pretendeu formar com as regiões Oeste e Sudoeste do Paraná e Santa Catarina?

- Houve meia dúzia de pessoas metidas nisso, entre elas Almir Machado Nunes e o Lamarque, mas não tinham expressão alguma. Havia muito oportunismo na iniciativa. O Almir, por exemplo, o que queria era algum emprego de secretário de qualquer coisa.

- Quem detinha o poder econômico em Foz do Iguaçu?

- Os madeireiros.

- Que moedas circulavam em Foz do Iguaçu nos anos 30 e 40?

- Até lá por 1930 não circulava a moeda brasileira. Só circulavam o guarani paraguaio e o peso argentino. Foi o Exército que introduziu a moeda nacional na fronteira. Aqui falava-se assim: "Aquele casa vale tantos pesos, aquele cavalo vale tantos guaranis..."

- Quando começou a mudar essa situação?

- Com a Revolução de 1930, quando veio muita gente para cá, muitos militares vieram

com dinheiro. Um amigo meu, um tal de Guarderi, veio com um saco de dinheiro.

- E que comércio existia?

- Praticamente só havia o Pedro Basso, único comerciante forte. Havia também a Casa Jacy, de dona Elfrida Engel, que costurava para fora e vendia alguns produtos que trazia da Argentina.

- Havia fábrica de alguma coisa na cidade?

- Não. Quando chegamos aqui tivemos que comprar até colchão na Argentina. Só mais tarde alguém se pôs a fabricar colchões, lá na rua do Lamarque.

- Quer dizer que o admirador de Hitler e Mussolini virou nome de rua?

- Não é isso. Naquele tempo as ruas eram conhecidas pelo nome de algum dos seus moradores mais destacados na sociedade. O que se chama de Rua do Lamarque era, na verdade, a atual Santos Dumont.

- E da igreja da época, que diz?

- Era muito reacionária, conservadora. Para os padres, reforma agrária era coisa do diabo. Mulher fumar era coisa de comunista. Houve um padre alemão que foi acusado de colaborar com o nazismo, mas acho que foi tudo conversa fiada.

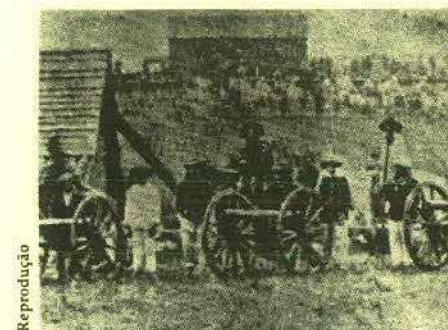
(Extraído do "Nosso Tempo" - Edição de 10/12/80)

Retratos Foz do Iguaçu



Reprodução

Foto tida como a primeira feita em Foz, na década de 20.



Reprodução

A bateria do célebre Juca tigre



Arquivo da Família Gardolinski

Tadeu Gardolinski

*"Instalava o Posto de Observação à frente da Linha de Fogo da Infantaria.
De lá eu comandava a linha de tiro contra o inimigo"*

Filho de imigrante polonês, Tadeu Gardolinski nasceu em 1918, em São Mateus do Sul, PR. cursou engenharia na UFPR, integrou a FEB nos campos de batalha da II Guerra na Itália, e lá ele encontrou o amor de sua vida, Juliana, com quem teve três filhos. Residiu em Foz desde 1954 até 1996, quando faleceu. Na FEB, Tadeu integrou a artilharia, e em Foz do Iguaçu trabalhou com engenharia civil. (Juvêncio Mazzarollo)

- O sobrenome Gardolinski é evidentemente polonês. Quem veio da Polônia plantar a raiz da família no Brasil, e por quê?

- Foi meu pai, no início do século XX, quando a Polônia ainda nem existia como país - estava sob o domínio imperial da Áustria. Meu pai era agrimensor e veio ao Brasil enviado pelo governo polonês para fazer medições de terras, não sei com que finalidade. Trabalhou inclusive em Foz do Iguaçu, lá por 1920. Mediu, por exemplo, toda a área que hoje forma o Parque Nacional do Iguaçu.

- Por que seu pai não voltou à Polônia?

- Em 1918 estourou a I Guerra Mundial e ele não pôde mais voltar à Europa porque o governo brasileiro não deixava ninguém sair do país. Sorte nossa...

- Por que "sorte"?

- Senão eu teria nascido lá...

- Ou seu pai poderia ter morrido na I Guerra...

- Pois é... Eu fiz a guerra, mas do outro lado. Se tivesse nascido na Europa, teria feito a guerra do lado de lá, ao lado do fascismo e do nazismo. Como nasci no Brasil, fui à guerra contra o fascismo e o nazismo.

- Antes dessa história, como o senhor veio parar em Foz do Iguaçu?

- Terminei o curso de engenharia na Universidade Federal do Paraná em 1948 e trabalhava no DER (Departamento Estadual de Estradas de Rodagem). Em 1950 fui chefiar o Distrito do DER em Pirai do Sul, e em 1954 fui enviado a Foz do Iguaçu para instalar o 8o. Distrito Rodoviário do DER.

- Fazia o que o Distrito do DER em Foz do Iguaçu, sob seu comando?

- Abrimos a estrada para Santa Helena, para Capanema... O 8o. Distrito abrangia Capanema, Cascavel, Toledo, Guaíra, que pertenciam ao município de Foz do Iguaçu. Na época, Cascavel tinha três ou quatro casas só. A BR-277 estava em construção, por isso, se chovesse, não passava nem vaca. Cansei de ficar dias e dias em atoleiros na estrada. Hoje é uma mamata. Sai-se de carro ao meio-dia e chega-se a Curitiba na hora do jantar.

- Desde então o senhor se fixou em Foz e não mais saiu?

- Sim. Desde então (1954) moro em Foz. Saí depois do DER, montei uma firma de construção e fiquei por aqui. Trabalhei em construções até 1980. Aí ensarilhei as armas, as ferramentas, e chega! Vou descansar, disse a mim mesmo.

- O senhor integrou a Força Expedicionária Brasileira que foi à Itália lutar contra o fascismo e o nazismo. Como foi isso?

- Por sinal, hoje (NR - esta entrevista foi feita em 6-6-94)

comemoram-se os 50 anos do Dia D, o famoso desembarque na Normandia das tropas aliadas para retomar a França do domínio das forças do Eixo (nazistas). Mas eu fui à guerra um pouco depois do Dia D. O primeiro contingente da FEB chegou a Nápoles, Itália, no dia 16 de junho de 1944, mais de um mês depois do Dia D. Eu era oficial de artilharia e servi na Itália durante oito meses, no front. Foi lá que conheci a Juliana, minha esposa há 50 anos.

- Como se deu sua incorporação à FEB e a ida à II Guerra? Fazia o serviço militar e foi convocado?

- Eu cursava engenharia na UFPR e já havia feito o curso do CPDR (Centro de Preparação de Oficiais da Reserva), do Exército, e fui convocado para a FEB. Fui como segundo tenente. Durante a guerra fui promovido a primeiro tenente e voltei licenciado com a patente de capitão.

- O que o senhor fazia na guerra? Qual era sua função?

- Era observador avançado de artilharia. Às vezes até instalava o posto de observação à frente da linha de fogo da infantaria. De lá eu comandava a linha de tiro contra o inimigo.

- Alguma vez o senhor escapou da morte por um triz?

- Várias vezes. Certa noite fui ocupar um observatório na maior escuridão. Assim tinha que ser porque as tropas alemãs estavam a duzentos metros. Para chegar ao observatório eu tinha que subir um morro. Enquanto subia os tiros pipocavam em minha direção, mas nenhum me acertou. Outra vez eu estava num observatório dentro de uma casa e caiu uma

bomba sobre ela. Também dessa vez nada me aconteceu. Quando não é para morrer não se morre. E correr é pior.

- E a comida?

- Era fornecida pelos americanos. Não passamos fome. O fornecimento de comida e remédios era muito bom, cem por cento.

- O que era feito dos mortos?

- Eram recolhidos e enterrados no cemitério de Pistóia. Depois de não sei quantos anos foram transferidos para o Rio de Janeiro. Mas essa plaquinha eu não peguei, graças a Deus.

- Como receberam a notícia do fim da guerra? O que fizeram então?

- Voltamos ao Brasil. Para nós a guerra acabou no dia 8 de abril de 1945, mas oficialmente o fim foi no dia 8 de maio, com a rendição incondicional da Alemanha. Eu, porém, só regresssei ao Brasil em agosto. O transporte era feito pelos americanos, que também estavam com pressa de levar para casa seus soldados, por isso demorou nossa volta ao Brasil. Eu tive o privilégio de voltar de avião.

- Mas como foi essa história de que o senhor arrumou no campo de batalha a namorada com quem se casaria? Que força do destino foi essa?

- É verdade. Eu arrumei minha mulher no campo de batalha. Nosso agrupamento de infantaria esteve acampado, acantonado na fazenda da avó dela, a Juliana. Lá eu a conheci e começamos a namorar. Voltei ao Brasil e ela ficou lá, mas o namoro continuou. Casamos por procuração. O casamento foi celebrado na Catedral de Pistóia, com a noiva acompanhada por seu pai, que me

representou como procurador. Em seguida ela viajou para o Brasil. Eu a recebi no Rio de Janeiro e fomos a Curitiba, onde eu cursava o terceiro ano de engenharia.

- Bem, mas vamos falar de Foz do Iguaçu, de sua vida e suas obras nesta cidade?

- Trabalhei em construção, como engenheiro, inclusive para a Prefeitura. Fiz parte de tudo quanto foi conselho municipal. Também integrei o Conselho da Santa Casa durante muitos anos. Enfim, fui vivendo por aí...

- Com que prefeitos trabalhou na Prefeitura?

- Quando cheguei o prefeito era Guaraná de Menezes. Trabalhei com ele, com Dirceu Lopes, Emílio Gomes, o coronel Toledo e outros.

- Qual ou quais deles destacaria como bons prefeitos?

- Todos foram bons. Só os recursos eram mínimos. Foz do Iguaçu começou a viver mesmo, a progredir e ter alguma coisa com a chegada de Itaipu, com o prefeito Clóvis Cunha Vianna.

- Naqueles tempos, décadas de 50 e 60, ser prefeito de Foz era fazer um bueiro aqui, abrir uma rua ali, tapar um buraco acolá...

- É... Abria uma estradinha, conservava o que estava feito.

- Pagava as professoras...

- Isso quando tinha dinheiro, porque às vezes nem para isso tinha.

- O senhor se envolveu em política alguma

vez?

- Não, nunca quis nem quero saber de envolvimento político.

- Como construtor, que obras construiu na cidade?

- Só construí casas e estabelecimentos comerciais - nenhum prédio ou grande obra, porque naquele tempo as construções tinham no máximo dois pavimentos. A construção de edifícios altos começou há 10 ou 15 anos.

- Não trabalhou na construção da Ponte da Amizade?

- Não. A firma construtora trouxe seus engenheiros. Eu só era amigo deles. Ia lá bater papo. Também me dava bem com a turma de Itaipu depois, mas eles lá e eu cá.

- Tem tido ligação com religião?

- Sou católico. Sempre respeitei e me dei bem com os padres. Aliás, cheguei aqui no dia da festa do padroeiro da cidade, São João Batista, em 1954. Justamente naquele dia a torre da Igreja Matriz rachou. Eu fiz parte de uma comissão que estudou o problema. O que ocorreu foi um pequeno afundamento do alicerce. Fizemos um reparo e a torre está em pé até hoje.

- Neste ano, 1994, então, faz 40 anos que o senhor chegou em Foz do Iguaçu. Não se arrependeu de ter ficado aqui?

- Não. Vai-se fazendo uma coisa aqui, construindo outra ali e acaba-se criando raiz. Aqui construí minha vida e minha família. As filhas casaram e moram aqui. Os netos também estão aqui...

(Extraído da "Gazeta do Iguaçu" - Edição de 10/6/1994)

Foz, braços abertos para o mundo

Algumas personalidades internacionais que visitaram Foz do Iguaçu e conheceram as Cataratas e a Itaipu Binacional. Esses nas últimas décadas, sucedendo, como já se disse nesta edição, a Alberto Santos Dumont, Eleanora Roosevelt, esposa do então presidente dos EUA, Franklin Roosevelt; os brasileiros Café Filho e Juscelino Kubistchek, o idealizador da Ponte da Amizade. E, entre outras estrelas, a atriz Catherine Deneuve, Roger Moore, um dos atores que imortalizaram a personagem do agente "007" no cinema e o cineasta Steven Spielberg.

A partir do ano de 1980, segundo a Assessoria de Relações Públicas da Itaipu, estiveram em Foz do Iguaçu e visitaram a maior hidrelétrica do mundo, os presidentes Hamed Sekou Touré (República Revolucionária da Guiné), Marcos Peres Gimenez (Venezuela), Karl Carstens (República Federal da Alemanha), Forbes Burnha (Guiana), Fernando Belaunde Terry (Peru), Raul Alfonsín (Argentina), Arnaldo López Echandi (segundo vice-presidente da Costa Rica), Rafael Leonardo Callejas (Honduras), Mário Soares (Portugal), Lech Wałęsa (Polônia).

Aqui estiveram também, o primeiro ministro da República Popular da China, Zhao

Ziyang; o vice-primeiro ministro do Iraque, Taha Yassin Hamadhan; o primeiro ministro da Espanha, Felipe Gonzalez; o primeiro ministro da Romênia, Petre Roman; o chanceler da República Federal da Alemanha, Helmut Kohl; o vice governador de Luanda, Angola, Sita Jose; o vice primeiro ministro da República da China, Zhu Rongji; o primeiro ministro do Japão, Ryutaro Hashimoto; o secretário geral do Conselho de Estado da República Popular da China, Luo Gan...

Da Inglaterra, a princesa Anne; da Espanha, a princesa Helena de Borbón; da Jordânia, o príncipe e a princesa Mohamad Bin Tala e Taghrid Bin Tala; da Arábia Saudita, o príncipe Khaled Al Saud; da Tailândia, o príncipe herdeiro, Maha Vajiralongkorn; ainda da Tailândia, a princesa Sujarini Mahidol Ayuttaya e da Grã-Bretanha, sua alteza real, o Duque de Kent... Além dos presidentes dos países vizinhos e do Brasil, nas últimas três décadas.

Raríssimas cidades do mundo serviram de passarela para tão nobres e notáveis personalidades. Nossos braços continuam abertos para o mundo.



Ney de Souza

Realeza: Lady Di e as Cataratas do Iguaçu



Assessoria de Imprensa/Itaipu

Felipe Gonzales - na época Primeiro Ministro da Espanha - com o então presidente da Itaipu, Ney Braga, em visita à Usina



Aurea Cunha

Lech Walessa, presidente da Polônia e esposa, com Lerner nas Cataratas



Nilton Rolin

Presidentes FHC(BR) e Menem(AR) posam para a imprensa nas Cataratas do Iguazu



Aurea Cunha

O cantor Tony Bennett, entre o prefeito Harry Daijô e a esposa Lúcia



Assessoria de Imprensa/Itaipu

O primeiro ministro da Alemanha, Helmut Kohl, planta uma árvore no Bosque dos Visitantes de Itaipu



Mara Oratz

Daijô cumprimenta o presidente Árpád Göncz (Hungria), sob o olhar da esposa Lúcia e do governador Jaime Lerner



Mara Oratz

O prefeito Daijô e o prefeito de Indianápolis (Indiana/EUA), Stephen Goldsmith em encontro social em Foz



Assessoria de Imprensa/Itaipu

O rei Carlos Gustavo e a rainha Silvia da Suécia em visita à Usina de Itaipu



Assessoria de Imprensa/Itaipu

O Primeiro Ministro do Japão, Ryutaro Hashimoto é recebido na Itaipu pelo diretor geral, Euclides Scalco



Assessoria de Imprensa/Itaipu

Boutros Ghali - então secretário geral da ONU, com assessores em visita à Usina de Itaipu



Nilton Rolin

Governador Jaime Lerner (PR) e os presidentes Menem (AR) e FHC (BR), nas Cataratas



Mara Oratz

O Presidente da Finlândia, Martti Ahtisaari é recebido pelo Prefeito Harry Daijô



Assessoria de Imprensa/Itaipu

A princesa Anne, da Inglaterra, na Itaipu entre os diretores gerais Enzo Dobernadi



Nilton Rolin

O ex-secretário de Defesa dos EUA, Henry Kissinger, visitando a Itaipu Binacional

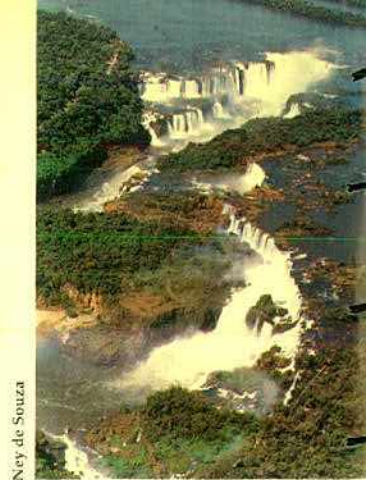


Aurea Cunha



Ney de Souza

Vista aérea das Cataratas, em destaque o Hotel das Cataratas



Ney de Souza

Quedas do lado argentino

IGUAÇU



Aurea Cunha

Vista aérea do fundo do Parque Nacional

*Iguassu,
Iguazú...
Terra das Cataratas
Idioma universal
da Natureza*



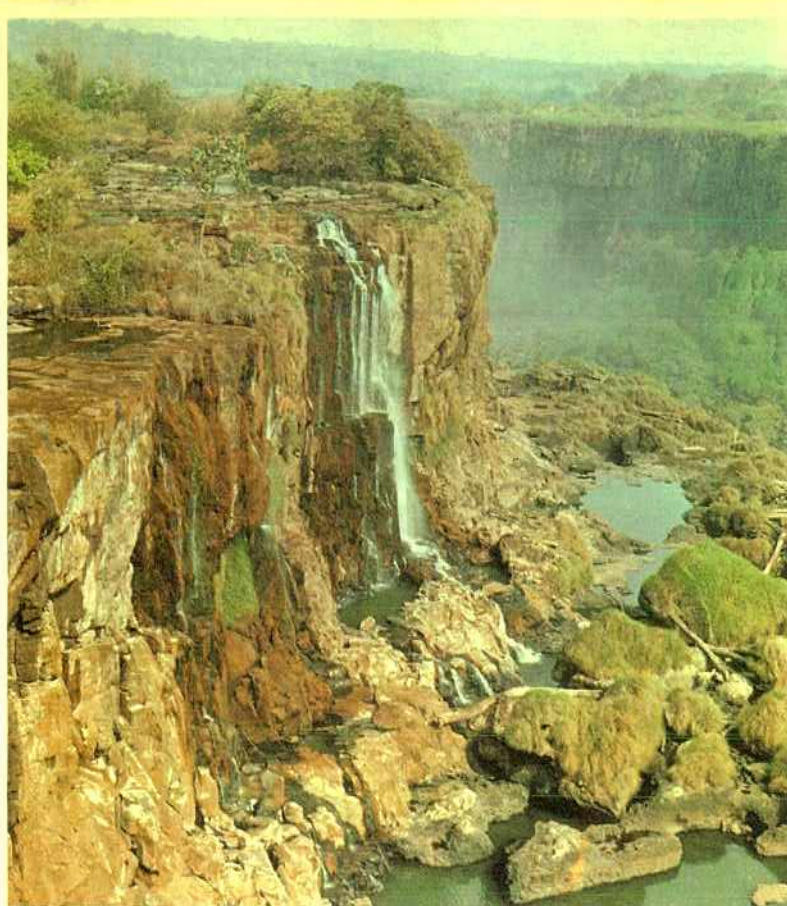
Aurea Cunha

Mirante lado brasileiro



Aurea Cunha

Joel Petroski



Salto Floriano, seca de 1977

Ney de Souza



Vista geral das Cataratas do Iguaçu

Joel Petroski



Seca de 1977

Áurea Cunha



Cannion do Iguaçu

Áurea Cunha



Turistas visitando o lado brasileiro das Cataratas



O 83º aniversário de Foz do Iguaçu coincide com a ascensão de um novo tempo para nossa cidade. Toda nossa equipe de governo, bem como a grande maioria da comunidade, se alimenta de uma crença inquebrantável de nossas potencialidades, capaz de suportar todas as adversidades.

Vamos gerenciar e resolver os problemas sociais, enquanto pormenorizamos um ousado plano de planejamento e desenvolvimento, com vistas ao ano 2.000 e a virada do milênio.

Nosso desenvolvimento será sempre planejado, buscando acima de tudo a qualidade de vida nesta terra magnífica, único lugar

do mundo com a maior hidrelétrica do Planeta e as maiores quedas d'água formadas pelas Cataratas do Iguaçu.

Confiança no futuro

Nossa cidade já superou várias crises e ciclos econômicos. É o epicentro do Mercosul, com um futuro grandioso nesta fase de globalização da economia.

Percebemos com satisfação as exportações crescerem 30%. Estamos vendo com otimismo o empresariado voltar a investir em nossa cidade - somente em maio tivemos a inauguração de quatro grandes empreen-

dimentos - e agora vamos voltar nossos esforços para reestruturar nossa atividade mais natural que é o turismo de lazer, ambientalista, de aventura e conhecimento.

Temos o terceiro parque hoteleiro do país. O Parque Nacional projeta e inicia a construção de uma série de obras. A hidrelétrica de Itaipu passará a oferecer novos serviços de atendimento ao turista. O Marco das Três Fronteiras, onde se encontram dois grandes rios, formando a divisa de três países, passará por uma completa revitalização. O Centro de Convenções volta a ser reativado, enquanto buscamos recursos para a conclusão de suas obras que deverão coincidir com a

duplicação da Avenida das Cataratas.

Prosseguiremos a luta pela construção da segunda ponte com o Paraguai, criando um volume considerável de empregos e abrindo novas perspectivas para as relações comerciais entre os dois países. O Portal da Foz, em fase de construção, trará um novo redimensionamento na entrada de nossa cidade, reforçando nossa luta pela instalação da Área de Livre Comércio. A Estação Aduaneira do Interior - EADI - antiga aspiração de nosso empresariado do ramo de comércio exterior vai sair do papel com o novo relacionamento que iniciamos com as autoridades da Capital Federal.



Aurea Cunha

Vista aérea da cidade com a área do 34º BIMTZ, em primeiro plano e o Rio Paraná ao fundo.



Aurea Cunha

Acima, o verde, cada vez mais presente no centro de Foz do Iguaçu. Ao lado, o centro, visto do Rio Paraná



Aurea Cunha

Um grande destino

A situação geográfica ou geo-política de Foz do Iguaçu é o passaporte seguro que nos torna a capital natural do Mercosul.

Essa posição nos leva à certeza de que aqui vamos construir um gigantesco porto de transbordo comercial. A implantação do sistema intermodal de transporte, com a hidrovía do rio Paraná ligando São Paulo - via Foz - à Bacia do Prata. A Ferroeste já está a 150 quilômetros de Foz. Em pouco tempo chegará até nossa cidade. A vontade de nossos irmãos paraguaios tornará viável a ligação por trilhos até Assunção e depois a Antofagasta,

no Chile, possibilitando a tão sonhada ligação do Atlântico com o Pacífico.

Temos ainda três grandes aeroportos num raio de apenas 40 quilômetros, facilitando a interligação com o mundo e possibilitando transporte rápido para incremento do turismo de lazer, negócios e convenções.

Nosso sistema de comunicação dará um salto com o recente anúncio da Telepar em modernizar os equipamentos. Pleiteamos agora a implantação de um Teleporto para propiciar, num raio de 1.800 quilômetros, um encontro das capitais do Mercosul.

Toda essa estrutura incrementará o turismo e os negócios desta cidade e toda a

região, em breve tornada mundialmente conhecida através da realização dos Jogos da Natureza.

Esta visão futurista não é virtual, mas real e identificada inclusive nas palavras e depoimentos da maioria dos pioneiros entrevistados nesta publicação.

Para chegarmos a esse destino grandioso, poder público e iniciativa privada devem juntar as mãos e responder cada um por suas responsabilidades. O poder público melhorando a cidade, tornando-a bonita e acolhedora, funcional e segura. Ao setor privado compete a premente requalificação e especialização da mão-de-obra, oferecendo

sempre os melhores serviços e produtos.

Tenho certeza que Foz do Iguaçu será o segundo município do Paraná na virada do Milênio. Uma história que há 83 anos nossos pioneiros começaram a escrever. Uma história que redigimos agora para que nossos filhos leiam e vivam com orgulho, num futuro bem próximo.

Foz do Iguaçu, junho de 1997

Harry Daijô
Prefeito



Áurea Cunha

Ponte Tancredo Neves, Brasil-Argentina



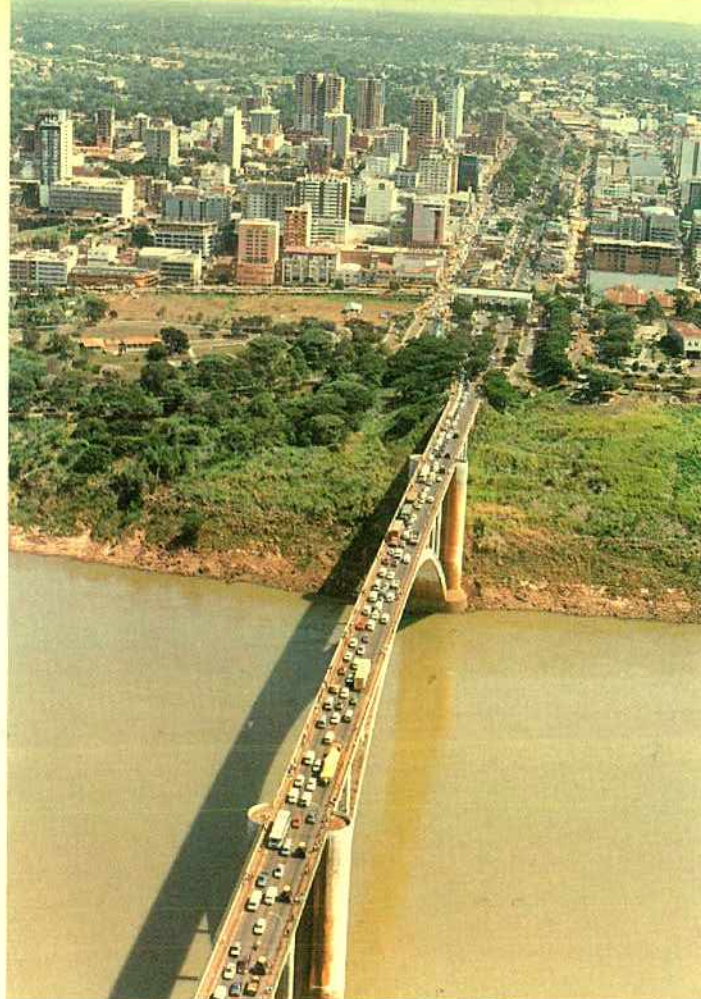
Áurea Cunha

Puerto Iguazú, Argentina (vista aérea)



Áurea Cunha

Marco das Três Fronteiras, Brasil. Os rios Iguazú e Paraná unem os três países da fronteira



Áurea Cunha

Ponte da Amizade, Brasil-Paraguay. Ao fundo, Ciudad del Este



Áurea Cunha

Ponte da Amizade, ao fundo, a ilha Acaray



Mara Oratz

Espaço das Américas na foz do rio Iguazú



Zanella

Dourado, o "Tigre do Paraná"



Aeroporto Internacional de Foz do Iguaçu (BR)



Aurea Cunha

Aeroporto Internacional de Puerto Iguazú (AR)



Mara Oratz

Centro de Convenções de Foz do Iguaçu (BR)



Nilton Rolin

Aeroporto Internacional Guarani (Minga Guazú - PY)



Assessoria DER

Ferrovias do Oeste (BR)



Mara Oratz

Portal de Foz do Iguaçu (BR)



Aurea Cunha

UNIOESTE - Universidade do Oeste,
Campus de Foz do Iguaçu (BR)



Aurea Cunha

Mesquita de Foz do Iguaçu, a maior da América Latina (BR)



Ney de Souza



Áurea Cunha

Portal de entrada do Parque Nacional do Iguaçu



Ney de Souza

Ruínas Jesuíticas de S. Ignacio, na Argentina



Áurea Cunha

O Quati "mascote" iguaçuense no cenário das Cataratas



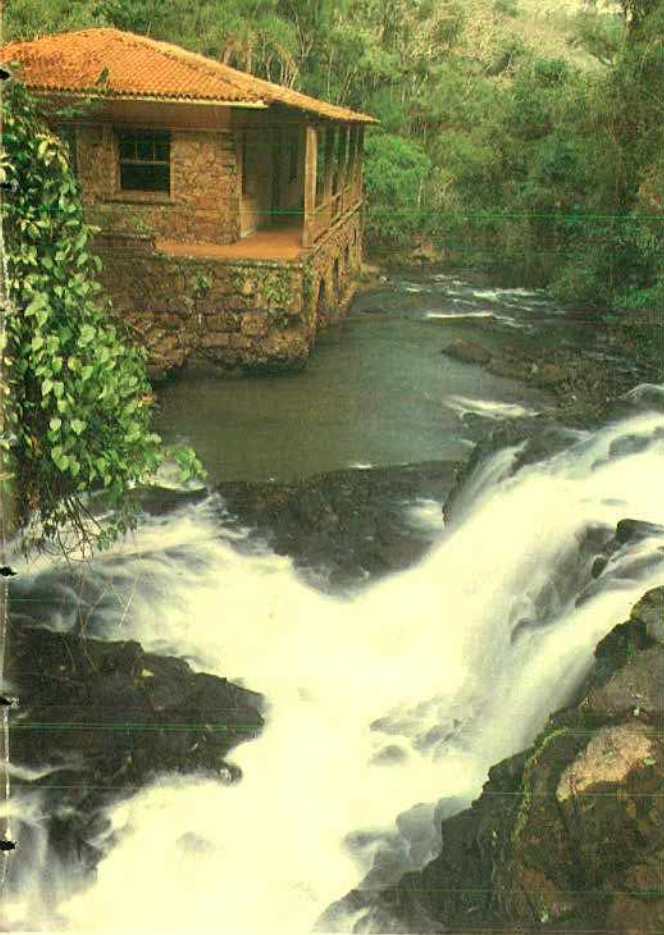
Áurea Cunha

O Jet Ski, um dos esportes praticados no Lago de Itaipu



Áurea Cunha

Turista no Iguaçu Golf Club



A casa de máquinas da antiga Usina São João no Parque Nacional do Iguaçu

Aurea Cunha



Araras, no Parque das Aves

Aurea Cunha



O borboletário recém implantado no Parque das Aves em Foz

Aurea Cunha



Tuiuiú, no Parque das Aves

Aurea Cunha



A elegância do tucano

Aurea Cunha



O passeio Macuco Safari leva os turistas até às quedas das Cataratas do Iguaçu

Ney de Souza



Vista aérea do Iguassu Golf Club

Aurea Cunha



Flamingos, no Parque das Aves

Ney de Souza



Mundo Animal



Família de cachorro vinagre (Refúgio Biológico de Itaipu)



Cervo-do-pantanal (Refúgio Biológico)



Macaco-prego e um fillotinho (Mini-Zoológico)

No roteiro do turismo ecológico, está o Refúgio Biológico de Itaipu, que abriga as variadas espécies da fauna regional, preservada por técnicos do Departamento de Meio Ambiente da empresa, salvando muitas delas da ameaça da extinção e depois devolvendo-as ao habitat natural. Muitos animais, inclusive, já se reproduziram em cativeiro.

Além do Refúgio de Itaipu, insere-se neste roteiro, o Eco-museu de Itaipu, o Mini-Zoológico Bosque Guarani e o Parque das Aves. Sem falar no Parque Nacional do Iguaçu, este santuário ecológico de preservação da fauna e da flora, e o seu Museu.

O pavão e sua nobreza, no Mini-Zoológico do Bosque Guarani



Anta e seu filhote reproduzido em cativeiro, no Refúgio Biológico de Itaipu



Urubu-rei no Refúgio Biológico de Itaipu



Panorâmica noturna da central de Furnas, Foz do Iguaçu



Subestação de Furnas



Sala de controle da usina de Itaipu



Barragem da Hidrelétrica de Itaipu e vista parcial do Lago de Itaipu

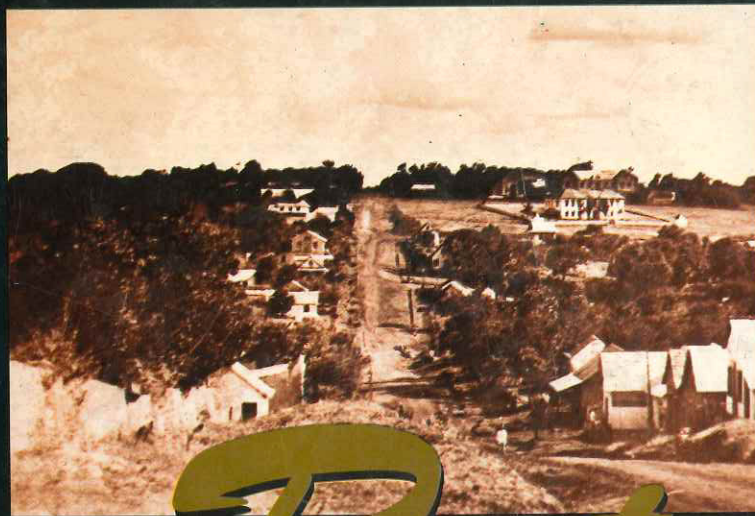
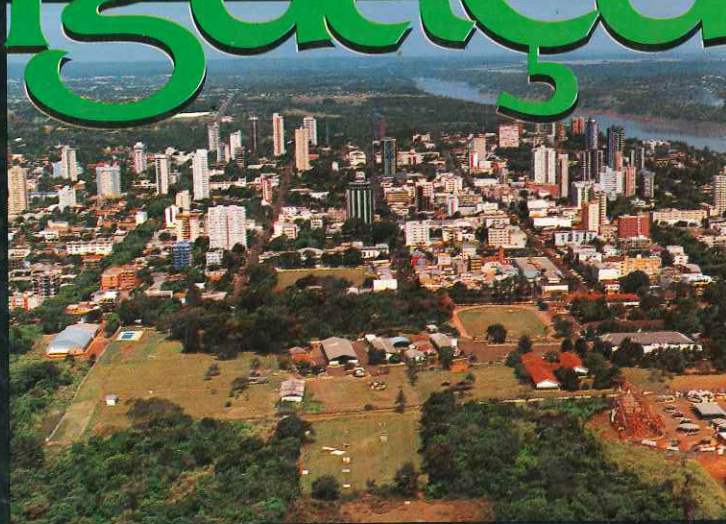
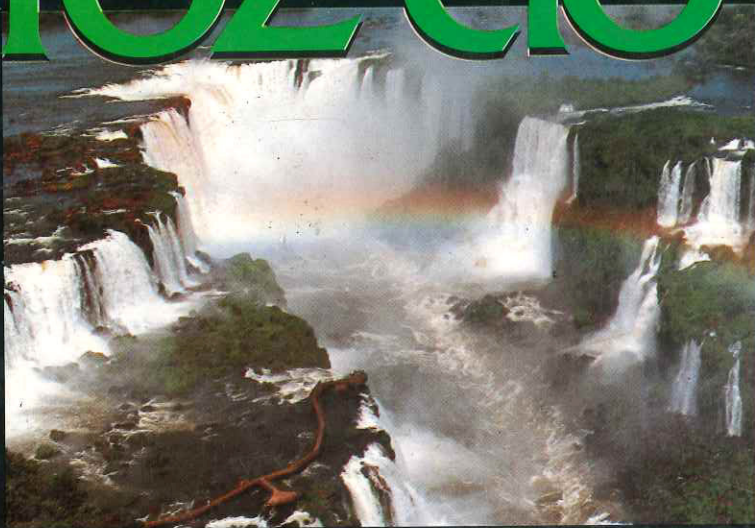


Usina Acaray - Ciudad del Este-PY



*Complexo Hidrelétrico
Binacional de Itaipu*

foz do iguacu



Retratos